



VERUS
EDITORA

SOB

A

LUZ

DA

ESCURIDÃO

ANA BEATRIZ BRANDÃO

AUTORA DE *O GAROTO DO CACHECOL VERMELHO*



ANA BEATRIZ BRANDÃO

**SOB
A
LUZ
DA
ESCURIDÃO**



VERUS
EDITORA

Editora executiva Raïssa Castro Edição
Thiago Mlaker Coordenação editorial Ana
Paula Gomes Copidesque Lígia Alves

Revisão Cleide Salme Capa, projeto gráfico
e diagramação André S. Tavares da Silva
Imagens da capa © faestock/Shutterstock
(garotas)
© David Edwards (cidade)

ISBN: 978-85-7686-704-3

Copyright © Verus Editora, 2018

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

B817s

Brandão, Ana Beatriz Sob a luz da escuridão [recurso eletrônico] / Ana Beatriz Brandão. – 1. ed. – Campinas, SP : Verus, 2018.

recurso digital : il.

Formato: epub Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7686-704-3 (recurso eletrônico) 1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

18-49914

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico.

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

Este livro é uma obra de ficção, e meu coração deseja que
continue sendo apenas isso.

— ANA BEATRIZ BRANDÃO

*Para minha avó Ivone, que partiu deste mundo, mas continua viva em meu
coração.*

Sinto sua falta todos os dias, vó.

SUMÁRIO

Prólogo

PARTE 1 - GÊNESIS

Apocalipse

Uma vida

Escuridão

Ele

Quebra-cabeça

Lar, doce lar

A aposta

Pra valer

Fogo azul

Guerrilheiros

Mais que isso

O primeiro

Tudo errado

Nós, perdedores

4 de Julho

Medo

Estrelas cadentes

Gravidade

A morte

Culpa

Coroa de espinhos

PARTE 2 - APOCALIPSE

Fim dos tempos

Nosso antes

A máscara

Até o inferno

Fim da fila

Caixa de lembranças

A cruz e a espada

Palavras cruéis

O tempo

Para sempre

Fácil como 1, 2, 3

Imortalidade mortal

Eternidade

Rebobinando

O fim do início

Agradecimentos

PRÓLOGO

Não nos programamos para a morte. Ela é previsível, embora sua chegada seja imprevisível. Engraçado como uma ou duas letras podem mudar completamente o significado de algo.

Imprevisível. Previsível.

Mortal. Imortal.

Completos opostos que podem decidir um destino, trabalhando juntos como ímãs que, derivados da mesma peça, possuem polos que se repelem e se atraem. Os humanos também são assim, se você parar para pensar. São todos iguais: coração, cérebro, coluna vertebral, pensamentos, sentimentos, preconceitos, conceitos. Há sempre alguém que crê na mesma coisa que você. Mas também existem aqueles que se opõem, aqueles dos quais você quer manter distância para evitar uma discussão que só vai te fazer perder tempo e paciência.

Paciência. Impaciência.

Eis mais duas coisas que se opõem por causa de duas letras. Mas essas são um pouco mais curiosas. Não se trata de algo tão fácil ou óbvio. Olhe de novo. Paciência. Impaciência. Será que existe algum motivo para a palavra “ciência” estar no meio disso? Aparentemente não. Mas pode ser irônico falar em “ciência da paciência, ou impaciência”. Realmente, é algo que precisamos conhecer profundamente. Sem essas duas palavras, o que teríamos? Não existiria tolerância, raiva, compaixão ou amor. Vida ou morte, se você quer extremos.

Paciência. Impaciência.

Se o assaltante tivesse tido um pouco mais de paciência, será que pouparia aquela vida? Se fosse mais impaciente, teria usado seu revólver para tirá-la à força? E aquela mãe? Teria realmente batido no filho se

fosse um pouco mais paciente, evitando quem sabe um trauma de infância, origem de futuros transtornos psicológicos ou até mesmo de psicopatias?

Mais complicado do que parecia, não? Quase como se envolvesse infinitas possibilidades, com fins e começos infinitos. Ou seriam finitos? É aí que voltamos ao início. Algo imprevisível. Como a morte. Que também é previsível.

Imprevisível. Previsível.

Como num círculo sem fim, que sempre te leva ao mesmo ponto. A vida. A morte. A vida. Previsível. Imprevisível. Previsível. Um círculo. Ou seria... uma linha reta? Eis a questão: finita ou infinita?

PARTE 1

GÊNESIS



APOCALIPSE

Eu ouvia minha própria respiração, guiada pelo ritmo de uma máquina que forçava meu peito para cima e para baixo. Não tinha energia para respirar por conta própria, e algo me dizia que não era só por estar fraca. Estavam injetando alguma coisa na minha corrente sanguínea para me impedir de lutar.

Eu sentia uma pressão enorme contra meu corpo. Uma coisa que me envolvia e me mantinha imóvel, com a consistência de gelatina. Era fria, e não havia nada que eu pudesse fazer para sair dali. Não conseguia nem abrir os olhos!

— É a sua chance... — alguém começou. A voz era abafada, mas eu sabia que pertencia a uma mulher. Ela disse qualquer coisa, que devia ser o meu nome, mas um tipo de bloqueio me impediu de ouvir. Ou talvez eu tivesse desmaiado por um momento. — Você só precisa pegar a garota e correr.

E então, antes que eu pudesse pensar no que aquilo significava, ouvi um estrondo muito forte, parecido com o que seria uma queda de energia, e a máquina parou de mandar ar para os meus pulmões.

Foi como se eu despertasse, sentindo parte das minhas forças voltar a percorrer meu corpo. Me forcei a me mover, tentando dar um impulso para a frente e me livrar da gosma estranha que me prendia.

Quando finalmente estava solta, caí de cara no chão frio de uma sala completamente branca — piso, paredes e teto. Tossi, sentindo mais uma vez a dor de respirar sozinha. Onde é que eu estava?

Olhei em volta, ainda de bruços no ladrilho de quadrados. O espaço estava repleto de equipamentos médicos e computadores. Havia um armário de metal cinza no canto. Suas portas estavam abertas, e delas

saía um emaranhado de fios partidos que pareciam ter sido puxados à força, soltando faíscas para todos os lados.

Eu me coloquei de joelhos, olhando para o que me prendia até um minuto antes. Era um tipo de cápsula retangular de vidro presa na vertical e preenchida com uma gosma azul. Tubos estavam ligados a ela, liberando líquidos coloridos no ar, onde antes estavam meus braços, agora doloridos.

Fiquei de pé com certa dificuldade, sentindo as pernas tremerem com meu peso. Dei o primeiro passo e precisei me apoiar em uma mesa de ferro polido a meu lado.

A voz tinha dito que eu devia me apressar, mas era impossível fazer isso tão fraco como eu estava. E de que garota ela estava falando?

A porta da sala estava escancarada, e dava para ver um longo corredor, que eu provavelmente teria de atravessar.

Ouvi algo parecido com uma explosão do lado de fora. Ok. Eu realmente precisava sair dali.

Fiz o que pude para correr, tentando achar a saída em meio ao que parecia um labirinto dentro de um hospital ou centro de pesquisas, ao mesmo tempo em que tentava encontrar a tal garota. Quando alguém com um jaleco ou uma arma passava por mim no corredor, eu me escondia nas sombras. Minha sorte foi estarmos no meio de um apagão, com as luzes de emergência piscando.

Pouco tempo depois, uma nova explosão chacoalhou o piso, e eu precisei me apoiar na parede para não cair. Foi como se tivesse acontecido no compartimento ao lado, e uma onda de calor me atingiu em cheio, me jogando no chão.

Um apito agonizante invadiu meus ouvidos, e eu me arrastei na direção de onde tinha vindo a explosão. Talvez tivesse surgido uma saída ali.

Eu estava certa. Parte da parede havia praticamente virado pó, e do lado de fora não havia nada além de uma rua deserta cheia de destroços. As bombas vinham de um helicóptero que sobrevoava o lugar.

Fiquei de pé mais uma vez, escapando para longe e ignorando a dor nos pés, causada pelas pedras e pelos cacos de vidro que cortavam minha pele. Corri, mancando, até a rua seguinte, me concentrando na calçada e tentando não cair.

A garota... que fosse para o inferno. Eu não iria ficar embaixo daquele bombardeio. Parecia que o mundo estava desmoronando.

Só quando atingi uma distância razoavelmente segura me virei para olhar para trás.

Eu havia acabado de sair do maior edifício dos arredores, com paredes impecavelmente brancas e vidros fumê. Parecia um centro de alta tecnologia que estava se transformando em uma montanha de ruínas.

Agora eu me perguntava: Por quê? Que lugar era aquele? E o mais importante... *quem sou eu?*

Eu não sabia nem mesmo onde estava. Que cidade era aquela? Para onde eu poderia ir?

— Ei! Garota! — ouvi alguém chamar atrás de mim.

Era um cara de mais ou menos trinta anos, a pele morena e olhos escuros sob o cabelo negro e liso. Vestia uma jaqueta jeans surrada e uma camiseta que, antes de estar coberta de cinzas, parecia ter sido branca. O rosto estava cheio de fuligem. Dirigia uma van branca grande, toda pichada e grafitada.

— Entre aqui! — chamou, com um sorriso torto.

— Não vou entrar no carro de um estranho — falei, e minha voz me pareceu diferente do que pensei que fosse. Também não me lembrava dela.

— Prefere ficar aqui e virar um corpo carbonizado?

Analisei a pergunta por alguns segundos, antes de mais uma bomba atingir a rua onde estávamos. Aquela era minha única saída, então fui obrigada a aceitar, me sentando apressadamente no banco do passageiro.

Notei que havia uma menina deitada no banco de trás, encolhida, tapando os ouvidos com força e tremendo. Vestia uma camisola de hospital igual à minha e estava toda suja de fuligem, como eu também devia estar.

— O que está acontecendo? — perguntei. — Quem é ela? Pra onde você vai me levar?

— Ei, ei, ei! Relaxa, menina! — ele falou, enquanto dava partida. — Eu sei que você deve estar confusa e coisa e tal, mas me deixe sair deste inferno primeiro.

Assenti com a cabeça, apertando os dedos no banco enquanto ele acelerava grosseiramente. O carro seguia tão rápido que minha nuca bateu contra o encosto, e eu mal conseguia desencostá-la por causa da velocidade.

Pelos vidros da van, dava para ver grupos de pessoas correndo pelas ruas em nossa direção e na direção do prédio que estava sendo bombardeado. Elas seguravam paus e pedras, e suas roupas estavam rasgadas. Os rostos, cobertos de tinta de cores variadas, tinham uma única expressão de ódio, como se fossem um só.

— Desde quando você estava naquele lugar? — o motorista perguntou enquanto virava o volante, fazendo uma curva fechada para a esquerda a fim de fugir da confusão.

— Não sei. Eu não lembro — respondi, rápida, tentando não demonstrar quanto estava assustada.

Eu encarava, de olhos arregalados, o grupo que vinha em nossa direção. Todos os músculos do meu corpo estavam tensos. O homem a meu lado afundou ainda mais o pé no acelerador quando viu que não havia nenhuma rua cruzando a nossa. Ele... ele iria atropelar aquelas pessoas?!

Gritei quando estávamos perto o suficiente para conseguir diferenciar melhor os rostos. Fechei os olhos, não querendo ver. Meu coração descompassou ao ouvir o baque dos corpos contra a carroceria.

— Você é louco? — berrei.

— Você queria que eu fizesse o quê? Parasse o carro e deixasse aquelas pessoas entrarem?! Aliás... quem é que se preocupa com a vida dos outros hoje em dia? — Ele se virou para me encarar.

— Todo mundo? — perguntei, franzindo o cenho e tentando ignorar o fato de os limpadores terem sido acionados para tirar o sangue do vidro.

O homem riu alto, voltando a olhar para a frente, para a rua agora deserta. Havíamos deixado toda aquela gente para trás.

Baixei o vidro quando senti que era seguro e enfiei a cabeça para fora, tentando enxergar o mundo do qual não me lembrava. Como seria possível alguém se esquecer do próprio lar? Da própria cidade?

— Estou vendo que vou ter que dar muitas explicações para as duas mocinhas... — ele murmurou, balançando a cabeça com um sorriso travesso no rosto, enquanto apertava os dedos no volante.

Era verdade.

UMA VIDA

Já havia se passado quase uma vida desde a nossa fuga do Instituto.

Na verdade tinham sido dois anos. Em outra época talvez não fosse muita coisa, mas, para quem vivia num mundo como o meu, era praticamente uma eternidade, e eu devia isso a Chris, o homem que salvou a mim e a Jéssica naquela noite.

Passamos dias ouvindo as tais explicações dele. Era difícil acreditar naquela história, mas as provas vieram pouco tempo depois, quando nós duas quase fomos levadas de volta ao tal Instituto.

Bom... por onde começar?

Há pouco mais de dois séculos, o maior ditador de todos os tempos chegou ao poder. Foi eleito democraticamente para o cargo de presidente, mas bastou um golpe de Estado, poucos meses depois, com a colaboração de outros países, para a democracia ser jogada no lixo e a ditadura tomar lugar.

Leonard Travis Goyle não foi escolhido por acaso. Ele era o dono da maior indústria farmacêutica do mundo. Possuía bilhões na conta, suas empresas tinham descoberto a cura para milhares de doenças. Ele podia comprar qualquer coisa que quisesse, até mesmo chefes de Estado. A verdade é que, quanto mais dinheiro você tem, mais dinheiro atrai e, consequentemente, maior o seu poder sobre as coisas e as pessoas. Ele também era conhecido por seu carisma; uma combinação bem perigosa: simpatia e poder. Ninguém conseguia dizer não para ele. Leonard comprou fábricas de automóveis, de alimentos, indústrias têxteis e eletroeletrônicas. Graças às pesquisas realizadas pelo Grupo Empresarial Goyle, a tecnologia e a qualidade de vida haviam alcançado níveis inimagináveis. Foi assim que acumulou sua fortuna e se tornou o homem mais poderoso do planeta.

Até que ele decidiu ter a única coisa que ainda faltava em seu currículo de grandes conquistas: se candidatar a líder de Estado.

Sob o sorriso gentil e o brilho alegre no olhar, se escondia algo que só foi descoberto alguns anos depois de sua eleição: preconceito, arrogância e egoísmo.

Quando passou a deter todo o poder que desejava, o suficiente para que ninguém pudesse impedi-lo, Leonard começou a dizimar nações. Religião, etnia, idade, estereótipo, qualquer coisa passou a ser motivo para morrer ou massacrar. Ele dizia querer criar a raça que, em seu conceito, seria perfeita: branca, magra, loira, olhos claros, inteligente, eternamente jovem. Chamaram isso de Terceira Guerra Mundial.

A busca pela perfeição atingiu níveis inimagináveis. Idosos considerados incapazes eram executados. Com aqueles que não se encaixavam nos padrões de peso aceitáveis acontecia o mesmo, mas nesse caso havia um mês de tolerância para se enquadrar no “aceitável”. Uma pessoa não era suficientemente alta, ou era alta demais? Morte certa. Cabelo escuro? A ordem era clarear. Olhos escuros? Lentes de contato.

Os jovens ficavam na escola em período integral. As aulas começavam às sete da manhã e terminavam às sete da noite. Se você tirasse uma nota menor que A, devia se preparar para uma agradável sessão de chicotadas.

Milhares de pessoas foram executadas, principalmente os mais pobres, que não tinham condições financeiras de se adequar às imposições do governo de Goyle. Era... monstruoso. Tão monstruoso que, em certo momento, a humanidade perdeu o medo de morrer. E deu sua resposta.

Assim se iniciou a Quarta Guerra Mundial. Alguns lutavam por Leonard, outros, contra ele. Uma parte guerreava pela justiça pacífica, a outra, pela justiça sangrenta. Bombas nucleares, de hidrogênio,

mísseis... Em pouco mais de cinquenta anos, dois terços da população mundial tinham sido dizimados.

O pesadelo só acabou quando Leonard finalmente morreu. Ou foi morto. Nunca se soube ao certo.

A partir de então, ninguém mais queria ter líderes. Os partidos políticos haviam sido destruídos, os grupos religiosos tinham perdido seus patriarcas, e não havia restado nem um presidente, monarca, chanceler, duque, deputado ou senador sequer. As leis já não valiam, e “justiça” se tornou uma palavra quase arcaica.

A partir daquele momento, seria cada um por si.

Assim foi criado o mundo em que vivíamos: as pessoas matavam por nada e brigavam por tudo. O planeta tinha sido tomado pelo caos. O que tínhamos a perder? Ninguém poderia nos castigar, e sentir medo da morte era para os fracos. Aliás... o medo era um sentimento quase inaceitável. Quem tivesse não sobreviveria uma semana sequer naquele lugar.

Como nada é tão ruim que não possa piorar, começaram os problemas com a radiação liberada pelas bombas nucleares. Milhões de bebês nasceram mortos ou com mutações genéticas que os impediam de viver mais que dois anos.

O câncer e outras doenças que nem sabíamos que existiam ajudavam a espalhar o pânico. Não havia mais indústrias em atividade, por isso não tínhamos remédios ou hospitais, e o que restava era esperar pela morte.

Levou anos até que os efeitos da radiação comessem a diminuir. Apenas uma pequena fração da humanidade ainda carregava em seu DNA alterações quase imperceptíveis, que mudavam de forma e aparência quando transmitidas às gerações seguintes, dando origem a... pessoas como eu. Pessoas como Jéssica. Pessoas como aquelas que estavam presas no Instituto. Cientificamente, éramos chamados de

metacromos, mas, entre nós, costumávamos usar “singulares”. Quanto aos humanos... Bem, eles tinham a mania muito irritante de nos chamar de impuros.

O Instituto Leonard Travis Goyle, geralmente chamado de Instituto LTG ou só Instituto (já que era o único no mundo), criado por alguns dos seguidores do homem que tinha sido o culpado por tudo aquilo, capturava os singulares para fazer experimentos, tentando produzir vacinas com nossos traços genéticos para que novos super-humanos fossem gerados, mas isso nunca deu certo.

Essa não era sua única função. Recriar as instituições e indústrias perdidas se tornou o “passatempo preferido” de seus administradores. Voltamos a ter hospitais, fábricas e tudo o mais, só que o dinheiro e a tecnologia nunca eram desperdiçados com gente comum, então os benefícios mal chegavam a um sortudo grupo de dez mil indivíduos.

Eles também se tornaram a única forma de liderança no mundo. Sobre nós se impunha algo que se parecia com leis, mas não chegava nem perto de ser tão justo ou eficiente quanto. Não eram tantas regras assim, e não nos impediam de fazer nada. Muito pelo contrário.

Na verdade, estava mais para uma lista de instruções e coisas que deveríamos saber. A partir do momento em que criássemos uma nova área, que se parecia com a estrutura “estatal” que o mundo tinha antes, era preciso seguir aquelas “leis” e conhecer as informações sobre abastecimento e coisas assim. Eu não sabia me aprofundar muito nesse assunto, já que só os líderes tinham acesso às regras, que nos passavam de forma, digamos... não muito clara.

Contêineres cheios de suprimentos eram esporadicamente jogados pelas cidades, sempre deflagrando uma guerra civil em torno de seu conteúdo. Era nisso que Chris, o nosso “salvador”, se diferenciava.

Chris era uma das pessoas mais respeitadas da cidade porque tinha sua “fábrica de alimentos” particular, sua horta cultivada com a ajuda de

velhos amigos para ser autossuficiente. Funcionava assim: você enfiava coisas na terra e, meses depois, se lembrasse de sempre despejar água naquele local, nascia uma planta de onde cresciam vários exemplares da coisa que tinha sido enterrada. Era quase mágico.

O restante, como roupas e armas, era conseguido facilmente nas ruas. Só era preciso eliminar algumas vidas para isso. Por que a cara de espanto? Para sobreviver nesse mundo, a palavra “compaixão” devia estar fora do seu vocabulário. E foi para isso que Chris me treinou durante dois anos: para ocupar o seu lugar quando fosse necessário. Se bem que eu só pensava em manter Jéssica e a mim vivas.

Desconfiávamos de que eu tinha por volta de vinte anos, e ela devia estar perto dos dezesseis ou dezessete. Sendo a mais velha, era meu dever protegê-la até que ela estivesse pronta para cuidar de si mesma.

Chris nunca me viu como uma mulher forte, por isso passou a me treinar regularmente, até a exaustão. Ele me fazia correr quilômetros todos os dias, atirar em pilhas de garrafas, espancar um boneco velho de boxe por horas e pular corda até que ela se rompesse a fim de me dar a chance de mostrar que eu era capaz de tomar o seu lugar. Cada minuto a mais que eu levava para começar a suar ou ofegar era um enorme avanço. Quando cheguei a ponto de suportar quase qualquer estresse físico, Chris encontrou um jeito de testar minha mente até o limite da loucura. Como? Essa é a parte interessante, pois tem a ver com a minha mutação.

Um dia, quando estávamos lutando com facas no ringue, houve um momento em que ele conseguiu me derrubar. Ao fazer um movimento em direção ao meu rosto, a faca escorregou de sua mão. Foi como se o mundo todo parasse. Eu sabia, vendo aquela porcaria de lâmina afiada vindo em direção ao meu olho direito, que morreria naquele instante.

Só consegui pensar em quanto queria ter a chance de me defender, ou de pelo menos mudar o curso daquela faca para que não me

matasse.

Lembro de fechar os olhos e tensionar cada músculo do corpo, só esperando pela dor. Voltei a abri-los quando ouvi a lâmina se fincar no chão do ringue, bem ao lado da minha orelha.

Eu não tinha me movido um milímetro sequer, e a faca simplesmente mudou de direção, feito mágica. Ou telecinese, como Chris disse que se chamava.

Paguei um preço bem caro por essa pequena proeza: passei dias de cama, com o corpo dolorido e vomitando sangue. Chegamos a pensar que eu morreria. Mas não. Me recuperei muito bem, e, a partir do momento em que voltei a ficar forte, passamos a treinar o meu poder.

Era como ser atropelada por um carro várias vezes. Depois dos treinos, eu ficava dias de cama sem conseguir sequer abrir os olhos, mas sempre voltava a praticar assim que me recuperava, e a dor parecia cada vez mais suportável.

Depois de seis meses, com muita paciência, eu não precisava mais interromper os treinamentos para recobrar a força. A dor continuava, mas eu não me importava mais, e, como o poder aumentava consideravelmente a cada dia, precisei me acostumar com ela.

Jéssica, por sua vez, podia criar e controlar o fogo. Ao contrário de mim, a menina sempre soube desse poder, mas nunca tinha treinado efetivamente. Só quando ficou sob os cuidados de Chris.

Nunca houve pressão sobre ela, pelo menos não tanto quanto havia sobre mim. Eu era a mais velha, a protetora, a garota que não podia demonstrar que estava sentindo dor e que precisava controlar seu poder. As expectativas sobre meu desenvolvimento eram tão altas que, em certo momento, duvidei de que um dia conseguiria assumir a liderança no lugar de Chris. Precisei convencer a mim mesma do contrário, praticamente à força.

— Lolli! — Chris chamou do andar de baixo.

Nós morávamos em uma antiga academia de boxe, o que era conveniente na nossa situação. Já estava na hora de começar o treino do dia.

Suspirei, terminando de proteger as juntas dos dedos com tiras de pano, para diminuir o impacto dos golpes, antes de me levantar. Mais um dia de tortura. Mais um dia de sofrimento. *Coragem, Lollipop. Esta é a sua vida.*

Lollipop parece um nome engraçado, eu sei. Já que nunca me lembrei do meu nome real, decidi escolher um que pudesse ter algo a ver comigo e tivesse um significado importante. O primeiro doce que comi quando saí do Instituto foi um pirulito, e aí o nome pegou. Como eu disse: significado importante.

O nome de Jéssica também não era real. Tinha sido escolhido aleatoriamente, para lembrar jazz, seu estilo de música preferido. Muito mais normal que o meu, é claro, mas quem se importava?

— Está pronta, Lollilup? — Chris perguntou. Ele dizia que esse apelido tinha mais sonoridade. E, por sinal, achava ridículo o fato de eu atender pelo nome de um doce.

A academia tinha muitos aparelhos velhos, cordas e poeira, mas também tinha um jeito incrível de refletir a luz do sol que penetrava no lugar pelas janelas sujas, fazendo o ar parecer brilhar.

— O que vai ser hoje? — perguntei, quando subi no ringue com sua ajuda, e estralei as juntas dos dedos ao me colocar à sua frente.

— Vou deixar você escolher. — A resposta dele me surpreendeu um pouco.

— Que bicho te mordeu?

— O bicho “hoje estou de bom humor” — comentou, o que me fez rir. — E a Jazz? Ainda não acordou?

Eu me limitei a encará-lo em silêncio por alguns segundos, deixando que tirasse sua conclusão sozinho. Nunca a tínhamos visto acordar antes do meio-dia naqueles dois anos, por mais cedo que tivesse ido dormir. Aliás, aquela garota só dormia. Era impressionante a quantidade de sono que podia caber num ser tão pequeno.

Minha relação com ela era a de uma verdadeira irmã. Isso incluía as partes legais, das piadas e risadas, mas havia também a parte chata, das broncas e da superproteção. Jazz podia ser uma garota um tanto rebelde às vezes, se sentindo adulta o suficiente para sair por aí arranjando briga, mas não era bem assim. Não estávamos em uma posição que nos permitia chamar atenção, e também não éramos crianças. Precisávamos ser responsáveis e cuidadosas, a não ser que quiséssemos que o Instituto nos encontrasse mais uma vez.

— Hoje nós vamos aprender uns truques legais — anunciei, feliz por ter permissão para escolher.

Ele raramente me ensinava manobras como dar cambalhotas, andar na parede e depois dar um mortal para trás ou qualquer coisa do tipo. Dizia que esses malabarismos serviam somente para deixar a briga mais “vistosa”, mas no fundo sabia que a maioria deles me ajudaria muito a sair de enrascadas.

Chris revirou os olhos e se aproximou um pouco, a fim de explicar a primeira manobra ou fazer um comentário, mas, antes que tivesse a chance de abrir a boca, nós dois ouvimos batidas na porta de metal da entrada.

Ouvimos gritos, também, e nos entreolhamos. Silhuetas podiam ser vistas pelas janelas, que ficavam no nível da rua.

Raramente sofriamos ataques por parte dos habitantes da cidade, porque Chris era muito considerado na região. O último tinha sido quase um ano antes. Geralmente as portas aguentavam as tentativas de arrombamento, e os vidros blindados das janelas eram ainda mais

resistentes, mas nunca tinham enfrentado tantos golpes. Os grupos que vinham atrás de nós quase sempre eram de cinco a dez pessoas, mas Chris dava conta sozinho.

— Pegue a Jazz e tudo o que puder e vão para o esconderijo — Chris ordenou por cima do ombro, num tom urgente.

— Não. Eu vou ficar aqui e te ajudar.

— Essa não é uma opção, Lollilup. — Ele se virou para mim e colocou as mãos em meus ombros. Seus olhos escuros tinham um brilho de selvageria que só reluzia em momentos em que ele sabia que teria de lutar. — A Jazz precisa de alguém pra cuidar dela, e morta você não vai ter utilidade nenhuma.

Chris tinha usado o único argumento que podia me fazer deixá-lo ali sozinho: Jéssica. Ela era responsabilidade minha. Sem mim, ela não tinha chance de sobreviver naquele mundo cruel. Só que, sem ele, nenhuma de nós duas conseguiria. Eu não estava pronta para ficar sozinha. Não ainda.

Eu o encarei por alguns segundos. Não conseguia entender o desespero que tomou conta da voz dele. Já tínhamos sido atacados antes, mas, pela primeira vez, vi algo estranho em seus olhos. Algo que ele sempre disse ser inaceitável. Medo.

Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu balancei a cabeça. Abandoná-lo ali para lutar contra todas aquelas pessoas era devastador para mim. Eu sabia que ele não daria conta de todos sozinho. Seria como perder um irmão porque não tive coragem de ajudá-lo. Então ele me puxou para um abraço, beijando meu cabelo.

— Você já está pronta pra seguir sem mim. Agora pegue a Jazz e saia daqui o mais rápido possível. Não olhe pra trás nem espere por mim. Eu vou tentar segurar essa gente. Você sabe o que fazer.

Assenti, retribuindo o abraço com toda a força que tinha, agradecendo a ele por tudo o que havia feito, com tanta gentileza, por duas completas estranhas. Quando eu estava prestes a me afastar, ele segurou meu braço.

— Olhe para mim — pediu.

— O q...

— Só... só olhe para mim — repetiu, colocando a mão em meu queixo e virando meu rosto na direção do seu.

Ficou alguns segundos me encarando em silêncio, analisando o meu rosto com atenção, como se tentasse memorizar cada detalhe. Ouvimos um barulho forte na porta de entrada e algo pareceu despertar dentro dele. Em uma reação repentina de desespero e pressa, ele apertou os lábios contra os meus com força.

Eu não sabia o que estava acontecendo, mas ainda assim retribuí o beijo com todo o ânimo que tinha, sabendo que aquela seria a última vez que o veria.

Mais uma batida e Chris se afastou, com um sorriso triste. Não tive chance de dizer nada. Ele simplesmente me empurrou, em silêncio, na direção da saída do ringue.

Subi correndo as escadas que levavam ao apartamento, em direção ao quarto, enquanto pegava tudo o que podia pelo caminho, e me choquei contra a porta, quase a arrancando das dobradiças. Jazz deu um salto na cama, seu cabelo castanho-claro liso, que ia até o quadril, espetado para todos os lados por causa do atrito com o travesseiro.

— O que foi que...

— Levanta rápido e joga tudo que puder dentro da sua mochila. Nós estamos sendo atacados — disparei, e ela entendeu.

— Mas e o Chris?

Reforcei que ela devia fazer o que eu pedi, me mantendo em um silêncio doloroso depois disso. Colocamos nossas coisas em três mochilas, incluindo roupas, comida e os pequenos revólveres que escondíamos debaixo do colchão.

Pedi que Jazz vestisse algo por cima do pijama enquanto terminávamos de arrumar tudo.

Chris havia conversado comigo sobre a possibilidade de uma eventual fuga. Naquela ocasião, ele mencionou que, num dos armários de seu quarto (em que nunca nos deixava entrar), havia diversas armas que poderíamos pegar.

Por sorte, a porta não estava trancada. Não houve tempo para analisar o ambiente. Abri o único armário de metal que havia no quarto, dando de cara com uma montanha de armas lá dentro. Para todos os gostos.

Prendi algumas facas e adagas no cinto e peguei um arco de madeira escura e metal batido preto, colocando uma aljava cheia de flechas no ombro que não apoiava a mochila.

Jéssica entrou no quarto, e eu joguei para ela mais algumas facas, que ela sabia manejar. Foi quando ouvimos um estrondo. Tinham derrubado a porta da academia.

— Eles estão aqui dentro — ela sussurrou, com os olhos arregalados.

— Droga — murmurei, fechando o armário e indo em direção à porta.

Puxei Jéssica pela mão e nós duas corremos pelo apartamento na direção do banheiro, onde ficava o esconderijo. Fechei a porta e tirei a chave. Trancadas lá dentro, apertei um botão escondido no interior da caixa acoplada ao vaso sanitário.

O box do chuveiro começou a se deslocar para o lado, abrindo espaço para entrarmos num tipo de câmara de metal logo abaixo.

Assim que pulamos lá dentro, o box voltou ao lugar, nos deixando na mais completa escuridão. Prendi a respiração. Ok. Agora era só esperar...

— Lolli. Eu não consigo... respirar — Jéssica falou tão baixo que mal pude ouvir, ainda que estivéssemos grudadas. — É muito... apertado...

A última coisa de que precisávamos era que sua claustrofobia despertasse naquele momento. Felizmente, ela produziu chamas com alguns de seus dedos para que pudéssemos enxergar.

Não pude deixar de me sentir mal por ela quando vi seus olhos alaranjados tomados pelo pânico. A pele branca brilhava por causa do suor e estava fria, apesar do fogo que emanava de seus dedos. Tentei acalmá-la: — Vamos dar um jeito nisso.

Olhei em volta, tentando achar uma brecha ou algo parecido. Mas não havia nada... ou quase nada. Estreitei os olhos, analisando com atenção um dos cantos inferiores da câmara de ferro, perto dos pés de Jéssica. Havia um prego ali, o único visível, e me parecia meio frouxo.

Coloquei o dedo indicador sobre ele, apertando-o como se fosse um botão, e no mesmo instante o chão abaixo dos nossos pés se abriu. Caímos alguns metros até atingir um colchão velho e empoeirado. Torci para que nossos gritos tivessem sido abafados.

Estávamos agora em um quarto escuro, que só tinha uma janelinha num canto, cuja claridade iluminava um interruptor de acrílico preto. Fui até ele e o acendi sem pensar. Que lugar era aquele? Chris nunca tinha me falado sobre ele. Havia um tipo de máquina presa num canto da sala, da qual saíam vários fios que levavam ao interruptor, e logo imaginei que fosse uma fonte de energia independente. Nós não tínhamos esse tipo de tecnologia dando sopa por aí, e eu me perguntei por que é que o Chris nunca contou que tínhamos um gerador. Usávamos velas e lanternas para iluminar a academia durante a noite e, durante o dia, contávamos apenas com a luz do sol.

Era um cômodo de mais ou menos trinta metros quadrados, com as paredes cobertas de estantes de ferro forjado, com armas dos mais diversos tipos. As estantes eram presas à parede, iluminada por lâmpadas de LED, que levaram um tempo para acender depois que eu acionei o interruptor. Isso fez a máquina no canto da sala começar a funcionar com um barulho tremendo. Jazz pareceu surpresa ao vê-las se acendendo; eu duvidava de que tivesse prestado atenção nisso quando saímos do Instituto. Eu, em contrapartida, não dei tanta importância. Nossa situação era urgente demais para peder tempo admirando lâmpadas.

Um bilhete encardido estava colado ao interruptor com fita adesiva, e parecia ter sido colocado ali havia anos. Eu sabia que a letra era de Chris: Jogue as outras fora. São todas de mentira.

Ele se referia às armas.

Sorri com descrença enquanto largava uma das mochilas no chão. Só podia ser ele... Olhei por cima do ombro para Jazz, que analisava uma prateleira cheia de facas, e comentei: — Ele sabia. Sabia que nós iríamos encontrar.

A garota sorriu, pegando uma delas nas mãos e a girando nos dedos.

No verso do bilhete também havia algo escrito. Eram números e poucas palavras, pequenas, quase ilegíveis.

8, 4. n. 10. Boa sorte.

Franzi as sobancelhas, erguendo o olhar para as estantes mais uma vez. Cada uma delas era dividida em quatro partes e tinha um número, assim como suas respectivas prateleiras. Era uma localização.

Fui até a oitava estante e olhei o que havia em sua quarta parte, na décima prateleira. Sorri e me agachei no chão, analisando o presente que Chris tinha deixado para mim. Era a minha arma preferida, aquela com que eu mais treinava: um arco.

Ele era de madeira escura, e no cabo havia o relevo de uma árvore cheia de galhos que se entrelaçavam por todo o comprimento da arma, de uma ponta à outra. Peguei a aljava, que estava guardada ao lado. Era feita do mesmo material, e a superfície mostrava uma árvore entalhada idêntica, mas dentro de um círculo de galhos entrelaçados. Eu tinha certeza de que era algum símbolo que eu não conhecia, mas parecia ser importante. Como o de uma nação. Ou um reino.

— Lolli, olha só o que ele deixou pra mim! — Jazz gritou, com um sorriso enorme no rosto, do outro lado da estante.

Ela estendeu uma faca em minha direção. O cabo era de couro marrom, e na lâmina prateada fosca a mesma árvore havia sido gravada. Era linda. Tentei não mostrar toda a empolgação que sentia, me lembrando que ainda corríamos perigo.

— Nós temos que ir. Não é seguro ficar aqui.

— Mas e ele? E o Chris? — ela quis saber.

— Nós temos que ir, Jazz — reforcei, analisando o local para achar uma saída.

Havia uma porta quase invisível na parede contrária à do interruptor. Fui até lá, arrastando Jazz pela manga do moletom cinza-escuro, mas ela puxou o braço para trás, fazendo com que eu a soltasse.

Voltei a olhar para ela, confusa com sua reação, e o que encontrei foi uma expressão de impaciência e raiva ao mesmo tempo. Os olhos cor de mel, que pareciam alaranjados se olhássemos de relance, tinham um brilho de raiva intenso: — Eu não vou dar mais um passo sem antes ter uma resposta, Lollipop.

Não pude deixar de sorrir, ainda que não houvesse nem um pouco de humor em seu tom. Aquele nome, Lollipop, não combinava com um clima tão pesado. Quem não acharia graça em um pirulito no meio de uma frase raivosa? Jazz, provavelmente.

Meu sorriso sumiu quando voltei a pensar na resposta que ela tanto queria. Não tínhamos tempo para maiores explicações. Eu poderia ser curta e grossa, fugindo dali o quanto antes, ou compreensiva e delicada, o que nos faria perder um tempo precioso. Decidi que a primeira opção era a melhor naquele caso, por mais que não combinasse muito comigo: — Ele está dando a própria vida para que a gente possa fugir. E essa sua birrinha está nos atrasando. Vamos logo!

— Não! — exclamou, balançando a cabeça. — Nós não podemos deixar o Chris assim!

Eu sabia que a garota tinha razão, e ela estava sendo mais corajosa que eu, mesmo sendo cinco anos mais nova. Só que Jazz era minha responsabilidade, e eu não podia correr o risco de perdê-la. Ficar significaria arriscar a vida da minha quase irmã. Alguém precisava ser a adulta ali.

— Jéssica! — quase gritei. — Nós vamos sair daqui *agora*, e, se você não quiser ir por bem, vai por mal. Nem que eu tenha que te arrastar à força. Ele já era, ok?! *Já era!* E arriscar a sua vida por uma causa perdida é a maior idiotice do mundo. Eu não vou te perder, garota. Se, para te manter segura, eu precisar ignorar todas as partes do meu cérebro que estão gritando para eu ir até lá salvar o Chris, então é o que eu vou fazer.

Jazz ficou em silêncio por alguns segundos, me encarando com os olhos levemente arregalados e cheios de lágrimas. Deixá-lo para trás era tão difícil para ela quanto para mim, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Não mais.

Dei as costas, engolindo as lágrimas que ameaçavam brotar em meus olhos e indo em direção à porta. Havia uma chave prateada na maçaneta. Ele realmente havia deixado tudo pronto para sairmos o mais rápido possível.

Consegui destrancar a porta com certo esforço. Compreensível, já que a chave devia estar ali havia um bom tempo. Enfiei a cabeça para

fora, tentando espiar. Estávamos na parte de trás da academia, que dava num beco sem saída, com uma escada presa à parede.

Respirei fundo. Ok. Agora éramos nós duas contra o mundo, como eu havia dito a Jéssica antes. Um mundo que não conhecíamos, um mundo selvagem e cruel. Provavelmente não sobreviveríamos nem uma semana, mas precisávamos tentar. Era isso ou morrer ali.

Olhei por cima do ombro. Jéssica já havia se colocado atrás de mim, secando os olhos, mas tentando manter a expressão indiferente de sempre. Ela era uma garota forte, porém Chris significava muito para nós duas. Impossível ficar indiferente naquela situação. Ainda mais depois... depois do beijo.

— Pronta? — perguntei, e ela assentiu com a cabeça.

Agora era pra valer.

Estávamos sozinhas, e qualquer decisão errada causaria, com toda a certeza, a nossa morte.

ESCURIDÃO

Havíamos atravessado quarteirões escalando tetos e nos enfiando em becos. Eu não tinha ideia da direção a seguir nem do que fazer, e só conseguia pensar em ir para o lugar mais distante possível da academia.

— Lolli, eu não aguento mais. Preciso descansar! — Jazz avisou, em tom suplicante.

Havíamos acabado de engatinhar pelo que devia ser a quinquagésima escada, para o quinquagésimo terraço. O sol estava se pondo em meio a um céu cheio de nuvens alaranjadas. Respirei fundo o ar puro que soprava fracamente. Quanto mais longe do nosso lar, mais segura me sentia. E mais triste também.

Eu queria minha vida de volta, queria Chris de volta. Num dia normal, nós estaríamos terminando o meu treinamento, mas agora não tínhamos mais isso. E não teríamos nunca mais.

— Precisamos continuar. Pelo menos até encontrarmos um lugar seguro.

— E que lugar é seguro? — ela rebateu. É claro que eu não tinha resposta.

Dava para ver a rua vazia dez andares abaixo, com seus carros abandonados enferrujando ao longo dos séculos. Uma lembrança de um mundo diferente.

A natureza havia tomado conta das cidades, fazendo trepadeiras crescerem nas paredes dos prédios e gramíneas nos buracos das calçadas se tornarem grandes arbustos. As raízes das árvores tinham rachado o asfalto, e a erosão do solo criara piscinas naturais.

Coisas como energia elétrica e água encanada eram privilégios de quem era beneficiado pelo Instituto. A maior parte da população não

tinha acesso a esse tipo de luxo. De vez em nunca tínhamos gás, vindo de equipamentos improvisados construídos pelos sobreviventes.

— Como você acha que era antes de tudo? — Jéssica perguntou, se colocando ao meu lado. — Quando tudo ainda funcionava e as pessoas não tinham que matar para sobreviver.

— Acho que era um mundo de aparências. Um mundo de desunião e guerra. Nada muito diferente do que é hoje. — Dei de ombros. — De que adianta energia, ou água encanada, ou qualquer coisa do tipo, se só as pessoas que têm dinheiro podem se beneficiar? Agora nós somos iguais, e o dinheiro não muda mais nada. Idade, sexo, etnia ou religião muito menos. É uma vida em troca da outra, e é tudo o que importa.

Eu realmente acreditava nisso. Não tinha esperança no mundo de antes. Tudo o que havia restado dele tinha causado a nossa destruição. Se tivesse sido bom, a nossa situação estaria bem melhor.

— Mas se o Leonard não tivesse existido... — ela tentou argumentar.

— O mundo não está a salvo dos humanos, Jazz — interrompi. — Se aquele monstro não tivesse existido, outro tomaria o lugar dele.

— Como você pode ter tanta certeza?

— O Leonard não está aqui agora, não é? — expliquei. — E todo mundo continua brigando da mesma forma. Nós matamos uns aos outros e continuamos desunidos com ou sem ele. Daria no mesmo.

Coloquei meu arco em cima da mureta que rodeava o terraço, analisando a árvore esculpida na madeira. Eu não gostava de falar sobre o passado. Não mudaria em nada o presente e só nos deixaria aflitas em relação ao futuro.

— Vamos entrar no prédio — convidei. — Podemos passar a noite aqui.

— É seguro?

— Nenhum lugar é — murmurei, recuando alguns passos e me dirigindo à entrada de acesso às escadas de incêndio do prédio.

Ela me seguiu em silêncio enquanto descíamos alguns andares. Havíamos alcançado uma distância segura da academia, então eu duvidava de que fossem nos encontrar ali. O prédio parecia completamente abandonado, o que nos daria alguma segurança — pelo menos era o que eu esperava.

— Acho que está bom aqui — anunciei, quando chegamos ao sexto andar.

Não havia divisórias, apenas um grande cômodo vazio com paredes que um dia já tinham sido brancas e um chão de cimento. Algo me dizia que aquele era um prédio novo, que estava esperando pelos futuros moradores quando tudo começou a dar errado. Agora, nem o tamanho nem a data da construção importavam.

Nós nos sentamos no chão, pegando em uma das mochilas um saco de dormir. Era o único que tínhamos, e teríamos de nos esforçar para caber dentro dele. Por sorte, éramos pequenas, então não seria tão difícil assim. Abri uma lata de sardinhas enquanto Jazz pegava alguns galhos secos da árvore que invadira o andar através da sacada e os ajeitava em frente ao saco.

— Eu sei que não é o que você estava imaginando, mas por enquanto é o que nós temos. — comentei.

— Não tem problema — ela respondeu. — É muito melhor do que ficar presa em um quarto escuro e apertado, sendo usada de cobaia, como era no Instituto. — E ateou fogo à pilha de galhos que tinha juntado.

— Vamos apagar assim que escurecer — avisei. — Não é seguro.

A garota dispensou meu comentário com um gesto, abraçando os joelhos depois de se sentar em frente à fogueira. Pela forma melancólica

como encarava as chamas, estava pensando em Chris.

— Nós vamos voltar? — perguntou, finalmente. — Digo... quando for seguro?

— Eles esperam que a gente volte.

— Mas... e se ele ainda estiver vivo e precisar da nossa ajuda?

— Não está, Jazz. Não tem como. Eram muitas pessoas — falei, tentando engolir a tristeza que vinha junto com aquelas palavras.

— Então, se ele estiver mesmo... morto — ela fez uma pausa, engolindo em seco. Era como se usar aquela palavra fosse difícil demais. — Não podemos deixar seu corpo lá, apodrecendo.

— Não é seguro, Jazz.

Por algum motivo, ela não entendia. Ou não queria entender. Teimosa como uma mula.

Estendi a lata em sua direção. Eu não estava com fome, então não havia motivo para desperdiçar a comida comigo. Tínhamos pouco alimento e precisávamos economizar até encontrar um lugar para ficar. Algo me dizia que seria uma longa jornada até que isso acontecesse.



Havia se passado quase um mês desde a nossa fuga e, graças a quem quer que fosse a entidade divina responsável, estava tudo dando certo. Encontramos um bom lugar para ficar e uma boa fonte de alimento: algumas árvores frutíferas atrás do nosso novo lar. Quando estava de bom humor, Jéssica me deixava caçar. Não era fácil viver com uma vegetariana chata. Às vezes eu tinha vontade de enfiá-la numa caixa e abandonar no meio do nada, e outras eu queria abraçá-la e nunca mais soltar.

Eu tirava uma hora do dia para correr, outra para treinar minha telecinese e outra para ensinar Jazz a usar sua faca de forma mais

eficiente. Quanto aos poderes dela, eu não tinha como ajudá-la. Não fazia ideia de como era ser à prova de fogo ou controlá-lo, mas ela parecia estar indo bem com os treinos sozinha. Desde que apagasse os incêndios depois, daria tudo certo.

— Lolli! — Jéssica gritou, com animação, correndo por entre as árvores. — Lolli! Saca só o que eu consegui!

Ela surgiu de repente, parando à minha frente com um sorriso enorme. Colocou a mão em frente ao meu rosto, a uma distância segura, antes de fazê-la pegar fogo até o meio do antebraço.

Levantei as sobrancelhas, surpresa. Até pouco tempo atrás, o máximo que conseguia era fazer uma “chama de isqueiro” no dedo indicador. Ela deu pulinhos: — Isso é *muito* demais, cara!

— É mesmo, *cara*! — brinquei, imitando seu tom agudo, o que a fez rir. Com a perda da concentração, sua mão voltou ao normal. — Cada vez melhor, Jazzinha. — Apertei uma de suas bochechas e ela recuou um passo, revirando os olhos.

— Eu odeio quando você me trata feito criança. Nunca mais faça isso, ok? — murmurou, dando as costas para mim e voltando ao mau humor de sempre.

Deixei que ela seguisse seu caminho para dentro da nossa nova casa, que mais parecia um barraco no meio do mato. Pelo menos era aconchegante e seguro, o que era a nossa prioridade.

Voltei a afiar minhas flechas com uma faca, ouvindo-a batucar nas panelas velhas que tínhamos encontrado poucos dias antes, tentando cozinhar alguma coisa, como os grãos de feijão que restavam de um pacote encontrado num contêiner esquecido ali perto. Nossa sorte era que, com ela, não precisávamos de um fogão.

Foi quando ouvi algo se mover nos galhos acima da minha cabeça. Estreitei os olhos em direção ao ruído. Era um pássaro. Um pássaro bem

grande e suculento. Sorri, pegando o arco apoiado no tronco ao meu lado e colocando uma flecha nele. Apontei-a para cima. Jéssica me mataria, mas fazia tanto tempo que eu não comia carne.

— Ei! — ela berrou, olhando pela porta da casa. — O que você pensa que está fazendo?!

Soltei a corda, rezando para o pássaro não fugir antes de eu conseguir acertá-lo, mas já era tarde. A flecha atingiu o galho logo acima de onde ele estava. Bufei. Que vontade de matar aquela garota!

— Jéssica! — esbravejei. — Você não pode...

— Não posso salvar a vida de um animal indefeso?! — perguntou, segurando uma panela cheia de água fervente e feijão. As mãos tinham um tom alaranjado de ferro quente. — Nós podemos muito bem sobreviver só com isto. — Estendeu a panela em minha direção. — E você sabe que...

Jazz continuou falando, falando e falando cada vez mais alto, até que ouvi vozes ao longe. Mande-i-a ficar quieta e, antes que ela pudesse reclamar, fiz sinal para que escutasse em silêncio. Felizmente ela entendeu assim que percebeu o olhar sério em meu rosto.

Não houve tempo para descobrir de onde vinham as vozes, ou a que distância estavam. Alguém colocou um saco preto em minha cabeça e, antes que eu pudesse gritar, injetou alguma coisa em meu braço, que me fez perder a consciência logo em seguida. A última coisa que ouvi foi o grito de pânico de Jéssica.

ELE

— Não pode ser — ouvi alguém dizer logo que recuperei a consciência. Era uma voz masculina suave... quase macia.

— Pode sim! Olhe só para ela. É assim que eu me lembro! — A segunda voz pertencia a um homem também, só que mais velho.

— Você está velho demais para lembrar claramente de alguma coisa, Henry — o primeiro retrucou e quase conseguiu me fazer rir.

Por sorte, ou azar, minha tentativa de me manter quieta os fez notar que eu já havia acordado, e os dois pararam de falar na mesma hora. Pude ouvir uma rápida discussão em tom de sussurro antes de um deles arrancar, sem nenhuma delicadeza, o saco preto que cobria minha cabeça.

Olhei em volta, procurando por Jéssica antes mesmo de me preocupar em olhar para eles. Lá estava ela, ao meu lado, com um saco na cabeça também, ainda desacordada. Estávamos em uma sala com paredes vermelhas e chão de madeira escura. Não havia muitos móveis, além de uma cadeira e de uma escrivaninha. Parecia um tipo de escritório.

Ambas estávamos com as mãos algemadas atrás do corpo, e haviam amarrado meus pés também. Voltei a olhar para os dois homens, que agora me encaravam com certa perplexidade, como se estivessem surpresos.

O rapaz à minha frente não tinha mais de dezoito anos. O cabelo dourado caía em ondas até a altura das sobrancelhas grossas. O queixo era quadrado, e a mandíbula, rígida, era bem marcada. A pele tinha um tom bronzeado e os olhos... eram um de cada cor?

O garoto se aproximou um pouco de mim, e eu pude confirmar. O direito era azul-celeste, e o esquerdo, castanho-claro. Ele era bem bonito, eu tinha que admitir, mas novinho demais para o meu gosto. Usava um suéter de gola alta preto e jeans escuro.

O segundo aparentava já ter passado dos sessenta, com cabelos brancos penteados para trás e a expressão marcada que fazia os olhos e os cantos da boca parecerem um pouco caídos. Vestia uma camiseta verde e calça cáqui.

— Como eu disse: ela é igual — o velho comentou.

— Não é possível — o garoto murmurou, balançando a cabeça e se agachando à minha frente.

Ficamos alguns segundos em silêncio, todos curiosos. Do que será que eles estavam falando? Como é que algum deles poderia me conhecer? Eram do Instituto? Haviam nos trazido ali para nos matar?

— Será que... — comecei, mas a expressão de surpresa do velho me impediu de continuar.

— Sam! Até a voz é igual! — exclamou, boquiaberto.

— Quem são vocês? O que eu estou fazendo aqui? — perguntei, irritada. — Será que alguém pode me dizer?!

O garoto, que pelo visto se chamava Sam, sorriu com minha reação. Estava achando a minha irritação engraçada. Eu o fuzilei com o olhar. Não precisava de um sorriso compreensivo, mas de uma explicação.

— Você é um tipo de clone ou experimento genético? — questionou.

— E COMO EU VOU SABER?! — gritei. — Agora, me dê logo uma explicação, ou eu juro que vou...

Sam riu, balançando a cabeça com as sobrancelhas levantadas. Voltou a se colocar de pé: — Ei, garota! Relaxa. Eu não vou machucar você nem a menininha.

— Eu não sou uma menininha, seu merda — ouvi Jazz resmungar de repente, a voz abafada pelo pano, o que me fez sorrir. Se estava reclamando, estava consciente. Ainda bem!

O garoto tirou o saco preto da cabeça dela, e a expressão de deboche se desarmou por um milésimo de segundo quando ele viu seu rosto. Já ela se manteve inabalável, encarando-o com raiva. Mas não pude deixar de ver que suas bochechas ficaram vermelhas.

— Vocês são irmãs? — ele indagou, fingindo estar ofendido, quando recuperou o raciocínio. — O mau humor está no sangue?

Jazz apenas revirou os olhos, e Sam sorriu para ela com gentileza, analisando-a pelo que devia ser a décima vez em menos de um minuto. Era mais do que havia feito comigo, em bem menos tempo de conversa. Jéssica desviou o olhar, encarando os próprios pés, corando ainda mais sob o olhar atento do garoto.

Ele pigarreou, voltando a atenção para mim, parecendo se lembrar da minha presença só naquele momento.

— Você se parece muito com uma pessoa com quem o líder do nosso grupo tinha uma certa rixa há alguns anos — explicou.

— Líder do seu... grupo? — questionei.

— Exatamente — o velho disse. — Somos um dos grupos mais bem desenvolvidos do país. Talvez não o maior, mas o melhor. Estamos juntos desde o início da Quarta Guerra, graças ao nosso líder.

— Ele deve ser bem caído então, né? — Jéssica brincou, tão baixo que só eu ouvi.

— E vocês vão nos soltar quando? — reclamei, me segurando para não rir.

Eles se entreolharam, como se estivessem tendo uma conversa por telepatia. Provavelmente estavam decidindo nosso destino. Engoli em

seco. Eu era mesmo um fracasso. Não tínhamos sobrevivido nem um mês sozinhas, e agora, com certeza, iríamos...

— Não podemos decidir assim. Você precisa falar com *ele* primeiro — Sam respondeu.

Assenti, respirando fundo. Ok. Conversar com o líder que supostamente tinha brigado com uma garota muito parecida comigo anos antes. Só me restava torcer para não despertar nenhum tipo de lembrança negativa nele. Quem sabe assim Jazz e eu ficássemos vivas.

— Posso pelo menos levar a minha arma? — perguntei, sabendo que seria um pouco inútil.

Os dois apenas sorriram, achando engraçada minha pergunta cheia de esperanças vãs, enquanto o garoto desamarrava meus pés e abria minhas algemas. Como ele podia ter tanta certeza de que eu não daria um jeito de soltar Jazz e fugir dali? Olhei em volta. Não havia nenhuma porta, só um elevador velho. É. Sem chance.

— E se eu não quiser deixá-la aqui sozinha? — questionei, olhando para Jéssica por cima do ombro, enquanto me guiavam na direção do elevador.

— Fique tranquila. Se fosse para matar vocês duas, nós teríamos feito isso antes de acordarem — o velho disse.

Ele tinha razão, mas ainda assim eu lancei para Jéssica um olhar que dizia “Você sabe o que fazer se tentarem algo”. Ela assentiu.

Encarei meus sapatos sujos e surrados, enquanto os ouvia fechar a grade à minha frente e girar a chave que me faria subir. Devo admitir que foi surpreendente ver que aquela coisa velha funcionava de verdade. Então aqueles caras tinham mesmo acesso à energia elétrica?

Meu coração acelerou conforme eu sabia e senti um pouco de falta de ar. Por que eu estava com tanto medo? Não devia ser difícil lidar com um velho caduco de quatrocentos e poucos anos. Pelo que dissera o tal

garoto, o cara liderava a área desde o fim da Quarta Guerra, o que fazia muito tempo. A menos que ele fosse um vampiro ou um metacromo imortal, era impossível que estivesse vivo desde, humm... Ah, deu pra entender.

Mas a pior parte era saber que eu o faria lembrar da tal garota com a qual ele tivera uma inimizade, e eu não podia imaginar como ele reagiria à minha presença. Me olhei no espelho do elevador enquanto subia alguns andares, tentando disfarçar o nervosismo que começava a tomar conta de mim. Meu cabelo, preto e ondulado com mechas avermelhadas, ia até a altura do peito. Passei os dedos pelos fios desgrehados, ajeitando a franja, que insistia em cobrir meus olhos verde-água, grandes e cheios de pânico.

O nariz e as bochechas, cobertos por sardas claras, estavam um pouco rosados por causa do sol. Ajeitei a bainha da regata branca justa que estava usando e subi o cós da calça jeans rasgada. Era tão larga que eu precisava usar um pedaço de tecido improvisado como cinto.

A gargantilha feita de tiras de couro preto entrelaçadas me parecia, pela primeira vez, apertada, quase sufocante. Eu não sabia como ela havia ido parar no meu pescoço, pois não tinha fecho aparente, mas estava ali quando acordei no Instituto. Eu gostei da peça e resolvi não arranca-lá. Acho que não a tirei porque, no fundo, podia ser a única ligação com um passado do qual eu não conseguia lembrar.

O elevador começou a desacelerar, e eu voltei a me virar na direção da porta. Prendi a respiração assim que avistei o andar de destino. Dava para ver paredes vermelhas e grandes janelas de madeira preta, com cortinas da mesma cor.

Os móveis eram de couro escuro, todos de uma qualidade que nunca sonhei encontrar algum dia. Havia uma televisão, um videogame velho, uma mesa de pôquer... Parecia os bares dos quais Chris me falava, mas sem... sem o bar.

De pé, em frente a um dos sofás enormes, havia um cara muito alto de costas para mim. Ele usava jaqueta de couro preta, calça jeans e uma bandana vermelha amarrada ao redor da cabeça. O cabelo era castanho-claro liso. Tinha as costas fortes e os ombros largos. Não havia mais ninguém ali além dele.

O elevador fez um estrondo ao parar no andar, despertando a atenção do cara da bandana. Ele se virou na minha direção, e, assim que focou o olhar em mim, a garrafa que segurava escorregou de sua mão, se espatifando no chão e espirrando um líquido vermelho-escuro para todos os lados.

Seu queixo caiu, e o meu também. Ele era tão... lindo.

Os olhos eram verdes, e a pele branca parecia mármore, de tão lisa e pálida. Os lábios vermelhos, e o nariz perfeito e delicado suavizavam a expressão forte do rosto. Tinha alargadores pequenos de metal preto nas orelhas.

Usava uma camiseta branca por baixo da jaqueta, na qual estava escrito "keep calm and doe sangue". Então ele era o tal líder de quatrocentos e poucos anos? Uau. Superconservado. Parecia um garoto de vinte anos. Aplausos em pé.

Antes mesmo que eu tivesse tempo de reagir, ele estava a centímetros de mim, e eu encostada no espelho do elevador. Um dos braços estava acima da minha cabeça, e o outro, do lado esquerdo do meu corpo, ao lado do ombro. Fiquei sem saída.

Ele estava tão próximo que eu podia sentir sua respiração fria em meu rosto. Exceto por Chris, nunca ninguém tinha se aproximado de mim daquele jeito. Não que eu me lembrasse.

— O que você está fazendo aqui? — ele rosnou.

— Você tem um jeito estranho de dizer oi — falei, sentindo as bochechas queimarem.

— O que você está fazendo aqui?! — ele repetiu, e um brilho selvagem de raiva apareceu em seus olhos.

Tudo o que fiz foi me manter em silêncio. Então eu realmente me parecia com a tal garota e, como tinha imaginado antes, estava despertando lembranças não muito boas nele. Só que o cara era tão bonito que eu não conseguia lembrar nem mesmo meu nome... Que ironia.

Ele se afastou, dando as costas para mim e indo até o meio da sala, visivelmente irritado quando percebeu que eu não lhe daria uma resposta. E eu o segui, saindo do elevador. Resolvi começar uma conversa, erguendo o queixo e tentando manter o tom confiante: — Bom... Pergunte aos seus servos, companheiros, empregados ou o que seja. Porque eu fui capturada e trazida até aqui à força.

— Fizeram bem, então — disse. — Uma peste como você não deveria ficar à solta na rua.

Voltou a se virar para mim e me analisou dos pés à cabeça com atenção. Quem ele pensava que era? Só porque liderava um grupo grande e esse blá-blá-blá todo, achava que podia falar comigo desse jeito?

— Olha aqui — comecei. — Eu não tenho ideia do que você está falando e, se quer saber, também não tenho interesse. Só preciso que você me deixe sair daqui, e nunca mais vai ver o meu rosto.

— Como assim, não tem ideia do que eu estou falando? — perguntou, como se essa fosse a única parte que tinha ouvido. — Já esqueceu de... — Fez uma pausa, juntando as sobrancelhas. — Você... — Balançou a cabeça, agora parecendo surpreso. Aquele cara era realmente uma montanha-russa de emoções. — Ok. Seria muito estranho, já que se passaram cinquenta anos, mas não é possível alguém ser tão semelhante.

Cruzei os braços, batendo um dos pés no chão, impaciente. Eu estava começando a ficar cansada daquela história de “você é igual”, “te odeio sem te conhecer”, “já fomos inimigos”... Que se lixasse tudo aquilo. Só queria sair dali o mais rápido possível.

— Você não tem ideia, não é mesmo? — indagou, e tudo o que recebeu como resposta foi o meu silêncio. — Eles te pegaram, não foi? Os caras do Instituto. E apagaram a sua memória.

Agora a coisa estava começando a ficar realmente estranha. Recuei um passo, sentindo a mente embaralhada por um segundo. Parecia que alguém estava remoendo meus pensamentos. Era ele. Metacromo desgraçado. Não me faltava mais nada. Um telepata enxerido.

Eu o empurrei para trás com a telecinese, fazendo-o cair sentado no sofá atrás dele, e a sensação sumiu no mesmo segundo, dando lugar à dor que eu sentia sempre que usava meu poder. Ao contrário do que pensei que fosse fazer, o cara riu.

— Então é você mesmo! — Ele se levantou, passando os dedos pelo cabelo e o ajeitando sob a bandana vermelha. — Impressionante! Está com quantos anos? Setenta? Setenta e um?

— Quantas vezes vou ter que repetir que não sei de que merda você está falando?! — berrei.

Setenta? Como assim? Tudo bem, eu não tinha o corpinho de uma garota de quinze anos, mas não significava que estava tão velha assim, né? Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto, e o olhar desceu vagarosamente pelo meu corpo, como se estivesse bolando uma piadinha suja com relação à idade que eu parecia ter.

— Me parece muito bem conservada pra alguém com essa idade. A criogenia fez bem a você. Te fez amadurecer bastante — pensou alto, e algo me dizia que o sentido de “amadurecer” não tinha a ver com a minha forma de pensar.

Então era isso. Essa tal de “criogenia”. Chris havia me falado algo sobre isso quando lhe contei sobre a máquina na qual estava presa quando acordei no Instituto. Ele disse que era um dispositivo que congelava nosso corpo e nos mantinha “parados no tempo” enquanto estivéssemos dentro dele. Sendo assim, talvez até fosse mesmo possível que eu tivesse a idade que o tal líder pensava que eu tinha. Apontei um dedo em sua direção, sentindo as bochechas queimarem por causa da raiva, e silvei: — Nem venha para cima de mim com comentários sarcásticos, seu idiota.

— Não foi sarcástico — respondeu, dando de ombros, com o mesmo sorriso no rosto. — Foi sincero.

Desgraçado. Maldito. Que fosse para o inferno com seu comportamento instável e seu escárnio. Para a minha surpresa, ele tirou um maço de cigarros do bolso da forma mais casual possível e pegou um deles com a boca, sacando um isqueiro do bolso e o acendendo logo em seguida. O cara não estava dando a mínima para o que eu pensava?

— E você vai me deixar ir embora ou não?

Ele olhou para mim por um momento antes de continuar a se concentrar no cigarro. Estreitei os olhos. Aquele otário tinha três segundos para me responder, senão... Eu tinha xingado aquele cara mais vezes mental e verbalmente do que qualquer um que eu conhecia, e no menor período de tempo.

Me aproximei dele, colocando a mão por cima da que segurava o cigarro, esmagando-o entre minha palma e seus dedos. Ignorei a dor da queimadura e sussurrei, da forma mais ameaçadora possível: — Você tem duas opções. A primeira: você começa a me ouvir e a prestar atenção no que eu digo, responde direito as minhas perguntas e depois me deixa ir embora. A segunda: você não faz nenhuma dessas coisas e eu esmago a sua cabeça no chão antes que você tenha a chance de

implorar pela vida. — Me inclinei um pouco para a frente antes de continuar. — Qual delas vai ser?

— Você fica tão sexy quando me ameaça... — sussurrou de volta. Depois suspirou, fazendo uma expressão forçada de tédio. — Ok. Sente e fique à vontade. A história é longa.

Obedeci, aliviada. Pela primeira vez, eu estava conseguindo o que queria. Agora era esperar que ele me contasse a verdade, sem mais nenhum comentário sobre a minha aparência ou outra examinada cafajeste.

Ele pegou mais um cigarro, jogando a bituca amassada no cinzeiro de vidro sobre a mesa de centro à nossa frente. Eu não sabia como era possível, mas cada gesto dele me fazia sentir que ele estava tentando flertar comigo. Como se estivesse agindo daquele jeito todo gracioso e casual de propósito, mas, ainda assim, como se fosse algo natural dele.

— Antes de tudo, acho que você deveria saber o meu nome — começou, estendendo a mão em minha direção. — Eu sou o Evan.

Dispensei o cumprimento com um aceno e esperei que ele continuasse.

Evan. Até mesmo o som do seu nome me parecia um flerte. Caramba. Será que ele existia mesmo ou eu estava tendo um sonho muito estranho com um cara gato?

— É comum as pessoas dizerem o nome nessa hora.

— Lollipop — falei. — O prazer é todo seu.

— Eu nunca disse que não seria — respondeu e quase conseguiu me fazer rir. Ele tinha resposta para tudo. — Bom... Por onde eu começo? — Fez uma pausa. — Há mais ou menos cinquenta e cinco anos, eu estava recrutando pessoas para o grupo. Pessoas que soubessem lutar, atirar e tivessem coragem para proteger os outros em qualquer circunstância. Ao contrário do que pensei, ninguém veio se candidatar.

Por sua causa. — Agora a coisa estava começando a ficar interessante. — Estavam com medo de você. De precisarem te enfrentar em um confronto e acabarem perdendo a vida.

— Mas por quê? O que eu tinha de tão especial?

— Você era poderosa, corajosa e tinha um desejo incontrollável por sangue. Acho que procurava mais por isso do que alguns vampiros que eu conheci na vida. — Vampiros... Esse nome foi dado anos atrás aos metacromos que precisavam de sangue para sobreviver. A mutação também os deixara muito fortes e rápidos, e, a menos que alguém conseguisse matá-los, podiam viver para sempre. Tudo graças a uma falha genética provocada pela radiação. — Você tinha o seu próprio objetivo e faria qualquer coisa para cumpri-lo. Nada podia parar você. E era por isso que ninguém queria correr o risco de entrar numa luta contigo.

— E qual era o meu objetivo?

Evan soprou a fumaça do cigarro em meu rosto, e eu tentei me proteger com as mãos, tossindo. Assim que o cheiro se dissipou, notei que ele havia se levantado do sofá e se colocado de pé atrás de mim, se apoiando no encosto e me olhando de cima.

— Eu já estava cansado de ouvir histórias sobre a garota de dezesseis anos que conseguia controlar qualquer coisa com o poder da mente, então fui atrás de você, só pra ver se era mesmo tudo aquilo — continuou, ignorando minha pergunta. Eu sentia cheiro de piada no ar. Seria questão de tempo até... — Você se sentiu tão atraída por mim que decidiu fingir que o fato de eu querer tirar a prova dos seus poderes era uma ofensa. — Tarde demais. Lá estava ela. — E assim começou a briga. Você ganhou a primeira, eu, a segunda. Empatamos na terceira, e eu venci a quarta. Cada vez mais pessoas se juntavam a você, e mais amigos leais vinham me ajudar. Era uma guerra de egos. Eu tinha que tomar de volta o meu lugar, e você queria provar que podia ser melhor do que eu.

Mas eram boas brigas, devo dizer. Um vampiro contra um metacromo superpoderoso. Era desafiador.

— Até que...? — Eu queria que ele resumisse a história.

— Até que, três anos depois, você sumiu. Foi pega pelo Instituto, pelo que eu sei.

— E qual era o tal objetivo? — tentei mais uma vez.

Evan sorriu, deu mais um trago no cigarro e se inclinou para perto de mim, ficando mais próximo que o aceitável.

— Destruir o Instituto, garotinha.

Ele se afastou, soprando um anel de fumaça para cima. Não o acompanhei com o olhar enquanto ele ia na direção do cinzeiro mais uma vez, batendo o dedo indicador no cigarro e fazendo as cinzas caírem. Mantive o olhar grudado no espaço vazio.

Destruir o Instituto? Esse era o meu objetivo? Isso era realmente possível, ou eu era louca? Eu precisava saber mais: — E por que eles ficaram comigo por tanto tempo?

— Não sei — respondeu. — Você era boa. Sabia controlar os seus poderes melhor do que alguns de nós sabíamos respirar. — Não pude deixar de sorrir. Precisava admitir que estava gostando da garota que eu era antes. — Talvez pensassem que era melhor te capturar antes de você ter a chance de atacá-los.

— Não era mais fácil simplesmente me matar?

— É Lollipop, certo? — murmurou. — Enfim, tanto faz — arrematou, antes que eu tivesse a chance de confirmar. — Lollipop, você não conheceu a si mesma do jeito que eu conheci. Você não tem ideia do que é capaz.

— E você tem?

Voltei a olhar para ele quando demorou mais que alguns segundos para responder. Ele me encarava como se eu fosse uma coisa complexa demais para entender. Como um quebra-cabeça de cinco mil peças de uma pintura abstrata. Evan mordeu o lábio, como se tentasse conter um sorriso, antes de admitir: — Não. Eu também não tenho. Mas quero muito descobrir.

QUEBRA-CABEÇA

🔥 JÉSSICA 🔥

Lollipop tinha acabado de sumir da nossa vista no elevador, e agora eu estava sozinha com aqueles dois caras que não conhecia. Estava algemada, sem a minha faca, e não havia uma saída sequer naquele cômodo, que mais parecia um escritório, com suas paredes vermelhas e móveis de madeira escura.

O tal Sam, que era muito gato, por sinal, olhou para mim. Para minha surpresa, o sorriso que abriu em seguida não foi cruel ou malicioso, mas gentil. Ele se aproximou, se agachando no chão à minha frente, enquanto me analisava com atenção.

— Tem alguma coisa no meu rosto? — perguntei.

— Como assim?

— Tem alguma coisa no meu rosto?! — repeti. — Porque você fica me encarando como se tivesse.

Ele riu, apesar de essa não ter sido a minha intenção. Se fosse o contrário, eu teria ficado bem irritada. Qual era a daquele idiota com olhos de duas cores? Por que ainda não tinha tentado me matar?

— Você realmente não foi com a minha cara, não é mesmo? — perguntou.

— Você foi com a minha? — Juntei as sobrancelhas. — Ou melhor, você iria com a cara de uma pessoa que te algemou, colocou a merda de um saco preto na sua cabeça e te chamou de menininha?

— Acho que não — admitiu, baixando o olhar. — Te chamar de menininha foi imperdoável. Desculpa.

Senti a raiva queimar minhas bochechas. Sam estava mesmo muito a fim de me ridicularizar. Eu queria ver como seria se eu não estivesse presa. O idiota já teria perdido metade dos dentes.

Ouvimos um barulho alto no andar de cima, e eu vi os cabos do elevador balançarem, como se o som tivesse vindo de dentro dele. Prendi a respiração, esperando que ele caísse ou explodisse, matando todos ali, mas não aconteceu. Ouvi o velho chamado Henry rir, balançando a cabeça, um pouco mais ao fundo da sala: — Acho que o Evan já conheceu a garota. Isso vai estragar o humor dele.

— Ou não. Ela é uma pessoa adorável — respondeu o garoto à minha frente. Algo me dizia que estava sendo irônico.

Fechei a cara, e ele percebeu na mesma hora que eu não havia gostado da brincadeira. Era da Lollipop que estava falando, não de uma menina qualquer. Levantei um pouco o tom: — Desculpe se não parecemos muito amigáveis para você. O problema é que nós acabamos de ser sequestradas sem nenhuma explicação, e é *óbvio* que isso não é motivo para ficar irritada. Que falta de educação a nossa!

— Sam — chamou Henry. — Lembra quando eu falei que um dia você pagaria todos os seus pecados? — O garoto se virou para ele. — Então... esse dia chegou.

Apertei os lábios, tentando esconder o sorriso. Considerei o comentário um elogio.

— Quer saber? — Sam disse, se voltando novamente para mim. — Nós começamos com o pé esquerdo.

Então se aproximou, mais do que eu geralmente permitiria que alguém se aproximasse, e passou os braços ao meu redor, chegando até as algemas. Ele as soltou e, antes que tivesse a chance de pensar em se afastar ou fazer algum comentário, dei uma joelhada bem entre suas pernas com força, o que me deu tempo de levantar e correr para o outro

lado da sala. Henry não era uma preocupação. Era velho demais para fazer algo contra mim.

— Você é bem fortinha, né? — Sam murmurou, de joelhos no chão, dobrado para a frente por causa da dor.

— Isso foi pelas piadas — anunciei.

Ele não me respondeu até se recuperar, encontrando forças para voltar a ficar de pé. Suas bochechas estavam coradas. Não pude deixar de sorrir com a cena. Talvez tivesse pegado um pouco pesado demais.

— Já descarregou a sua raiva? — perguntou. — Ou eu preciso me manter a uma distância segura da sua perna?

— Já descarreguei, sim. Mas isso não significa que você pode se aproximar — retruquei, baixando as mãos, que antes estavam fechadas em punhos na direção dele, para o caso de tentar vir para cima de mim.

— Então podemos recomeçar?

— Acabei de te dar um chute no saco, idiota — falei, surpresa com seu comentário. — Ainda está tentando ser gentil?

— Eu já tive a sua idade, menininha. Sei que os hormônios podem... — argumentou.

— EU TENHO DEZESSEIS ANOS, SEU IMBECIL! NÃO DEZ! — gritei.

Sam parou por alguns segundos, me analisando pela milésima vez. Apesar de odiar o fato de ele pensar que eu era uma criança, eu o entendia. Eu tinha um metro e cinquenta e cinco de altura e era excessivamente magra, o que me fazia parecer bem mais jovem e miúda.

— Dezesseis? — Ele e Henry se entreolharam. — De... de... dezesseis?! — Ótimo. Agora o imbecil estava rindo da minha cara.

— Eu desisto — murmurei, suspirando. Que fosse para o inferno. Eu não iria mais dirigir a palavra a ele.

Cruzei os braços, encarando-o, esperando que parasse de rir. Ele estava exagerando. O que havia de tão engraçado? Estava duvidando de mim?

Quando finalmente se acalmou, Sam voltou a olhar para mim como se esperasse que eu comesse a rir também, mas, quando não o fiz, seu sorriso sumiu.

— Você não está brava, está? — ele arriscou.

Me mantive em silêncio, como havia prometido a mim mesma que faria. Não adiantaria nada falar com ele, que só sabia me ironizar. Ficar quieta era a melhor saída para evitar mais piadas. Além disso, eu não deveria dar mais informações da minha vida a ele. Nem o conhecia!

— Ah, por favor! Você tem que reconhecer que é impressionante. — Fez uma pausa, esperando uma reação, mas, como não teve o que queria, continuou. — Anda, vamos. Eles vão demorar lá em cima. — Franzi a testa, confusa, quando ele foi em direção a uma das cortinas do cômodo e a puxou para o lado, revelando uma porta. — Vamos! Eu vou te levar pra tomar um ar e conhecer a Área 4.

— Como você sabe que ela não vai fugir? — Henry perguntou.

— Ela não deixaria a amiga pra trás — Sam respondeu.

Pelo menos o garoto era inteligente. Eu o segui, ainda de braços cruzados e cara fechada. Ele abriu a porta, revelando uma enorme escada que subia vários metros até outra porta, provavelmente levando ao lado de fora.

Subimos, apenas os dois. Henry disse que ficaria para o caso de algo dar errado no andar de cima, com Lolli e o tal líder deles.

Assim que Sam abriu a porta, a luz do sol cegou meus olhos. Precisei cobri-los com uma das mãos para enxergar o que havia ali.

Parecia uma cidade de verdade. Minúscula, com no máximo dez quarteirões, não tinha prédios com mais que cinco andares, mas era

mesmo uma cidade. E o que me deixou chocada: tudo funcionava. Havia luzes acesas por toda parte! Como aquilo podia ser possível?

— Evan, o nosso líder, guiou uma expedição até uma pequena usina elétrica que ficava instalada no rio que rodeia a cidade. Depois de algumas semanas de trabalho duro, nós conseguimos reativá-la — explicou Sam, me guiando até a rua, cujo asfalto estava todo rachado. — Não existem mais programas de televisão, mas CDs e DVDs, sim. Nós recuperamos um lote inteiro numa loja destruída há anos. É a nossa melhor forma de passar o tempo.

— Vocês estão se reerguendo aos poucos, então — falei, e ele assentiu.

Uma garotinha passou de bicicleta ao nosso lado e acenou para Sam. Todos nos encaravam enquanto atravessávamos ruas e quarteirões. Eu havia me dado um tempo para refletir sobre tudo aquilo. Nunca imaginei que algo assim pudesse existir. Só em sonhos.

— Esse líder deve ser bom mesmo — comentei.

— Ele é. Tem seus dias de mau humor, mas é sim — respondeu. — E vocês? O que estavam fazendo sozinhas no meio do mato?

— Eu não sei se você sabe, mas nós vivemos em um mundo apocalíptico onde as pessoas se matam, a energia elétrica não funciona e não tem água encanada — brinquei. — Não é como se a gente fosse sair por aí vivendo como neandertais nômades, mas... O mundo de agora não é mais como o de antes. Não é mais como este, e não podemos confiar em todo mundo.

— São “nãos” demais para uma fala só. Às vezes, tudo o que a gente precisa é de um pouco de fé na humanidade, menininha. — Pela primeira vez naquele dia, o “menininha” não teve um tom de deboche.

Ele olhou para mim por um segundo antes de voltar a caminhar de cabeça baixa, com as mãos nos bolsos. Continuamos andando em

silêncio por alguns minutos. Talvez ele tivesse razão.

Uma garota surgiu de repente e parou diante de nós. Não sei de onde brotou, mas precisei ser bem rápida para não bater de frente com ela e fazer nós duas cairmos de bunda no chão.

Como se eu não estivesse ali, ela acenou para Sam. Tinha o maior sorriso do mundo, e o menor short também. O cabelo loiro muito comprido estava preso num rabo de cavalo. Os olhos eram um pouco mais afastados que o normal, de um castanho bem escuro.

— Sam, meu gatinho! Tudo bem?!

Meu gatinho? Quem era, namorada dele? Esquadrinhei a menina dos pés à cabeça mais uma vez, fazendo uma avaliação crítica. Era cabeçuda demais, e os braços eram muito finos. Com certeza aqueles peitos tinham alguma coisa de não natural, e o short vulgar não a valorizava nem um pouco.

Ok. Uma análise justa.

Não que metade dessas coisas fosse verdade, mas...

— Se você está procurando o Evan, Julie, ele está ocupado — Sam respondeu, em tom não muito gentil, depois passou direto por ela e continuou seu caminho. Me apressei antes que a garota inventasse de querer falar comigo.

— Sua namoradinha? — perguntei, quando nos afastamos alguns metros.

— Não. Do Evan. — Seu tom foi um pouco contrariado.

Eu o encarei em silêncio, confusa. Se Evan era o líder do grupo, clã ou seja lá o que fossem, e se era o mesmo cara que tinha mais de quatrocentos anos, ela namorava um velho? Uma garota daquelas?

Sam passou rapidamente o olhar por mim, esperando uma reação. Ao perceber minha confusão, começou a rir. Parei de andar e fechei a

cara. Até quando eu teria que aguentar aquilo?

— Você não está pensando que ele é um velhote, está? — ele quis saber.

— Por quê? Você acha que eu estou imaginando um garotinho de doze anos?

— Não... Você não pensaria que ele tem a sua idade de forma alguma — brincou, e dessa vez não pude deixar de sorrir um pouco. Engraçadinho... — O Evan é um vampiro.

Ah, sim. Agora tudo fazia sentido. Um vampiro... Não que eu realmente acreditasse que eles tinham existido na forma como eram descritos em histórias antigas. Eram metacromos muito mais desenvolvidos e diferiam bastante da maneira como Lolli e eu éramos. Além disso, eles tinham algo que nem uma fração dos singulares possuía: a imortalidade. É claro que havia um preço para isso, mas não parecia incomodá-los.

A mutação era passada adiante por meio de uma substância na saliva dos vampiros, que deveria entrar em contato diretamente com o sangue, do qual precisavam para sobreviver. De qualquer forma, haviam restado tão poucos deles que era extremamente raro encontrar um.

— E desde quando você o conhece? — Fiquei curiosa.

— Desde que fui encontrado por ele, quando tinha dois anos. Meus pais me esconderam num armário durante um ataque à nossa casa, mas acabaram morrendo antes de terem a chance de sair comigo dali, e eu fiquei preso. O Evan sentiu o cheiro do meu sangue enquanto passava perto da casa três dias mais tarde, então acabou me acolhendo e me criando. — Sam parou de falar para cumprimentar, com um aceno de cabeça, um casal de idosos que passava. — Ele é quase como um pai para mim. Um pai centenas de anos mais velho, mas que aparenta ter a minha idade. Ele me ensinou tudo o que eu sei e me ajudou a aprender a controlar o meu dom — concluiu, com um sorriso de gratidão.

Assenti, mostrando que havia entendido. Era muito incomum naqueles tempos ouvir uma história de misericórdia como essa. Ver um idoso ou uma criança com menos de cinco anos era tão frequente quanto presenciar um milagre. Geralmente eles não sobreviviam por muito tempo, e as mulheres faziam de tudo para não engravidar, tendo consciência de como era ruim nascer naquele mundo. Mas eis a pergunta que não queria calar: — E o que você consegue fazer?

Sam sorriu para mim de forma maliciosa. Eu sabia exatamente qual era a resposta contida naquele olhar, embora tivesse ciência de que não era aquela que representava a verdade. Ele só estava zombando mais um pouco de mim. Mas percebeu, pelo meu olhar, o que eu realmente queria ouvir, então voltou a ficar sério.

Sam estendeu a mão para mim, parando perto do meu rosto. Eu estava me perguntando se era apenas mais uma brincadeira quando uma chama azul-celeste começou a sair de seus dedos. Meu queixo caiu. F... F... Fogo?! Igual a mim?! Mas que droga! E eu pensando que era especial. E fogo azul? Tudo o que eu conseguia era uma chama cor de laranja.

— Impressionante, não é? — ele se vangloriou.

— É. É sim — respondi, pegando sua mão, ainda fumegante, e a abaixando. Ele arregalou os olhos. Provavelmente tinha pensado que eu iria começar a gritar de dor. Não, meu querido. Hoje não era o seu dia.

— Você...? — começou.

— É. Nós temos poderes iguais. *Superlegal* — pronunciei a última palavra num tom exagerado de animação, mas revirando os olhos.

Eu jurava que o garoto iria rir disso, mas ele se limitou a continuar me encarando com o cenho franzido, visivelmente perplexo.

Baixei o olhar, passando os dedos pelo cabelo castanho. Estava completamente desganhado, mas eu já não ligava para isso fazia

tempo.

— Então... quer dizer que você consegue fazer fogo azul? — decidi tentar puxar assunto quando o silêncio ficou constrangedor demais. E dessa vez fui eu quem começou a andar.

— Sim. É mais quente, por isso exigiu muito tempo de treinamento.

— Como é possível fazer um fogo mais quente? Não é nisso que eu penso quando... — tentei.

— É aí que está — interrompeu. — Você pensa.

— Como todo mundo — brinquei.

Sam mordeu o lábio, aparentemente tentando encontrar as palavras certas para me dizer o que queria. Eu estava começando a pensar que era algo muito mais sério do que parecia quando ele fez sua proposta: — Eu posso te ajudar com isso, se você quiser. — Fez uma pausa, esperando uma reação, mas, como tudo o que recebeu foi um olhar confuso, continuou. — Eu posso te ensinar a fazer fogo azul.

— Ei, qual é?! Eu nem te conheço! Por que você iria querer me ajudar? — Recuei um ou dois passos.

— Porque não é todo dia que encontramos alguém com os mesmos poderes que nós — respondeu. — E porque você não parece ter muita prática com isso. Eu tenho certeza de que você não tem ideia do que nós podemos fazer. Mas eu posso mostrar, e sei que não seria mentira nenhuma se dissesse que sou o único capaz de fazer isso.

Eu o encarei por alguns segundos, pensativa. O que eu tinha a perder? Nada, não é mesmo? O que ele poderia fazer? Jogar uma bola de fogo em mim? Se aquele era o plano, não ia funcionar. Só havia um pequeno problema: — E como você sabe que nós duas vamos ficar aqui?

— O Evan já deixou a sua amiga escapar uma vez. Eu tenho certeza de que ele não vai cometer o mesmo erro duas vezes — explicou.

— O que você quer dizer com isso?

Sam não respondeu. Apenas estendeu a mão para mim, esperando que eu a apertasse para que pudéssemos selar o nosso acordo.

Aquela história estava me soando um pouco mais profunda do que ele queria fazer parecer, mas, como ele aparentava estar realmente interessado em fazer amizade comigo — e era muito gato —, decidi que não perderia nada se simplesmente tentasse.

Apertei sua mão, abrindo um sorriso desafiador para ele, antes de falar: — Acho bom você não tentar nada, garoto. Eu posso não saber usar o meu poder muito bem, mas sei manejar uma faca como ninguém.

— Eu nunca me arriscaria com uma menininha tão assustadora como você.

— A propósito — continuei, ignorando a ironia — o meu nome é Jéssica. Mas pode me chamar de Jazz.

— É um prazer conhecê-la oficialmente... Jéssica.

LAR, DOCE LAR



— Esta será a casa de vocês por enquanto — anunciou Henry para mim e Jazz ao mostrar nossas novas acomodações.

Larguei meu arco e a aljava em cima do sofá preto de quatro lugares que havia no meio da sala do nosso novo apartamento de cem metros quadrados. Era um lugar meio grande para duas pessoas. Ficava no quarto e último andar do melhor prédio da cidade, e eu me perguntava o porquê de tudo aquilo. Suíte de luxo no meio do apocalipse? Nunca pensei que um dia teríamos tanto conforto. Não sem o Chris. Mas até quando iria durar?

Tínhamos até mesmo uma televisão, ligada a um pequeno gerador, e uma estante de DVDs antigos. Full HD? O que era isso? Algum tipo arcaico de classificação para filmes? Eram coisas da época da última guerra, das quais só ouvíamos falar nas histórias dos mais velhos.

É claro que Jéssica foi direto para o quarto. Fazia tempo que não tínhamos uma boa cama, e eu tinha certeza de que essa seria a primeira coisa que ela iria querer ver.

Agradei e tranquei a porta depois de Henry ter saído, me encostando a ela enquanto olhava em volta.

A natureza havia realmente tomado conta do lugar. Trepadeiras invadiam o teto e algumas paredes, mas de um jeito bonito, que só acrescentava mais charme ao apartamento. O que eu estava esperando? Teto de gesso e piso intacto de porcelana? Não. Esse era o tipo de luxo com o qual nunca teríamos contato. O que valia a pena ali eram os eletrônicos que funcionavam, os eletrodomésticos e o espaço aberto.

— Lolli! Vem cá ver isso! — ouvi Jazz chamar de um dos cômodos.

Segui na direção de sua voz, atravessando um longo corredor de paredes cruas e portas, até achá-la dentro de um banheiro. Meu queixo caiu ao ver uma banheira, um vaso sanitário e uma pia intactos e limpos. Fazia mais de mês que não tínhamos aquilo.

— E esta é a melhor parte! — exclamou, passando por mim e entrando em um quarto bem em frente ao banheiro.

Escancarou a porta para que eu entrasse, mostrando uma estante enorme repleta de livros velhos. Um monte de bugigangas cuja função eu desconhecia estava misturado àquelas relíquias. Havia até um cubo cheio de quadrados coloridos. Pela forma como se articulava, acho que era um brinquedo, e a graça consistia em tentar organizar todos os quadradinhos por cor. Decidi guardar aquilo para mim. Era quase... mágico.

— Uma cama! — Ela continuava em êxtase e se jogou na velha cama de casal coberta por uma colcha. — Só para mim!

— Vai dormir por uma semana para comemorar, né? — brinquei.

— Não. Tenho um compromisso — respondeu, com o olhar malicioso de quem tinha algo a esconder.

— E posso saber que compromisso é esse?

— Você parece uma mãe — murmurou, revirando os olhos. — Bom... Digamos que um cara aí vai me ajudar com os meus poderes. — Como me mantive em silêncio, ela entendeu que eu precisava de mais explicações. Que história era aquela de “cara” e “compromisso” e “digamos”? — Na verdade, é o Sam. Aquele loiro com olhos de duas cores. Ele também controla o fogo e, como eu não tenho muita habilidade com isso, se propôs a me ajudar.

Cruzei os braços, encarando-a com meu melhor olhar de “mãe preocupada”. O que eu podia fazer? Apesar de ser só quatro ou cinco anos mais velha, eu me sentia completamente responsável pela Jéssica.

Não podia deixá-la fazer o que quisesse, na hora que quisesse e com quem quisesse. Precisava de pelo menos algumas informações antes disso.

— Ele foi criado pelo Evan, então deve ser de confiança — disse, como se fosse o melhor argumento do mundo.

Ri alto do fato de ela parecer acreditar naquilo mesmo. Evan e confiança não combinavam em nada. Dava para ver isso de longe, mesmo que eu o conhecesse havia menos de um dia.

Jéssica me fuzilou com o olhar. *Odiava* que rissem dela, mas era inevitável naquela situação. Falei, ainda tentando conter a gargalhada: — E você por acaso conheceu o Evan pra tirar uma conclusão dessas? — Ela balançou a cabeça e desviou o olhar, sabendo que um sermão viria a seguir. — Para sua informação, o Evan não é tudo isso. Duvido que ele tenha mesmo cuidado desse seu novo amigo da forma como ele deve ter contado. O cara só pensa em duas coisas, e nenhuma delas tem a ver com compaixão e superproteção. E, se por acaso esse tal Sam estiver falando a verdade, ele deve ser uma cópia perfeita do Evan, porque...

— Você não passou nem uma hora sozinha com ele e já está se sentindo estranhamente atraída pelo cara? — ela quis saber, me interrompendo em tom de desafio.

Abri a boca para falar, mas, quando notei a quantidade de armadilhas de duplo sentido que Jazz poderia encontrar em cada possibilidade de resposta, parei. Eu? Atraída por aquele idiota? Ha-ha. Só se fosse nos sonhos dele. E nos dela.

— O Evan tem um certo charme, sim — admiti. — Mas não o suficiente para me conquistar com meia dúzia de frases e um pouco de fumaça de cigarro. Ele foi gentil nos oferecendo um lugar seguro pra ficar, e sou grata a ele por isso, mas é só.

A garota me lançou um olhar que eu conhecia bem, deixando claro que não acreditava em mim, e tudo o que eu fiz foi bufar em resposta,

mostrando que não estava nem um pouco satisfeita com aquela conversa. Seu humor parecia bom demais. Isso era estranho vindo dela, mas, como Jéssica não aparentava estar muito a fim de falar sobre Sam, decidi não perguntar mais. Já tinha informações suficientes para saber qual cabeça arrancar se algo desse errado.

— Mas me conta: como foi lá com o tal Evan charmoso? — ela quis saber.

Precisei respirar fundo, ganhando tempo para reorganizar as ideias antes de começar a contar o que tinha acontecido.

SAMUEL

— Você não fez isso — falei, encarando um Evan atônito.

— Eu não... Sei lá. Eu só... fiz — respondeu, andando de um lado para o outro na minha frente.

Eu estava sentado no braço do sofá de couro negro, vendo-o andar rapidamente pela sala com o que devia ser o centésimo cigarro do dia na boca. Já havia lhe perguntado por que se dar o trabalho de fumar, já que seu corpo não absorvia nicotina, e ele nem sequer precisava respirar. A única resposta que ele me deu foi que puxar e soltar o ar era um hábito que ele nunca conseguira deixar para trás, e fumar apenas o tornava um pouco mais “complexo”.

— Você não pode tentar beijar a garota do nada! — reclamei. — Ela não lembra de você!

— Eu sei! Eu sei disso, mas... — Parou por um segundo, erguendo a cabeça e olhando para o lado de forma quase poética.

— Mas...?

Naquela situação, chegava a ser inacreditável que fosse eu o mais novo da dupla. Um singular de dezoito anos e um vampiro que contava,

na verdade, mais de quatro mil, mas gostava de dizer que tinha quinhentos, para parecer mais jovem (ou talvez para esconder seu passado). Um era razoavelmente experiente com garotas; o outro, um expert no assunto.

— Foi só uma vez — ele disse finalmente, tão depressa que precisei me inclinar um pouco para a frente a fim de me concentrar. — Estávamos entediados, alterados e irritados, e... Sei lá. Rolou uma tensão ali e a gente meio que... Ah, foda-se.

— Ah, sim. Foi *tensão* o que rolou — murmurei, sorrindo maliciosamente.

— Cala a boca, moleque — Evan rosnou, tentando conter o sorriso. — Tecnicamente, eu não menti para ela. Eu e essa Lollipop não temos nada de mais. Agora, eu e a Celena éramos inimigos que se davam muito bem quando estavam entediados e...

— E alterados e irritados — continuei.

— Isso.

Eu o encarei em silêncio por alguns segundos, sem saber se ria ou chorava. O fato de Celena não ter ideia de quem era Evan não mudava em nada a história dos dois. Principalmente para ele. Mas tentar beijar a garota foi demais. Foi...

— Não ouse continuar esse pensamento — Evan sibilou. — Você acha que eu não sei que passei dos limites? — Era ele quem estava invadindo a minha mente, e não eu quem estava... — Não era eu que estava gritando aqueles pensamentos para o mundo e blá-blá-blá... — ele continuou meus pensamentos em voz alta, com uma imitação péssima da minha voz. — Você está começando a ficar repetitivo.

— E você, tarado.

— Como se eu já não fosse — murmurou, o que me fez rir alto.

O vampiro colocou a pilha de cartas em cima de sua mesa de pôquer, apagando o cigarro no cinzeiro e assoprando a fumaça pelo nariz, como o dragão chinês pintado no quadro no canto da sala.

Eu sempre soube que havia mais naquela história entre ele e Celena do que tinha me contado, mas não fazia ideia de que os dois haviam realmente chegado às vias de fato. Uma vez. Não podemos deixar de citar esse significativo número: 1. Antes que ele me enchesse o saco com isso.

Era coisa demais para que eu entendesse com clareza. Não que eu tivesse algum tipo de atraso mental. É que Evan agia como se não se importasse com alguma coisa, e, um instante depois, essa mesma coisa se tornava muito relevante. Eu nunca o tinha visto assim, tão descontrolado e inquieto.

— Você pretende contar para ela? — perguntei, finalmente.

— Claro! É a primeira coisa que vou fazer, assim que sair daqui — respondeu, cheio de ironia. — Olá, Lollipop. Eu gostaria de esclarecer umas coisas aqui antes que a gente tenha a chance de nos conhecer de verdade e então acabar rolando um mal-entendido. Primeiro: esse seu nominho novo é ridículo. Quem quer ser chamado de pirulito por aí?! É extremamente pejorativo! Mas eu não posso deixar de dizer que, no seu caso, é bem sexy. — Ele falava tão rápido que era difícil de acompanhar. — Segundo: há uns cinquenta anos, depois de quase nos espancarmos até a morte, nós decidimos dar um tempo e nos conhecer melhor. Na cama. E você tentou me matar assim que acordou no dia seguinte, o que nos levou a mais um ano repleto de brigas, até você ser pega pelo Instituto. Mas isso não vem ao caso agora, não é mesmo?! Enfim... Agora que esclarecemos as coisas, que tal recomeçar do zero? Não houve guerra nem pegação, e agora você pode parar de me considerar um PSICOPATA LOUCO! — Voltou a olhar para mim, agora sério, e perguntou: — Que tal? Você acha que ela vai gostar? Me parece realmente uma boa forma de fazer amizade.

Tudo o que pude fazer foi balançar a cabeça em reprovação. Era incrível como, em uma situação desconfortável, a única coisa que o acalmava era fazer um monte de piadas imbecis e esgotar o seu estoque de sarcasmo.

— Não. Eu não vou contar para ela — concluiu. Ali estava o nosso Evan. Bem-vindo de volta. — Se houvesse um motivo para isso, talvez, mas nesse caso não há.

— E por que a aceitou aqui, então? Você disse o quê? Que estava se sentindo bondoso? — questionei.

— Não. Eu disse a verdade: que já superei tudo o que aconteceu e não vou deixá-la sozinha com uma menina à solta num mundo no qual ela não tem ideia de como sobreviver.

— Isso não se parece com a verdade.

— Eu não conheço essa garota — explicou. — É uma completa estranha para mim, e eu para ela. Não tem por que jogar nela a responsabilidade por algo que ela nem sabe que fez. Além disso, eu não me importo nem um pouco com ela. Foi passado, e ponto-final.

Quem era eu para questionar uma certeza daquela? Mas uma coisa eu não podia negar: Evan parecia realmente disposto a esquecê-la, e provavelmente conseguiria, se tentasse de verdade. A não ser que lá no fundo ele não quisesse fazer isso tanto quanto demonstrava.

— Não continua essa porra de raciocínio, ou eu juro que enfio um taco de beisebol no seu... — começou.

— Você leu porque quis, idiota — interrompi, me levantando do sofá e passando por ele. — Fique aí com os seus sentimentos reprimidos, fingindo que não está nem aí. Quem sabe uma hora você consegue se convencer.

A última coisa que vi antes de dar as costas para ele e entrar no elevador foi Evan revirando os olhos.

Agora era oficial. Eu podia finalmente dizer: Evan, com seus dois metros de altura e milênios de experiência de vida, estava, pela primeira vez na história, agindo como um garotinho.

A APOSTA



Não tínhamos saído do apartamento. Eu sabia que era exagero da minha parte ficar ali porque ainda não confiava nas pessoas, mas, se não vivesse num mundo em que se matava por qualquer coisa, poderia ser diferente. *Se* eu não vivesse. Mas eu vivia.

— Até amanhã, Lolli — disse Jazz, entrando em seu quarto e fechando a porta antes que eu tivesse a chance de responder. Ela estava ansiosa demais por uma boa noite de sono.

Sorri, andando de cabeça baixa em direção ao banheiro. Aproveitaria aquele momento de paz e solidão para mergulhar na banheira de madeira que havia lá. Pelo menos até me olhar no espelho, como sempre fazia, para analisar minhas costas depois de tirar a camiseta.

Uma das muitas lembranças do Instituto eram as cicatrizes em minhas costas, da nuca até a lombar. Não eram muito visíveis para quem olhava de relance, mas se você prestasse atenção era possível enxergá-las. Eram pequenas e circulares, de cada lado de todas as vértebras, com exceção de uma. Quarenta e seis marcas no total, que se moviam com a coluna, brilhando sob a luz por causa da textura diferente. Tinham um tom arroxeadado bem leve.

Se alguém me perguntasse, eu não saberia responder por que elas estavam ali, e esperava que não surgisse nenhum efeito colateral algum dia.

Me sentei dentro da banheira. Não havia espuma nem nada parecido. Era apenas a água quase fervente, cuja fumaça branca embaçava o espelho. Afundei a cabeça, ficando submersa por tanto tempo quanto meu fôlego permitia. Aquilo me ajudava a pensar.

Quando emergi, segurando as bordas da banheira com força, a primeira coisa que vi foi o cubo colorido que havia pegado no quarto de Jazz horas antes. Estava em cima da pia, onde eu o havia deixado. Quanto tempo eu tinha passado tentando resolvê-lo? E não tinha chegado nem perto...

Fiz o máximo de esforço possível para pegá-lo sem precisar sair da banheira e voltei a me recostar, segurando-o, concentrada, com as duas mãos.

— Como você funciona? — perguntei, baixinho. Eu sabia que não era exatamente com o cubo que estava falando, mas comigo mesma.

Olhar para ele me fazia lembrar do meu próprio poder. Eu sabia da sua existência e do seu objetivo. Aprender a controlá-lo era a parte difícil, e para isso eu precisava entender como funcionava, assim como precisava vencer aquele cubo colorido idiota.

Equilibrei-o na ponta dos dedos, milímetros acima da água, me mantendo o mais imóvel possível, até ela ficar tão parada que parecia um espelho.

Eu sabia arremessar coisas e pessoas e desviar o curso de objetos, mas nunca tinha tentado comandos mais sutis, como manter algo suspenso no ar ou simplesmente manipular objetos, sem ter a intenção de atacar ou me defender. Para falar a verdade, eu nem sabia se isso era possível.

Diminuí o número de dedos para dois. Eu conseguia senti-lo, e o ar que estava à sua volta. Com isso veio uma dor aguda quase imperceptível, que subia pela minha coluna, como se as vértebras fossem pressionadas com força uma contra a outra, a ponto de quase se esmagarem.

Um dedo. Agora era eu quem o mantinha equilibrado, me concentrando apenas na parte de baixo do cubo. Afundei a mão na água, deixando-o tocar a superfície, como se estivesse apoiado em vidro.

Quanto mais eu me esforçava para mantê-lo ali, mais a dor aumentava. Atirei o cubo para fora da banheira pouco antes de aquilo ficar insuportável.

Bufei, sentindo a dor se dissipar até sumir quase completamente, deixando para trás apenas um desconforto na lombar. Encostei a cabeça na toalha que havia colocado dobrada na borda da banheira, fechando os olhos. Será que algum dia eu conseguiria lidar com a dor até não notá-la mais, ou era ela quem acabaria me matando? Mais provável era que me enlouquecesse, assim como Evan quase havia feito antes de eu praticamente fugir dele.

O que havia dado na cabeça daquele idiota?! Eu nem o conhecia! E, pelo que ele me contou, não nos dávamos nada bem antes de eu ser pega. Por que ele tinha tentado me beijar? Em um momento ele estava dizendo algo sobre querer descobrir do que eu era capaz, e no outro estava quase em cima de mim! Completamente maluco. Psicopata. Idiota.

Só esperava não ter que encontrá-lo no dia seguinte. Eu precisava ter um pouco de paz.



Encolhida no sofá, eu abraçava os joelhos enquanto encarava o chão. Não sei quanto tempo havia se passado, mas o sol já estava nascendo. Quatro ou cinco horas. Eu não tinha ideia.

Até tentei me deitar no menor quarto do apartamento — eram três no total — e me encolher na cama de solteiro, cujo colchão era mais macio que qualquer um em que eu já tivesse deitado. Acho que esse era o problema: macio demais. Eu me sentia sufocada. Como se não fosse suficiente, não estava acostumada a estar em um lugar seguro. Não estava acostumada a dormir profundamente durante horas. Sempre ficava de vigília, sempre preocupada.

Três batidas na porta de madeira me fizeram pular. Foram tão fracas

que me pareceram quase hesitantes. Quem poderia ser àquela hora?

Me levantei tão silenciosamente quanto possível e peguei o arco de cima da mesa, carregando uma flecha enquanto me aproximava da porta. Era instinto me preparar para o combate ao menor sinal de movimento ou som estranho.

Abri a porta mesmo sem ouvir mais nenhuma batida. Talvez a pessoa tivesse ido embora, mas ainda assim era melhor verificar.

Ergui o arco ao escancará-la, apontando para a cabeça de quem quer que fosse, os dedos formigando para soltar a corda. Meu coração descompassou ao ver quem era. Larguei a arma na mesma hora, soltando a corda e fazendo a flecha e o arco se espatifarem no chão.

— Evan! — exclamei.

Lá estava ele, o líder do lugar onde estávamos, cuja imagem havia passeado pela minha mente durante horas naquela noite, me fazendo perguntar a mim mesma sobre meu passado e meu futuro.

Ele sorriu. Usava óculos escuros, com aros prateados e lentes tão negras que eu não via nem mesmo a sombra de seus olhos verdes atrás delas. Usava camisa jeans escura, camiseta branca por baixo, calça preta e coturnos surrados.

Acho que era a pessoa mais estilosa que eu já tinha conhecido, o que não fazia muito sentido, já que vivíamos em um mundo pós-apocalíptico.

E eu, o que estava vestindo? Uma camisa branca velha enorme e um short preto de moletom curto e justo.

— O que você...? — comecei, mas, antes que eu pudesse continuar, ele entrou no apartamento, parando no meio da sala.

— Achei que você iria gostar de conhecer o lugar — interrompeu. — Já que ontem não tivemos a chance.

— Bom... É compreensível, já que...

— Vá se trocar — pediu. — Não que eu não goste desse shortinho sexy. Só não acho adequado usá-lo do lado de fora.

O desgraçado sabia que eu ia falar sobre sua tentativa frustrada de me beijar na noite anterior. Mas eu não podia fugir daquilo. Em algum momento teríamos que conversar sobre o que acontecera.

Evan fez questão de fugir antes que eu tivesse a chance de responder, me deixando sozinha na sala, atônita. Mas que... atrevido! Achava que podia chegar e me carregar com ele para qualquer lugar? Bufei. Se eu não me apressasse, ele voltaria. Então...

Fui até o quarto e peguei em uma das minhas mochilas uma calça jeans surrada, uma camiseta qualquer e um moletom preto com zíper na frente e capuz, uma águia branca desenhada e um bolso enorme na altura da barriga. Ele pertencera a Chris, que tinha me dado a peça na primeira noite de inverno que passamos juntos. A blusa ficava gigante em mim, mas era tudo o que eu tinha. Minha última lembrança dele.

Depois, fui até o quarto de Jazz avisá-la de que iria sair e não tinha hora para voltar. A garota se limitou a cobrir a cabeça com o edredom, o que me fez rir. Não podia culpá-la. Eram cinco horas da manhã.

— Pronto. O que você quer? — perguntei a Evan, depois de fechar a porta do apartamento atrás de mim.

O vampiro sorriu, fazendo um gesto com a cabeça para que eu o seguisse e dando as costas para mim. Precisei me apressar para alcançá-lo. Suas pernas eram muito longas. Eu me perguntava como conseguia não tropeçar nelas.

— Ei! — falei, segurando seu braço e o fazendo parar de andar. — Eu te fiz uma pergunta!

— Eu já disse. Achei que você fosse gostar de conhecer o lugar. E não tem ninguém melhor que eu para servir de guia.

Algo me dizia que o motivo de ele usar óculos escuros não era apenas o fato de o sol estar nascendo e os raios apontarem para o lugar aonde estávamos indo, mas também para se esconder. Para que eu não conseguisse ver se estava dizendo a verdade ou mentindo para mim.

Seguindo Evan pela rua, me lembrei da forma como sua espécie fora retratada nas antigas histórias, sobre pegar fogo quando expostos à luz do sol. Isso não é verdade. Apesar das muitas semelhanças entre os vampiros reais e os imaginários, tais como velocidade, força, imortalidade e a sede de sangue humano, os vampiros de verdade eram mais parecidos com os mortos-vivos. Eu o encarei em silêncio por alguns segundos. A luz avermelhada do amanhecer tingia seu cabelo com um castanho ainda mais claro, e a pele com um tom de pêssego maravilhoso. Parecia alguns centímetros mais alto com aqueles coturnos, e eu chegava até seu peito, com meu modesto um metro e sessenta e cinco de altura. Engoli em seco. Havia algo ali, na forma como se inclinava na minha direção sempre que eu me dirigia a ele e no jeito como se movia, que só me permitia pensar em quanto ele era bonito.

Era como se uma força estranha me atraísse para ele. Uma força que apertava meu coração e dava a impressão de que havia centenas de borboletas no meu estômago. Eu sabia que o motivo para isso devia ser a lembrança de algum sentimento que havia restado, mesmo depois de eu ter perdido a memória, mesmo depois de cinquenta anos. O único problema era que esse sentimento não se parecia nem um pouco com o ódio mortal que ele dizia que sentíamos um pelo outro.

Quer saber? Não devia ser nada. Há uma linha muito tênue entre atração e ódio, e eu devia estar me confundindo um pouco.

— Por que você está fazendo isso? — perguntei. — São cinco da manhã.

— Eu ouvi você pensando — admitiu. — Então soube que estava acordada.

— E como você ouviu meus pensamentos de tão longe? — Levantei uma sobrancelha. — A sua casa fica há mais de quinhentos metros.

— Você pensa alto demais. — Eu soube no mesmo momento que era mentira, mas me limitei a assentir com a cabeça. — Agora... será que você pode me deixar fazer a boa ação do dia e te mostrar onde é que ficam as coisas de que talvez vocês possam precisar?

— Tudo bem — murmurei, soltando seu braço. Só nesse momento, por sinal, notei que ainda o estava segurando.

Caminhamos em silêncio por algumas ruas, até chegarmos a uma escola abandonada e pararmos na frente dela.

As paredes eram de tijolos, e uma placa quase ilegível de tão apagada dizia que se tratava de um internato. Um internato religioso bem caído. Havia até mesmo plantas saindo pelas janelas, como se uma floresta tivesse crescido lá dentro. Evan explicou: — Nesta área as tempestades costumavam ser comuns, e, como o lugar já era bem velho, o teto acabou caindo, e a madeira do lado de dentro apodreceu. Não conseguimos reaproveitar a estrutura, mas usamos o lado de dentro como uma espécie de estufa, de onde tiramos nossos alimentos. Ou os de quase todo mundo.

— E o seu alimento? De onde vem? — perguntei.

Evan precisava de sangue, como todo vampiro. Humano, de preferência. Só que eu duvidava de que ele perdesse tempo caçando pessoas de seu próprio clã. A questão era: De onde o tirava, então?

— Eu tenho as minhas próprias fontes, garotinha — respondeu, ainda com o olhar grudado na tal estufa.

— Eu não sou uma garotinha. Você sabe muito bem disso — rosnei e só nesse momento consegui chamar sua atenção.

Evan analisou meu rosto por alguns segundos, como se minha fala o tivesse feito lembrar de algo. Se eu pudesse ler sua mente, sabia que veria uma torrente de lembranças sobre mim que provocavam nele sentimentos que para mim ainda eram um mistério.

— Sim. Eu sei. Mas você parece uma quando me olha desse jeito.

— Que jeito?

— Como se quisesse me provar que pode ser durona. — Fez uma pausa. — Podemos continuar?

— Claro... — sussurrei, depois que ele me deu as costas. Ele com certeza me ouviu. Os vampiros têm uma audição afiadíssima.

Enquanto continuávamos nosso tour, sem outras interrupções da minha parte, não pude deixar de me perguntar por que ele parecia tão distante. Quer dizer... eu o havia conhecido no dia anterior, mas naquele momento ele me pareceu muito mais interessado. Agora só ficava andando e falando de estruturas e mecanismos, como se estivesse sozinho.

— E como foi que você teve a ideia de criar isto aqui? — indaguei depois de um tempo, tentando puxar assunto.

— Foi há mais ou menos oitenta anos — contou. — Quando eu vi que a situação do mundo não poderia piorar ainda mais e que nós precisávamos recomeçar em vez de continuar vivendo na merda. — Diminuiu a velocidade dos passos pela primeira vez, parecendo finalmente interessado no que estava dizendo. — Eu já tinha alguns contatos. Afinal de contas estou neste mundo há mais tempo do que muitos vampiros. Só precisei juntá-los num grupo e dar ordens. — Ele caminhava com a cabeça baixa e as mãos nos bolsos da calça. — Com o tempo, viajando por aí, nós encontramos alguns depósitos e contêineres perdidos, interceptados por Eles antes de chegarem à população...

— Eles?

— Como assim, você não sabe quem Eles são? — Parou de andar, abaixando os óculos até a ponta do nariz, para me encarar com seus olhos verde-claros hipnotizantes. — Realmente não tem ideia? Quer dizer... Eles não são uma quadrilha que sai roubando coisas por aí. São, tipo... o pior clã de todos os tempos, que prega o fim da humanidade e a dominação do mundo pelos metacromos. Eles matam, esfaqueiam e acabam com qualquer um que não seja como nós. Têm tecnologia de ponta a seu favor. E, de acordo com o que eu sei, trabalham para o Instituto com o objetivo de capturar os singulares mais talentosos e descobrir uma vacina que poderia transformar todas as pessoas em seres com habilidades sobrenaturais. É impossível que não tenham falado para você sobre Eles. Até porque foi esse clã que te capturou.

Não. Chris não tinha me falado sobre isso. Ele contara sobre um grupo que trabalhava para o Instituto fazendo exatamente o que o vampiro disse que faziam, mas nunca chegou a dar um nome. Se Evan estivesse contando a verdade, foram Eles que acabaram com a minha vida. Eu tinha o direito de saber. Tinha o direito de...

— De lutar? De tentar acabar com a raça deles? — o vampiro perguntou. Ele estava lendo a minha mente? — Não. Eu não estou. Quer dizer... agora eu li, mas... estava estampado na sua cara quanto, por um segundo, você quis ter o sangue dessa gente nas mãos.

— E por que isso seria da sua conta? — questionei, cruzando os braços. — Não tem nada a ver com você.

— Mas é claro que tem! — disse. — Eu fui o primeiro a ser capturado por eles. Eu fui torturado no Instituto, usado como cobaia, até descobrir uma forma de fugir de lá. Além disso, você acha que eu não sinto falta dos anos que nós passamos brigando? A minha vida ficou monótona quando você foi embora.

— Estou começando a achar que, em vez de me odiar, você estava apaixonado por mim — brinquei.

— Acho que você não entendeu — sussurrou, se aproximando um pouco. O tom de ameaça era quase imperceptível, como se não tivesse gostado nadinha do meu comentário. — Eu gostava de *socar a sua cara*.

Não pude deixar de rir da sua resposta, ao contrário dele. Evan se manteve sério, visivelmente surpreso por eu ter achado graça naquilo.

— Duvido que conseguisse encostar um dedo em mim, *bad boy*. Você não teria coragem.

— Quer tirar a prova? — perguntou, se inclinando ainda mais na minha direção, com um sorriso irresistível.

— Você não teria chance.

— É o que você pensa.

Mordi o lábio, encarando-o com certa hesitação. Aquilo com certeza não acabaria bem, porque eu estava com muita vontade de dar um soco no meio da cara dele.

— Até porque — ele continuou — esse dedo que você diz que eu não teria coragem de encostar em você já passou pelo seu rostinho lindo várias e várias e várias...

Evan foi jogado para trás antes de terminar de falar. Era briga que ele queria? Pois era o que iria ter.

PRA VALER

JÉSSICA

Acordei com batidas fortes na porta do apartamento e o barulho alto de algo grande se quebrando do lado de fora. Me levantei com um salto. O que estava acontecendo? O mundo parecia estar sendo destruído na rua!

Vesti uma jaqueta por cima da regata e um short jeans qualquer enquanto praticamente corria para fora, gritando o nome de Lolli. Ela não estava lá. Não havia voltado ainda.

Quando abri a porta, dei de cara com Sam. Franzi as sobrancelhas. Mas o que...

— Eu não sei como nem por que, mas você precisa me ajudar — ele falou, atropeladamente.

— O que você...

O garoto foi pegando minha mão e me puxando andares abaixo até chegarmos ao térreo, sem dizer mais nada. De lá, fui levada até a rua. Meu queixo caiu.

Lolli e um cara superalto estavam lá. Ela, com o nariz sangrando e um corte enorme em um dos braços; ele, intacto, mas visivelmente cansado e todo sujo de terra. Alguns postes de luz da rua haviam caído, e as paredes de quatro ou cinco casas tinham sido derrubadas.

Um grupo até que grande de pessoas, considerando as que viviam naquele lugar, havia se formado ao redor dos dois. Metade gritava palavras de incentivo, e o restante parecia preocupado, tentando encontrar um jeito de interromper a briga.

— O QUE VOCÊ DISSE, SEU IMBECIL?! — eu a ouvi berrar.

— Eu disse que... — começou o cara, mas, antes de ter a chance de terminar, ela o jogou no chão usando a telecinese e saltou em cima dele como um animal raivoso.

Corri até os dois, me livrando do aperto de Sam em meu braço, e empurrei várias pessoas para abrir caminho até chegar ao meio da roda. Peguei Lolli, puxando-a pelos pulsos. Ela se debateu, mandando que eu a soltasse, mas não o fiz.

— O que vocês estão fazendo?! — perguntei, tentando gritar mais alto que ela.

O cara se apoiou no chão sobre os cotovelos, encarando nós duas enquanto eu a afastava dele.

— Ele... Ele... Ele me chamou de louca! — ela grunhiu, ainda tentando se livrar de mim.

Ah... louca. Se alguém quisesse ver Lollipop perder o controle, era assim que deveria chamá-la. Sam foi até o cara, vendo-o se levantar sozinho com um olhar de reprovação.

Coloquei Lollipop de pé e a segurei pelos ombros para que olhasse para mim.

— Você não pode arrumar briga no nosso segundo dia aqui! O que o líder deles vai pensar?

— O líder deles é o idiota ali atrás — ela respondeu, apontando para o cara que antes estava engalfinhado com ela. Ah... ele... o Evan. — E foi ele que começou! Falou que gostava de socar a minha cara e não sei o quê. Eu só revidei!

— Ele disse o quê?! — Agora quem estava irritada era eu.

O sujeito teve coragem de dizer isso na cara dela?! Pois então merecia apanhar mesmo! Que desgraçado!

Eu a soltei, e ela se virou na direção dos dois. Sam segurava o braço de Evan com força e o estava praticamente arrastando na nossa direção. Apesar de toda a raiva que sentia, eu tinha de admitir que o tal Evan era bem bonito mesmo. Mas não vinha ao caso naquele momento.

— Peça desculpas — ordenou Sam, largando o braço do vampiro e o colocando à nossa frente.

— Eu não vou pedir desculpas porra nenhuma — Evan murmurou.

— *Agora* — Sam reforçou.

Precisei segurar o riso ao ver o vampiro mostrando o dedo do meio para Sam, que não se abalou e continuou a enfrentá-lo com o olhar de um pai severo. Pensei que tinha sido Evan a criá-lo, mas naquela situação dava para ver quem era o mais responsável entre os dois.

Lolli nem olhava para o vampiro. Só passava a mão por baixo do nariz para limpar o sangue. Eu sabia que ela não queria desculpas. Queria era voltar a bater nele com todas as forças que ainda lhe restavam. E eu tinha de admitir que, se pudesse, iria ajudá-la.

— Eu não vou pedir desculpas. Ela disse que eu bato como uma garotinha — Evan retrucou.

— Quem começou? — Sam quis saber.

— Eu, mas... — o vampiro respondeu.

— Quem a chamou de louca? — o garoto interrompeu.

— Eu, mas...

— Quem é o mais forte aqui?

— Eu! — o vampiro e Lolli gritaram ao mesmo tempo.

Ambos se fuzilaram com o olhar, como se pudessem transformar um ao outro em pó se se concentrassem bastante.

— Eu quis dizer na prática — Sam explicou.

— Eu — Evan reconheceu, revirando os olhos.

— Então peça desculpas — o garoto ordenou.

— Ah, foda-se — o vampiro murmurou antes de dar as costas para nós três e sair andando em direção ao fim da rua.

Ficamos nos encarando por alguns segundos, imaginando qual seria a coisa certa a dizer a seguir, mas a situação era tão estranha que não tínhamos ideia de como agir.

Sam passou os dedos pelo cabelo loiro, jogando-o para trás e deixando mais visíveis os olhos de duas cores. Naquela situação bizarra, ele quase parecia ser o pai do vampiro, e não o contrário. Evan estava agindo como uma criança. Bufou, parecendo bem descontente com o resultado obtido. Virou-se para Lolli: — Desculpe por tudo isso. Ele é um cara legal, só é meio difícil às vezes.

— Meio difícil?! — ela replicou.

— Bem difícil — Sam corrigiu, o que me fez sorrir. — O Evan não está lidando muito bem com a situação ainda e precisa de um tempo para se acostumar. Mas tenha certeza de que eu vou ter uma conversa séria com ele, e ele ainda vai pedir desculpas. Para vocês duas — complementou, agora me encarando.

— Por que ele pediria desculpas para mim? — perguntei, levantando as sobrancelhas. — Não foi a melhor primeira impressão, e confesso que não estou gostando muito dele no momento, mas... não fui eu que apanhei dele.

— Eu não apanhei! — Lolli reclamou. — Só que ele pode se regenerar, e eu não! Mas fui eu que...

— Ok, ok, ok — interrompi, dando batidinhas de leve em seu ombro. — Nós entendemos.

Uma coisa que nem eu, nem ela, nem ninguém poderia negar era o tamanho do orgulho de Lollipop. Ela nunca admitiria se perdesse uma

briga, e muito menos diria que apanhou de alguém.

— Acho melhor eu deixar vocês duas sozinhas — Sam falou. — Espero ver vocês mais tarde, na hora do almoço. Quem sabe até lá eu consiga convencer o Evan a pedir desculpas.

Assenti, retribuindo o sorriso que ele tinha aberto para mim, antes de passar um braço ao redor de Lolli e a guiar de volta para o nosso apartamento.

— O que estão olhando?! Voltem para as suas tarefas! — ouvi o garoto gritar para a multidão, que continuava lá.

Fomos até o apartamento em silêncio, e só depois de fechar a porta atrás de mim me permiti perguntar: — Mas que merda foi aquela, Lollipop?

— Ele me provocou.

— Vocês não precisavam ter chegado a ponto de brigar daquele jeito, e você sabe disso — censurei.

— EU SEEEI! — ela gritou, se demorando na letra “E”. Bufou, chutando a quina da mesa e depois xingando por causa da dor. — É que... tem alguma coisa nele que me deixa louca! Eu não sei se fico com raiva ou se... Droga! — Começou a andar de um lado para o outro na sala.

Fiquei observando, sorrindo um pouco. Eu sabia exatamente qual era o problema, mas achava que seria mais legal vê-la descobrir por conta própria.

— Eu realmente não sei o que aconteceu entre a gente, mas sei que foi forte o suficiente para restar um pouquinho do sentimento que havia. E esse pouquinho, quando eu estou com ele, é equivalente a uma bomba atômica — admitiu. — Quando ele fala alguma coisa idiota, eu fico com tanta raiva que tenho vontade de arrancar a cabeça dele. Mas, no resto do tempo, consigo pensar se algum dia, num momento de insanidade, ele vai me beijar.

— Você sabe que isso é loucura, não sabe? — questionei, e ela assentiu com a cabeça, desabando em cima do sofá logo depois, com as mãos no rosto. — Você só o conhece há um dia!

— Um dia bem intenso — murmurou.

Fui até ela, me sentando ao seu lado. E só quando vi seus ombros tremendo eu soube que estava chorando, e soube que não tinha a ver só com Evan, mas com tudo o que estava acontecendo. Se eu fosse chutar, diria que não via Lolli chorando fazia mais de um ano.

— É que... — Ela soluçou. — Eu estou cansada de não saber o que está acontecendo. De não saber a verdade sobre a minha própria vida. E agora está tudo nas minhas costas. Nós não temos mais o Chris para cuidar da gente, e em menos de um mês fomos pegos. E foi culpa minha, porque, apesar de pensar que estava pronta para lidar com isso, eu não estou.

Passei a mão em suas costas. Tudo o que eu podia fazer naquela situação era deixá-la falar, porque o maior problema era o fato de ela ter segurado aquilo por muito tempo. E agora precisava extravasar.

— É muito confuso. Tanto faz o que me contarem sobre o meu passado. Eu sempre vou acreditar, porque não tenho ideia do que aconteceu, e isso me faz sentir vulnerável.

— Mas o que importa não é o que aconteceu. Não é o passado. É o presente — tentei confortá-la.

— Não, não é — respondeu. — Não com ele. Porque tudo o que ele diz para mim, e o jeito como me olha, tem a ver com o que aconteceu. E eu sei que foi alguma coisa importante, mas só me faz lembrar que não tenho ideia de metade das situações que aconteceram na minha vida.

Suspirei. Eu realmente não sabia o que dizer. Não entendia o que estava sentindo e temia que qualquer comentário pudesse piorar ainda mais o clima.

Como eu queria que Chris estivesse ali... Ele saberia o que dizer. Sempre sabia. Eu tinha de admitir que, por um tempo, quis que os dois ficassem juntos. Ok, ele era seis anos mais velho que ela, de acordo com a idade que disse que tinha, e era como um pai para mim, e talvez nunca desse certo. Eu sabia de tudo isso, mas a forma como Chris olhava para ela era completamente diferente do jeito que olhava para mim. Chris sabia exatamente o que Lolli sentia e quando sentia. Acima de tudo, sempre dizia a coisa certa.

Era ele quem conseguia consolá-la nas horas difíceis.

— Está pensando nele, não está? — Lolli perguntou, secando as lágrimas e desviando o olhar para mim. Assenti com a cabeça, e ela sorriu tristemente.

— Eu sinto falta dele — admiti. — Mas não tanto quanto você deve sentir.

— Como assim?

— Eu via o jeito como vocês se olhavam. E admito que achava bem bonitinho.

— Nós não... — começou, mas algo brilhou em seus olhos, e ela baixou a cabeça. — Ele me beijou. Antes de a gente ir embora.

Meu queixo caiu. Por que ela não me contou antes? Eles tinham se beijado! Por que eu sempre tinha que ser a última a saber das coisas? Hã?

— Mas como assim? Ele te beijou de verdade? Tipo... de verdade mesmo?! Com direito a...

— É. É isso aí — ela interrompeu, antes que eu comesse a entrar em detalhes.

— AI, CARAMBA, LOLLI! — gritei, pulando do sofá.

Eles tinham se beijado! Então eu não estava errada! Chris realmente gostava dela, e ele... ele... ele tinha... morrido. Murchei na mesma hora, parando para encará-la com certo pesar.

— E você gostava dele? — perguntei, porque achei que era o que mais importava no momento.

— Não sei. Não tive tempo para pensar nisso. — Ela deu de ombros.

— Mas você retribuiu. — Não foi uma pergunta.

Lolli suspirou, baixando a cabeça mais uma vez. Não era uma lembrança boa para ela. Imaginei quão difícil tinha sido... Agora tudo havia passado, e, se os dois podiam ter algum futuro, a chance tinha sido levada com Chris para onde quer que nossa alma fosse depois da morte.

— E agora vem esse tal de Evan e bagunça tudo na minha cabeça — ela resmungou. — Eu não sei mais o que fazer.

Fiquei em silêncio por alguns segundos, esperando uma boa resposta surgir na minha cabeça. Afinal era disso que ela precisava, não é mesmo? Um norte. Algo em que pensar, pelo menos por enquanto. Então um clarão iluminou minha mente, e a resposta mais genial de todas saiu da minha boca: — Que tal a gente pensar, antes de tudo, no que vamos comer no café da manhã? Me parece um bom próximo passo.

Lollipop riu, assentindo.

O que eu podia fazer?

Eu sempre tinha as melhores ideias.

FOGO AZUL



Já fazia um mês que havíamos chegado, e as coisas não tinham mudado muito.

Lollipop nem olhava para Evan, e ele se contentava em observá-la discretamente, com um sorriso cheio de intenções — o que me irritava um pouco. Até parecia que ela era a namorada dele e saía por aí desfilando com roupas curtas e decotadas. Chegava a ser engraçado. Ele parecia mais interessado em olhar para Lolli, com seus jeans e moletons, do que para Jullie, sua namorada, com suas saias mínimas e vestidos justos.

Eu assistia a tudo de longe, trocando algumas palavras com Sam ocasionalmente. Ele me entendia. Sabia como era não ter controle total de seu poder. O que me restava era esperar pacientemente até termos intimidade. Eu queria cobrar aquelas aulas que ele havia me prometido.

— Boa noite, garotas. — Sam se aproximou de nós na mesa do refeitório.

Geralmente era o único que falava com a gente, já que os demais se mantinham afastados por causa da reputação de cabeça quente de Lolli.

Ele se sentou à minha frente, entusiasmado por algum motivo misterioso.

— Oi, Sam — Lolli cumprimentou, com um sorriso gentil, enquanto eu me limitei a um aceno de cabeça.

Ela tinha um ar de exaustão, pois não dormia direito desde o dia em que chegáramos ali. Parecia ter medo de alguma coisa. Eu sabia que ela

se culpava por termos sido pegas, apesar da nossa sorte de ter sido um “sequestro pacífico”.

— Eu tenho uma proposta pra vocês — o garoto anunciou, e eu o encarei com um olhar surpreso. — Hoje, mais cedo, eu estava conversando com o Evan sobre a falta de educação dele naquele dia e...

— Faz um mês, Sam. Você ainda insiste nisso? — perguntei, o que o fez sorrir para mim.

Ele colocou a mão por cima da minha na mesa, segurando-a enquanto abria a boca para dizer alguma coisa, mas, como meu rosto ficou vermelho na mesma hora, soltou-a rapidamente. Eu não estava acostumada com aproximações desse tipo. Pelo canto do olho, vi Lollipop sorrir, achando graça da minha timidez.

— Claro que sim — continuou, depois de pigarrear, visivelmente constrangido, passando o olhar para minha amiga. — Enfim... Ele finalmente admitiu que você é boa de briga e disse que seria de grande utilidade se você entrasse para o grupo dos Guerrilheiros.

— Grupo dos Guerrilheiros? — eu quis saber.

— Sim. Eles são os responsáveis por proteger o clã e por sair atrás de contêineres — respondeu.

— E por ir atrás dos “Eles” — Lolli acrescentou.

— Eles? — perguntei.

— Os caras do mal — ela explicou. — Eles trabalham no Instituto, e provavelmente são os mesmos que foram atrás da gente na academia.

Nós nos entreolhamos. Evan queria mesmo que ela fizesse parte do grupo de proteção do clã? Justo Lolli? E se ela morresse? O que iria acontecer?! Não. Era muito perigoso e... Eu não era a mãe dela.

— O que eu teria que fazer? — ela se interessou.

— Só se apresentar hoje à meia-noite aqui no refeitório. A partir daí, nós vamos te dar as instruções.

— Você não pode... — comecei.

— Se é para ser útil de alguma forma, então é isso o que eu devo fazer — Lolli interrompeu.

Suspirei. Lollipop tinha razão. E seria uma ótima forma de fazê-la se distrair. Estava tão distante nos últimos dias que talvez, se concentrasse sua atenção em alguma coisa diferente, conseguisse voltar a si.

Ela se levantou, murmurando algo sobre precisar se arrumar, e foi em direção à saída do refeitório. Olhei para seu prato. Metade da comida continuava ali.

— Foi demais pra ela, não foi? — Sam perguntou, observando Lolli enquanto a porta se fechava atrás dela.

— O Evan é demais pra ela — corrigi. — O simples fato de ele ser a única pessoa que sabe quem ela era antes de tudo isso é demais. E o fato de o seu amigo não ter sido muito gentil a faz se sentir ainda pior.

— Você não gosta dele — ele diagnosticou, o que me fez sorrir.

Assenti. Não era muito fã mesmo. Só isso. A primeira impressão é sempre a que fica, e, na primeira vez em que o vi, ele estava brigando com a minha melhor e única amiga. Minha aversão a ele era muito bem justificada.

— Mas vamos falar de nós — continuou.

— Nós? — questionei, surpresa.

— Sim. Ainda estou te devendo aquelas aulas, não estou?

Mordi o lábio, encarando-o com certo fascínio. Ele lia pensamentos? Eu o observei enquanto se levantava, dando uma piscadela para mim antes de dizer, da forma mais casual do mundo: — Você vem ou não, pouca sombra?

O quê? Ele tinha me chamado de pouca sombra?! Estava caçoando da minha altura?! Ah... aquele idiota ia se ver comigo.

— Vou sim, husky.

Sam estreitou os olhos na minha direção. Eu me levantei e fui atrás dele, em direção à saída. Quem começou foi ele... Mas meu único objeto de gozação era o fato de os seus olhos terem cores diferentes. Isso não ajudava nem um pouco no meu repertório de apelidos.

Eu o segui em silêncio para fora e nós fomos até o fim da rua, onde havia um prédio que um dia fora uma escola, rodeado por um muro alto. Andamos ao redor da construção até encontrar um buraco no muro para poder entrar e logo demos de cara com um ginásio com telhado de zinco, arquibancada e uma pequena quadra de basquete — um jogo muito famoso de antes das grandes guerras. O espaço era aberto nas laterais.

Sam correu até um canto da quadra, apertando um botão numa caixa de força, e algumas luzes se acenderam. Olhei para cima, vendo as lâmpadas chinesas penduradas no teto. Algo me dizia que era a melhor improvisação que tinham conseguido fazer.

— Pronta? — perguntou e, quando voltei a olhar, ele estava mais próximo do que eu esperava, a menos de um metro de distância.

Baixei o olhar enquanto o via se aproximar mais ainda, pegando uma das minhas mãos e a colocando entre nós dois.

— O que você sabe fazer? — ele perguntou.

Abri os dedos, virando a palma da mão para cima e a fazendo pegar fogo. Fogo amarelo cintilante.

Mesmo sem o encarar, eu sabia que Sam estava sorrindo também. Ele colocou a outra mão por cima da minha, e o fogo passou pelos seus dedos, como se não fosse nada. Poucos segundos depois, suas duas

mãos começaram a emanar uma chama azul majestosa. Parecia quase mágico.

Eu podia sentir o calor, diferente de quando vinha de mim mesma. A ponta dos meus dedos formigava por causa do contato. Algo que eu nunca tinha tido a chance de sentir antes.

— É quase inacreditável — disse ele, em tom de sussurro.

Eu sabia do que Sam estava falando. Não era tão comum encontrar alguém com o mesmo poder que você, ainda mais num mundo tão pouco povoado como o nosso.

Ele entrelaçou os dedos aos meus, o que fez meu coração acelerar, e não pude deixar de sorrir quando vi o fogo que saía das nossas mãos se misturar e ficar verde. Subi o olhar até seu rosto, tão próximo que eu sentia sua respiração, descobrindo que ele já me observava. Era tão... lindo. O fogo. O fogo, claro.

Me afastei, apagando o fogo, enfiando as mãos nos bolsos do moletom cinza-claro que usava e desviando o olhar.

— Você vai me ensinar alguma coisa de útil ou não? — soltei, de repente me sentindo irritada.

— Claro, claro! — respondeu. — Você... você só consegue fazer fogo pelas mãos?

— Por onde mais você queria que eu fizesse? — questionei, juntando um pouco as sobrancelhas. Talvez nervosa com o fato de ter permitido que Sam se aproximasse tanto assim.

— Pelo corpo todo, talvez — ele retrucou.

— Isso é... possível?

Ele assentiu com a cabeça, sorrindo como se eu fosse a pessoa mais ingênua do mundo.

— Acho que nós vamos ter muito trabalho daqui pra frente —
murmurou para si mesmo, antes de voltar a se aproximar.

GUERRILHEIROS



Faltavam dez minutos para a meia-noite, e eu estava enrolando esparadrapos nas juntas dos dedos, sentada em cima de uma das mesas do refeitório, esperando que o tempo passasse mais rápido e alguém decidisse aparecer.

As portas se abriram, e de trás delas surgiu Evan. Seguido de umas trinta pessoas. Ótimo. Eu teria que aguentá-lo até mesmo ali?! Pensei que o tal grupo seria uma forma de me distrair, não de passar mais tempo com aquele vampiro idiota.

— Então essa é a famosa Ce... — o homem ao lado de Evan começou a falar. — Lollipop.

Eu o analisei dos pés à cabeça enquanto os dois paravam à minha frente. Era um cara de uns quarenta anos, um pouco mais alto que eu. A cabeça era raspada, e os olhos, castanhos. A pele clara do rosto era cheia de pequenas cicatrizes, e os traços eram fortes. Vestia um sobretudo preto e calça social.

Todos usavam roupas escuras, o que ajudaria a camuflar durante a noite.

— Eu sou o Dean, e esta é a Yone — explicou, apontando para uma mulher que parecia ter a mesma idade dele. O cabelo ruivo-escuro estava preso em tranças, e os olhos pretos tinham uma expressão severa. — Nós lideramos as missões.

Assenti, apertando a mão estendida na minha direção, logo depois de me levantar da mesa. Fiz o possível para nem ameaçar olhar para Evan, que eu sentia que me encarava com atenção.

— É um prazer ter você na equipe — Yone disse, com um sorriso quase imperceptível. — Agora... — Ela se virou para os outros, que nos encaravam, e anunciou: — Nós conseguimos descobrir onde o próximo contêiner vai pousar. Perto do centro da Área 6. Acho que vocês sabem o que isso quer dizer.

— O que isso quer dizer? — perguntei.

— Que vamos ter que enfrentar uma multidão pra conseguir chegar até ele — Dean respondeu. — E que vai ser uma briga boa.

Engoli em seco. Já queriam pegar pesado assim no meu primeiro dia?

Eu os segui para o lado de fora, ignorando os olhares dos outros membros do grupo e deixando Evan para trás. Fomos em silêncio até a borda da floresta, onde Dean e Yone tomaram a frente para fazer um anúncio.

— Nós temos duas horas pra chegar lá, e mais uma pra estar no centro antes da chegada do contêiner — a mulher disse.

— Vai ser uma noite longa, crianças. Espero que vocês tenham dormido bem — o segundo líder do grupo comentou, o que fez metade de nós rir.

Bom... Com certeza, não era o meu caso.



Já estávamos andando havia uma hora e meia, e metade desse tempo eu tinha passado de cabeça baixa. Não conhecia ninguém, e nenhum membro do grupo teve interesse em se aproximar, então o que me restava era tentar manter a mente ocupada.

— Você não me odeia — Evan falou de repente, parando a meu lado. Havíamos ganhado certa distância do grupo.

— Como você pode ter tanta certeza disso? — perguntei. Aquilo era jeito de iniciar uma conversa?

— Ninguém me odeia — respondeu, dando de ombros.

— Que adorável — sussurrei.

Ele sorriu, e pude ver, pelo canto do olho, que estava olhando para mim. Eu só queria saber o motivo de ele estar falando comigo. Era para não suportarmos mais ficar um ao lado do outro, certo?

— Olha... — Evan segurou meu braço, me fazendo parar. Mantive o olhar grudado no grupo, que se afastava como se não tivesse notado nossa ausência. — Você é insuportável — disse. — É chata, arrogante, antipática e muito, muito orgulhosa. E esses defeitos são quase inaceitáveis pra mim. — Fez uma pausa, e eu o encarei, irritada.

— Você veio puxar conversa pra ficar me insultando? — Dei um tranco no braço para que me soltasse. — Desculpa, mas não me interessa o que você pensa a meu respeito.

Virei de costas para ele, me apressando em direção aos demais.

— Mas você tem uma qualidade que quase consegue compensar tudo isso — Evan disse, quando já havia uns dez metros de distância entre nós, e eu parei. Me mantive de costas, mas lhe dei a chance de consertar um pouquinho as besteiras que tinha dito. — Você se parece comigo em todos esses sentidos — continuou, e quase consegui rir daquilo.

Pude ouvi-lo se aproximando e esperei até que parasse a meu lado para voltar a encará-lo. Ele usava uma jaqueta de couro igual à do primeiro dia em que nos vimos, mas agora a camiseta era preta, e calça jeans. Calçava os coturnos de sempre e tinha a bandana vermelha amarrada ao redor da cabeça.

— Você é inacreditável — falei, me virando para ele. — Vou te dar uma última chance. — Eu o segurei pela camiseta, puxando-o na minha

direção e o fazendo se inclinar. — Mas, se me chamar de louca mais uma vez, idiota, você vai se ver comigo.

— E enquanto isso? — perguntou. — Como ficamos?

— Não ficamos.

Eu o soltei e o empurrei para trás, me apressando para alcançar o grupo antes que Evan tivesse oportunidade de perguntar o que aquilo queria dizer. Quando chamou meu nome pela segunda vez, não parei. Não iria lhe dar esse gostinho.

Ao me juntar ao grupo, que havia avançado uns duzentos metros, percebi que estávamos bem perto da cidade e consegui ver as luzes por entre as árvores. Então eles também tinham eletricidade? E pensar que, antes de tudo, eu achava que o porão secreto de Chris era o único que tinha.

— Atenção! — Dean gritou, e todos paramos ao seu redor. Evan se colocou ao meu lado. — Nós estamos prestes a entrar na Área 6. Vamos ter que nos separar em três grupos. É mais seguro e rápido.

— Evan, você vai liderar o grupo que vai por dentro da cidade — Yone determinou. — Eu vou com o grupo do subterrâneo e o Dean vai pelo perímetro. — Olhou na minha direção. — Como é a sua primeira vez, você vem comigo. Me siga de perto e não faça nenhuma idiotice.

Assenti, me aproximando dela e parando a seu lado, não sem antes ouvir o vampiro xingar baixo, se lamentando por eu não ter ficado em seu grupo.

Por algum motivo, o peso do arco em minhas costas parecia ainda maior que antes. Era como se eu sentisse que iria usá-lo em pouco tempo. O problema era que, nesta vida, como Lollipop, eu nunca tinha realmente matado alguém. Aliás, não me lembrava de já ter entrado numa briga de verdade que não fosse com Chris e... Evan, claro.

— Os outros, se dividam igualmente — Yone continuou. — Vamos nos encontrar na praça principal daqui a uma hora.

Sem mais nenhum aviso ou ordem, ela deu as costas para os outros e meu grupo começou a se afastar. Ok. Agora era pra valer, e, se alguma coisa desse errado, um ou vários de nós poderiam morrer. Eram eles ou a gente.



Já tínhamos chegado aos túneis subterrâneos da cidade, que estávamos atravessando com o máximo de cautela possível, atentos a qualquer sinal de vida que não fosse do nosso próprio grupo.

Eu andava lado a lado com Yone. Ela queria ter certeza de supervisionar cada um dos meus passos, para que eu não estragasse tudo. Eu me sentia até mesmo assustada com a forma como ela me encarava, mas tentava não demonstrar.

— Há quanto tempo você está no clã do Evan? — perguntei a ela, enquanto entrávamos no esqueleto de um trem velho, avançando alguns metros por dentro dele para evitar sermos vistos.

— Mais do que eu posso contar — respondeu. — Não que tenham se passado mil anos, mas... cada dia parece uma eternidade, então eu decidi parar de tentar contar.

— Mas você conhece muito mais sobre o mundo de hoje do que a maioria das pessoas aqui, certo? — calculei.

— Se não conhecesse, não estaria liderando o grupo dos Guerrilheiros — ela disse, olhando para os lados e verificando a área externa para que saíssemos do trem. — Mas, se você quer saber o que eu sei... Bem... Digamos que o mundo não é mais o que a gente pensava que era. As civilizações, apesar de tudo, estão se reconstruindo. Só não de forma tão pacífica quanto deveria ser, até porque os recursos são

escassos, e todo mundo anda com as armas na mão, pronto pra matar em defesa própria.

Quase me senti culpada por estar segurando meu arco, com uma flecha carregada, pronta para atirar a qualquer sinal de movimento estranho. Yone tinha razão, mas era inevitável. Depois de tantos anos de guerra, vivendo num mundo em que matar para não morrer era mais importante que juntar forças para se reerguer, era impossível confiar plenamente na ideia de que voltaríamos a ter paz.

— Todo mundo aqui já matou um dia — continuou. — E isso vem acontecendo cada vez mais cedo. O sangue suja as mãos das crianças, porque elas são treinadas pra isso desde que nascem.

— Mas é para proteção — lembrei.

— Não. Não é — ela retrucou. — As pessoas se aproveitam do fato de não termos leis ou punições e matam pela primeira vez só pra ver como é, e algumas infelizmente gostam da sensação. Não matam pensando em proteção. Elas matam pra conseguir o que os outros têm e se apossar daquilo sem nem pensar na possibilidade de uma união. E são essas pessoas que estão se tornando cada vez mais comuns, porque aquelas que não têm interesse algum em tirar a vida de alguém tentam até o último segundo sem usar de violência e, quando mudam de ideia e entendem que não tem mais volta, que é tarde demais, elas são mortas por aqueles que não se importam nem um pouco com o próximo.

Eu a encarei em silêncio por alguns segundos, um pouco espantada com sua forma de pensar. Não porque não concordasse ou achasse absurdo. Nada disso. Era porque, se ela estivesse mesmo certa, talvez não houvesse volta. Não apenas para nós, mas para o mundo.

— Nós não vivemos num mundo pós-apocalíptico — murmurei, com certo tom de compreensão. — Estamos presenciando o apocalipse.

— É mais do que isso — Yone prosseguiu. — Somos nós que o estamos causando.

Parei, sentindo meu estômago revirar. Era como lidar com uma realidade estranha, que contrariava tudo em que eu acreditava. Como lutar uma vida inteira por uma coisa e depois descobrir que era você quem estava errado.

— Larguem as armas! — ouvi alguém gritar a meu lado.

Foi quase um instinto me virar em sua direção e jogar quem quer que fosse para longe. No segundo seguinte, estávamos no meio de um tiroteio.

As coisas aconteceram tão rápido que eu não conseguia acompanhar. Não sabia se tinha feito o certo reagindo daquela maneira ou se tinha nos ferrado, mas, pelo número de pessoas do lado adversário que havia ali, era mais provável que fosse a segunda opção.

Alguém deu uma pancada na minha cabeça, e eu cambaleei para a frente. Mas o que...? Tentei me virar e levei uma rasteira, que me fez cair de cara no chão. Que droga era aquela?! Como era possível?!

Senti uma pessoa vir para cima de mim e pegar meu cabelo, prestes a bater minha cabeça no chão, mas usei a telecinese para jogá-la, para trás e me levantar rapidamente. Eu não sabia nem o que... E, mais uma vez, estava no chão.

Eu nunca tinha estado numa briga com tantas pessoas, que atacavam de todos os lados sem dó nem piedade. Evan tinha sido um adversário difícil, mas era um só. Agora eram vinte.

Quando comecei a ficar cansada de ser derrubada, decidi que não era a melhor hora para usar só o meu arco. Que se danasse! Eu sabia que podia fazer mais com a telecinese do que arremessar alguns corpos longe.

Mande todas as pessoas que estavam ao meu redor para o inferno, lançando-as uns dez metros para trás. Quando me levantei, fiz metade

delas cair no chão. Idiotas. Sabiam exatamente o que fazer para me deixar irritada.

Alguém saltou nas minhas costas, com as mãos ao redor do meu pescoço, e eu o golpeei várias vezes contra a coluna de sustentação mais próxima, até que me largasse. Me virei em uma fração de segundo, desferindo um soco em seu rosto, e o cara caiu de joelhos, com sangue espirrando por entre os dedos, que cobriam seu nariz. Eu sabia que era a melhor hora para atravessar uma flecha em seu crânio, mas tudo o que consegui fazer foi segurar o arco, estático, apontado para sua cabeça.

Um estrondo chacoalhou as paredes de repente, e um buraco se abriu no teto de cimento, de onde caiu uma coisa enorme de metal, que parecia uma caixa gigantesca. Era um...

— O CONTÊINER! — ouvi alguém gritar.

Depois disso, centenas de pessoas saltaram através do buraco para dentro do contêiner, pegando caixas e mais caixas cheias de objetos aleatórios.

— Nós não podemos deixá-los ir! — Yone gritou.

Voltei a olhar para o cara à minha frente, que eu estava prestes a matar, mas, antes que eu pudesse raciocinar, ele saltou em cima de mim, e nós dois rolamos no chão.

Ele se posicionou sobre mim, com os dedos ao redor do meu pescoço, apertando-o como se fosse a última coisa que faria na vida. E era mesmo. Olhei para o lado, tentando puxar ar, procurando meu arco. Estava a alguns metros, caído no chão, com a flecha ainda em posição.

Estendi a mão em sua direção, atraindo-o para mim com a telecinese. Não adiantaria jogar o cara para longe. Eu tinha usado mais do meu poder do que já tinha feito na vida e estava fraca.

Quando o arco estava mais uma vez ao alcance da minha mão, o homem colocou o pé em cima do meu punho e eu não pude pegá-lo.

Minha visão estava escurecendo, e os pulmões ardiam à procura de ar.

Eu levantei o arco, ainda com a telecinese, e com um movimento rápido soltei a corda, acertando a cabeça do sujeito com a flecha.

Seu corpo caiu pesado por cima do meu, e o sangue sujou toda a lateral esquerda do meu rosto e pescoço. Fiquei deitada por alguns segundos, vendo toda a movimentação ao meu redor como se assistisse a um filme. As pessoas pareciam pensar que eu estava morta, sem notar minha presença.

Respirei fundo, sentindo as lágrimas encherem meus olhos enquanto empurrava o corpo para o lado, tentando me levantar. Eu... eu não queria... não queria matá-lo. Eu só...

— Vamos, garotinha — alguém disse, passando um braço ao redor da minha cintura e me ajudando a ficar em pé.

— Evan? — perguntei.

— Tente não ser morta, ok? — Ele colocou o arco na minha mão mais uma vez. — Nós temos poucos segundos.

Eu não sabia o que dizer nem o que pensar. Eu tinha acabado de matar uma pessoa! Assenti, pois era o máximo que conseguia fazer, notando só naquele momento que os outros dois grupos já tinham se juntado a nós.

Matavam qualquer um que tentasse se aproximar ou fugir com as caixas, acertando os rivais no peito ou pelas costas. Como pretendiam fazer aquilo? Nós teríamos que matar uma cidade inteira?!

— Não — o vampiro respondeu, lendo minha mente. — Nós temos uma arma secreta.

Quase como se fosse mágica, no segundo seguinte um clarão me cegou, e o chão sumiu debaixo de meus pés. Foi como se eu tivesse sido jogada por um vácuo sem fim, com toda a força, contra uma parede. Então, tudo escureceu.

MAIS QUE ISSO



Quando acordei, estava deitada numa cama. Havia uma dor aguda em minha perna direita, e algo a mantinha imobilizada. O ambiente era frio, e alguma coisa estava enrolada no meu braço, na altura do cotovelo.

Abri os olhos, me mexendo um pouco, de forma desconfortável. Não me lembrava de nada desde o clarão no subterrâneo da Área 6.

Estava num quarto com paredes e chão brancos, e havia macas enfileiradas dos meus dois lados, com pacientes machucados ou desacordados. A única pessoa desperta era uma garota mais ou menos da minha idade. Seus cabelos longos eram prateados, e os olhos, dourados. A pele era morena, e o rosto estava arranhado. Eu me lembrava de tê-la visto no grupo dos Guerrilheiros.

Ela comia com voracidade a montanha de frutas de uma bacia em seu colo. Levantei as sobrancelhas. Como podia uma garota tão magrela comer tanto? Passou o olhar rapidamente por mim antes de enfiar na boca um pedaço enorme de melancia.

— Quer? — perguntou, com a boca cheia. — Melhor aproveitar logo. Está acabando.

— Ah, não. Obrigada — respondi, e minha voz me pareceu um pouco rouca.

Olhei para baixo, na direção dos meus pés. Havia um lençol branco me cobrindo, exceto a perna direita, que tinha várias faixas enroladas ao redor da coxa, com um pouco de sangue na parte superior.

Sorri ao ver Jéssica debruçada no colchão, dormindo como uma criança, com suas feições delicadas e o cabelo castanho-claro liso tão longo que lembrava serpentes sobre o lençol.

— Que bom que você acordou — a garota continuou, agora mordendo uma maçã. — Eu estava começando a pensar que você estava em coma ou algo assim. Mas não é pra menos. Você levou um tiro na coxa. Perdeu muito sangue. Felizmente, vai precisar usar isso só uma semana, já que a nossa mutação permite que a gente se cure mais rápido.

— Não lembro de ter levado um tiro — falei.

— Disseram que foi pouco antes do teletransporte. Tipo... no último segundo — explicou. — A propósito, o meu nome é Emily. Pode me chamar de Emy.

Ela abriu um sorriso enorme, com dentes grandes, brancos e quadrados. Retribuí, mas de forma um pouco mais discreta. A dor na perna estava realmente começando a me incomodar.

Meu estômago roncou. Estavam injetando um soro transparente nas minhas veias, que provavelmente devia ser para me dar nutrientes e coisas assim, mas a fome não parecia estar sendo saciada.

Emily riu, jogando uma ameixa no meu colo, e não pude deixar de me surpreender com sua gentileza. Ninguém nunca tinha me dado comida sem que eu precisasse pedir. A garota apontou para Jazz, terminando de mastigar mais um pedaço da maçã antes de contar: — Ela não saiu daqui desde que você chegou, há dois dias. Dorme quase o tempo todo, mas foi uma boa companhia enquanto estava acordada.

Abri um sorriso. Jéssica, a minha dorminhoca. Passei os dedos pelo cabelo dela.

— E por que você está aqui? — perguntei.

— Um tiro no ombro que infeccionou — respondeu, dando de ombros, e gemendo em seguida. — Que droga. Sempre esqueço disso — suspirou. — Ah, o Evan também esteve aqui.

Franzi o cenho. Evan? Por quê? O que ele queria? Provavelmente só visitar os feridos da missão. O cara podia ser um babaca, mas eu sabia quanto importante eram para ele os integrantes de seu clã.

— Ele pediu pra te avisar que você devia usar essa camisolinha mais vezes — Emy continuou, contendo o riso.

Olhei para baixo, notando só naquele momento que usava uma daquelas ridículas camisolas de hospital. Idiota, idiota, idiota! Ele tinha que ser tarado até mesmo num momento como aquele?

— Nunca o vi visitar ninguém aqui nas salas de recuperação — ela comentou. — Você deve ser mesmo importante.

— A gente só se conhece há...

— Cinquenta anos? Todo mundo sabe quem você é. Ele te usava como exemplo pra tudo. "A Celena com certeza não precisou gastar cinco balas pra acertar a sua primeira vítima." "A Celena dava esse chute do jeito certo, e vocês, idiotas, que deveriam ser mais espertos que ela, não." "A Celena era uma pestinha infantil três anos mais nova que você e sabia empunhar uma arma."

Eu não sabia se ficava feliz por ter sido citada tantas vezes ou surpresa por descobrir que meu nome era Celena. Quer dizer... isso nunca tinha me interessado, então não me dei o trabalho de perguntar, mas agora parecia tão significativo que foi a única parte que absorvi de todos aqueles exemplos.

Celena.

Era um nome bonito, mas isso não significava que eu passaria a usá-lo. Fazer isso seria como assumir um compromisso de inimizade com Evan mais uma vez e voltar a ter nas mãos o sangue de todas as pessoas

que eu tinha matado na minha outra vida. Não. Eu estava tendo a chance de recomeçar, e era isso que faria, mesmo que minhas mãos não estivessem mais limpas. Eu tinha matado alguém. Tinha tirado uma vida, e foi a imagem daquela pessoa com uma flecha atravessada na cabeça que me assombrou no meu sono de dois dias.

— ... você vai? — Emy perguntou, e só naquele momento percebi que ela continuara a falar e eu tinha viajado em meus pensamentos. Quando notou que eu não tinha ouvido nada do que dissera, repetiu: — Nós damos uma festa todo último sábado do mês. Todo mundo é convidado, e eles colocam CDs de duzentos anos atrás em aparelhos de duzentos anos atrás no meio da rua, e as pessoas vestem as melhores roupas de duzentos anos atrás e tentam fingir que a terceira e a quarta guerra nunca aconteceram. Você vai? É amanhã à noite.

— Eu não sei nem se vou sair daqui! — exclamei. — E... por que uma festa? Não é meio estranho, considerando a nossa situação?

— Com o Evan não tem dessas — Emily retrucou, com um sorriso animado. — Ele gosta de festa, e, desde que não tenha nada que chame a atenção de pessoas a mais de dois quilômetros, tudo bem. E sobre a sua alta... disseram que, assim que você acordasse, passaria um dia em observação e poderia ir pra casa.

Assenti. Aquela garota havia realmente ouvido tudo sobre mim. O que mais ela sabia? A identidade dos meus pais e do restante da minha árvore genealógica? Pelo menos as informações eram úteis, e eu estava gostando dela. Será que finalmente teria uma amiga ali? Além de Jazz, é claro.

— Eu não tenho nem o que vestir — reclamei, em tom desanimado. — As minhas roupas são todas velhas, rasgadas e muito informais. Além disso... o que eu vou fazer nessa festa? Não vou conseguir nem andar sozinha!

— Ah, Lolli! Qual é? Existe uma coisa chamada cadeira. Você pode ficar observando o movimento, conversar, ouvir música. Isso não vai ser problema. Com relação às roupas... eu posso ajudar. — Ela abriu ainda mais o sorriso, que parecia ser permanente em seu rosto. — Tenho um talento natural pra coisas assim. Eu mesma faço as minhas, e elas são bem bonitas, modéstia à parte.

Fiquei encarando a garota por alguns segundos, pensativa. O que eu tinha a perder, não é verdade? Quando finalmente aceitei o convite, Emily só faltou cair da cama de tanto que se remexeu, feliz da vida. Apesar de conhecê-la havia alguns minutos, já dava para ver que era muito expansiva.

Agora o que nos restava era esperar que eu tivesse alta. Passei a noite ouvindo suas várias histórias sobre a vida no clã, até que Jazz acordou e se juntou à conversa.



— Ok. Nós temos muita coisa pra fazer — Emily disse quando paramos no meio do seu pequeno apartamento.

Havia tecidos jogados por cima de todos os móveis, e meu nariz coçou por causa do cheiro e da poeira no lugar. Era difícil até mesmo andar sem pisar em algum pedaço de pano. Ainda mais usando muletas. Eu e Jéssica nos entreolhamos, e ela apertou os lábios, segurando o riso. Emily e eu tínhamos levado muito tempo tentando convencê-la a ir à festa, mas ela aceitou na hora a ideia das roupas. Qual era o sentido, já que ela nunca ligou muito para moda. Bom... Jazz nunca tinha muita lógica, mas eu poderia apostar que seu interesse repentino tinha a ver com um certo garoto com olhos de duas cores.

— Eu ganho um quarto de todo o tecido que vem nos contêineres — Emily revelou, começando a tirar nossas medidas numa velocidade anormal. Aquela era a mutação dela: supervelocidade. — O Evan sabe como eu gosto de fazer isso.

— E o restante? — Jéssica perguntou.

— Vai para as costureiras da cidade. Elas raramente fazem modelos novos, geralmente usam para remendar roupas velhas, o que eu acho um desperdício. Mas não tem nada que eu possa fazer sobre isso. — Deu de ombros, reclamando da dor mais uma vez. Ela sempre se esquecia do ferimento.

Observei enquanto ela corria pelo apartamento, pegando vários tipos de tecido para colocá-los ao lado do nosso rosto, tentando descobrir qual era a cor que mais combinava. Eu estava animada com a possibilidade de ganhar um jeans novo, mas Emy precisou me lembrar de que eu não poderia vestir um com aquelas faixas e o ferimento na perna. Preciso confessar que murchei um pouco. Nunca tinha usado saia ou vestido antes, e a ideia me deixava nervosa.

Jazz não. Ela pôde ter tudo o que queria, e, ao final, Emily ainda se ofereceu para esquentar um pequeno cano de metal com cabo de madeira para enrolar o cabelo dela. Eu precisava admitir... a garota era realmente criativa, e dava muito certo. Ela tinha até umas tintas estranhas para passar no rosto!

Poucas horas depois, quando estávamos prontas, ela nos colocou em frente a um enorme espelho, uma ao lado da outra, e ficamos de queixo caído. Nunca tínhamos nos visto daquele jeito.

Era meio engraçado ver minha coxa enfaixada destoando completamente do visual, mas, ao mesmo tempo, era a última coisa que notávamos. Emily sabia mesmo umas mágicas.

Eu vestia uma saia jeans meio velha, mas ainda bonita, que ia até um palmo acima dos joelhos, uma camiseta preta bem simples por dentro da saia e a minha velha jaqueta de couro. Parecia pouco à primeira vista, quando vi as peças separadas, mas era bastante para a realidade que vivíamos; pelo menos aos meus olhos.

Calçava meus velhos coturnos de couro pretos e surrados de sempre, que eram bem confortáveis, e estava agradecida a Emily por ter mantido pelo menos alguma coisa minha intacta ali.

Minhas orelhas não tinham furos, como as dela e as de Jazz, o que quase fez Emily enlouquecer ao ponto de furá-las com uma agulha, repetindo como era inaceitável que eu não pudesse usar brincos, ao contrário delas. De resto, Emily passou uma tinta esquisita vermelha na minha boca, e outra, preta, no contorno dos olhos. Então amarrou uma bandana vermelha igual à de Evan na minha cabeça, fazendo um laço em cima.

Assobieei. Aquilo era tão... estranho. Não havia nenhuma calça grudada nas minhas pernas, e eu não parava de descer o cós da saia, com medo de alguma coisa aparecer lá embaixo. Emy batia nas minhas mãos e voltava a puxá-la para cima, na altura da cintura, o que fazia Jazz rir. Ah, Jazz...

Ela também tinha um visual simples e bonito, composto apenas de um vestido preto sem mangas, do mesmo comprimento da minha saia. O caimento era bem reto, sem detalhes ou costuras para dar forma, mas ainda assim era bonito. Nos pés, calçou um sapato estranho com um negócio que Emily chamou de salto alto, o que aumentava consideravelmente sua altura. O cabelo, que havia sido penteado pela primeira vez em um mês, parecia mais liso do que nunca, balançando na altura do quadril. Emily decidiu não usar maquiagem em Jazz, já que o tal do salto alto já era um grande avanço, e acabou lhe emprestando pequenos brincos de argola, cuja circunferência era tão mínima que não caberia no meu mindinho.

— Você está... — comecei.

— Muito estranha — Jéssica disse, abraçando a si mesma e rindo do próprio reflexo no espelho. — E você está linda.

— Obrigada — murmurei, voltando a olhar para mim.

Quase não conseguia me reconhecer naquelas roupas.

Emily aplaudiu, dando voltas ao redor de nós duas quando agradecemos, orgulhosa de seu trabalho. Eu sorri, balançando a cabeça. Ela viu que o sol começava a se pôr e correu para o quarto vestir a roupa que tinha feito para si mesma.

Quando voltou, seu cabelo branco estava cheio de cachos, e ela usava calça de couro e blusa branca comprida, com um enorme decote nas costas. Estava tão animada que chegou a reclamar de dor nas bochechas por causa do sorriso. E eu? Tinha de admitir que estava um pouco nervosa, e não pude deixar de me perguntar o que Evan diria ao me ver naquelas roupas.

Passei o dedo pela gargantilha feita de tiras de couro preto que eu usava desde que me entendia por gente, sentindo-a muito apertada. Estava tão quente lá dentro...

— Lolli — Jéssica chamou, parando ao meu lado enquanto saíamos para a festa. — Você acha que... Bom.... Você acha que o Sam vai pensar que eu estou parecendo uma menininha?

Dei um sorriso compreensivo. Ela gostava mesmo do garoto. Nunca pensei que fosse vê-la ficar vermelha só por me fazer uma pergunta. Jazz estava nervosa, e eu também, mas tentei parecer confiante: — Definitivamente não, Jazz. Ele vai adorar. — Eu realmente acreditava nisso, do fundo do coração.

Ela assentiu, baixando o olhar. Parecia fazer muito esforço para se equilibrar em cima daqueles sapatos e caminhar ao mesmo tempo.

Quando vimos ao longe as luzes da festa e ouvimos uma música que parecia ser um rock, começando com um solo de guitarra, Emy parou à nossa frente e nos segurou pelos ombros. Respirou fundo antes de dizer: — Ergam a cabeça, balancem o bumbum, se sintam lindas e ignorem os olhares de todos os caras. Eles gostam de ser rejeitados. — Jazz e eu nos entreolhamos, segurando o riso. Que lógica maluca era aquela? —

Jéssica, o Sam está perto do bar. Fui checar dois segundos atrás. — Mas ela não tinha saído do nosso lado... Ah, supervelocidade. Claro. — E o Evan está sentado perto da caixa de som. Ele já sabe que nós estamos aqui. Já sentiu o seu cheiro. E eu vou colocar a música preferida dele quando chegar a hora, então vai ser uma entrada épica.

Abri a boca, prestes a dizer que não me importava nem um pouco, quando Emily deu as costas para mim. Como eu podia fazer uma entrada épica usando muletas? Era o que iríamos descobrir.

Conforme nos aproximávamos do lugar, víamos fios cheios de CDs, que refletiam a luz das velas e tochas, amarrados aos postes na rua. Caixas de som estavam empilhadas perto da mesa do bar, onde algumas pessoas misturavam suco de fruta com bebidas alcóolicas estocadas havia anos ali. O chão era de terra, esburacado, e na maior parte do tempo, enquanto desviava das pessoas, eu precisava me concentrar para não cair de cara.

Quando chegamos perto da mesa onde Sam estava, eu o vi. Evan. Ele estava de pé, encostado a uma das caixas de som, os braços cruzados, olhando na nossa direção como se já esperasse nos ver ali. Estava tão bonito...

Eu duvidava mesmo da tal “entrada épica”, mas quando, exatamente no segundo em que nossos olhares se encontraram, a tal música de que Emily falara começou, eu soube exatamente o que ela quis dizer. Que timing, hein, garota?

Evan usava uma camisa xadrez vermelha e preta, uma camiseta cinza-escura por baixo, com o símbolo de uma banda qualquer, jeans preto e coturnos, os mesmos de sempre.

— Jéssica, você está... — Sam tinha parado ao nosso lado com uma bebida na mão.

Ele olhava para Jazz como se ela fosse a primeira estrela cadente que uma criança via na vida. Era tão fofo. Os dois se gostavam e não

queriam admitir um para o outro...

— Nós vamos ficar ali, crianças — Emily disparou, cortando o silêncio. — Fiquem aí... conversando... sozinhos... — Com um sorriso malicioso, pegou meu braço e me ajudou a chegar até uma das mesas.

Nós nos sentamos a alguns metros, deixando-os sozinhos. Eu sorri, observando-os de longe. Haviam começado a conversar. Jazz mexia no cabelo, olhando para baixo, enquanto ele a encarava, encantado.

Quem dera eu pudesse ter vivido uma coisa dessas. Amor jovem. Amor. Juventude. Com vinte anos, eu sabia que não chegava a ser velha, mas num mundo como aquele era difícil não amadurecer muito cedo. Ainda mais quando não se lembrava de noventa por cento da própria vida.

Jazz não. Apesar de ter passado quatro anos no Instituto, ainda estava com dezesseis, e tinha algumas oportunidades pela frente. Ao contrário de mim.

— Você gosta dele, né? — De repente, ouvi a voz de Emily.

— De quem você está falando? — É claro que eu estava disfarçando.

— Gosta — ela concluiu, com um sorriso travesso.

Revirei os olhos, baixando a cabeça para esconder o fato de ter achado graça naquilo. Acho que ela e Jéssica tinham combinado me encher o saco com relação a Evan. Será que ninguém entendia que nós nos conhecíamos havia um mês, que ele era um idiota e tinha namorada?

— Ele é um cara legal, no fim das contas, sabia? — ela defendeu. — Sempre faz tudo o que pode pelo Sam e por...

— “Por todos nós” — interrompi. — É. Eu já ouvi esse discurso, apesar de não conseguir imaginar aquele cara olhando pra qualquer lugar que não seja o próprio umbigo.

Dei de ombros, satisfeita. Minha resposta tinha saído exatamente como eu queria. A mais pura verdade dita em apenas uma frase bem construída e...

— Cruel? Também achei — alguém disse, atrás de mim.

Prendi a respiração. Não me diga que ele... não me diga que ele tinha ouvido. Emily se levantou, me dando uma piscadinha com aquele ar de “agora vai!”. Baixei a cabeça, escondendo o rosto com as mãos e sentindo-o tomar o lugar na cadeira ao meu lado.

— Evan, eu... — comecei, abaixando as mãos, um pouco sem graça.

— Não, tudo bem. Você tem razão. — Ele aproximou a cadeira de mim, se ajeitando em cima dela. — Eu sou um egoísta. Mas um egoísta bem bonito. Você tem que admitir.

— Fico feliz por você ter uma autoestima tão alta — murmurei, sorrindo, mas ainda evitando seu olhar.

— Não é questão de ter autoestima alta. É questão de ser realista — rebateu, o que me fez rir com certa descrença.

Ai, ai... Eu estava só esperando o momento certo para enfiar todo aquele sarcasmo bem no meio do... *Não. Respire, Lolli. Você pode muito bem lidar com Evan sem meter um soco no meio da cara dele. Desgraçado.*

— Eu sei que sou um idiota. Não precisa pensar tão alto — ele cutucou.

— E você precisa parar de ler os meus pensamentos — esbravejei. — Que tipo de pessoa faz isso? A gente não pode simplesmente ter uma conversa normal, como pessoas normais, que não têm vontade de matar uma à outra a cada frase pronunciada? É inacreditável! — Eu estava prestes a me levantar e sair andando, irritada, quando lembrei que minha perna não ia colaborar para essa saída triunfal. Bufei. — Eu não sei nem por que você ainda tenta.

Evan me encarou por alguns segundos, e, por um súbito momento de loucura, decidi encará-lo de volta. Seus olhos pareciam de um verde ainda mais vivo sob aquelas luzes. Ele me olhava de um jeito que nunca tinha olhado antes. Não ajudava em nada o fato de a música falar algo sobre a noite estar quente e nós sermos jovens e... Enfim... Tudo isso me fazia imaginar o que nós podíamos fazer a seguir, e nenhuma das opções deveria ser feita em público ou se encaixava no que eu dizia sentir.

Ele precisava parar de me encarar como um tarado.

— Acho que você está usando uma coisa que me pertence — ele disse, finalmente, apontando para minha cabeça.

Passei os dedos pelo cabelo, tirei a faixa vermelha com estampa branca abstrata que Emily tinha amarrado ali e a encarei com atenção. Sabia que parecia a bandana dele, mas... Ela nunca faria uma coisa dessas... Olhei em volta, esticando o pescoço para encontrá-la.

A garota estava a alguns metros, olhando para mim com as mãos juntas na frente do peito. “Desculpe”, disse, mas por algum motivo não me pareceu nem um pouco arrependida. Joguei a bandana na cara dele, cruzando os braços e olhando na direção contrária mais uma vez. Por que raios Emily tinha feito aquilo? Para fazê-lo falar comigo? Não. Foi um golpe muito, muito baixo.

— Tudo bem. Pode ficar. Eu empresto... Desde que você me empreste a sua camiseta. Mas tem que ser aqui e agora.

— Com quem você acha que está falando? — gritei, e algumas pessoas olharam na nossa direção, inclusive Jazz e Sam, que agora estavam ao lado da mesa de bebidas. Pigarreei, abaixando consideravelmente o tom antes de continuar: — Eu não sou qualquer uma. Você acha que vai vir com essas frases feitas idiotas e eu vou ficar caidinha por você?

— Hoje a gatinha está ainda mais arisca. — Ele sorriu. — Tudo bem. Eu gosto quando...

— Eu não aguento mais isso! — soltei. — Não aguento você, o seu atrevimento nem a forma como você olha pra mim. Eu não sou sua namorada nem nada sua. Não mais. Caramba! Será que você não consegue ser legal ou gentil nem por um segundo?

Acho que, pela primeira vez desde que nos conhecemos, ele realmente pareceu pensar no que eu tinha dito. Só que já não adiantava. Evan estava conseguindo, por um milagre dos céus, me fazer odiá-lo ainda mais do que pensei que fosse possível. Me levantei, com dificuldade, pegando as muletas e me afastando dele antes que pudesse dizer algo.

— Lolli! — eu o ouvi chamar, mas continuei andando, ainda que estivesse surpresa com o fato de ele ter me chamado pelo apelido.

Não tinha me afastado muito da multidão quando ele me alcançou, colocando a mão no meu ombro. É claro que ele podia ter feito isso um segundo depois de eu ter me levantado, mas preferiu usar a velocidade humana. Seria mais justo comigo naquela situação.

Ele se colocou à minha frente, me poupando do trabalho de me virar, e me analisou por alguns segundos antes de falar, num tom sério que eu nunca tinha ouvido antes: — Você está certa. Eu esqueço que você não é a mesma pessoa e... Eu sei que posso ser melhor que isso. — Fez uma pausa. Provavelmente Evan esperava uma resposta, ou alguma reação dramática, mas tudo o que consegui fazer foi encará-lo, atônita. — Eu não vou parar de fazer piadas nem de comentar como você fica sexy fazendo qualquer coisa, mas posso tentar parar de agir como um babaca.

Sorri, sem acreditar no que Evan tinha acabado de dizer. Ele retribuiu, dando um passo para mais perto e mordendo o lábio. A

pergunta a seguir foi muito suave e o fez se inclinar um pouco na minha direção: — Tudo bem pra você?

— Você sabe que não vai ser tão fácil assim, né? — Eu não iria perdoá-lo de um segundo para o outro.

— Sei, mas não me importo. Vale a pena tentar — respondeu, sem hesitar, o que me deixou ainda mais surpresa.

Evan não estava só falando por falar. Estava sendo sincero. É. Acho que eu iria perdoá-lo de um segundo para o outro, sim.

— Ok. Acho que posso aguentar mais uma cota das suas chatices — declarei, finalmente.

— Ótimo. Quem sabe um dia a gente consiga se dar tão bem quanto aqueles dois — acrescentou, apontando numa direção qualquer.

Me virei para olhar, e, no momento em que bati os olhos na cena, meu queixo caiu. Mas o que é que... Aquela era... era a Jazz?! Coloquei as mãos na frente da boca, vendo Sam beijá-la na maior empolgação. E ela... ela estava retribuindo.

— O meu bebê... — sussurrei, sem acreditar.

— Esse é o meu garoto — ouvi Evan dizer, balançando a cabeça e rindo.

Bati no braço dele com toda a força. O problema era dele se não tinha dificuldade em ver o menino que criou desde criança... Depois acabei sorrindo, feliz por ela. Jazz não era mais uma garotinha assustada e indefesa. Era quase uma mulher.

Ok.

Teríamos que ter uma conversa bem séria mais tarde. Eu, ela e o sr. Samuel. E os dois iriam se ver comigo... assim como Evan, se não parasse de rir da minha reação como um maldito idiota.

O PRIMEIRO

JÉSSICA

— Jéssica, você está... — Sam balbuciou, bem ao meu lado, segurando uma bebida qualquer.

Ele vestia jeans, camiseta preta e um sobretudo da mesma cor. E olhava para mim de um jeito que ninguém nunca tinha olhado antes, e eu senti as bochechas queimarem. Baixei o olhar, sorrindo um pouco, sabendo que ainda era encarada.

— Nós vamos ficar ali, crianças — Emily avisou. — Fiquem aí... conversando... sozinhos... — Depois disso, ela puxou Lollipop pelo braço e a arrastou até uma mesa, sem que eu pudesse impedir.

Agora éramos apenas nós dois, constrangidos, um em frente ao outro, tentando saber o que dizer a seguir. Decidi que seria eu quem tomaria a iniciativa: — Bem legal essa coisa de festa. Acredite ou não, eu nunca participei de uma.

Ele sorriu, voltando a olhar para mim com seus olhos de cores diferentes. Ergueu um pouco a bebida na minha direção, como se quisesse brindar a alguma coisa: — Foi ideia do Evan. Começou no mês em que ele me encontrou, há quinze anos. Disse que na época eu tinha trazido esperança, e que o fato de um bebê de dois anos ter sobrevivido a um ataque dos Eles era motivo de comemoração. — Deu de ombros. — Depois disso, virou quase uma tradição.

— Eu ainda estou tentando entender qual é a relação de vocês dois — admiti, dando alguns passos na direção de uma casa e me encostando na parede. Ele parou à minha frente. — Uma hora ele parece agir como seu pai; em outra, o contrário...

— Acho que é um pouco dos dois — respondeu. — Nós temos os nossos momentos de insanidade e de lucidez. Quase sempre em momentos diferentes, e um acaba ajudando o outro a voltar a si. Ele trocou as minhas fraldas e me ensinou a falar, fumar, conquistar garotas e lutar. Não necessariamente nessa ordem. — A última frase me fez rir. — E eu ensinei a ele o dom da paciência e da esperança. Foi uma boa troca, e nós estamos quites, então eu não encho o saco dele, e ele não enche o meu. Claro que existem momentos em que ele me proíbe de fazer algumas coisas, mas eu sei que é porque se preocupa comigo.

Eu o encarei em silêncio por alguns segundos, sem conseguir deixar de achar aquilo muito fofo. Nunca poderia imaginar Evan cuidando de alguém com amor, carinho e responsabilidade, mas o fato de Sam estar ali, vivo e bem, era uma grande prova de que era possível.

— E nós temos de admitir que ele fez o trabalho muito bem durante a minha criação — continuou.

— Não teria mesmo como melhorar — brinquei.

— Isso foi um elogio?

— Imagine o que quiser.

Não. Eu não estava flertando com ele. Quer dizer... estava, mas não queria deixar tão na cara assim. Qual é?! Sam era legal, inteligente, bonito, queria me ajudar... Do que mais eu precisava? Uma lista com todos os dados pessoais dele? Não. Já tinha o suficiente.

Ele passou os dedos pelo cabelo loiro, tirando-o da frente dos olhos. Aquele era um gesto que com certeza tinha pegado de Evan. Os dois tinham aquela mania. Ele colocou a bebida em cima de uma das mesas vazias ao nosso lado e tirou um maço de cigarros de dentro do sobretudo. Mal tinha acendido um quando dei um tapa em sua mão, derrubando o cigarro no chão.

— O que você está fazendo?! Isso... isso mata! — soltei.

— Sério? — perguntou, levantando uma sobrancelha. — É o meu primeiro cigarro do dia e...

— Eu sei que o Evan fuma, e ele com certeza faz isso na sua frente desde que você era pequeno. E eu sei que ele não é uma má pessoa e você pode aprender muitas coisas com ele, mas esse não é um bom hábito — discursiei. Eu sabia que estava parecendo uma miniatura da Lolli, mas era inevitável. — Os dentes dele não apodrecem e os pulmões não sofrem. Ele *não pode* morrer. Mas você sim.

— Você fica linda quando está preocupada — Sam sussurrou, balançando a cabeça.

Abri a boca para responder à altura, com uma pergunta do tipo: “E é só assim que você me acha linda?” Foi aí que ouvimos Lollipop gritar, do outro lado da festa: — Com quem você acha que está falando?

Levantei as sobrancelhas, surpresa. Ela parecia irritada e constrangida ao mesmo tempo, porque algumas pessoas pararam para olhar. As bochechas estavam vermelhas de raiva e vergonha, e Evan a encarava, parecendo chocado pelo fato de minha amiga ter reagido daquela forma à sua piada idiota da vez.

— Vamos sair daqui, tudo bem? — Sam disse de repente, quando Lolli se voltou para o vampiro mais uma vez, agora falando mais baixo.

Ele pegou minha mão, me puxando para algum lugar mais distante, a alguns metros da pequena multidão. Me perguntei o que ele queria fazer ali. Esperava mesmo que não fosse apenas conversar.

— Ela se irritou pra valer dessa vez, né? — perguntou, sorrindo um pouco, ao parar à minha frente.

— Tem alguma coisa no Evan que desperta o pior e o melhor na Lolli — comentei.

— E nós dois sabemos que eles se gostam — acrescentou, e eu assenti com a cabeça. — O Evan tem esse jeito torto, mas...

— Mas nós já falamos demais sobre aqueles dois, e eles podem se resolver sozinhos — interrompi, o que o fez rir.

E era verdade. Eu sabia que Lolli podia se virar, mas naquele momento não era ela que estava ali, na minha frente, me olhando daquele jeito. Estava na cara que Sam precisava me dizer alguma coisa, e eu queria muito descobrir o que era.

Ficamos nos encarando em silêncio por alguns segundos. Ele parecia hesitar, e de alguma forma eu sabia onde aquilo ia dar.

Senti o estômago revirar, dando cambalhotas dentro de mim. Nunca, em toda a minha vida, tinha conversado com um garoto daquele jeito. Chris não podia ser considerado um garoto. Já era um homem, e eu nunca pensei nele daquele jeito. Sam era... diferente. Naquele um mês e meio, tinha quebrado metade das barreiras que eu criara. Eu tinha até medo do que mais ele poderia fazer.

Eu sabia que ele só tinha começado a falar comigo porque se sentiu obrigado, e isso foi gentil... mas havia se passado muito tempo. Pelo menos o suficiente para que ele mudasse de ideia quanto a ser meu amigo e tentar me ajudar. Além do fato de saber controlar seu poder, o que eu sabia que era bem difícil. Isso me fazia admirá-lo ainda mais e me sentir atraída por ele.

Eu queria mesmo é que ele deixasse aquela timidez de lado e... Essa não era eu falando. Onde estava a Jazz que eu conhecia? A Jazz fria e inalcançável, que nunca tinha nem mesmo beijado um garoto? Com certeza não estava ali, e, a cada segundo que se passava, mais nervosa e impaciente eu ficava.

Sam estendeu a mão para o meu rosto, colocando uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Ao contrário do que eu pensei que faria, ele não afastou a mão, mas a passou pela minha bochecha, deslizando em direção à nuca, e deu um passo, se aproximando ainda mais de mim.

Prendi a respiração. Ele estava tão próximo que eu quase podia sentir o calor emanando do seu corpo, e nossa testa quase se tocava. Droga... por que eu tinha que ser tão baixinha? Ele precisou se inclinar para se alinhar comigo. Maldita genética.

Sorri com esse pensamento, e ele se afastou alguns centímetros, um pouco confuso.

— O que foi? — perguntou, tão baixo que senti meus braços se arrepiarem.

— Nada. É que... — Fiz uma pausa.

Era aquele o momento. Eu poderia dizer alguma coisa com alto grau de "sedução", o que provavelmente não daria certo, porque... Bem. Era eu. Isso já era explicação suficiente.

Ou eu poderia simplesmente dizer a verdade, o que o faria rir de mim e se afastar, me chamando de idiota e soltando um de seus apelidos para pessoas baixinhas, como "meia porção" ou "pouca sombra".

Decidi que a segunda opção seria mais simples e combinaria mais comigo.

— Eu estava pensando que odeio o fato de ser tão baixinha e não conseguir alcançar você — respondi, finalmente.

Sam riu, balançando a cabeça, mas se manteve na mesma posição. Ele não ia me chamar de "mergulhadora de aquário" e se afastar? Ele não ia...?

— Nós dois sabemos que isso não é um problema. — Então se inclinou ainda mais e apertou os lábios contra os meus.

Naquele momento, descobri como queria que aquilo acontecesse. Queria continuar ali, e queria deixá-lo me beijar por quanto tempo quisesse, até o fim do mês ou até o mundo acabar. O que viesse

primeiro. Passei os braços ao redor do seu pescoço e fiquei na ponta dos pés enquanto ele me apertava um pouco mais contra seu corpo.

Não sei quanto tempo havia se passado quando ele finalmente se afastou, me olhando daquele jeito surpreso de quem pensa: *Você me deixou mesmo fazer isso?* Quanto a mim, não sabia se ficava feliz ou confusa com sua expressão. Quer dizer... aquilo realmente deveria ter acontecido? Não... não tinha sido *tão legal assim*, né? Sam estava prestes a tirar a prova, se aproximando mais uma vez, quando um sentimento estranho dominou meu coração. Uma coisa que eu não sabia explicar, um misto de desejo e medo. Algo tão forte que me fez dar um tapa no rosto dele, recuando um ou dois passos.

Ele colocou a mão na bochecha, chocado, enquanto eu abria a boca para dizer alguma coisa. Pedir desculpas? Xingar? Nem eu mesma sabia, e nunca vou saber, já que tudo o que fiz a seguir foi dar as costas para Sam e sair andando, quase correndo.

Quem aquele idiota pensava que era para me beijar assim? Eu tinha permitido aquilo? Eu tinha desejado? A resposta era sim para as duas perguntas. Não que eu um dia fosse admitir. Mas que tinha sido bom... ah, tinha...

Que se danasse.

O que importava agora é que eu estava indo para casa e fugindo dele... E faria isso pelo resto da semana.

TUDO ERRADO



Não tínhamos conversado sobre o beijo ainda. Jazz havia simplesmente passado por mim, puxando meu braço e me arrastando para o apartamento enquanto eu estava no meio de uma discussão com Evan sobre organização de suprimentos num armazém próprio para estoques alimentícios. Quando chegamos, ela simplesmente se trancou no quarto.

É claro que tentei falar com ela. Bati na porta várias vezes, sem resposta, o que me levou a pensar no porquê de eu ter sido arrastada até ali. Talvez Jazz só não quisesse ficar sozinha no apartamento.

Suspirei e segui mancando até o espelho do banheiro.

Olhando para meu reflexo, eu me sentia muito diferente. Não só pelo visual, mas pela conversa que tivera com Evan. Era como se algo tivesse mudado.

Prendi o cabelo em um nó antes de lavar o rosto com a água fria da torneira. Eu precisava tirar aquela tinta estranha da boca e dos olhos. Quando finalmente consegui, fui até o quarto para trocar de roupa. Com alguma dificuldade, driblando a perna dolorida e os curativos, vesti o short preto de moletom e a camiseta branca enorme, que mais parecia uma camisola. Depois, pela primeira vez, me deitei naquela cama de casal cheia de edredons quase intocados.

Durante todos os dias daquele mês, eu havia passado as noites no sofá. Ficava a madrugada inteira acordada, até que acabava fechando os olhos de exaustão.

Abracei um travesseiro, respirando fundo e me deixando relaxar. Estava tão cansada e só precisava...

Ouvi alguém bater na porta da frente. Que raiva! Provavelmente era Sam, vindo atrás de Jazz, e eu sabia que ela não iria atendê-lo, então me levantei, peguei as muletas e fui pulando até lá. Talvez eu até o deixasse entrar para tentar convencê-la a sair do quarto. Quem sabe daria certo.

— Eu... — comecei, prestes a dizer que não queria me meter naquilo enquanto abria a porta. Mas quem estava ali era Jullie. — O que você está fazendo aqui?

Nunca tínhamos chegado a conversar, mas eu a vira de longe algumas vezes, agarrada ao pescoço de Evan. De perto, ela era ainda mais bonita, e isso fez meu estômago revirar de leve, como se... como se eu estivesse insegura. Ela simplesmente passou por mim, entrando no apartamento com sua postura superior. Parou no meio da sala, analisando o ambiente com um olhar crítico.

Esperei, em silêncio, que ela dissesse o que tinha ido fazer ali.

— Que decoração... adorável — começou, e, pelo tom que usava, eu sabia que viria bomba. — Sabe... não é muito do meu gosto. Parece um pouco um hospital, não uma casa. — Ela se virou para mim, sorrindo de uma forma gentil que não condizia com o olhar. — Ainda mais com essa sua cara de doente.

Trinquei os dentes, me virando para fechar a porta. Já tinha percebido que aquela conversa não seria tão breve quanto eu gostaria. Resisti ao impulso de fazer uma careta, esmagando o ar com as mãos como se o pescoço daquela vampira estivesse ali. Quando voltei a olhar, Jullie havia se aproximado um pouco.

— E você veio aqui pra me dizer alguma coisa importante, ou só pra me fazer perder o meu tempo? — perguntei, cruzando os braços.

— Que bom que você se preocupa em não perder tempo, depois de passar anos como um animal selvagem enjaulado no Instituto. — Deu um sorriso sarcástico, como se algo naquela lembrança a deixasse eufórica. — Agora, se meter onde não deve parece ser o passatempo preferido do animalzinho aí... É tão fofo ver como você se esforça. Parece uma abelha se afogando num copo de água.

— As suas metáforas me parecem cada vez mais sofisticadas, Jullie. Você passou muito tempo treinando essas falas, ou elas vêm assim, naturalmente? — perguntei, levantando uma sobrancelha.

Ela me fuzilou com o olhar por um segundo. O fato de eu não estar visivelmente irritada, berrando e dando um ataque, a incomodava muito. O pior sentimento que existe é a indiferença. Pior ainda que o ódio. Eu achava isso tão engraçado quanto ela esperava achar quando chegou ao apartamento, pronta para rir da minha reação.

Jullie pegou uma mecha do cabelo loiro, que estava sempre preso em um rabo de cavalo bem alto e apertado, e a enlaçou nos dedos. Os olhos castanho-escuros tinham o brilho ferino e selvagem de quem está pronto para matar. Eu sabia exatamente como era, porque estava sentindo a mesma coisa.

— Olha... Eu não sei o que você veio fazer aqui, e não dou a mínima. Então por que você não vai embora antes que a gente acabe chegando a um ponto em que não vai ter mais volta? — pedi. — Eu não quero ter que chutar a sua bunda pro lado de fora.

— Atrevida...! — Levantou as sobrancelhas, surpresa. — Tanto quanto estava lá na festa com o Evan.

Ah, sim. Então finalmente tínhamos chegado ao ponto. O vampiro. Eu sorri, encarando-a com certa descrença. Jullie estava se sentindo ameaçada por mim. Eu queria *muito* rir, mas sabia que se o fizesse acabaríamos brigando feio, e eu não tinha condições de lutar com a perna machucada.

— Você está começando a me entediar. Que tal dizer logo o que quer de mim?

— Você sabe aonde eu estou querendo chegar! — ela falou bem mais alto, visivelmente alterada. — O Evan é *meu*, garota! É pra *minha* cama que ele vai quase toda noite, então uma menininha magrela como você não tem chance nenhuma. E, se continuar correndo atrás dele, eu juro que vou fazer você se arrepender.

Revirei os olhos. Só ouvia um monte de palavras sem noção ditas por uma gralha berrando na minha orelha.

Num piscar de olhos, ela estava bem à minha frente, segurando meu rosto com força na direção do seu. Como Jullie era mais alta, eu precisava olhar para cima. Ela rosnou: — Escuta aqui, vadia! Eu não sou obrigada a ficar vendo você revirar esses seus olhos de peixe morto pra mim. E não vou repetir.

Empurrei seu braço para o lado com força, dei um passo atrás e abri a porta mais uma vez, fazendo um gesto com as mãos para que ela saísse. Tentei não demonstrar a raiva que sentia por ela ter me tocado: — Tenha uma boa noite, Jullie.

Ela passou por mim, me olhando como se pudesse me transformar em cinzas só com a força do pensamento. Assim que deu o primeiro passo para fora, bati a porta.

— Mas que filha da... — Tive vontade de chutar a parede com a perna machucada, mas me contive a tempo.

Respirei fundo, contando até cem, enquanto mancava até o quarto. Esperava que o dia seguinte fosse consideravelmente melhor que aquele.



Levantei bem cedo. Eu pretendia treinar um pouco as minhas habilidades com o arco e os meus poderes. Aquilo poderia me ser bem

mais útil em combate do que um enfrentamento “mano a mano”, já que força não era uma das minhas maiores qualidades.

Perguntei a Jazz se ela pretendia sair do apartamento antes do fim da semana e recebi um sonoro “NÃO!” como resposta. Então decidi não insistir e deixá-la em paz.

Fui até um ginásio que ficava no fim da rua principal da cidade, protegido por um muro que antes rodeava uma escola. Evan tinha me apresentado aquele lugar, dizendo que quase ninguém ia até lá, porque se comentava que era mal-assombrado ou qualquer coisa assim. Só que ele tinha inventado essa história, a fim de ter um lugar particular para treinar.

Ao lado do ginásio, cujo chão de concreto era recoberto por tinta azul descascada, indicando demarcações de uma quadra poliesportiva, havia um corredor com uma parede aberta, que levava a dois banheiros interditados e um tipo de depósito destrancado.

Lá dentro, empilhados e largados, havia um monte de alvos antigos. Peguei alguns deles, que tinham o tamanho e a forma de pessoas, voltei à quadra e os apoiei em níveis diferentes das arquibancadas. Quanto mais alto e distante, mais difícil. Dois ou três deles eu nem enxergava direito quando estava no nível da quadra.

Apesar de ser consideravelmente boa na arte da mira, eu não tinha muita habilidade para acertar o centro de primeira. Precisava de uma ou duas flechas antes de isso acontecer. Mas pelo menos não errava o alvo!

A conversa que havia tido com Jullie na noite anterior não ajudava muito a me concentrar. Eu só conseguia pensar se seria mesmo uma boa ideia me afastar, dando espaço a ela. Sabia que era a escolha *certa*, mas não tinha certeza de que era realmente isso o que eu queria fazer.

Atirei mais uma flecha, que acertou o que seria o estômago do alvo mais próximo de mim, a apenas três metros. Bufei. Quanto tempo levaria até finalmente acertar o coração na primeira vez?

— Não é possível — ouvi alguém dizer, alguns metros à minha direita. Virei a cabeça para olhar. — Você faz tudo errado!

Apertei os lábios em uma linha rígida, evitando sorrir ao ver Evan. Ele usava sua velha jaqueta de couro preta, calça jeans e camiseta branca. A bandana vermelha estava amarrada ao redor da cabeça, e, como sempre, usava óculos escuros.

— Você nem está prestando atenção — disse, parando a meu lado e tirando o arco das minhas mãos. Segurava um cigarro na boca, se esforçando um pouco para equilibrá-lo enquanto falava. — Pelo amor de Deus! — exclamou, ajeitando o arco na frente do corpo. — Você parece não ter nem um objetivo! — Fez uma pausa, me entregando alguma coisa e murmurando algo como “Segura isso”.

Atirou uma vez, sem pedir permissão nem nada, e acertou em cheio a cabeça do alvo. Meu queixo caiu. Mas o que... Ele foi até ali, me criticou, pegou meu arco sem pedir, atirou com ele e não teve a coragem de dizer um “oi”?

— Estou bem também. E você? — murmurei, o que o fez sorrir, devolvendo a arma para mim.

O vampiro pegou de volta o que havia me entregado antes e amarrou no meu antebraço. Era um protetor contra a corda de couro preta. Depois jogou o cigarro no chão, pisando em cima, antes de levantar meus braços, me fazendo segurar o arco mais ou menos na altura dos ombros, e inclinou minha cabeça na direção dele. Pela forma como me fez segurar a arma, ele estava supondo que eu era canhota. E era mesmo. Então ele falou, com certa urgência, enquanto se posicionava atrás de mim e me fazia manter a coluna reta: — Tem que respirar fundo antes de atirar. Manter só o olho dominante aberto também ajuda. Como o arco é maior que você, tem que manter sempre a coluna bem ereta. — Levantou meu braço direito, que segurava o arco, até que estivesse paralelo ao chão, e fez minha mão esquerda, que

segurava a corda, puxá-la e parar bem na altura da boca. Evan se inclinou na minha direção, e pude sentir sua respiração quando sussurrou no meu ouvido: — E não hesite quando atirar, senão você balança o braço e a flecha sai da mira. Não mova as mãos até ela acertar o alvo. A sua aljava é grande e comporta vinte e cinco flechas, então não desperdice nenhuma delas.

Relaxe os dedos que seguravam a corda, soltando a flecha e a vendo voar até o coração do alvo. Sorri, baixando o arco e me virando para ele, esperando um “parabéns” ou algo do tipo, mas não houve nada além de alguns segundos de silêncio. Ouvi, finalmente, num tom que tinha um fundo de raiva: — Não me olhe desse jeito. Você já deveria saber dessas coisas faz tempo. O seu mentorzinho de meia-tigela não te ensinou?

— Como você... — comecei.

— É com ele que você sonha todas as noites. Como eu poderia não saber? — interrompeu. — Eu já te disse. Você pensa alto demais.

— E por que você está tão irritado?!

Evan deu as costas para mim, se afastando apressadamente na direção da saída. Eu realmente não estava entendendo o motivo daquela bipolaridade. Não tínhamos feito as pazes no dia anterior? Pulei atrás dele em uma perna só, largando o arco no meio do caminho e o empurrando com força quando cheguei perto o suficiente.

— Eu fiz uma pergunta, idiota! — gritei, e ele parou de andar, se mantendo de costas para mim. — Se você estava tão bravo comigo, mesmo que eu não tenha feito nada, por que veio até aqui e me ajudou? Por que não me expulsa logo da merda do clã e se livra do fardo que é olhar pra minha cara todo dia? — Pude vê-lo baixar a cabeça, cerrando os punhos. — Quem sabe assim fosse mais fácil pra nós dois, não é mesmo? Porque eu não aguento mais você! Não aguento o fato de uma hora você se esforçar pra ser legal, e na outra agir como se estivesse com raiva de mim por algum motivo, e eu prefiro viver sozinha com a Jazz

no meio deste mundo cruel e confuso a ter que viver nessa tortura por mais um dia. — Suspirei, baixando o tom e cruzando os braços, vendo-o tirar os óculos e guardá-los no bolso. — Olha... Eu não sei o que aconteceu e nem sei se você se importa, mas... se eu te fiz algo de mal... me desculpa. Eu garanto que não tinha realmente a intenção de te magoar. Matar talvez, mas não...

Nunca saberemos o que eu diria a seguir, já que no segundo seguinte ele se virou com um movimento rápido, me puxando pela cintura e entrelaçando os dedos no meu cabelo. E me beijou com toda a intensidade do mundo.

Tentei empurrá-lo pelos ombros, mas Evan mal pareceu notar. Depois de algum tempo com minhas mãos escorregando em sua jaqueta, em várias tentativas frustradas de afastá-lo, deixei que ele me beijasse. Permiti que continuasse com aquilo, sem me dar o mínimo trabalho de demonstrar interesse. Fiquei só imaginando se ele iria se afastar logo.

Quando chegamos a um ponto em que meu cérebro praticamente se desligou do resto do mundo, e a única coisa em que eu conseguia pensar era nele e em como aquilo era bom, percebi que estava retribuindo o beijo e que já havia enganchado os dedos em sua jaqueta, puxando-o ainda mais para mim.

Apesar de estar inclinado em minha direção, Evan tinha me levantado um pouco do chão, fazendo meus pés mal tocarem o concreto. Estávamos tão colados que eu tinha certeza de que Evan sentia meu coração batendo com força contra o peito.

O que era aquilo? Como era possível que eu não soubesse o que fazer? Não tinha ideia se me deixava levar e continuava beijando-o, ou se o empurrava e tentava arrancar a cabeça dele. Taí uma coisa que eu, com certeza, não tinha sentido com o Chr...

Evan me soltou antes que eu pudesse concluir o pensamento, e eu recuei alguns passos a fim de me equilibrar, quase caindo por causa da perna machucada. O vampiro se endireitou, me encarando com as sobrancelhas juntas e um olhar selvagem que eu nunca tinha visto. Prendi a respiração, tentando controlá-la. Por que ele tinha...

— E você ainda pergunta o porquê de eu estar tão irritado — ele disse, balançando a cabeça e me dando as costas mais uma vez, sumindo num piscar de olhos, antes que eu sequer tivesse a chance de pedir que esperasse.

Desabei, me esquecendo completamente da perna machucada. Não era ela que importava naquele momento. Coloquei as mãos no rosto, passando os dedos pelos lábios, que ainda tinham a lembrança da pressão que os dele faziam. E do seu gosto.

O que ele quis dizer com isso? Por que tinha me beijado? E por que tinha parado? Suspirei, deitando sobre o concreto frio, ainda sem acreditar no que havia acontecido. Eu provavelmente devia estar louca para admitir isso, mas tudo o que conseguia pensar era: com toda a certeza, independentemente de lembrar do passado ou não, aquele tinha sido o melhor beijo da minha vida.

E eu estava morrendo de vontade de repetir a dose.

De repente ouvi, a alguns metros, alguém bater palmas lentas e levantei a cabeça, cheia de esperança, para checar se Evan tinha decidido voltar. Mas era Jullie quem estava ali, de pé, me encarando no topo da arquibancada.

— Que lindo — disse ela, descendo lentamente os degraus em minha direção, enquanto eu me sentava no chão, já pressentindo o que viria a seguir. — Isso foi realmente uma gracinha.

— Jullie... — comecei, balançando a cabeça e sentindo as palavras “Não é o que você está pensando” me subirem pela garganta.

Mas me detive antes de deixá-las escapar... Evan e eu tínhamos nos beijado e ela tinha visto. Ponto-final. Onde caberia uma mentira ali?

— Jullie... — ela imitou, com uma voz que misturava ódio e desprezo. — Jullie o quê? Sinto muito? Foi sem querer? Eu escorreguei e caí com a boca em cima do Evan?

Merda. Merda. Merda. Merda.

Eu sabia, pelo jeito como se dirigia até mim, que ela estava prestes a partir para a briga, e eu não estava pronta para isso. Engoli em seco, arrastando os pés um pouco para trás, ganhando certa distância, indo até o arco jogado no chão próximo a mim.

— Sabe... eu não queria fazer isso — ela continuou. — De verdade. A sua morte só me causaria dor de cabeça, mas... acho que não tenho escolha, né? Eu disse pra você ficar longe dele, e você simplesmente me ignorou. — Agora sua expressão psicopata começava a me assustar, fazendo meu coração acelerar. — Mas ninguém vai poder dizer que eu não tentei impedir.

— Não faça isso — pedi, ciente de que não ia adiantar nada. Era só uma tentativa de ganhar tempo para alcançar o arco. — O Evan não vai gostar.

— Não se preocupe com isso — ela retrucou. — Ele não vai saber o que aconteceu aqui, afinal. — Ela fez uma pausa, e, justo quando meus dedos finalmente alcançaram a corda do arco, a garota se lançou até mim em velocidade vampírica, agachando bem à minha frente e me pegando pelo pescoço. — Não serei eu quem vai desperdiçar todo esse seu sangue.

NÓS, PERDEDORES

🔥SAMUEL🔥

Quando voltei para casa, encontrei Evan sentado no bar do subsolo, engolindo uma montanha das pílulas azuis que consumia como balinhas pelo menos quinze vezes ao dia e fumando o que devia ser o quinto cigarro desde que tinha chegado ali.

— Dia difícil? — perguntei, sentando no banco a seu lado e me servindo um copo da garrafa de absinto de que ele já tinha bebido metade.

— Dia difícil, Samuel? — ele retrucou, com um sorriso de descrença. Era a única pessoa no mundo que me chamava assim. — Não está nem perto disso.

— E por que você está tomando absinto e se entupindo de pílulas de ecstasy, que você sabe que são as únicas coisas neste mundo que conseguem te deixar alterado?

Ele engoliu mais cinco pílulas de uma vez. A jukebox no canto da sala tocava uma música depressiva, composta apenas da voz suave de uma mulher e de um piano.

Eu o encarei por alguns segundos antes de pegar meu copo e tomar um gole. Já podia sentir o cheiro do absinto quando Evan abaixou minha mão, me fazendo colocar o copo de volta no balcão.

— Que tipo de pessoa você acha que eu sou?! Não vou te deixar beber isso!

Ele puxou o copo em sua direção e o virou de um gole só antes que eu tivesse a chance de reclamar. Eu sabia quanto ele detestava que eu

bebesse ou fumasse. Era nessas horas que ele se comportava como o “papai Evan”.

— A Jullie me contou sobre uma conversa que ouviu entre ela e a Jéssica há alguns dias — desabafou, finalmente. — Ela estava com alguém — concluiu. — Antes.

— E qual é o problema? — perguntei. — Ela nem sabia quem você era antes, e agora não importa mais, certo? Ele não está aqui.

— Mas é nele que ela pensa — respondeu. — É com ele que ela sonha. E ele a beijou.

Eu sabia exatamente aonde aquilo estava prestes a chegar. Evan tinha um sério problema de orgulho com relação a pessoas que ele gostava. Combinado com o fato de sempre precisar provar a si mesmo que era o melhor em tudo que fazia, isso nunca terminava bem.

— E você foi até a Lollipop provar que ela ainda gosta de você, não é? — perguntei.

— E adivinha em quem ela pensou enquanto eu a beijava? — Ele bufou, se levantando e levando a garrafa consigo. — Eu podia não ter acreditado na Jullie, afinal nós dois sabemos como ela é, mas... mas o fato de a Lollipop sempre pensar nele me deixou intrigado. Eu queria saber se era verdade.

— Mas você sabe que se passou muito tempo, e que apagaram a memória dela — expliquei. — Não é como se a Lolli estivesse te traindo ou algo assim. Vocês eram inimigos, e às vezes... — Fiz uma pausa.

Era tão confuso para mim que ficava até difícil ajudá-lo. Eles eram inimigos ou amantes? Mais parecia que eram os dois. Decidi que era melhor nem continuar falando, então coloquei as mãos na cabeça e me debrucei sobre o balcão. De que adiantava tentar encontrar sentido onde não existia?

— Eu acho que o que nós sentíamos um pelo outro era forte demais pra admitir — Evan murmurou, parando de andar. — E por isso decidimos que matar um ao outro seria a melhor opção. Entende?

Balancei a cabeça. É claro que eu não entendia. Por que iriam preferir matar um ao outro a ficar juntos? Isso era impensável para mim. QUAL ERA O PROBLEMA DELES?!

— Era perigoso, Sam — ele explicou. — Aquela época era mais violenta do que agora, e se prender a alguém daquela forma era uma sentença de morte. Ainda mais do jeito que era com a gente. A Celena era como uma droga para mim. Eu não conseguia ficar sem ela nem por um dia. E nós funcionávamos muito bem juntos, mas... éramos os líderes de dois grandes clãs. A nossa prioridade era outra.

— E você a amou durante todo esse tempo — concluí, e ele baixou o olhar, como se não quisesse ouvir.

Uma palavra que Evan evitava a todo custo era “amor”, mas dava para ver em seus olhos quanto o machucava o fato de Lollipop ter um sentimento forte por outro homem. Mas taí uma coisa que ele jamais admitiria. Nem para si mesmo.

— E por que você ficou com a Jullie? — perguntei, finalmente.

— Eu pensei que ela tivesse morrido! Precisava de alguém pra... Sei lá. Pra me ajudar a esquecer.

— E o que você vai fazer?

— Não sei. Continuar como está, talvez. Fingir que nada aconteceu... Mas do que eu estou falando?! Eu acabei de beijar a Lollipop! O que eu estava pensando? Isso só piorou tudo!

Achei a confusão dele engraçada. Nunca o tinha visto assim. O grande Evan, pegador de mulheres, inabalável e inalcançável, e eu, seu “aprendiz”, que não tinha ganhado nada além de um tapa depois de beijar a garota de quem gostava. Ele estendeu a garrafa na minha

direção, o mais alto que podia: — Um brinde a nós, perdedores de primeira!

— Ei! Nós só não demos sorte na primeira vez! — reclamei, rindo, enquanto o via mandar o resto do absinto goela abaixo, com mais algumas pílulas de ecstasy. — Nós escolhemos as complicadas.

— Foda-se — retrucou, e agora a voz parecia mais arrastada que o normal. Finalmente tudo aquilo estava fazendo efeito em seu organismo morto. — Eu sou um merda mesmo.

Ele cambaleou para trás, desabando no sofá e jogando com força a garrafa no chão, fazendo o vidro se estilhaçar. Me virei para ele, girando o banquinho, e falei, em tom de pesar: — Você não é um merda. Só é... um idiota. Às vezes. Na maioria das vezes. Mas não importa. Você ainda tem salvação.

— É o que eu espero — disse para si mesmo, com um sorriso de descrença.

— SAM! EVAN! — ouvi alguém gritar do andar de cima, batendo com força na porta.

Me levantei na mesma hora, subindo a escada de incêndio. Eu sabia que aquela voz era de Emily, e pelo tom era realmente urgente.

Abri a porta apressado, me deparando com uma Emily cheia de sangue nas mãos, que saíam de arranhões profundos nos antebraços. Os olhos dourados estavam arregalados, e os cabelos brancos, desgrenhados. Ela disparou: — A Jullie está dando uma surra na Lolli na rua principal. Eu tentei impedir, mas... — O barulho do que parecia uma estrutura enorme desabando cortou sua fala, e entendi o recado na mesma hora. Passei por ela e corri na direção de onde tinha vindo o som.

Não me importava se Evan estava me seguindo ou não. Se eu conhecia bem Jazz, é claro que ela havia se envolvido naquilo para

defender Lollipop.

Virei a esquina, correndo tão rápido que quase não consegui fazer a curva. Havia uma pequena multidão ao redor delas, e precisei berrar para que abrissem caminho.

Assim que cheguei ao espaço livre no meio das pessoas, paralisei.

Lolli estava no chão, e o sangue cobria completamente seu rosto e seus braços. O ombro não estava num ângulo muito agradável de se ver, e havia um tipo de haste de metal atravessando a lateral de seu abdome. Jazz estava parada a seus pés, numa posição protetora, com as mãos em chamas e uma expressão desafiadora no rosto, que tinha alguns arranhões e estava sujo de terra.

Jullie estava na frente da garota, quase inclinada sobre ela, por ser mais alta. A vampira a pegou pelo pescoço, erguendo-a alguns centímetros do chão. Jazz colocou as mãos em chamas nos braços de Jullie, que gritou de dor, mas não a soltou.

Quase por instinto, corri na direção delas. Saltei nas costas de Jullie e derrubei as duas no chão, obrigando a vampira a soltar Jéssica. Eu sabia que não era forte o suficiente para lutar contra ela, mas faria o possível para impedir que machucasse qualquer uma das duas.

Olhei de relance para Lollipop conforme me levantava, ajudando Jazz a fazer o mesmo enquanto Jullie se recompunha. Ela se arrastava na direção de alguma coisa, e uma trilha de sangue se formava no caminho.

— Sam, você... — Jazz começou, mas, antes que pudesse continuar, a vampira avançou na direção de sua amiga.

Ela lançou uma bola de fogo sobre Jullie, investindo contra ela mais uma vez. Quando Jullie parou por um segundo para desviar, Jéssica aproveitou para pegá-la pelo cabelo, jogando-a no chão e ficando em cima dela. Desferiu um soco em seu rosto, mas a vampira sumiu em um

piscar de olhos, fazendo o punho de Jazz atingir o chão. A garota gritou de dor ao mesmo tempo em que Jullie se colocava atrás dela, passando os antebraços ao redor de seu pescoço.

Dei um passo em sua direção, para impedi-la de matar minha amiga, mas, quase como mágica, Jullie foi jogada longe por uma força invisível. Emily parou ao lado de Jazz e perguntou: — Você está bem? — Jéssica assentiu com a cabeça. — Sam, ajude a Jazz a tirar a Lolli daqui. Eu cuido da vaca — Emy continuou, passando o olhar cheio de ódio para onde tinha jogado Jullie, que atravessara o muro de uma das casas.

Corri até elas, querendo ajudar Jazz com sua amiga, mas Lollipop havia... sumido! O que...? No segundo seguinte, eu e Jazz fomos atropelados por Emily e Jullie. A vampira tinha pegado Emily pelos braços, batendo-a com força contra a parede de um dos prédios do outro lado da rua.

Se não fosse uma metacromo, com certeza Emily já estaria morta, assim como Lollipop e Jazz. A força que a vampira lançara contra as três era capaz de matar qualquer humano, mas, como tínhamos os ossos reforçados e uma resistência muito maior, conseguíamos ao menos uma luta justa com alguém como Jullie.

Eram tão rápidas que eu mal conseguia acompanhar com o olhar. Uma hora estavam ao nosso lado; na outra, em cima de um telhado ou algo assim. Emily jogou Jullie para longe mais uma vez, mas, antes que a vampira pudesse atingir o chão, a garota saltou em sua direção, dando um soco em seu abdome que a fez disparar para baixo, abrindo um buraco profundo na terra. Meu queixo caiu. Mas o que era aquilo? Caramba! Pareciam duas loucas!

A vampira se levantou, pegando Emily pelo pescoço, mas algo atingiu em cheio na coxa, fazendo-a cair de joelhos e soltar a garota. Era a mesma haste de metal que estava atravessada no abdome de Lollipop.

Olhei em volta. Lá estava ela, alguns metros adiante, com o arco ensanguentado largado ao lado do corpo.

Acho que nossa maior dúvida era se podíamos simplesmente lançar uma bola de fogo na cabeça de Jullie e matá-la de uma vez. É claro que essa era a opção mais óbvia, só que ela era a namorada do Evan. Não podíamos simplesmente eliminá-la.

A vampira mal tinha dado um passo na direção de Lolli quando *ele* apareceu, pegando-a pelo braço e a arrastando sem esforço algum, ainda que ela estivesse se debatendo. Parecia uma mãe levando uma criança birrenta. Evan estava irritado como eu nunca tinha visto. O efeito da bebida devia ter passado bem rápido, assim que ele se deparou com a luta.

— Mas que droga, Evan! Por que você demorou tanto? — murmurei, meio indignado, mas, só de me lembrar da quantidade de pílulas e absinto que ele ingerira, já sabia que o vampiro estava tão alterado quando Emily veio até nós que provavelmente tinha levado alguns minutos para se dar conta da situação toda.

Ele levou Jullie alguns metros adiante antes de soltá-la. Ela não ousou se mover quando ficou livre de seu aperto. De alguma forma, já sabia o que a esperava se tentasse ir para cima de Lollipop mais uma vez.

— O QUE VOCÊ PENSA QUE ESTÁ FAZENDO?! — ele berrou, me fazendo estremecer.

Evan já tinha gritado comigo daquele jeito uma vez, quando decidi fugir de casa por infantilidade, aos onze anos. Ele tinha ficado tão preocupado que aquela parecera sua única forma de extravasar, só que naquela ocasião eu não tinha tentado matar ninguém de quem ele gostasse.

A vampira se encolheu um pouco, encarando-o com os olhos arregalados. Olhei para Jazz, pensando que iria encontrá-la a meu lado,

mas ela já estava metros adiante, socorrendo Lolli. Fui até as duas, acompanhado de Emily, que também não me parecia em bom estado.

— *Não ouse* encostar um dedo no Sam mais uma vez, está me ouvindo?! — Evan gritou. — E nunca mais chegue perto da Lollipop, ou eu mesmo mato você antes que tenha a chance de pedir misericórdia. — Seu tom dessa vez foi mais baixo e frio. — Agora volte pra sua casa e nem pense em aparecer no meu campo de visão de novo.

Apenas observei enquanto ela dava as costas para ele, fuzilando Lolli com o olhar por alguns segundos antes de ir em direção ao final da rua. Não desviamos o olhar até ter certeza de que ela realmente tinha entrado em sua casa.

— Você devia ter expulsado a Jullie — Jéssica reclamou quando Evan se abaixou ao nosso lado e pegou Lollipop no colo com cuidado.

— Não adiantaria — ele respondeu. — Ela iria voltar de qualquer forma.

— E se ela tentar alguma coisa? — Emily quis saber.

— Ela não vai, porque sabe que eu falei sério sobre matá-la se ela voltar a chegar perto da Lolli — falou, fazendo um gesto na direção da garota em seu colo.

Sorri, encarando os dois. Lollipop tinha a cabeça apoiada no ombro de Evan, e seus olhos estavam fechados. Eu quase poderia pensar que estava desacordada, se não fosse pelo fato de ainda pressionar a perfuração no abdome com muita força, tentando estancar o sangramento. Estava tão pálida quanto Evan.

Passei o olhar para Jéssica, que caminhava a meu lado com o olhar baixo. Evitava a todo custo olhar ou tocar em mim, e minha única vontade naquele momento era beijá-la mais uma vez, embora soubesse que acabaria morto se tentasse. Talvez fosse apenas fruto de uma loucura pós-luta, mas o desejo era quase incontrollável.

Paramos por alguns minutos no hospital improvisado que tínhamos, onde Evan pediu que Emily e eu pegássemos alguns produtos de primeiros socorros enquanto levava Lolli até um dos quartos individuais.

Não demoramos muito para isso, deixando os dois sozinhos no quarto depois de ele dizer que cuidaria pessoalmente dos ferimentos de Lolli. É claro que fiquei surpreso. Evan sabia muito bem como fazer ataduras, dar pontos e tudo o mais, mas nunca tinha feito isso em alguém que não fosse eu, quando era menor e tinha medo de agulhas. Ele sempre me fazia rir ou me distraía com uma história nesses momentos.

Emily foi até alguns dos enfermeiros de plantão para fazer curativos em seus braços arranhados, e Jazz fez menção de ir junto, mas eu saí atrás dela antes que tivesse a chance de se afastar.

— Jéssica — chamei, segurando-a pelo braço. Ela se virou para olhar para mim, confusa. — Eu... eu posso cuidar disso, se você quiser — expliquei, fazendo um gesto na direção de seus arranhões. E podia mesmo.

Eu já tinha me machucado tantas vezes que chegou um ponto em que Evan praticamente me obrigou a aprender a me cuidar sozinho. Arranhões como os dela eram minha maior especialidade.

Jéssica deu de ombros, permitindo que eu a conduzisse até um dos bancos no corredor. Havia sobrado um pouco de gaze e esparadrapo de um dos kits que Evan nos pedira, então os peguei.

— Sobre ontem... — comecei, após algum tempo, passando uma mistura anti-inflamatória nos antebraços machucados dela.

— Sempre tem um motivo — ela sussurrou, o que me fez parar. — Ninguém ajuda ninguém sem uma boa razão.

— Eu só queria pedir desculpas — falei. — Sei que não devia ter feito aquilo, mas...

Um grito irrompeu do quarto cuja porta ficava atrás de mim, e nós dois viramos para olhar. Eu sabia que era Lollipop quem estava ali. Evan devia estar tendo um trabalhão.

— Não precisa me pedir desculpas. Fui eu que te dei um tapa — ela respondeu, quando voltei a olhar em sua direção. — E eu deixei você me beijar.

— Então você quis — concluí, com um sorriso malicioso. Ela fechou a cara, voltando a olhar para a atadura que eu punha em seu braço. — Nós poderíamos ser pelo menos amigos, então. Eu ainda tenho coisas pra te ensinar, e não quero perder você por um erro tão idiota.

— Amigos... — Jéssica repetiu, num tom tão baixo que quase pensei que tivesse sido algo da minha cabeça. — Amigos como eu e a Lolli. E você e o Evan.

— Amigos como *eu e você* — corriji, prendendo a gaze com alguns pedaços de esparadrapo.

Sorri, satisfeito com meu trabalho, olhando para as ataduras. Eu sabia que Jazz estava me encarando, e queria que ela tivesse tempo para pensar antes de me dar uma resposta definitiva. Não que eu precisasse de uma. Me afastar dela não era uma opção.

— E o que é que amigos como *eu e você* fazem? — ela perguntou, franzindo o cenho e me analisando com atenção.

— O que você quiser — respondi, tentando não demonstrar a quantidade de pensamentos maliciosos que passavam pela minha cabeça.

Ela se aproximou mais, se sentando perto de mim e se inclinando na minha direção, hesitante. Quando estava próxima o suficiente para que eu pudesse sentir sua respiração em meu rosto, parou.

Esse era um daqueles momentos em que eu podia imaginar o que fazer a seguir: beijá-la. Só que, pela forma como me olhava, percebi que não era isso que ela queria que eu fizesse. Suspirei. Jéssica era tão complexa que eu podia ficar horas olhando para ela sem conseguir entender como funcionava.

Uma hora não me queria; na outra, queria. Em um momento demonstrava que gostava de mim, no seguinte estava brava consigo mesma por tê-lo feito. Eu sabia exatamente o motivo. Ela tinha medo de parecer vulnerável. Não era o que eu sentia, muito pelo contrário, mas Evan sofria do mesmo problema, e eu convivía fazia tanto tempo com ele que sabia reconhecer os sinais. Sabia como aquilo funcionava.

Ela colocou a mão em meu rosto, descendo os dedos pela minha bochecha até o queixo, antes de apertar os lábios contra os meus de forma suave, por um segundo.

— Tipo isso? — perguntou em tom de sussurro, depois de se afastar apenas alguns centímetros.

— Se for o que você quer...

— Se não fosse o que eu quero, eu não teria feito, imbecil — replicou, aumentando o tom e voltando a ficar numa distância maior do que eu gostaria.

Sorri, sem acreditar. Então era isso? Uma piada e nós éramos amigos como antes? Amigos com benefícios, como ela parecia querer. E por mim não tinha como ficar melhor.

4 DE JULHO



Ele me colocou na cama com cuidado depois de fechar a porta do quarto, arrumando tudo de que precisaria no criado-mudo a meu lado com agilidade.

Mantive as mãos pressionadas contra a perfuração na minha barriga, tentando estancar o sangramento, que felizmente já tinha diminuído bastante.

— Vadia... — murmurei entredentes.

Eu estava borbulhando de raiva e mal conseguia me segurar. Pensar que Jullie quis levar vantagem em uma luta que ela já tinha ganhado! Tive vontade de levantar dali e arrancar a cabeça dela com minhas próprias mãos. E ela ainda havia ousado tocar na Jazz... Ah, aquela piranha iria se ver comigo.

— Ei, calma aí, garotinha — Evan disse, colocando a mão no meu ombro bom e me fazendo recostar nos travesseiros mais uma vez quando, por um momento de insanidade, pensei que pudesse descer da cama. — Nós ainda temos algumas coisas pra resolver aqui.

Eu o encarei por alguns segundos, deixando que afastasse minhas mãos do ferimento e levantasse a barra da camiseta para vê-lo. Uma careta surgiu em seu rosto, o que me deixou com um pouco de medo de olhar também.

— Desculpe. É que... não está muito bonito — comentou, pegando uma garrafa cheia de água e a chacoalhando, como se tentasse misturar algo ao líquido. Provavelmente era sal, para limpar a perfuração.

Molhou uma toalha branca, passando-a ao redor do machucado para limpar o sangue, como se quisesse me dar um tempo para me preparar antes de a coisa ficar realmente dolorosa.

— Agora me diga... você quer com ou sem distração? — perguntou.

— O que você...? — comecei, mas, antes que pudesse continuar, ele passou a toalha por cima da perfuração, que ardeu como se o inferno estivesse sendo criado do zero na minha barriga, alguns centímetros à direita do umbigo.

Cerrei os dentes, me contorcendo e fazendo o possível para não gritar. Eu era orgulhosa demais para me permitir mostrar fraqueza na frente dos outros. Principalmente do Evan.

— Acho que a resposta é “com distração” — murmurou. — Sobre o que você quer conversar?

— Sobre o que eu quero conversar?! Eu quero é que você termine logo com isso e... — Berrei quando ele pressionou com força a toalha em cima do ferimento. — Mas que merda, Evan!

— Desculpe — ele disse, apressadamente. — Você estava distraída reclamando. Achei que era uma boa ideia aproveitar o momento.

Eu o fuzilei com o olhar, observando enquanto afastava a toalha e pegava um tipo de unguento que provavelmente era anti-inflamatório. Estendeu na minha direção um pano azul e explicou que seria uma boa ideia colocar aquilo na boca antes que chegasse a pior parte.

— Vou ter que passar isso dentro do machucado, e não vou mentir: vai doer pra cacete.

— Que bom que você sabe exatamente como dar apoio moral a alguém num momento difícil.

— É melhor do que te ouvir me xingando se eu contasse uma mentira.

Bufei, colocando o pano azul na boca, prendendo a respiração e cerrando os punhos. Tentei me preparar de alguma forma para a dor, mesmo sabendo que não é possível se preparar para uma coisa assim.

— Eu sabia que você estava vindo até mim — ele revelou de repente, no tom mais calmo possível, começando a fazer seu trabalho. Mordi o pano com toda a força que tinha, segurando o grito e fazendo o que podia para me concentrar em sua voz. — Me contaram que havia duas garotas seguindo o caminho da trilha até a cidade na semana em que te trouxeram. “Tem uma criança e uma garota de cabelo colorido”, foi o que o Henry disse. “E ela se parece com a Celena.” — Juro que teria achado graça na péssima imitação dele para a voz de seu amigo mais velho, mas a situação não me ajudava muito no quesito bom humor. — Eles seguiram vocês por três dias, esperando qualquer movimento suspeito, ou uma prova de que você tinha telecinese, mas... você não usou o seu poder em nenhum momento. — Passou o olhar para mim por um segundo, as sobrancelhas juntas, afastando as mãos. — E também não usou hoje, com a Jullie. Por quê?

Cuspi o pano azul no chão, feliz pela pior parte ter acabado antes de pensar numa resposta. E não é que ouvi-lo falar ajudava mesmo?

— Não sei como era antes de ser capturada pelo Instituto — comecei, observando-o pegar agulha e linha para costurar o ferimento. — Mas... agora, toda vez que eu tento mover alguma coisa, é como se todo o peso da Terra estivesse em cima das minhas costas. Como se fosse me esmagar. E a dor é quase insuportável. Então, a menos que eu não tenha outra opção, não uso o meu poder.

Ficamos em silêncio enquanto ele dava dois ou três pontos no lugar, cobrindo a ferida com gaze e esparadrapo logo depois. Quase pude respirar aliviada por alguns segundos, antes de lembrar que aquele não era o único ferimento razoavelmente grave que eu tinha.

Depois de limpar as mãos, Evan me ajudou a sentar de frente para ele e ficou de pé, encostado no colchão, no espaço entre minhas pernas. Não era uma posição muito confortável para mim, já que era um pouco constrangedor tê-lo tão perto, mas precisava ser assim para que ele pudesse examinar com mais atenção o corte que Jullie tinha aberto em meu supercílio.

Mantive as mãos nas coxas, evitando o máximo possível tocar nele. Tínhamos nos beijado e discutido no mesmo dia, pouco tempo antes. Como eu poderia ficar? É claro que não agiria normalmente!

— O corte pode esperar um pouco — ele sussurrou, se afastando de leve e passando o olhar para o meu ombro deslocado. — Vou consertar isso aqui antes.

— Vai doer, não vai? — choraminguei.

— Eu sabia que era você — Evan prosseguiu, ignorando minha pergunta, já que eu sabia a resposta. Posicionou uma mão no meu ombro e a outra nas minhas costas, já se preparando para colocá-lo no lugar, e eu me encolhi um pouco. — Não por causa de todas as características que ele listou pra mim e das memórias que vi em sua mente. Eu simplesmente sabia e tinha a sensação de que você voltaria pra mim já fazia um tempo.

Eu ia perguntar o que exatamente ele quis dizer com “voltaria pra mim” quando Evan colocou meu ombro no lugar, me fazendo gritar. Ouvi-lo pelo menos serviu para que eu não ficasse esperando a dor, com medo dela antes da hora, e eu estava muito grata por isso.

Depois ele enrolou um pano ao redor do meu ombro, criando uma tipoia para que eu pudesse apoiar o braço. Me explicou que em um ou dois dias eu poderia tirá-la, já que nós, singulares, nos curávamos mais rápido.

Em seguida pegou um pote de cima do criado-mudo, voltando a se aproximar e a se concentrar no corte no meu supercílio. Esse era menor.

O vampiro pegou um pouco da pasta no pote com a ponta do dedo indicador. Parecia tratar aquilo como se fosse algo muito precioso.

— É um unguento cicatrizante feito com calêndula. É a melhor planta que temos por aqui para isso, mas, como ela se dá um pouco melhor em climas como o da América e não cresce muito em períodos de estiagem, se tornou valiosa. Nós não temos mais sistemas de irrigação, então cada flor que nasce neste território é quase um tesouro — falou com paciência, enquanto rosqueava novamente a tampa do pote e o colocava de volta no criado-mudo. — Como esse corte não foi muito profundo, não precisa de pontos. Isso já vai ser suficiente.

Achei a postura dele engraçada. Parecia um tipo de médico quando falava daquele jeito, e eu precisava admitir que achava bem sexy. Passou o dedo com sutileza pelo corte, e, quando começou a arder, agarrei as laterais de sua camiseta branca ensanguentada, o que o fez sorrir. Nunca o tinha visto agir com tanta paciência comigo. Era como se tivesse mudado da água para o vinho em apenas alguns minutos.

— Eu não sou esse cara insensível sem coração que você imagina. — Ele colocou um fino pedaço de gaze e esparadrapo em cima do corte, para protegê-lo. — Apesar de estar tecnicamente morto, eu ainda sinto dor, e sei exatamente como você deve estar se sentindo. Não vou me aproveitar disso pra te irritar e encher o saco.

— Então é proposital? — perguntei, o que o fez rir.

— Na maioria das vezes — brincou. — Tem alguma coisa extremamente prazerosa em te importunar. É quase uma obsessão pra mim.

Sorri, deixando que Evan limpasse o sangue do meu rosto e os arranhões em uma das bochechas. Apontou para a sobrancelha esquerda e disse, num tom meio pesaroso demais: — Isso mudou. O Instituto deve ter consertado.

— O quê? As minhas sobrancelhas?

— Sim. Você tinha uma cicatriz aí antes, que causava uma falha — contou, e eu pude ver os cantos de seus lábios se erguendo em um sorriso extremamente discreto. — E o culpado fui eu.

Olhei para ele com um ar um pouco confuso, deixando claro que queria saber mais sobre a história.

— Foi com um pé de cabra — contou. — Era 4 de Julho, há exatamente cinquenta e três anos. Você me interceptou no meio do caminho para um contêiner que soubemos que cairia na Área 7. Foi uma das discussões mais longas que tivemos. Acabou com... — Fez uma pausa, e o sorriso diminuiu, ao mesmo tempo em que algo brilhava em seus olhos. Não consegui identificar exatamente o que era. Nostalgia, talvez? — Acabou com você simplesmente indo embora, dizendo “Você ganhou dessa vez, vampiro babaca, mas duvido mesmo que vão nos dar algo bom”. Foi o melhor contêiner recebido nos últimos cinquenta anos.

Balancei a cabeça, revirando os olhos. Seria mesmo possível que nos odiássemos tanto assim? Quer dizer... não que Evan não fosse uma pessoa detestável, mas... não era para tanto. Era?

Meu “enfermeiro” se afastou, pedindo que eu me virasse de costas para que ele pudesse ver um corte consideravelmente grande que Jullie havia feito com a mesma haste com que perfurara minha barriga.

Tenho de admitir que me surpreendi com a atitude dele quando apenas cortou um pedaço do tecido da minha roupa, sem pedir que eu a tirasse logo. Esperava uma piada maliciosa ou algo do tipo, mas não houve nada.

— Ela não pegou leve com você, não é mesmo? — murmurou, já começando a dar os pontos.

— Não é pra menos — falei. — Você... você me beijou.

Era essa conversa que estávamos evitando desde o início, quando chegamos àquele quarto. Como ele não disse nada em seguida, vi que não queria falar sobre isso. Decidi mudar de assunto antes que o silêncio ficasse constrangedor demais.

— E por que aquele foi um dos melhores contêineres?

— Veio da América do Norte. Estavam de bom humor porque era 4 de Julho, então decidiram ser “caridosos” — relatou.

— E o que tem de tão importante nessa data?

— Era quando comemoravam a independência dos Estados Unidos, antes de tudo isso começar, e não dá pra negar que eles eram muito patriotas. — Fez uma pausa. — Faz muitos anos que eu não viajo pra lá, até porque é raro conseguir um barco ou avião que faça o transporte rápido, mas no último 4 de Julho que eu passei nos Estados Unidos, há vinte anos, eles ainda soltavam fogos. Estavam muito mais escassos do que há dois séculos, mas... a lembrança continua viva.

— Fogos — repeti. Não era uma palavra completamente estranha para mim, mas eu não tinha ideia do que se tratava. Pela forma como Evan falou deles, pareciam ser uma coisa interessante.

Senti a agulha perfurar minha pele mais uma vez e não pude deixar de me mexer de forma desconfortável. Não doía menos com o tempo, para meu azar, e eu estava torcendo para ele continuar falando, já que só dei mais importância à dor quando ele pronunciou a última palavra.

— Você nunca viu, não é mesmo? — perguntou, chamando minha atenção mais uma vez, e eu disse que não. — São como estrelas cadentes que partem da Terra — descreveu. — Quando atingem determinada altura, explodem, formando grandes círculos de faíscas de todas as cores, que flutuam no céu por alguns segundos antes de desaparecer completamente, deixando apenas fumaça para trás.

Fechei os olhos, tentando imaginar a cena. Se fossem mesmo como ele estava contando, então os fogos deviam ser uma coisa majestosa. Estrelas cadentes que partem da Terra. Eu não conseguia visualizar com clareza, mas só as palavras já causavam impacto.

— E existe alguma chance de eu conseguir ver um dia?

— São quase tão raros quanto encontrar um diamante, Lollipop — respondeu, e não pude deixar de sorrir ao ouvi-lo me chamar daquele jeito. — Mas acho que você tem sim uma chance, se tiver esperança.

— Esperança? — Levantei uma sobrancelha. — Eu nem sabia que essa palavra estava no seu vocabulário, vampiro.

— Está. — Finalizou o curativo em minhas costas por cima dos pontos e se colocou à minha frente. — Muito mais do que você imagina, garotinha. — Tocou a ponta do meu nariz por apenas um momento.

Algo em seu tom e em seu olhar me dizia que aquilo tinha um significado um pouco mais profundo do que parecia, e que tinha, sim, a ver comigo.

MEDO

JÉSSICA

Já fazia pelo menos uma hora que Evan e Lollipop estavam dentro daquele quarto quando ele finalmente saiu, fechando a porta com cuidado para não fazer barulho.

Estava um pouco mais pálido que o normal, se é que isso era possível. Algo me dizia que era porque tinha passado muito tempo exposto a sangue sem poder consumi-lo. Ouvi em algumas histórias que isso faz mal aos vampiros.

Eu o encarei por alguns segundos, analisando suas roupas cheias de sangue. Não usava mais a jaqueta, que agora trazia jogada no ombro. Se pudesse suar, acho que estaria pingando naquele momento. Parecia exausto.

Fiquei esperando que ele dissesse algo, revelando se tudo havia corrido bem, se Lolli ainda estava viva. Eu havia até prendido a respiração. O clima era tão tenso que eu quase podia sentir um peso sobre os meus ombros.

— Como foi? Como ela está? — perguntei.

— Razoavelmente bem — ele respondeu, suspirando e desabando a meu lado no banco, ao mesmo tempo em que Sam se levantava, dizendo que iria pegar uma das reservas de sangue o negativo que guardavam no hospital para ele. — Ela se saiu bem. Muito forte. Eu não conseguiria se estivesse no lugar dela, pra falar a verdade. Os ferimentos foram profundos, e ela levou muitos pontos. Não tínhamos anestesia, o que não ajudou, mas... nós conseguimos do mesmo jeito.

Sorri um pouco, feliz por ela estar bem. Eu sabia quão forte Lolli podia ser quando queria.

— E... você acha que eu posso falar com ela? — perguntei.

— Não acho uma boa ideia. Dei alguns remédios contra a dor para que ela pudesse dormir. Mais tarde, quando ela estiver melhor, você pode entrar — o vampiro respondeu.

Assenti, baixando a cabeça. Ele tinha razão. Lolli precisava de um tempo. Depois do que acontecera, me surpreendia que ainda estivesse viva.

— Espero que ela fique bem. Eu realmente queria ter conseguido ajudá-la, mas, se ela não conseguiu combater aquela piranha com todos os seus poderes, imagine eu... O melhor que eu fiz foi confiar que você a ajudaria. Eu sei que você se importa muito com ela. Já percebi isso.

— E eu sei aonde você quer chegar — ele disse, antes que eu pudesse continuar. — Mas não sei se essa é uma conversa que a gente deve ter aqui.

Assenti mais uma vez. Não sabia se ele estava fugindo do assunto ou se simplesmente não queria falar naquele momento. Eu não tinha muita intimidade com Evan, mas com Lolli sim, e ela, querendo ele ou não, fazia parte do problema.

— Olha... Eu não sei o que aconteceu pra Jullie dar aquele ataque, mas, o que quer que tenha sido, quase matou a Lolli. Então vocês têm que resolver isso logo — falei.

Ele abriu a boca para responder, mas, antes que pudesse fazê-lo, Sam apareceu com uma bolsa de sangue, que entregou para o vampiro.

Quando Sam chegou, senti algo estranho. Era como se ele soubesse o que eu estava pensando, ou percebesse que eu ficava distraída e sem reação quando ele estava por perto. Ao mesmo tempo em que desejava tocá-lo, eu queria ficar o mais distante possível. No momento em que o

via, só conseguia pensar naquele beijo na festa, e no meu breve momento de coragem mais cedo.

Mas eu precisava me concentrar no assunto que realmente importava, então tentei disfarçar o constrangimento desviando o olhar. Ele tinha que chegar bem na hora em que o assunto estava ficando interessante? Ele se sentou a meu lado ao mesmo tempo em que me levantei.

— Ok. Se você não quer conversar sobre isso *aqui*, então vamos para outro lugar — sugeri, cruzando os braços.

— Devo ficar preocupado? — Sam brincou, o que me fez sorrir e dar um soco de leve em seu ombro. Acho que a idiotice era mal de “família”.

Evan olhou para mim por apenas um segundo enquanto abria a bolsa de sangue, e depois para Sam. Então perguntou, num tom forçadamente ofendido: — Você não teve a decência de trazer um canudo? E ainda por cima dá a entender que eu vou roubar a garota do meu melhor amigo? Quem você pensa que eu sou? Um monstro?! — O vampiro se levantou. — Pois você está completamente certo. Eu sou. Mas não desse tipo.

Engoliu todo o líquido vermelho em menos de dez segundos antes de jogá-lo no lixo.

— Ei! Nós somos só amigos! — falei, levantando as mãos e recuando um ou dois passos.

— E eu sou a Whitney Houston — o vampiro brincou e se aproximou, ficando a apenas alguns centímetros antes de sussurrar: — Qual será a maior mentira?

— Olha, amigo — Sam começou, levantando e colocando a mão no ombro de Evan. — Apesar de ser difícil admitir... — fez uma pausa — eu acho que ela mente melhor do que você. Já te vi cantando umas

músicas suspeitas trancado no quarto, e dizer que você é a Whitney é a melhor explicação pra isso.

O vampiro se endireitou, levantando as sobrancelhas, surpreso com a resposta de Sam. Coloquei as mãos na frente da boca, tentando segurar o riso, mas não deu muito certo. Evan apontou para nós dois, um depois do outro, e perguntou, nos fuzilando com o olhar: — Isso é um complô? É isso que eu estou vendo?! Moleque, eu troquei as suas fraldas e...

— Alguém está se sentindo ameaçado, Jazz. Acho que nós acertamos o ponto fraco dele — Sam brincou, interrompendo-o e levantando a mão aberta para que eu pudesse bater nela, em um cumprimento.

Nossa discussão demorou mais alguns minutos, até uma das enfermeiras vir pedir que falássemos mais baixo. Não pude deixar de ficar surpresa ao ver alguém dando ordens a Evan. Ele era o líder do clã! Não era todo dia que víamos uma coisa assim.

Nós nos entreolhamos por alguns segundos, nos perguntando o que fazer a seguir. Lembrei o que estávamos falando antes e quanto eu queria pôr fim àquela história antes que Jullie aparecesse do nada para cobrar Lolli mais uma vez. Então eu disse, por fim: — Agora nós precisamos realmente conversar, Evan.

Ele voltou a ficar sério. Sabia que aquele era um assunto razoavelmente urgente. Qual é?! Quanto tempo Evan e Lollipop iriam ficar negando que gostavam um do outro?

Evan pediu que eu o acompanhasse até sua casa, onde trocaria de roupa e nós poderíamos conversar.

Ficamos em silêncio durante todo o caminho. Sam tinha decidido permanecer no hospital para o caso de alguma emergência, e, como eu e o vampiro não tínhamos muita intimidade, não me senti à vontade para puxar assunto.

Ao chegarmos, ele pediu que eu me sentasse no sofá e esperasse alguns minutos, enquanto ia tomar um banho.

Não demorou muito para voltar, vestindo apenas um jeans e camiseta azul-marinho. Dava para ver que usava um tipo de colar com plaquetas militares no pescoço, mas, antes que eu pudesse prestar mais atenção nelas, Evan as colocou por dentro da camiseta.

Se sentou à minha frente, no braço da poltrona preta de couro que havia ao lado do sofá, e me encarou em silêncio, esperando que eu desembuchasse.

— Indo direto ao ponto... dá pra notar facilmente o seu sentimento pela Lolli. O jeito que você olha para ela e a forma como falou com a Jullie depois do que aconteceu hoje deixam isso bem claro. Eu realmente não sei o que vocês dois estão esperando pra mostrar o que sentem um pelo outro...

— Uau! — exclamou, sorrindo sem graça, coisa que eu nunca o tinha visto fazer. — Acho que a sinceridade foi uma lição que você aprendeu com a sua amiga. E a falta de sutileza também.

Ele pegou algo do bolso. Um maço de cigarros. Acendeu um antes que eu tivesse a chance de reclamar e deu um longo trago.

— O que você quer que eu faça? — perguntou. — Eu já tentei. Hoje mesmo, aliás, mas não foi exatamente em mim que ela pensou quando eu a beijei, pra começo de conversa.

— O problema é o Chris, não é? — murmurei, balançando a cabeça. Aqueles dois idiotas... — Eu gostava muito dele, ele me ajudou num dos momentos mais difíceis da minha vida, mas... ele se foi. É *você* que está aqui agora. E não consegue esconder o que sente pela Lolli, por mais que tente, assim como ela também não esconde. Você pode até tentar fingir que é indiferente a tudo, mas eu sei que lá no fundo realmente se importa com a Lolli. Só precisa admitir isso pra ela e está tudo certo.

Evan soprou uma nuvem de fumaça para cima, sorrindo ao mesmo tempo. Fiquei sem saber se estava achando graça no meu “elogio” ou em todo o restante. Esperei por uma resposta, vendo-o tragar mais algumas vezes, de braços cruzados. Quando finalmente falou, tive uma vontade insana de pular em cima dele e bater sua cabeça no chão até que voltasse a si.

— Ela não gosta de mim, Jéssica. Você ainda não entendeu isso? Gente do céu. Ela só está confusa. Não sabe se o que sente por mim é uma lembrança da outra vida ou se é uma coisa presente. E eu duvido muito que seja a segunda opção. Além disso... eu sei muito bem como é esperar por alguém mesmo depois da morte dessa pessoa, e sei que não é nada fácil esquecer de uma hora para outra. Eu mesmo já passei por isso e, pra falar a verdade, ainda não esqueci quem era a sua amiga antes de tudo isso acontecer.

Eu não tinha ideia do que responder. Era difícil tentar compreender a situação dele, e, como Lolli quase sempre se recusava a falar sobre Evan, eu também não sabia exatamente a posição dela. Mas tinha colocado na cabeça que ia juntar os dois, nem que fosse a última coisa que fizesse na vida. Então precisava pensar num argumento.

Dava para saber, pela forma como ela se comportava perto dele, que havia alguma coisa ali. Lolli nunca tinha sido o tipo de pessoa que se arruma para impressionar alguém, mas, por ele, ela fazia isso. Eu também nunca a tinha visto perder a calma tão facilmente quanto perdia com o vampiro, o que era um grande sinal de quanto ele mexia com ela.

Eu a conhecia como a palma da minha mão, e o que ela sentia por Chris era completamente diferente. Lolli nunca me dissera que gostava dele e sempre agia com naturalidade quando estavam próximos. Com Evan, não. Até mesmo a forma como se moviam perto um do outro era diferente; eles eram como peças de um quebra-cabeça, que precisam se encaixar para fazer sentido. Quando eu a vira, horas antes, no colo dele

enquanto a levava para o hospital, ficou evidente quanto eles se completavam. Ela confiava nele. Confiava de uma forma muito estranha, mas confiava.

— Evan... Você não conhece a nova Lolli como eu conheço. O Chris era uma pessoa muito especial pra ela, eu nunca vou negar isso, mas era um sentimento que ela nunca notou. Vinha só da parte dele, e o que ela sentia era gratidão pela ajuda que ele nos dava. Tudo o que ele fez por nós duas está na nossa memória até hoje, por isso ela pensou nele quando te beijou. Ela se sentiu culpada por sentir uma coisa real, porque ele morreu gostando dela. Eu vejo os olhares que ela lança pra você, e esses olhares não têm *nada* de parecido com o jeito que ela olhava para o Chris.

O sorriso irônico sumiu do rosto dele na mesma hora. Evan me encarou mais uma vez, tirando a atenção dos anéis de fumaça. Se inclinou em minha direção, como se estivesse curioso: — Eu sei que você tem certeza disso. Eu posso ler nos seus pensamentos que você realmente acredita no que está dizendo... mas... como? Como você pode saber?

— Nunca imaginei que você ficaria tão inseguro em relação a alguém... — falei, baixo o suficiente para que apenas eu ouvisse, antes de continuar. — Evan, uma pergunta bem rápida... Quem é que interrompeu o beijo?

— Fui eu, mas...

— Ahhh, Evan! Vá se danar! — cortei. — EU SABIA! Você devia ter continuado e visto aonde isso ia levar! Ela nem te impediu quando você a beijou, e você se pergunta qual é o sentimento dela? A Lolli está *apaixonada* por você. É isso que ela sente, se é que você não consegue perceber.

O queixo dele caiu diante da minha reação. Sim, eu tinha ficado irritada. Mas que tipo de idiota era ele?! Se Evan tivesse me dito antes

que tinha sido ele quem parara o beijo, eu não precisaria ter feito todo aquele discurso. O que ele estava pensando? Era *ele* quem estava se impedindo de ficar com Lolli, e não o contrário!

— Ei! Calma aí, pirralha! — disse, se levantando da poltrona e recuando alguns passos. — Ela pensou naquele idiota durante o beijo! O que você faria se estivesse no meu lugar? Hã? Ela pensou claramente: *Taí uma coisa que eu, com certeza, não tinha sentido com o Chris*. Não me parece uma boa reação!

— Oi? Foi isso que ela pensou? Mas você realmente consegue superar todas as escalas possíveis de imbecilidade! Eu vou desenhar pra você. Se ela pensou que *nunca* tinha sentido aquilo com o Chris, quis dizer que os sentimentos que tem por você são mais fortes!

Ele parou por um momento, deixando as mãos caírem ao lado do corpo, encarando um ponto qualquer da sala com os olhos vidrados, como se estivesse, finalmente, tendo um raciocínio claro sobre as coisas. Chegava a ser cômico.

— Eu... eu não tinha pensado por esse lado — resmungou.

— Mas é claro, né, Evan?! Você se convenceu sozinho de que a Lolli não correspondia e nem percebeu que o sentimento dela por você é totalmente diferente da relação com o Chris! Como você pôde ser tão burro?! Está estampado na cara dela!

— E o que eu vou fazer? Chegar nela com meu cavalo branco e me declarar, esperando um final do tipo felizes para sempre? Não, Jéssica. Isso não vai acontecer. Tudo isso pode ser simplesmente uma lembrança do que ela sentia antes, que a deixa confusa. E eu com certeza não gostaria nem um pouco de chamar confusão de amor assim, tão facilmente.

Ele era cego, surdo ou só ignorante mesmo? Como era possível que fosse tão...? Eu não tinha uma palavra certa para aquilo. Talvez a expressão que melhor se encaixava fosse “negligente com seus próprios

sentimentos". Mas eu entendia. Ele sentia o mesmo que eu: medo. Ambos tínhamos medo de nós mesmos e do que éramos.

Era mais fácil fechar os olhos e fingir não dar a mínima para o resto do mundo, quando no fundo nos importávamos sim, e sabíamos que precisávamos das pessoas amadas para sermos felizes.

Evan era muito parecido comigo, por mais que eu odiasse admitir. Tínhamos receio de perder a identidade se nos apaixonássemos por alguém e, pior, tínhamos medo de amar intensamente e depois perder. Ele estava inseguro e com medo de se permitir amar Lolli, e a única defesa que tinha para evitar isso era a raiva e a negação.

Nesse momento, senti como se algo estivesse embaralhando ou remexendo meus pensamentos, e sabia que era ele.

Suspirou, dando alguns passos na minha direção, e eu me coloquei de pé. Não que adiantasse muito, já que ele era meio metro mais alto. O vampiro se curvou um pouco e disse, suspirando: — Tudo bem. Por mais que eu não queira admitir, você está certa. Eu vou mostrar pra ela.

— Como assim, "mostrar"? — perguntei, e tudo o que ele fez foi sorrir, se endireitando, me dando as costas e saindo em disparada para o lado de fora. — Como assim, "mostrar", Evan?! — repeti, mas ele já havia ido embora.

Idiota. Depois de tudo ele iria me deixar daquele jeito? Parada no meio da sala, sozinha e curiosa? Mas o que... Antes que eu pudesse dar um passo, ele voltou, colocando a cabeça para dentro e dizendo, em tom animado e apressado: — Ah... primeira gaveta da estante de CDs. O Iron Maiden de que ele gosta. Diga que foi com os meus cumprimentos.

Sorri, mordendo o lábio, sem acreditar. Evan tinha sumido mais uma vez. E eu, pelo menos, agora tinha um propósito.

ESTRELAS CADENTES



Já haviam se passado dez dias, e eu finalmente tive alta. A parte boa era que não precisava mais usar os curativos ao redor da perna e estava totalmente livre para andar e correr.

Evan havia desaparecido como a neve num dia de sol. Nunca mais tinha ido até o hospital me ver, e as únicas notícias que eu recebera dele vinham por intermédio de Sam, que contou que ele tinha viajado para buscar alguns materiais que nos ajudariam a aprimorar o sistema de distribuição de energia para a cidade. Por mim tudo bem, mas... ele não tinha nem se dado o trabalho de dizer tchau!

Todos os dias eu me perguntava se ele havia se arrependido do que acontecera e por isso tinha decidido partir de forma tão repentina, sem dar satisfação nem ao seu filho/irmão/melhor amigo. Eles se falavam apenas pelo telefone via satélite que tinham. Eram os únicos do continente a possuir aquilo, graças a um trabalho muito bem elaborado de alguns dos homens e mulheres mais inteligentes do clã, que tinham conseguido invadir o único satélite que ainda funcionava e era de uso exclusivo dos Eles.

O fato de Jéssica reforçar todos os dias quanto nós tínhamos “química”, ou seja lá qual fosse a expressão que ela usava, fortalecia ainda mais a ideia de que talvez o sentimento que eu me lembrava de nutrir por ele não se parecesse nem um pouquinho com ódio. Porém, se o vampiro dizia que éramos só inimigos, era nele que eu acreditaria. Afinal não era eu a pessoa certa para tirar conclusões sobre o que acontecera.

— Lolli! — Jazz chamou, entrando em meu quarto como um furacão. Segurava uma sacola de tecido. — O Evan ligou para o Sam. Ele disse que está a caminho e que chega em algumas horas.

— Horas?! — perguntei. — Ele está a horas de distância e não deu sinal de vida por dias?! Quem esse vampiro pensa que é?! — Eu me levantei, andando de um lado para o outro no quarto sob o olhar confuso de Jazz. — Quer dizer... era de esperar que, depois de ter me beijado e cuidado de mim daquele jeito, ele me desse alguma satisfação, ou pelo menos se despedisse, não?!

— Estou sentindo um cheiro bem forte de nervosismo e insegurança neste quarto — comentou. — E acho que está vindo de você. Acho bom você tomar um banho antes que ele perceba.

Revirei os olhos. Eu estava irritada demais para rir de piadas. Ok. Talvez não fosse apenas irritação e Jazz tivesse razão, mas... o que iria acontecer? Evan voltaria e...? Nós continuaríamos vivendo nossa vida normalmente? Que diferença faria?

— O Sam quer colocar algumas mesas do refeitório na rua principal e servir o jantar ao ar livre hoje pra recebê-lo. Talvez colocar uma música pra tocar, mas nada de mais. Nós nem temos condições pra isso, aliás. Depois da nossa briga com a Jullie, ele teve que consertar todo o estrago, o que custou quase um estoque de suprimentos inteiro para a Área 5, nossa vizinha mais próxima — ela contou. — Enfim... você vai. Não quero nem saber. Pode continuar o que quer que esteja fazendo lá — terminou, apontando para os tubos de flechas que eu havia começado a fazer com a madeira de alguns galhos.

Levantou na minha direção a sacola que segurava, empurrando-a contra meu peito e me fazendo cambalear um passo, com um olhar de “isso é uma ordem”. Abri a sacola, analisei o conteúdo e vi que era apenas uma montanha de tecido.

— A Emily passou aqui hoje, mais cedo, depois que eu contei pra ela sobre a volta do Evan. Disse que, se você não vestir isso, nunca mais vai olhar na sua cara e vai cortar todo o seu cabelo enquanto você estiver dormindo.

Sorri, balançando a cabeça. Isso considerando que eu fosse ao tal jantar. E eu iria. Precisava comer, não é mesmo? Não era um vampiro idiota que me impediria de fazê-lo.

Jazz praticamente me arrastou até o banheiro, quase me trancando lá dentro. Me mandou sair só quando estivesse pronta.

Tomei o banho mais demorado que pude, lavei o cabelo e escovei os dentes sem nem me atrever a tirar as tais roupas de dentro da sacola. Não sei se queria realmente ver o que Emily tinha aprontado daquela vez. Era sempre uma surpresa quando tinha a ver com ela.

Penteei as mechas com os dedos, analisando as cicatrizes nas costas mais uma vez. Era como se, sempre que olhava para elas, eu procurasse alguma mudança, mas não havia nada. Isso me fazia perguntar: Será que já houve alguma?

No fim, o que havia dentro da sacola era uma calça preta bem justa, de um tecido estranho, e uma camisa xadrez preta e vermelha que, com certeza, ficaria propositalmente grande em mim. Não havia sapatos, porque ela sabia quanto eu gostava dos meus coturnos e All Stars.

Saí do banheiro e fui para o quarto guardar as roupas usadas. Jazz já me esperava sentada na cama. Ela bateu palmas, empolgada, quando entrei, e tudo o que fiz foi seguir meu caminho até o armário, jogando as peças na última gaveta e a fechando novamente.

A animação dela só sumiu quando, depois disso, peguei uma faca e três dos tubos que já tinha começado a fazer.

— O que você está fazendo?! Você vai realmente levar isso?

— Foi a senhorita quem disse que eu poderia continuar o meu trabalho lá. E vou seguir o seu conselho — respondi, com um falso sorriso de gentileza, segurando o riso.

Eu sabia muito bem aonde ela e Emily estavam querendo chegar com aquela história de roupa nova e animação, mas só para esclarecer as coisas: não iria acontecer. Eu não iria saltar em cima dele assim que chegasse e beijá-lo até o sol nascer. Iria ficar no meu canto e esperar que viesse até mim, pois quem tinha ido embora sem dar explicações era ele.

Não que eu não fosse gostar da primeira ideia. Claro.

Jazz me fuzilou com o olhar enquanto se levantava e murmurava algo sobre termos que ir logo, já que eu tinha demorado mil anos na banheira. Encontraríamos Sam lá.

Percorremos todo o caminho em silêncio, e não pude deixar de notar que ela sempre passava o olhar por minhas mãos, como se não acreditasse que eu estava levando aquele material.

— Como vai a minha escaladora de calçadas preferida? — Sam perguntou, quando nos aproximamos.

Ele se inclinou na direção de Jazz, puxando-a pela nuca para um beijo, e eu desviei o olhar. E eles diziam que eram só amigos... Juro que eu realmente tentava entender qual era a lógica de dizerem aquilo quando todos sabiam (e também não faziam a mínima questão de esconder) que os dois adoravam ficar “conversando” pelos cantos nas ruas. Acho que era insegurança de admitir o que sentiam, e eu tinha quase certeza de que aquilo vinha da parte dela. Acho que éramos mais parecidas do que eu imaginava, pelo menos no que se referia a sentimentos.

— Oi, Lolli — ele disse, se aproximando para me cumprimentar, e eu recuei um passo, levantando as mãos.

— Prefiro não abraçar você sabendo que acabou de beijar a minha menininha — brinquei, o que o fez rir.

— Vocês dois têm mania de achar que eu sou criança... — ela murmurou. — Eu tenho, no máximo, só uns dois anos a menos que você, heterocromático — complementou, apontando para Sam.

Aquele parecia o novo apelido particular dela para o garoto, por causa da mutação que fazia os olhos dele serem de cores diferentes. Era engraçado ela usar aquele termo científico como um apelido casual para o... amigo.

— Me deem licença — pedi. — Eu vou...

— Dar uma de antissocial e continuar o meu trabalho — Jazz interrompeu, fazendo uma péssima imitação da minha voz.

— Exatamente — concordei, sorrindo para ela e bagunçando seu longo cabelo castanho antes de me afastar.

Fui em direção a uma das mesas mais distantes do grupo que se formara perto da entrada principal da cidade, me sentando em cima dela, já que não havia cadeiras disponíveis. Peguei um dos tubos e comecei a talhá-lo com a faca, para deixá-lo mais liso.

Era um trabalho relativamente demorado para pessoas perfeccionistas. Se eu precisasse descartar aquela flecha por um pequeno erro, eu o faria, mas já tinha tanta prática naquilo que era raro errar na hora de talhar ou de fazer o *nock*, o corte na ponta de cada uma das flechas para acomodá-las na corda, encaixando no arco.

Após algum tempo, quando percebi que o movimento começava a aumentar cada vez mais e o sol se punha, parei por alguns minutos, observando todos de longe.

Jéssica e Sam estavam a alguns metros, conversando com Emily, que sorria. Os dois eram quase o que eu gostava de chamar de “calhaços”, um casal de palhaços. Era impossível estar na presença deles sem cair na

risada. Ainda mais por causa do bom humor excessivo dele, que irritava Jazz às vezes.

Jullie não estava na festa, e eu não tivera mais notícias dela. Talvez não tivesse saído de casa desde o dia em que brigamos. Pude ver o pânico real em seus olhos quando Evan gritou com ela, e sabia que ele falava a verdade quando disse que a mataria se ameaçasse um de nós mais uma vez. Ele era muito protetor, e acho que eu podia ver isso em Sam muitas vezes também. Foi algo que ele aprendera com o vampiro.

Sorri, acenando para Dean de longe. Ele conversava com alguns dos Guerrilheiros, e, pela forma como balançava os braços e falava alto, aquele não era o primeiro copo de uísque que bebia.

— Quando você vai voltar ao combate? — ouvi alguém perguntar, atrás de mim. Era Yone.

Eu a observei se aproximando e parando a meu lado. Usava um sobretudo preto e as tranças de boxeadora de sempre.

— Não sei. Vocês ainda me querem no grupo, mesmo depois de ter fracassado daquele jeito? — perguntei, um pouco surpresa.

— Você não fracassou. Nós sabemos que não tem muita prática em combate e pegamos pesado com você te levando pra uma missão de contêiner. Não teve nem treinamento! — disse. — Você merece outra chance.

— Obrigada — falei. — Você não tem noção de como isso é importante pra mim.

E era mesmo. Saber que ainda confiavam em mim para um cargo tão importante no clã mostrava que ainda tinham esperança, e às vezes era só disso que precisávamos para fazer coisas que antes pareciam impensáveis.

— Agora eu vou me juntar aos outros — ela anunciou. — Se quiser, pode vir falar com a gente a qualquer momento, afinal nós somos o seu

grupo. E veja se aparece amanhã às cinco no ginásio para o treinamento.

Assenti, baixando a cabeça e vendo-a se afastar pelo canto do olho.

Algo em Yone me fez lembrar de Chris, acho que a forma de acreditar no potencial das pessoas, mesmo quando elas mesmas não acreditam. Isso era sem dúvida uma qualidade que os dois tinham. Chris... O que será que ele pensaria se nos visse agora? Com certeza teria muito orgulho de Jazz. Ela era uma garota extremamente tímida antes, e agora tinha até um... amigo!

Eu só não tinha muita certeza se ele ficaria feliz com relação a mim. Não depois do que acontecera antes de irmos embora, e não com todas as vezes em que eu fora derrubada durante a missão do contêiner, sem ter a chance de me defender. Eu não era rápida nem forte como pensava, além de não ter esperado por ele, apesar de saber que não era uma obrigação.

Nós tínhamos nos beijado, sim, mas... nada havia acontecido antes. Nunca passara pela minha cabeça considerá-lo algo além de um grande amigo, e para mim isso tinha se tornado motivo de culpa. Será que teria sido diferente se tivéssemos ficado juntos antes? Talvez sim. Talvez não.

A morte não é uma coisa para a qual nos programamos. Ela é previsível, apesar de sua chegada ser imprevisível. Engraçado como uma ou duas letras podem mudar completamente o significado de algo.

Imprevisível. Previsível.

Mortal. Imortal.

Será certo vivermos o agora pelo agora, sem pensar por nem um segundo em como nossos atos podem afetar nossa vida — e nossa morte? Não era algo que eu podia afirmar, mas talvez, se tivéssemos menos medo de aproveitar as chances e oportunidades antes de o fim chegar, pudéssemos curtir um pouco mais a vida. Ou ter menos medo de vivê-la.

Era exatamente nisso que eu pensava quando olhava para Evan. Ele era a oportunidade que eu não gostaria de perder, mas eu tinha tanto medo do turbilhão de sentimentos que me invadia quando estávamos juntos. A instabilidade na forma como ele me tratava e a insegurança que eu sentia por não saber como tudo poderia terminar me impediam de me entregar. Afinal já tínhamos sido inimigos.

Será que agora tudo poderia ser diferente?

— Lá vem ele! — ouvi alguém gritar quando vimos as luzes de um farol surgirem por entre as árvores da floresta que rodeava a cidade.

Quando finalmente vimos sua grande picape preta vindo em nossa direção, não pude deixar de sorrir. De longe dava para ver a bandana vermelha amarrada em sua cabeça, mesmo com o reflexo do sol no vidro da frente.

Evan parou em frente à primeira casa da rua, e, assim que saiu do carro, Sam apareceu para cumprimentá-lo com um abraço. Era engraçado como, mesmo com um metro e oitenta, Sam parecia baixo perto do vampiro.

Assim se seguiu uma meia hora de cumprimentos, palmas e assovios, como se ele fosse um herói voltando da guerra. Eu entendia. Evan fazia qualquer coisa por aquelas pessoas, e isso o tornava um líder amado. Por mais idiota que ele pudesse ser.

Comecei a talhar o segundo tubo, me concentrando no trabalho e tentando ignorar meu estômago que parecia dar cambalhotas, me perguntando quando ele viria falar comigo. Como eu disse antes: eu não ia pular em cima dele como uma garota qualquer, e ele sabia muito bem disso.

— Pensei que você ia querer ser a primeira a falar comigo — Evan disse, parando a meu lado depois de alguns minutos. — Mas isso aí parece bem mais interessante do que eu.

— Talvez seja — respondi, olhando para ele por alguns segundos, evitando deixar que a raiva passasse assim tão rápido. — E eu não pensei que você fosse sumir por dez dias sem nem se despedir.

— Então você percebeu a minha ausência? — perguntou, se sentando ao meu lado em cima da mesa.

— Como poderia não perceber, Evan?! — questionei, irritada. — Você...

Havia uma forma de complementar aquela frase sem usar “beijou”, “cuidou” ou “fiz eu me apaixonar pela sua idiotice e persistência insana e depois simplesmente desapareceu sem dar explicações ou se despedir”? Não. Não havia, então decidi apenas parar. Ele sabia exatamente o que eu queria dizer.

— Mas isso não significa que eu tenha sentido a sua falta — acrescentei, tentando não deixar tão clara a rápida queda da minha fortaleza de indiferença e raiva.

— Pois saiba que eu senti a sua — admitiu. — Afinal... você é uma pessoa tão agradável, educada e amável, não é mesmo?

Revirei os olhos, sem conseguir deixar de sorrir. Vampiro idiota. Ele se levantou e foi em direção a Sam, Jazz e Emily sem dizer mais nada. Me deixou sozinha com meu trabalho e me fez sentir supermal, como sempre fazia.

O que eu esperava? Que ele chegasse falando quanto me amava? Não. Eu conhecia Evan o suficiente para saber que ele só faria isso numa situação de vida ou morte. Quem sabe nem mesmo assim.



— Lolli... Você vai ficar aí pra sempre? — perguntou Jéssica, parando ao meu lado e me observando enquanto eu esculpia alguns galhos subindo pelo tubo das flechas apenas por questão de estética, já que havia

terminado de talhá-las. — Vou começar a achar que tem mesmo algo de errado.

— Jazz, se você tivesse que se arrepender de alguma coisa, preferiria que fosse de algo que fez ou que deixou de fazer? — questionei, sem tirar os olhos da madeira.

Eu a ouvi suspirar, mesmo em meio à multidão que falava e à música que tinham colocado para preencher o ambiente. Jazz tirou o tubo e a faca das minhas mãos e, com um olhar de severidade, segurando meu rosto e me fazendo olhar para ela, disparou o que eu sabia que seria uma lição de moral: — Você, senhorita, pensa demais. Que tal se arrepender *disso* e não ficar pensando em diversas possibilidades, tentando adivinhar no que qualquer uma delas vai dar?! — declamou. — Poxa... tem um cara supergato te esperando ali, o líder de um clã poderoso, que está caidinho por você, mesmo que isso pareça impensável quando falamos dele. E você está aqui, esculpindo flechas e digerindo a culpa por uma coisa que ainda nem fez.

Ela realmente me conhecia muito bem. Já sabia do que eu falava antes mesmo de abrir a boca. E, apesar de saber que ela tinha razão, eu não queria acreditar nisso.

— Nós éramos inimigos antes — falei. — Como eu vou saber se ele não está me usando pra ficar mais fácil me matar depois? — Fiz uma pausa, pensando no que havia acabado de dizer. — Ok. Essa pergunta foi bem idiota.

— Ainda bem que você reconhece! — exclamou, com um sorriso aliviado. — Lollipop, se o Evan fosse realmente seu inimigo antes de tudo isso, você acha que ele faria tudo o que fez por você desde que chegamos?

Por que ele mentira para mim então? Por que faria uma coisa dessas? Evan era tão sincero... e não havia uma explicação racional para ter escondido o que quer que fosse de mim. Era a minha vida, e, por mais

que não fizesse a menor diferença agora, era algo que eu gostaria de saber antes de... Não. Realmente não mudaria coisa alguma, mas talvez eu o deixasse se aproximar um pouco mais facilmente: E isto era exatamente o que ele não queria: que eu facilitasse as coisas só por causa do nosso passado. Como eu era idiota!

O som agudo de um assobio chamou minha atenção, e eu estiquei o pescoço, olhando por cima do ombro de Jazz, para ver de onde vinha. Ela deu um passo para o lado, também se virando para olhar.

Encostado em sua picape a uns cinquenta metros dali, Evan sorriu para mim, mordendo o lábio, e fez um gesto com a cabeça na direção do céu, que agora estava escuro e cheio de estrelas.

Olhei na direção que ele havia indicado. Com assobios altos, cortando o ar como flechas, feixes de luz saíam do chão, subindo em alta velocidade e rasgando o céu como rachaduras de luz num quarto escuro.

Quando atingiam determinada altura, explodiam quase ao mesmo tempo, se espalhando pela noite e revelando diversas cores. Coloquei as mãos na frente da boca, saindo de cima da mesa onde estava sentada e dando alguns passos para a frente, passando por Jazz para ver melhor.

Sorri, observando o céu ser coberto por mais cores a cada segundo, e todo o ruído que havia antes foi superado pelos silvos que aquelas coisas parecidas com estrelas cadentes soltavam enquanto subiam, antes de explodir.

— Aquilo são...? — comecei.

— São fogos de artifício — Jéssica sussurrou, atrás de mim.

Olhei para Evan, que continuava no mesmo lugar, me encarando com um sorriso, assistindo à minha reação. Aquilo... aquilo era para mim? Balancei a cabeça. Ele não podia estar falando sério. Tinha dito

que fogos eram tão raros quanto diamantes, e deviam custar uma fortuna e... O que eu ainda estava fazendo parada ali?

Comecei a andar em sua direção, apressando cada vez mais os passos, até estar praticamente correndo. Pulei em cima dele quando fiquei próxima o suficiente, enrolando as pernas ao redor de seu quadril e passando os braços em torno de seu pescoço ao grudar os lábios nos dele.

Pude senti-lo sorrir enquanto me ajeitava em seu colo, me puxando mais para cima e me apertando com força. Ouvimos uma garota gritar de animação, batendo palmas como uma louca, e eu poderia apostar que era Jazz.

Evan entrelaçou os dedos em meu cabelo, me beijando como se tivesse esperado décadas, e não dias, para fazê-lo de novo. Eu não tinha como deixar de admitir que me sentia da mesma forma e que, se pudesse, nunca mais o largaria.

— Vão para um quarto, seus indecentes! — Sam gritou, e nos afastamos, olhando em sua direção.

Evan soltou uma das mãos, me segurando apenas com a outra, para mostrar o dedo do meio na direção de Sam antes de me puxar para mais um beijo. Dessa vez fui eu quem me afastei, passando os dedos pelo seu cabelo e o encarando com um sorriso idiota no rosto.

— Não acredito que você ficou duas semanas fora só pra conseguir uns fogos.

— Ei, não fica aí se achando — respondeu, sorrindo torto. — Foram *quase* duas semanas.

Revirei os olhos, me livrando de seu aperto e voltando a ficar de pé à sua frente. Perguntei, estreitando um pouco os olhos: — Você não vai sair andando e arranjar uma briga com a sua ex, não é?

— Não. Eu não vou a lugar nenhum, garotinha — respondeu, colocando a mão no meu queixo e se aproximando mais uma vez.

— ANTES DE TUDO... — começou alguém ao nosso lado, antes que Evan pudesse me beijar pela terceira vez. Era Sam, e Jazz estava com ele. — ... Eu preciso lembrar a você, Lollipop, da lista de problemas que te aguardam se você decidir assumir qualquer tipo de compromisso com esse exemplar de vampiro alto, bonito e com olhos de um verde-claro irresistível. — Evan se endireitou, suspirando, e passou um braço por cima dos meus ombros, se posicionando para ouvir o discurso do garoto. — Você vai ter que enfrentar uma longa fila de garotas e garotos enlouquecidos por ele, incluindo talvez uma ex-namorada psicopata sádica. Esquecer qualquer valor ético e moral, passando a aceitar o simples fato de que ele mata pessoas pra se alimentar do sangue delas. Sofrer com as variações de humor constantes dele e se preparar pra ouvir um palavrão a cada duas palavras. — Fez uma pausa, buscando ar pela primeira vez desde que tinha começado a listar os tais problemas, o que foi bem impressionante. — E, por último, o que pode ser o maior dos seus problemas: ele tem um amigo ainda mais maravilhoso, com 1/222 da idade dele, loiro, que exala uma quantidade exorbitante de pura sensualidade num raio de um quilômetro, o que o deixa cruelmente irresistível.

— Não se esqueça da heterocromia — Jéssica lembrou.

— Isso. E que também é heterocromático, ou seja, tem olho pra todos os gostos — continuou. — Agora, srta. Lollipop, você aceita...

— Samuel — Evan interrompeu, no tom mais calmo possível. — Cala. A. Boca.

O garoto assentiu uma vez, parando na mesma hora, o que nos fez rir. Estava quase pedindo nossos votos e nos fazendo trocar alianças. Eu teria que dizer a Jazz, mais tarde, para lembrá-lo de que no apocalipse não existia “divisão de bens” antes que ele viesse cobrar isso também.

O vampiro e eu nos entreolhamos. Por algum motivo bastante óbvio, não conseguíamos parar de sorrir como dois idiotas um para o outro, e aquilo era bem estranho. Não tinha nada a ver com o que eu havia sentido com... Opa. Sem citar nomes, antes que...

— Vou considerar isso como um elogio, então você pode citar dessa vez — Evan avisou, em tom de sussurro.

— E se eu disser que não era pra ser um elogio? — brinquei.

— Então eu vou saber que você é pior do que eu com mentiras — ele disse.

— Isso mesmo. Não é, Whitney Houston? — retruquei, e seu queixo caiu. — É, garotão. Eu ouvi tudinho.

Juro que suas bochechas teriam ficado vermelhas naquele momento se ele ainda tivesse sangue correndo nas veias, porque o sorriso sem graça que Evan lançou para Sam e Jéssica enquanto os dois caíam na gargalhada deixou bem clara a vergonha que estava sentindo. Mas tenho que dizer: foi uma expressão impagável.

— Pelo menos você vai poder cantar pra mim o dia inteiro. Eu vou *adorar* ouvir.

— Eu posso cantar o dia inteiro pra você, se quiser — respondeu, passando os braços pela minha cintura e se inclinando na minha direção, a fim de sussurrar em meu ouvido. — Mas à noite os planos com certeza vão ser outros.

— Tarado — falei, empurrando-o e batendo de leve em seu braço, meu rosto agora quente.

— Você ainda se surpreende?! — perguntou.

A resposta era não. Eu podia dizer que conhecia Evan o suficiente para saber que tudo o que Sam dissera era verdade, apesar do tom de brincadeira, e que não seria nada fácil conviver com aquele idiota. Mas fazer o quê? Era ele quem eu queria, e nada daquilo importava para

mim, porque eu gostava dele do jeitinho babaca que era, e isso não mudaria nem por Jullie, nem por sangue, nem por bipolaridade e muito menos por palavrões.

E eu realmente esperava que Evan não tivesse lido meus pensamentos naquele momento, porque, se tivesse, jogaria aquilo na minha cara pelo resto da vida.

GRAVIDADE



— Quer dizer que você sente dor quando usa o seu poder? — Evan perguntou, apertando os dedos um pouco mais forte contra a pele nua da minha cintura, logo abaixo da barra da camiseta.

Estávamos sentados no último degrau da arquibancada do ginásio. Todos haviam ido embora, mas nós dois continuávamos lá, sem querer nos despedir. Tínhamos esperado tempo demais para ficar juntos, e agora sentíamos necessidade de protelar a despedida a qualquer custo, mesmo que ela durasse apenas algumas horas.

Assenti, desviando o olhar para minhas mãos, que estavam em seus ombros. Só de pensar no meu poder, já podia sentir a leve pressão empurrando uma vértebra contra a outra.

— “Como se todo o peso da Terra estivesse em cima das minhas costas”, foi o que você me disse — ele lembrou. — Talvez você esteja usando da forma errada.

Juntei as sobrancelhas, inclinando o tronco um pouco para trás, a fim de analisá-lo melhor. Seus olhos verdes, que eram como espelhos dos meus, encaravam algum ponto no chão perto de nós, pensativos. Ele mordia o lábio, e o cenho estava franzido. Minha vontade de beijá-lo naquele momento parecia tão grande quanto a dor que eu sentia ao levantar ou empurrar algo com a telecinese.

— Você luta contra a gravidade — ele disse, finalmente. — Segue o caminho contrário ao dela quando move algum objeto, e isso funciona como uma gangorra.

— Como assim?

— É pura física — explicou. — Quando você se concentra para levantar um objeto, está pensando nas forças externas. Quer lutar contra a força da gravidade, quando na verdade deveria pensar em reverter o peso.

— Você fala como se fosse fácil — murmurei. — Pensar na forma como eu vou mover o objeto não é uma coisa com que eu esteja acostumada.

— Assim como, quando descobriu que tinha esse poder, pensar na possibilidade de mover objetos também não era algo com que você estivesse acostumada — retrucou.

Sorri. Era meio impossível vencer aquele argumento, apesar de que, na minha mente, aquilo era algo impensável.

Evan passou a mão pelo meu rosto, levantando meu olhar para que encontrasse o dele. Me olhou daquele jeito intenso de quem acredita profundamente em algo e quer convencer alguém.

— Mas nada disso vai funcionar se você não acreditar que é capaz. E acredite, garotinha, você é.

— E como você sabe? Como você sabe dessa coisa de gravidade, e como sabe que eu sou capaz? — perguntei.

— Primeiro, eu mesmo já apanhei de você no seu auge. Eu sei, mais do que qualquer pessoa no mundo, quanto você pode fazer. Já senti na pele — brincou, conseguindo me fazer rir. — E, segundo, o lance da gravidade é... — Fez uma pausa, e sua mandíbula enrijeceu enquanto o olhar ficava um pouco mais sério. — É pura lógica.

Suspirei, analisando-o com atenção. Eu sabia que ele estava mentindo, mas, pela forma como seu humor tinha mudado ao responder àquela pergunta, não era algo com que eu pudesse confrontá-lo.

— Ei! — chamei sua atenção, fazendo-o olhar para mim. — Não sei se já disse isso hoje, mas o lance dos fogos foi incrível.

Era engraçado como, naquelas horas em que passamos juntos, não tínhamos sequer comentado sobre o ocorrido. Nem tínhamos nos beijado novamente. Eu ainda estava tentando me acostumar com a proximidade e sabia que ele também. Jullie não era o tipo de namorada que anda de mãos dadas ou fica abraçada. E eu? Meu comportamento como “pessoa com relacionamentos afetivos mais fortes e intensos que amizade” era algo completamente desconhecido para mim.

— Nada que uma semana e meia rodando o país de carro oferecendo quilos de suprimentos não pudesse fazer — contou. — Facilitou um pouco o fato de...

— Não precisa me explicar nada — interrompi. — Deixe eu ficar impressionada só com o gesto. Já é o suficiente pra mim.

Me levantei antes que ele pudesse responder, dando as costas para ele e descendo os degraus da arquibancada. Sabia que ele me observava.

— Aonde você vai? — Evan se colocou de pé assim que viu que eu ia em direção à saída.

— Pra casa — respondi. — Eu tenho treinamento daqui a quatro horas e preciso descansar. E acho que você deveria fazer o mesmo, bad boy.

Evan se manteve no lugar enquanto eu ia embora, sorrindo como uma boboca. Eu sabia que ele não me seguiria e me deixaria ter o mérito de sair andando depois daquela fala épica.

Não demorei muito para chegar ao apartamento, que ficava a uma ou duas quadras do ginásio.

Subi os quatro andares e entrei no apartamento em silêncio. Jazz estava dormindo com a porta do quarto aberta, como se tivesse chegado exausta e se jogado na cama.

Mal tinha dado um passo para dentro quando ouvi alguém bater na porta. Sorri. Sabia exatamente quem era.

Corri para abrir, e, antes que tivesse a chance de dizer algo, Evan me puxou pela cintura, me beijando com intensidade. Passei os braços ao redor do seu pescoço, me pendurando nele e ficando na ponta dos pés.

Ele subiu as mãos pelas minhas costas, me apertando ainda mais e me fazendo colocar os pés em cima dos dele, para que não tivesse que se inclinar muito mais. Respirei fundo, aproveitando seu cheiro maravilhoso de âmbar, doce e amadeirado, mas suave, quase como a lembrança de um perfume que já estivera ali.

Seu toque era frio, mas a forma como me envolvia mal permitia que eu notasse isso. E aquele vampiro idiota beijava tão bem que quase parecia um sonho.

Quando finalmente me afastei, lamentando muito por isso, precisei me apoiar no batente da porta para recuperar o fôlego. Prendi a respiração por alguns segundos, tentando acalmar as batidas do coração com a mão no peito e o encarando com certa surpresa.

— Você achou mesmo que eu ia te deixar ir embora daquele jeito? — perguntou.

— Não. Não achei.

— Eu precisava de um beijo de boa-noite. Ou quem sabe dois... — ele falou, já entrelaçando os dedos na lateral da minha camiseta para me puxar de volta.

Coloquei a mão em seu peito antes que ele pudesse se aproximar mais, embora isso tenha doído no fundo da minha alma.

— Evan... Eu adoraria te dar dois, quatro, vinte, mil beijos de boa-noite, mas... realmente preciso dormir.

— Você é tão certinha — ele criticou, empurrando meu braço para o lado e beijando meu pescoço.

Se afastou mais uma vez, sorrindo torto, e começou a descer a escada em direção à saída do prédio sem dizer mais nada. Eu o encarei em silêncio, com os braços cruzados e um enorme sorriso, enquanto Evan saía do meu campo de visão, me deixando sozinha.

Coloquei as mãos na cabeça, entrelaçando os dedos no cabelo. Era mesmo possível que em tão pouco tempo eu tivesse um sentimento tão forte por aquele vampiro idiota? Sim, considerando que aquele sentimento vinha de muito tempo atrás. Ainda que, digamos assim, nossa relação não fosse tão boa, restavam resquícios do quanto mexia comigo. Só que agora era do jeito bom.

Não importava. Eu só sabia que queria muito vê-lo no dia seguinte.



— Bom dia, crianças! — disse Dean, de forma animada. Ele e Yone foram os últimos a chegar ao ginásio.

O sol nem havia nascido ainda, e eu estava com tanto sono que mal conseguia me manter de pé, assim como os outros. Havia tomado um banho gelado, e nem isso conseguira reverter a situação. Mal tinha dormido desde que Evan foi embora, agitada demais para isso.

— Como sabemos que todos ficaram acordados até tarde ontem...
— Yone começou, com um sorriso que me fez respirar aliviada. Iriam ser legais com a gente, então? — ... nós vamos pegar bem mais pesado.

— O QUÊ?! — exclamou um garoto parado ao meu lado.

— Vocês deveriam ter sido mais responsáveis e ido descansar na hora certa. Agora vão pagar por isso — Dean respondeu, com um olhar um pouco cruel. — Começando com uma volta ao redor da cidade. Vamos! Vamos!

Mal tive tempo para reclamar ou ficar chocada, pois fui a primeira pessoa para quem ele olhou, como se eu tivesse que sair correndo antes

de todos ali. Meu único consolo era saber que o percurso não teria muito mais que quinze quilômetros, já que a Área 4 era minúscula.

Mantive a cabeça erguida e a respiração ritmada durante todo o tempo, não me permitindo falhar. Chris tinha me treinado bem, e não seria ali que eu mostraria o contrário.

Eu podia não saber lutar tão bem quanto eles, ou usar meus poderes em seu potencial máximo, mas resistência à dor e esforço físico não eram problema para mim.

Ninguém me ultrapassou, e, conforme ganhava distância dos outros a partir do meio do percurso, me perguntei se correr daquele jeito, o mais rápido que conseguia num tiro eterno de velocidade, era necessário. Sabia que estava descontando na corrida a frustração sobre as lembranças da minha primeira missão com o grupo e que tentava convencer a mim mesma de que podia fazer aquilo. Era como uma prova de que eu merecia ser parte dos Guerrilheiros.

Corri pela rua principal quando terminei a última volta, entrando em disparada no ginásio e me jogando no chão num movimento. Não aguentaria dar mais um passo sequer, então escorreguei de joelhos por quase um metro, por causa da velocidade, apoiando os braços no chão e tentando recuperar a respiração quando finalmente parei.

Apenas quando consegui fazê-lo ergui o olhar. E lá estavam Yone e Dean, me olhando com os olhos levemente arregalados e a expressão assustada.

— Como você fez isso? — a mulher perguntou.

— O que exatamente?

— Você chegou antes, com vantagem — o treinador comentou. — Nunca vimos alguém conseguir isso.

— Eu não... — comecei, me levantando e secando a testa com a barra da camiseta branca. — Vocês não podem estar falando sério. Isso é

ridículo.

Os dois se entreolharam, me deixando sem resposta. Eu esperava que não comesçassem a rir da minha cara, me chamando de otária.

Não era ridículo saber que eu havia chegado antes, e com vantagem, e sim aquela reação. Não era uma prova tão difícil, já que nos locomovíamos a pé durante mais da metade do tempo e tínhamos que criar resistência a grandes distâncias. Não era nenhum sacrifício.

— Acho melhor você... — Yone começou — continuar o circuito. Quem sabe a gente possa te liberar antes.

E foi o que eu fiz, pulando corda por uma hora em velocidade máxima, como mandaram, esperando que todos chegassem, e depois fiz alguns abdominais, polichinelos e flexões.

A mulher me acompanhava de perto, o que tornava tudo muito mais difícil. Se eu fazia um movimento errado, ela me mandava repetir, ainda que tivesse me esforçado do mesmo jeito.

A parte mais legal foi quando trouxeram bonecos de treino de boxe até o ginásio com luvas de luta, e tive que socar um com toda a força, até derrubá-lo. O difícil era que o boneco estava preso a uma base de plástico cheia de areia, e o cabo que o ligava a ela mal permitia que se movesse. Era como socar uma estátua presa ao chão.

— Boa tarde, Evan — ouvi Yone dizer atrás de mim, e meu coração descompassou.

— Olá, Yo. Como vai a minha garotinha? — Evan perguntou.

— Espero que não esteja falando de mim, vampiro — brinquei, sorrindo um pouco e chutando o peito do boneco, que mal se moveu. Estava começando a ficar bem irritada.

Mal conseguia conter a felicidade estranha que me inundou ao ouvir sua voz. Ele estava ali mesmo, e nada do que tinha acontecido na noite

anterior fora um sonho. Foi grande o alívio que senti ao ter essa confirmação.

— Vejo que você acordou com o pé direito hoje, Lollipop — disse, se colocando ao lado do boneco e me observando socá-lo com vontade. — E felizmente tem a ver comigo — continuou.

— Quem te contou essa mentira? — perguntei, ofegante, fingindo surpresa.

Ele apontou para minha cabeça. Tinha lido a minha mente, aquele desgraçado. Não era justo. Como eu poderia me proteger dele e de suas intenções maliciosas desse jeito? É fácil quando se sabe o que o outro quer ouvir e assim se age como a pessoa deseja. E eu tinha certeza de que Evan fazia isso desde o momento em que o conhecera.

— Eu cuido dela a partir daqui, Yo. Pode deixar — anunciou para minha treinadora, que o olhou com certa hesitação antes de dar as costas e ir ajudar Dean.

Parei por um segundo, baixando os braços e o encarando enquanto se colocava à minha frente, imaginando que ele me deixaria descansar por alguns segundos, ao contrário de Yone. Mas ele pôs uma mecha de cabelo minha que havia se soltado do rabo de cavalo atrás da orelha, afastando minha franja para trás, para que saísse da frente dos olhos.

— Não pense que eu vou pegar leve com você. Ainda mais sabendo que eu vou sair ganhando com o seu esforço.

— O que você quer dizer com isso? — Levantei uma sobrancelha, colocando as mãos com as luvas na cintura enquanto ainda tentava recuperar o fôlego.

— Lidar comigo exige *muita* disposição.

— Eu vou fingir que você não disse isso com esse sorriso safado de quem quer dizer alguma coisa suja — brinquei, socando seu ombro, o que o fez rir.

— Anda logo — me apressou, voltando a ficar sério. — Continue socando esse boneco até fazer a cabeça dele cair. E sem parar por um segundo sequer. Juro que você vai pagar caro mais tarde se fizer isso.

Revirei os olhos, me segurando para não fazer dele o meu saco de pancadas, e fiz o que Evan pediu.

E pode acreditar: eu faria aquilo o dia inteiro se necessário, porque não queria lhe dar a chance de me cobrar qualquer coisa depois.

JÉSSICA

Acordei com as batidas fracas de Sam na porta do apartamento. Sabia que ele iria me buscar para nos encontrarmos com Lolli e Evan no fim do treinamento dela, mas não imaginava que eu demoraria tanto para acordar, a ponto de ser ele quem me despertaria.

Berrei para que esperasse e o escutei rir atrás da porta, enquanto eu corria até o banheiro para tomar um banho e me arrumar o mais rápido possível.

— Você esqueceu, não é mesmo? — ele falou, assim que o deixei entrar.

— Não esqueci. Só não acordei a tempo.

— Pois então eu já sei o que te dar de aniversário: um despertador — brincou, e tudo o que fiz foi balançar a cabeça em negativa, passando por ele e descendo as escadas em direção à saída do prédio.

— E você vai receber um prêmio por dar a uma garota o presente mais horrível do mundo — respondi, começando a caminhar na direção do ginásio.

Nossos treinamentos nas últimas semanas haviam sido todos lá, sem o conhecimento de ninguém. Era um bom lugar para praticar, e estava dando resultado. Agora eu já conseguia fazer meu corpo inteiro ficar em

chamas, mas tinha passado por um dos momentos mais constrangedores da minha vida. Estávamos treinando a projeção das chamas nos meus braços, quando de repente meu corpo inteiro pegou fogo. Fiquei tão surpresa e apavorada que nem percebi que, na mesma velocidade em que aquilo aconteceu, também desapareceu, assim como minhas roupas, que viraram um amontoado de cinzas a meus pés. Lá estava eu, completamente nua diante dos olhos arregalados de Sam. Saí correndo em direção ao banheiro nos fundos do ginásio e, depois de ele me emprestar sua camisa, segui em disparada para casa e fiquei lá, sem coragem de encará-lo por três dias. Só voltamos a treinar novamente quando ele prometeu que, se aquilo acontecesse de novo, fecharia os olhos imediatamente — promessa que eu tenho certeza de que não seria cumprida. Mas o avanço era inacreditável se eu considerasse que, um mês e meio antes, só conseguia fazer minhas mãos pegarem fogo.

Eu ainda não tinha entregado o CD do Iron Maiden para ele. Sentia como se, dando aquele presente, estivesse levando nossa relação a um nível acima, e por enquanto ainda não estava pronta para isso, apesar de gostar *muito* dele.

— O que acha deles dois juntos? — perguntei, depois de algum tempo, andando mais devagar para que ele pudesse me acompanhar. — Digo, o Evan e a Lolli.

— Acho que vai ser bem interessante — respondeu, sorrindo um pouco e dando de ombros. — Não vejo aquele vampiro agir desse jeito com alguém desde... Ah, espera. Eu nunca vi. Mas ouvi falar que aconteceu uma vez.

— Com quem? — questionei.

— Celenia. A sua amiga, mas cinquenta anos atrás, numa situação completamente diferente e de um jeito bem mais psicopata.

Eu ri, surpresa por saber de algo assim. Evan, o cara que podia ter qualquer garota, apaixonado duas vezes pela mesma, só que em épocas

diferentes. Como podia ser possível? Só havia um problema...

— Mas eles não eram inimigos?

— Eram sim. Eu nunca disse que não. É que eles não eram o tipo de inimigo mais convencional.

O assunto me parecia muito delicado para Evan, e eu sabia que Sam não iria se meter daquela forma, contando os detalhes para mim. Também entendia que era algo da conta dos dois, e não da minha, felizmente. Nem imaginava como seria ter na minha mente uma história tão confusa.

— Inimigos que eram amigos como nós, então — murmurei, o que o fez sorrir.

— Mais ou menos isso.

— E por que ele não conta pra ela?

Sam deu de ombros. A resposta talvez não parecesse tão óbvia à primeira vista, mas, se pensássemos que Lollipop e Celena eram duas pessoas quase completamente diferentes, era compreensível que Evan quisesse que minha amiga se apaixonasse por ele pelo que era agora, e não cinquenta anos antes.

Entramos no ginásio. De longe, dava para ver Lollipop socando e chutando um boneco de treino de boxe com toda a força, e Evan a observando com o olhar crítico e os braços cruzados.

— Vejo que você está dando trabalho para a minha amiga — falei, parando ao lado do vampiro, entre ele e Sam.

— Não mais que o de costume — Lolli respondeu, se virando para nós, ofegante.

— Quem mandou parar?! — Evan perguntou, e ela o fuzilou com o olhar antes de voltar a lançar golpes contra o boneco. — Tenho certeza

de que eu não precisaria pegar tanto no pé da sua amiga se ela se dedicasse um pouquinho mais.

Lancei um olhar surpreso e ao mesmo tempo confuso para ele. Era visível quanto Lolli estava se esforçando para continuar batendo, e mesmo assim ele achava que não era suficiente?

— Eu sei que você pode fazer mais do que isso, Lollipop — ele provocou.

Sam pegou meu braço, me puxando para trás e os deixando discutir à vontade. Eram inacreditáveis. Mal tinham ficado juntos e já estavam brigando? Bom... eu não podia julgá-los. Dei um tapa em Sam logo depois do nosso primeiro beijo, mesmo tendo permitido que o fizesse.

— Eu não consigo — Lolli exclamou, chutando o boneco. — Será que não...?

— Consegue. Consegue sim — Evan interrompeu. — Vamos. Mais forte.

Dava para ver o rosto dela ficando vermelho por causa da raiva e do esforço, e a mandíbula estava rígida. Eu e Sam nos entreolhamos. Ele estava realmente pegando pesado com ela, mas será que isso era mesmo necessário? Acho que não.

— Evan... — Sam começou, mas o vampiro levantou a mão em sua direção, mandando-o ficar quieto.

— Mais forte, Lollipop — ordenou. — Vamos! Você nem está tentando!

— Eu não consigo fazer mais forte, seu idiota! — ela gritou, socando a cabeça do boneco com tanta força que ele cambaleou para trás, voltando com velocidade para a frente. Em seguida, Lolli deu um chute no seu peito. — Não consigo!

— Não seja fraca, Lollipop. Eu *sei* que você pode fazer mais! — ele gritou de volta.

— EU NÃO... CONSIGO! — Ela socou o boneco com tanta força no peito que ele voou vários metros para trás.

Meu queixo caiu. Eu sabia que era humanamente impossível fazer aquilo, que ela tinha usado a telecinese para aumentar o poder do golpe, mas ainda assim foi... inacreditável.

Evan voltou a cruzar os braços, encarando-a com um sorriso orgulhoso enquanto Lolli olhava para as próprias mãos calçadas com luvas, chocada. Com certeza ela nem imaginava que podia fazer uma coisa daquelas, ainda mais como um reflexo natural.

— O que você estava dizendo? — o vampiro perguntou, levantando uma sobrancelha. — Que não conseguia o quê?

— Eu não... — ela começou, balançando a cabeça. — Eu não senti nada.

A coisa de que Lolli mais reclamava sobre seus poderes era a dor quase insuportável que sentia a cada vez que os usava. Não sentir essa dor era inimaginável para ela.

Agora sim eu havia entendido o porquê de Evan ter pegado tanto no pé da minha amiga sem dizer que na verdade queria que ela usasse seu poder. O vampiro esperava extrair uma reação reflexa dela, e não provocada.

— Acho que agora você pode continuar sozinha — Evan falou, colocando a mão no rosto dela e acariciando sua bochecha com o polegar. — Você se saiu muito bem. Já sabe o que deve fazer.

Ela assentiu, sorrindo para ele enquanto o observava dar alguns passos em nossa direção, com as mãos nos bolsos da calça jeans escura. Pude ver Lolli indo em direção ao boneco, levantando-o e o trazendo de volta para o lugar, a fim de continuar batendo nele e usando seu novo truque.

— Como é que você sabia disso? — perguntei ao vampiro, sem olhar para ele.

— Ganhei experiência com uma garota chamada Celena, e algo me dizia que isso poderia ser muito útil para a Lollipop.

Lancei um olhar curioso e perplexo para Evan. O fato de ele se contradizer cada vez que contava algo sobre a história dos dois me deixava incomodada. Por que ele não assumia tudo de uma vez? Seria muito mais fácil para ambos!

— Não é tão fácil quanto parece — ele retrucou, se inclinando um pouco na minha direção, com um sorriso que não pude identificar se era gentil ou sem graça. Preferi lhe dar o benefício da dúvida. — E não é só por mim. É por ela também.

Só naquele momento percebi que Evan tinha lido a minha mente e estava respondendo à minha pergunta. O que podia ser tão complicado que o impedia de contar a verdade? Dessa vez não haveria resposta. Já tinha recebido muito mais do que um dia pensara em obter dele.

Um trovão retumbou do lado de fora, e o chão abaixo de nossos pés estremeceu. Olhei para fora. Já que o ginásio era completamente aberto nas laterais, dava para enxergar o céu coberto de nuvens cinza-escuras. Fazia quanto tempo que não víamos chuva? Mais de um ano, com certeza. Era algo raro no mundo em que vivíamos, mas quando acontecia parecia quase o fim dos tempos.

Metade dos Guerrilheiros que treinavam pediu para ir embora assim que houvesse o primeiro sinal de chuva, e, como o casal responsável por eles não podia obrigá-los a ficar, o treino acabou sendo suspenso. Os dois comentavam sobre não querer sair em meio a uma tempestade e correr o risco de ser atingidos por raios ou algo assim, mas todos sabiam que o verdadeiro motivo era: ninguém aguentava mais os exercícios.

Lollipop não foi embora. Ela se manteve firme, batendo no boneco com força enquanto todos se retiravam, com exceção de nós. Não iria

querer parar daquele jeito, logo depois de ter aprendido a usar seus poderes sem sentir dor alguma.

— Notícias da Jullie? — perguntei, depois de irmos até a arquibancada e nos sentarmos lado a lado, observando Lolli de longe.

— Ainda não — foi Sam quem respondeu, já que Evan tinha ficado fora durante todo o tempo depois do último acontecido. — Passou pouco mais de duas semanas. Ela ainda precisa de um tempo pra se acostumar com a ideia de não ser mais namorada do Evan.

— Isso não é muito a cara dela — o vampiro comentou, sentado do meu lado esquerdo. — Mas afinal... o que é?

Ele estava certo. Aquela garota era completamente imprevisível, e, como parecia não ter coração, era quase impensável que precisasse de um tempo para superar alguma coisa. Fosse o que fosse.

Isso me fez lembrar de algo que eu me perguntava toda vez que a encontrava na rua, antes de ela passar a se trancafiar sozinha em casa, e pela primeira vez tive coragem de dizer em voz alta: — Sabe, Evan... Eu não consigo entender por que você ficou tanto tempo com ela. Não me parece o tipo de pessoa com quem você gostaria de ter um relacionamento. Ainda mais se for comparar com a Lolli.

Sam riu alto do meu lado, embora eu não tivesse feito nenhuma piada, e tudo o que o vampiro fez foi sorrir, pegando um cigarro no bolso da jaqueta de couro e o acendendo. Resisti ao impulso de dar um tapa em sua mão para que soltasse aquilo, quase esquecendo que, ao contrário de Sam, não era possível que sua saúde fosse prejudicada. Mas bem que ele merecia uma bela bronca por ter ensinado o garoto a fumar. Infelizmente não era o momento ainda.

— Existe uma coisa que nós, adultos, chamamos de “atração física” e que pode fazer milagres — explicou, depois de duas tragadas. — Eu estava entediado, ela também, aí rolou. Mas todo mundo sabe que o

título de “namorados” não nos impedia de ficar com outras pessoas. Fidelidade não era exatamente a marca do nosso relacionamento.

— Isso é o tipo de coisa que se fala pra melhor amiga da garota com quem você está iniciando um relacionamento? — questionei. — Desculpa. Nunca tive muita experiência com esse assunto, mas acho que não é não.

Mais um trovão ecoou pelo lugar, e, acompanhada dele, uma chuva torrencial desabou do céu, iniciando em menos de um segundo com toda a sua força. Evan nem deu importância, mantendo a atenção na garota que treinava a alguns metros.

Olhei para fora, tão surpresa quanto da última vez que tinha visto chuva. Era linda, mas ao mesmo tempo assustadora. O som que fazia ao bater contra a cobertura de metal do ginásio era quase ensurdecedor.

— É diferente — murmurou, sorrindo um pouco, baixando a cabeça e batendo as cinzas do cigarro.

— Diferente como? — insisti.

Embora soubesse que ele gostava de Lolli e tivesse sido eu quem o encorajara a se declarar ou fazer qualquer coisa do tipo para ela, eu ainda tinha minhas dúvidas e preocupações com relação aos dois. Assim como quando o assunto era Sam e eu.

— Aonde ela foi? — Sam perguntou de repente, antes que o vampiro pudesse pensar em responder.

Voltamos a olhar para a quadra, onde Lolli estava antes, mas tudo o que restava ali era o boneco de boxe quase em pedaços.

Nos levantamos, descendo alguns degraus apressadamente, olhando ao redor para ver se a encontrávamos. Antes que algum tipo de pânico pudesse inundar minha mente, nós a avistamos.

Congelamos os três no meio da quadra.

Lollipop estava parada no limite da cobertura do ginásio, encarando a chuva com atenção. Se desse um passo, por menor que fosse, estaria do lado de fora.

— O que ela está fazendo? — perguntei, começando a avançar em sua direção, mas Evan me pegou pelo braço, me impedindo de continuar.

Algo em seu olhar me dizia que não era a primeira vez que ele via aquilo, como se a situação lhe trouxesse a lembrança de um passado distante. Sam pegou minha outra mão, me colocando a seu lado para que eu não interferisse no que quer que pudesse estar acontecendo, e tudo que eu conseguia pensar era quão loucos aqueles dois estavam. Não podíamos deixá-la enfrentar aquela chuva! Muito menos quando havia uma tempestade de raios acontecendo!

— Ele já me contou essa história — Sam sussurrou.

— Que história?!

Colocou o dedo indicador na frente dos lábios, me pedindo silêncio e fazendo um gesto com a cabeça na direção da minha amiga. Quando voltei a olhar para Lolli, tive aquela sensação estranha de que algo muito grande estava prestes a acontecer, e meu estômago revirou por causa de uma ansiedade para a qual eu não tinha explicação.

— Pense no seu corpo — o vampiro murmurou, com um olhar quase vítreo na direção de Lollipop. — Nos órgãos e nas veias, e em como cada um deles está trabalhando ao mesmo tempo, a todo momento. Não é algo que você possa medir se concentrando apenas na sua existência, mas você sabe que eles estão lá. Se você parar por um segundo, fechar os olhos e ficar em silêncio, começa a tomar consciência de cada centímetro do seu ser. Dedos, braços, pernas, coração.

Ela estava de pé alguns metros fora do ginásio, o rosto virado para cima, para o céu. Os braços estavam estendidos ao lado do corpo, na

altura dos ombros, como se quisesse sentir cada uma das gotas de chuva batendo em sua pele.

— Mas essa sensação não é exatamente como se você soubesse o que acontece aí dentro. É fruto do seu cérebro, para que você possa sentir a sua própria humanidade — Evan continuou, dando alguns passos na direção dela. — E é quase esse o sentimento. Confuso e vago, mas eu tenho certeza de que existe a cada vez que olho para ela.

— Do que ele está falando? — perguntei.

— Eu não sei — Sam sussurrou. — Eu não...

— Você me perguntou o porquê de ela ser diferente pra mim — Evan interrompeu. — E eu digo que é porque ela me faz sentir isso. Ela me dá essa força que me faz sentir invencível quando estou perto dela.

Assim que Evan pronunciou a última palavra, o silêncio nos dominou, e uma pressão agonizante se fez contra meus ouvidos. O som da chuva forte batendo no teto também havia cessado, e só restava o estrondo dos raios e o barulho dos trovões.

Me virei na direção da minha amiga uma última vez, achando estranho o fato de a chuva parar de repente, depois de apenas alguns minutos, e o que vi fez meu coração descompassar.

Recuei um passo, colocando as mãos na frente da boca.

Lollipop continuava exatamente na mesma posição, mas agora havia um tipo de domo de energia ao seu redor, protegendo-a da chuva, que parecia cair em câmera lenta. A cada segundo a água caía mais devagar, até que ficou suspensa, com cada uma das gotas estática no ar.

— Ela me disse essas palavras uma vez — Evan contou, o olhar ainda grudado em Lolli. — Só que se referia ao poder dentro de si. A Celena sempre soube que era capaz de coisas grandes. — Fez uma pausa. — Por algum motivo, cada uma delas se encaixa no que eu sinto por ela.

Eu não sabia se aquela explicação não fazia sentido para mim apenas porque estava chocada demais com o que Lolli fazia, ou se era porque tudo o que ele tinha dito era mesmo uma loucura. Só sei que a única coisa que consegui fazer foi continuar boquiaberta, olhando para ela.

— Porra, Jéssica! — ele exclamou, se virando para mim, percebendo que eu não tinha entendido. — O que eu quero dizer é que ela é diferente porque eu... — Parou de falar, como se algo o impedisse, e baixou a cabeça.

— Porque ele a ama — Sam sussurrou, juntando um pouco as sobrancelhas e o encarando de forma compreensiva e, ao mesmo tempo, completamente surpresa.

A MORTE



— Hoje nós vamos à Área 15 fazer uma negociação importante — Evan anunciou para nós, seu grupo de Guerrilheiros. — Preciso de todos vocês desta vez, porque o lugar é longe e o que vamos levar é de extrema importância — explicou. — A Área 15 é uma cidade pouco desenvolvida, que ainda parece estar no auge da Quarta Guerra. Eles não têm rios ou riachos por perto, então utilizam o suprimento de água das cidades próximas. Eu recebi uma carta do líder do clã deles pedindo alguns litros de água em troca de armas. Dizem que, apesar de tudo, eles têm a tecnologia mais avançada para desenvolvê-las, algo que nós com certeza não temos.

— Mas é a Área 15! — Dean exclamou. — Fica a quatro dias de carro.

— Nós *precisamos* reabastecer o nosso estoque de armas, e eles estão desesperados por água. Se não formos pra lá, provavelmente toda a cidade vai morrer em pouco tempo — o vampiro reforçou. — Temos combustível e suprimentos suficientes, e eu tenho os melhores Guerrilheiros comigo. Não há por que não irmos.

Suspirei, passando um braço por cima dos ombros de Jéssica, que estava ao meu lado, encarando Evan com uma fisionomia de preocupação no rosto. A única coisa que Jazz tinha me pedido no hospital, quando voltei da minha primeira missão com os Guerrilheiros, foi que não nos separássemos mais, porém eu sabia quão importante era que eu fosse agora.

Já fazia três semanas desde a tempestade, e tínhamos acumulado muito mais água do que precisávamos. Ainda mais se considerássemos

que havia um rio a pouco menos de dois quilômetros da nossa cidade, a Área 4.

Não havia um método de classificação para dar números às cidades. Áreas surgiam e desapareciam todos os dias, e tinham até mesmo nome de cidades de antes da Terceira Guerra. Éramos independentes, como uma cidade-Estado, mas as negociações eram frequentes para conseguir o que precisávamos.

— Nós vamos ficar bem — sussurrei para ela. — O Sam vai cuidar de você. Não vai? — perguntei, erguendo o olhar para ele, parado do outro lado de Jazz. Ele assentiu uma vez, sorrindo torto.

— E quem vai cuidar de você? — ela perguntou. — *Ele?! —* Gesticulou com a cabeça na direção do vampiro, e precisei resistir ao impulso de rir alto enquanto Evan continuava a falar sobre a missão. A vantagem de ser a “quase namorada” do líder do clã era que eu já sabia de toda aquela baboseira. — Ele tem a mentalidade de um garoto de...

— Dezoito anos? Bom... pelo menos é o que ele aparenta ter — interrompi, com um sorriso gentil. — Relaxa, Jazz. Eu tenho total capacidade de tomar conta de mim mesma.

Jéssica enrijeceu a mandíbula, sem tirar os olhos do vampiro alguns metros à frente, como se ele fosse seu ponto de foco, que a impedia de entrar em pânico no momento. Nunca tínhamos nos separado por tanto tempo, e eu sabia muito bem que aquilo podia ser assustador para ela, uma garota de dezesseis anos que havia crescido num quarto escuro em um centro de pesquisas.

— Nós vamos partir hoje mesmo, ao pôr do sol. Façam os preparativos necessários. Nos encontramos no ginásio em duas horas — o vampiro concluiu.

Todos se dispersaram, com exceção de Sam, Jazz e de mim. Os dois eram os únicos presentes ali que não eram Guerrilheiros. Evan se aproximou de nós, me puxando pela cintura para perto dele.

— Está pronta, garotinha? — perguntou. — É uma viagem longa, e nós vamos nos divertir bastante.

— Será que você consegue dizer alguma coisa sem esse tom de malícia de sempre? — questionei. — Já está ficando repetitivo.

— Vocês são tão... excêntricos — Jazz comentou.

Sorri, empurrando-o para o lado e a puxando para um abraço, bagunçando seu cabelo com uma das mãos, o que eu sabia que a deixava constrangida, ainda mais na frente de Sam. Falei, com a voz que geralmente é usada ao falar com bebês: — Como eu vou deixar o meu bebê aqui, sozinho? Como é que a minha fofucha vai se virar sem mim? Sem a mamãe pra fazer a mamadeira e trocar a fralda?

— Vá à merda, Lolli — ela respondeu, se debatendo até se livrar do meu aperto.

As bochechas coraram assim que viu Sam rindo da cara dela, e me mostrou o dedo do meio discretamente.

Mordi o lábio, vendo-a socar o braço do garoto com força. Ela havia amadurecido tanto nos últimos meses que era difícil olhar para a garota à minha frente, que já tinha um “amigo”, aprendera a usar seus poderes e a se defender sozinha, e compará-la à menina tímida e fechada que eu havia conhecido dois anos antes. Sentia orgulho dela e de mim mesma por ter ajudado a formá-la.

— Acho melhor você ir arrumar as suas coisas, garotinha — Evan sugeriu. Sempre que usava esse apelido, eu sabia que se referia a mim.

Assenti, puxando Jazz pelo braço quando comecei a andar na direção de nosso apartamento. Faltavam apenas alguns detalhes na mochila que eu levaria, e ainda tinha que revisar tudo o que já estava dentro dela para me certificar de que levava tudo o que precisava.

— Vão ser duas semanas bem interessantes pra vocês — ela comentou depois de algum tempo, revirando as roupas dentro da

minha mochila, já adiantando meu trabalho. — Vocês vão ter bastante tempo para se conhecer melhor.

— O Evan e eu não gostamos de ficar revirando o nosso passado — falei, enquanto colocava um par de tênis numa sacola e a enfiava na mochila, apenas como reserva se algo acontecesse com meus coturnos.

— É impossível fugir disso, você sabe.

— Eu sei, mas... — Fiz uma pausa, parando no meio do quarto e tentando encontrar uma explicação que a impedisse de continuar encontrando argumentos para prolongar a discussão. — Eu quero tentar adiar o quanto puder. Não quero saber nada sobre a assassina que eu era, ou sobre as perdas que sofri. Ganhei a chance de recomeçar do zero, e é isso que importa pra mim. Agora temos que ir. Está quase na hora.

Joguei minha mochila preta em cima do ombro, vendo Jazz se levantar da cama e ir em direção à porta, visivelmente irritada. Eu sabia que ela ficava frustrada sempre que eu dava um jeito de mudar de assunto ou de fugir dele, mas era meio instintivo.

Mal tínhamos chegado à rua quando ouvimos o ronco ensurdecedor de um motor.

— O que é isso? — perguntei a Sam, que havia nos esperado no portão de entrada.

— Parece que alguém tirou a lata-velha da garagem — ele disse, com um sorriso divertido, colocando a mão na frente dos olhos e balançando a cabeça. — E a culpa é sua. Maldito vampiro, querendo impressionar.

Juntei as sobrancelhas, virando na direção em que Jazz havia olhado e começado a rir, e não pude conter o sorriso ao ver Evan montado em uma moto preta fosca com toda a pose e a cara de bad boy, o capacete apoiado debaixo do braço. Ele desligou a moto e eu me aproximei, perguntando: — Nós não vamos *nisso aí*, né?

— Isso, garotinha, é o que nós, adultos, chamamos de “aventura”. Uma aventura *bem legal*, só pra constar — explicou, e tudo o que eu fiz foi olhar para ele com certa descrença por alguns segundos, esperando que me desse uma resposta decente. — Sim, nós vamos. E foi exatamente por isso que fiz umas modificações nela hoje cedo, como o encosto para o passageiro e essas bolsas pra colocar as nossas coisas — contou.

— Por que não podemos ir com o seu carro? — Eu quase parecia um bebê choramingando, mas o que eu podia fazer? Nunca tinha andado numa coisa daquelas!

— Nós temos poucos carros. — Foi Sam quem respondeu. — Vão precisar usar todos, e eu tenho certeza de que o Evan nunca deixaria ninguém encostar no tesouro dele.

O vampiro concordou com um gesto quando voltei a olhar em sua direção. Prendi a respiração, encarando a moto com hesitação. Que loucura era aquela? No que Evan estava pensando?

Saiu de cima da moto, tirando a mochila dos meus ombros e a guardando em uma das bolsas que tinha instalado.

— Está quase na hora — o líder anunciou, agora mais alto, para que todos pudessem ouvir. — Quem quiser se despedir pode começar. Nós vamos sair em dez minutos.

— Ah, não... — Jéssica murmurou ao meu lado, e eu a puxei para um abraço, dessa vez de verdade.

— Não esqueça de fechar as janelas sempre que sair — lembrei a ela. — Tranque todas as portas e coma sempre nos horários certos. Nada de festas, bebidas nem indecências. — Jazz riu com a última parte. Olhei para Sam, ainda sem soltá-la, antes de continuar. — E você, bom moço, vai cuidar da Jazz. Vai protegê-la e, se alguma coisa acontecer com a gente, vai ser o responsável por ela a partir de agora. Isso também quer

dizer que, se quando eu voltar tiver um arranhão na minha amiga, eu vou...

— Lolli — a garota disse. — Relaxa. Eu vou estar num lugar seguro, não vou atravessar o país numa máquina mortal como você. Sou eu quem deveria estar preocupada.

Ela se afastou sorrindo, tentando me passar algum tipo de tranquilidade, mas eu confiava mais na expressão calma de Sam. Ele era mais responsável, digamos assim. Pelo menos aquela era a conclusão a que eu chegava ao ver que ele não tinha adquirido nenhum problema emocional sério ao ser criado por Evan.

— Pode deixar. Vou cuidar dela e protegê-la com a minha vida — o garoto disse.

— Tão dramáticos... — ela murmurou. — E você, Evan, é melhor trazer a Lolli de volta inteira, está me ouvindo?

— Pois não, senhorita. Seu pedido é uma ordem! — Ele conseguiu me fazer rir em meio às lágrimas que enchiam meus olhos.

Era difícil para mim deixá-la ali, mesmo que fosse com Sam. Se algo lhe acontecesse, eu me culparia pelo resto da vida. Apesar de Jazz não ser mais a única pessoa que eu tinha, continuava sendo a mais importante.

— Ei, garotinha — Evan chamou, colocando a mão em meu rosto e fazendo com que eu olhasse para ele. — Você não precisa ir se realmente não quiser.

— Está brincando? Você não duraria nem um minuto sem mim pra te proteger — exclamei, secando as lágrimas, que não tinham chegado a cair, mas deixaram meus olhos úmidos.

Jéssica sorriu, dando batidinhas em minhas costas e depois abraçando Sam. Chegava a ser engraçado como éramos parecidas. As duas estavam apavoradas com a ideia de deixar uma à outra, mas

continuávamos ali, firmes e fortes, tentando transmitir segurança e a esperança de que em breve nos veríamos e ficaria tudo bem.

Evan me entregou um capacete preto e me ajudou a colocá-lo. Era aberto na frente, com um visor transparente que deixava ver os olhos e as maçãs do rosto, ao contrário do dele, que era completamente fechado, com o visor escuro.

— Isto é seguro? — perguntei, enquanto Sam me ajudava a subir na moto sem encostar no escapamento.

Tudo o que o vampiro fez foi rir, pegando minhas mãos e enrolando meus braços ao redor dele. Ele sabia que, lá no fundo, eu estava adorando aquela posição. Idiota. Precisamos esperar mais alguns minutos até que todos estivessem preparados, e então Evan anunciou: — Eu vou ser o último a sair! Podem ir!

Todos obedeceram, dando partida em carros e motos e seguindo pela rua principal até a trilha de terra que nos guiava em direção à floresta. Evan manteve seu capacete apoiado no colo até perder todos de vista, depois olhou para Sam e Jazz e disse, antes de colocá-lo: — Não façam nada que eu não faria.

Mal tive tempo para ver os dois rindo, pois Evan acelerou, voltando a olhar na direção da trilha, e inclinou o corpo para a frente, quase me fazendo cair para trás.

Aquilo era uma completa loucura, mas, se era o que precisávamos fazer, então eu mergulharia na insanidade e seguiria em frente sem olhar para trás.



Quando completamos oito horas de viagem, Evan decidiu que era hora de parar. Eu não aguentava mais a dor nas costas por causa da posição na moto, e os outros começavam a perder um pouco do controle de seus veículos por causa do sono.

Deviam ser três da manhã, e tínhamos chegado a um campo aberto que ladeava uma estrada maltratada.

Éramos os únicos ali, então paramos os veículos em círculo, formando quase que uma cerca de proteção ao nosso redor, e acendemos uma fogueira no meio.

A maioria dos Guerrilheiros se sentou ou deitou ao redor dela, fazendo o jantar e conversando sobre as lendas de antes da Terceira Guerra. Outros pegaram no sono dentro dos carros ou ao lado da fogueira mesmo, sem se incomodar com o barulho.

— Ainda está com frio? — Evan perguntou depois de algum tempo, tocando meu rosto.

Estávamos sentados na caçamba de uma das picapes, parada na volta mais externa do círculo de carros, longe de todos. Era o nosso turno de vigília, que só terminaria às quatro da manhã, uma hora mais tarde.

Ele tinha pegado um cobertor para mim quando meus dentes começaram a bater por causa da baixa temperatura, e eu estava encolhida a seu lado. Não tínhamos trocado muitas palavras. Ficamos em silêncio, com os dedos entrelaçados encarando o céu cheio de estrelas. Balancei a cabeça, sorrindo um pouco.

— O que foi?

— É que... — comecei. — Você era a última pessoa com a qual eu me imaginaria agora. Não por causa da história de termos sido inimigos, mas porque eu pensava que você fosse um babaca egoísta e irresponsável.

— Eu sou um babaca egoísta e irresponsável — admitiu, o que me fez rir. — Mas não significa que eu tenha que agir assim o tempo inteiro e com todo mundo.

— Não. Você é uma boa pessoa — corrigi. — Só é incompreendido.

Evan mordeu o lábio, baixando a cabeça, como se minha fala o fizesse lembrar alguma coisa. Não era difícil pensar que cada coisa que eu dizia podia trazer más lembranças, se considerássemos que ele tinha milênios de anos de existência e provavelmente já tinha passado por tudo na vida.

— A sua esperança em mim quase consegue me fazer esquecer que eu mato pessoas para beber o sangue delas.

— Não é assim, você sabe disso — falei. — Um leão não tira a vida de uma zebra porque é cruel, mas porque precisa disso pra sobreviver.

— Eu gosto quando você me compara a um leão — brincou, e não pude deixar de rir de sua idiotice. — E também gosto de como tenta não enxergar nenhum tipo de maldade em mim, por mais que saiba que ela existe.

Passou os dedos pelo meu cabelo, voltando a olhar para mim e me puxando para mais perto com o braço livre. Pegou uma das minhas mechas vermelhas e disse, analisando-a com atenção: — É engraçado como cada metacromo desenvolve uma característica física. Você tem esses fios vermelhos, o Sam tem um olho de cada cor, a Emily tem o cabelo inteiro prateado...

— E você? — questionei. — Tem seis dedos no pé? Uma segunda cabeça no joelho?

— Não, garotinha. — Ele riu. — Eu não sofri mutação. Me tornei um vampiro bem antes da Terceira, Segunda ou Primeira Guerra.

— Isso existe?

— Claro que sim. Ou você achou que a desculpa esfarrapada da radiação era verdade? — Pela minha surpresa, Evan deduziu que a resposta era afirmativa. — Foi só uma questão de “o mais evoluído sobrevive”. Alguns humanos permaneceram vivos, como o Henry e a família dele, mas eles são tão raros quanto nós éramos antigamente.

— E como nós fomos criados?

— Vocês, metacromos, não foram. Nasceram assim e desenvolveram mutações por causa de uma junção de traços genéticos ao longo dos anos. Já os vampiros surgiram há milhares de anos, com uma febre que nos tornava quase... mortos-vivos. Com o tempo, percebemos que não envelhecíamos, e uma sede estranha tomava conta do nosso corpo a cada vez que víamos uma veia pulsante de um ser humano. Quanto mais velhos, melhor conseguíamos controlar nossas habilidades, até descobrir uma única para cada um de nós. A minha, por exemplo, é ler pensamentos e controlar pessoas. Algo que eu costumo chamar de FOR: fazer os outros de robôs.

Ok. Aquilo contrariava tudo o que eu tinha ouvido naqueles dois anos de vida dos quais me lembrava, e talvez tudo o que se conhecia sobre a história do mundo. Agora eu não sabia se preferia acreditar nessa história ou naquela que aprendera antes, apesar de saber qual delas era a verdadeira.

— Por que iriam querer esconder isso de nós? — perguntei. — E por que os singulares que existiam antes não se pronunciaram?

— Negar a existência deles diminuía a sua força, ainda mais quando todos os que tentavam se mostrar eram tachados de farsantes e mentirosos; e aqueles que tinham talentos realmente inegáveis tinham medo de ser usados como cobaias, assim como faziam nos institutos de pesquisa da época — contou. — O medo só aumentou quando Leonard entrou no poder e os métodos se tornaram mais cruéis. Mas vocês ainda tinham sua força, e os filmes e livros, que as testemunhas do seu poder ou até mesmo alguns de vocês faziam, chegavam a todos com o nome de ficção científica e fantasia. Foi a sua forma de mostrar que ainda estavam ali, que existiam mesmo que as pessoas negassem.

Coragem. Isso era algo que eu daria qualquer coisa para ter presenciado, e não simplesmente ouvido falar. Não a coragem de subir

na garupa de uma moto ou de se declarar para alguém, mas a de desafiar a morte e tudo em que uma sociedade acredita para mostrar a própria identidade. Era dessa coragem que precisávamos naquele momento, mas foi ela também a responsável pela Quarta Guerra.

Eu quase podia imaginar pessoas lendo histórias de singulares reais acreditando que fossem coisa da cabeça de alguém. Era impossível criar uma coisa desse tipo assim, do nada, sem ter presenciado algo parecido. E não era só questão de poder, mas da magia real na raiz de cada ato. Quem nunca imaginou alguém chegando a ficar verde de raiva, ou uma pessoa que pudesse voar como um pássaro? Era impossível pensar que esse tipo de coisa havia sido simplesmente inventada, sem se basear em algo real.

O mais impressionante naquilo tudo, ainda mais do que a verdade sendo contada na minha frente ou a história da nossa opressão, era como aquele vampiro falava bonito. Ele sabia exatamente como dizer cada coisa na hora certa. Chegava a ser inebriante.

— Onde você aprendeu a contar histórias assim? — perguntei.

— É a experiência e uma quantidade infinita de coisas pra dizer — justificou. — Se você está impressionada comigo, devia ouvir a si mesma falando há cinquenta anos. Se quisesse, você podia guiar nações para o sacrifício fazendo-as acreditar que era por uma boa causa.

— Você fala como se eu fosse um tipo de divindade ou algo assim — comentei. — Na minha opinião, eu era só uma garota louca e insensível que tinha um pavio bem curto.

— Não diz isso... — Algo no tom dele se parecia um pouco com pesar. — Você passou por muita coisa até chegar àquele ponto. Antes de tudo, era só uma menina de quinze anos que queria proteger os irmãos mais novos contra o mundo.

— Irmãos? — repeti, sentindo meu coração apertar.

— Andrew e Stephan. Eles tinham dez e nove anos quando um grupo da Área 9 botou fogo no acampamento de vocês. Quando você conseguiu tirar os dois da barraca, eles já tinham inalado fumaça demais — revelou. — Isso te amargurou, e você perdeu a esperança no mundo. Acho que é esse sentimento de culpa e superproteção sobre eles que você projeta na Jéssica. É como se ela preenchesse um buraco no seu coração do qual você nem tinha conhecimento.

Meus olhos se encheram de lágrimas. De que adiantaria bombardeá-lo com perguntas sobre a Área 9 e os possíveis culpados do incêndio? Haviam se passado décadas, e eu nem me lembrava do rosto dos meus irmãos. Cerrei os dentes. Não era justo com eles. Não era justo que eu não soubesse de sua existência. Eram só crianças e...

— Garotinha — ele chamou, secando uma das lágrimas que tinham rolado pelas minhas bochechas. — Eu sei exatamente como você se sente, mas não há nada que possa fazer. Não mais. Você já pagou pelo erro dos outros por muito tempo, e agora...

— E agora o que eu estou fazendo? — interrompi, sentindo uma raiva súbita tomar conta de mim. — O que eu estou fazendo pra tentar mudar a nossa situação? Nada. Nem você. Nem nenhum de nós. Os meus irmãos morreram por um motivo, Evan. Morreram por causa da precariedade em que a gente vivia. Não podemos permitir que o mundo continue vivendo à mercê do Instituto, com nosso destino nas mãos de algumas pessoas que pensam que podem ter esse poder sobre nós. Se você quer saber, eu prefiro morrer a viver essa ilusão de estar viva. De estar livre. De ser alguém que tem controle sobre as próprias escolhas.

— Os covardes morrem várias vezes antes da morte, mas o corajoso experimenta a morte apenas uma vez — murmurou, e notei que estava falando consigo mesmo. — Foi o que disse um homem sábio uma vez, séculos atrás. Talvez a vida se resuma a isso. Em quantas vezes nós vamos morrer antes de o fim chegar e na coragem que vamos ter pra enfrentar o mundo.

— Eu já perdi a minha vida o suficiente, vampiro — continuei, voltando sua atenção para mim. — E espero que entenda quando digo que não vou permitir que aconteça mais uma vez.

Evan me puxou pela gola da jaqueta para um beijo longo e intenso antes que eu pudesse pensar em esperar por uma resposta, e pela primeira vez em dias permiti que o fizesse sem hesitar ou recuar. Afinal... quantas vezes mais perderia a chance de beijá-lo?

Nem sempre a morte à qual o tal sábio se referia tem a ver com algo grande. Pode ter a ver também com as pequenas perdas, as chances desperdiçadas de fazer pequenas coisas que poderiam ter um significado enorme. Então perder aquele tempo todo que eu poderia aproveitar com Evan, ainda mais depois de cinquenta anos, me parecia a maior morte que poderia existir naquele momento.

CULPA



Eu havia perdido a conta de quanto tempo tínhamos passado naquela moto. O sol já tinha nascido e se posto três vezes, e havíamos parado para descansar apenas quatro. A maioria de nós estava exausta, e tudo o que queríamos era uma boa cama para passar a noite. Com sorte, teríamos isso em algumas horas, mas no momento estávamos no meio de uma parada para fazer um lanche.

— Eu não gosto *nada* de ter que fazer isso — Dean falou, se aproximando de nós com uma pazinha que provavelmente usara para cavar um buraco na terra e... Bem... não tínhamos banheiro.

Não pude deixar de rir ao ouvir aquilo, apesar de ser verdade. Olhei para Evan, sentado em sua moto a alguns metros, bebendo uma garrafa de sangue o negativo. Estava tão concentrado naquilo que seria fofo o jeito como encarava o nada, todo perdido em pensamentos, se não fosse tão desconfortável pensar que o que havia naquela garrafa tinha vindo de dentro de uma pessoa.

— Lolli! — ouvi Yone chamar e me aproximei dela. Estava conversando com um cara relativamente atraente, que aparentava ter uns vinte e poucos anos. — Venha aqui — continuou, passando um braço por cima dos meus ombros e apontando para algum lugar ao longe. — Está vendo aquela montanha de pedras no fim da estrada?

Estreitei os olhos, inclinando um pouco o pescoço para a frente, tentando enxergar. Só conseguia ver uma mancha cinza-escura destoando do céu azul e do asfalto claro da estrada. Acho que era àquilo que ela estava se referindo, então. Assenti.

— É a antiga Área 15 — o rapaz explicou. — Eles foram atingidos por uma bomba nuclear pouco depois da Quarta Guerra. O Instituto ainda enxergava ameaça nas nossas tentativas de nos reerguer, e, como aquela foi uma das primeiras áreas a surgir, decidiram transformá-la em pó. Dizem que o impacto foi tão forte que ainda há uma nuvem radioativa em cima da cidade, e ela sofreu tanta alteração que a chuva tem uma cor avermelhada lá.

— Por isso eles a chamam de Área da Morte — Yone complementou. — A propósito, este é o Kyle. Ele é o nosso rastreador.

Eu o encarei, surpresa, apertando a mão estendida na minha direção.

— Eu funciono como um mapa — comentou. — Por algum motivo, consigo localizar qualquer coisa ou pessoa no mundo. É só dizer o que você precisa que eu encontre.

— O Instituto, talvez? — perguntei.

— Bom... Essa é a única coisa que eu não consigo dizer onde fica — admitiu, sem graça. Com certeza não esperava que eu comesse com algo tão difícil. As instalações de onde Jéssica e eu havíamos sido resgatadas por Chris tinham sido completamente destruídas, forçando o Instituto a mudar sua localização. Agora não fazíamos ideia de onde ele ficava.

— É uma habilidade bem legal — elogiei, o que o fez sorrir um pouco. — Com licença, eu preciso falar com o Evan. — Cumprimentei os dois com um gesto de cabeça e segui apressadamente até o vampiro. — Nós vamos passar pela Área da Morte? O que você está pensando?! — perguntei ao chegar perto dele.

Ele riu, balançando a cabeça e estendendo a mão para mim. Eu a peguei, revirando os olhos. Por que sempre que eu o cobrava ele fazia aquela cara de bobão apaixonado e me puxava para perto? Não. Daquela vez eu merecia uma resposta.

— Vamos, Evan! Responda!

— É só uma lenda. O que você acha que vai ter lá? Metacromos deformados e animais raivosos que vão nos atacar durante a noite?

— Não. É que... — Fiz uma pausa, suspirando. — Se ainda houver radiação...

— Calma. — Ele colocou a mão no meu queixo e o segurou com força, virando meu rosto para o seu. — Confie em mim. Não vai acontecer nada, todos vamos ficar bem. Eu prometo.

Apesar de tudo, eu sabia que não havia justificativa para desconfiar do que Evan acreditava ser o melhor. Ele era o líder daquele clã desde o final da Quarta Guerra, o que havia acontecido séculos antes, e estava se dando muito bem. Estavam todos vivos, e éramos uma das poucas áreas quase autossustentáveis. Tudo isso graças à sua competência.

Assenti, tentando demonstrar confiança enquanto ele afastava a mão e colocava a garrafa de lado, apoiada no banco da moto. Pegou um maço de cigarros do bolso e tirou um deles com a boca, acendendo logo em seguida. Continuou, depois de uma longa tragada: — Vamos passar a noite lá, e eu mesmo vou ficar de vigia o tempo todo.

— Como sempre — murmurei.

— Como sempre — repetiu, soltando a fumaça de uma vez pelo nariz. — Afinal eu não preciso dormir.

— Mas você não descansa? Nunca? — questionei.

— Se considerar o tanto de pessoas que os vampiros matam pra sobreviver, é uma boa metáfora pensar que não dormir é um presente — filosofou. — Já que não precisamos “deitar a cabeça no travesseiro à noite com a consciência limpa”.

Voltou a encarar o horizonte. Agora que eu tinha conhecimento sobre o que havia no fim da estrada, me perguntava se Evan olhava tanto naquela direção porque no fundo também tinha dúvida se era

certo ir até lá, ou se via alguma coisa invisível aos olhos dos outros singulares.

Ele tirou a bandana vermelha da cabeça, passando os dedos pelo cabelo em um sinal de nervosismo. Aquele gesto me pareceu tão humano que chegava a ser estranho. Não que passar a mão no cabelo fosse algo incomum para os vampiros, mas os ombros curvados e a postura cansada não eram *dele*.

— Alguma coisa está te preocupando — presumi. — Você nunca fica tão quieto.

— Impressionante como você consegue perceber as coisas, mesmo quando eu acho que estou sendo extremamente discreto. É um dom. Parabéns — brincou, mas eu sabia que era só para se safar da minha afirmação. Como permaneci séria, ele continuou: — Ok. É que... nós não somos a área mais próxima deles.

Eu sabia exatamente o que aquilo queria dizer. Não havíamos sido escolhidos para ajudá-los por um motivo qualquer. Evan pensava que, se realmente tudo de que precisavam era água, poderiam ter chamado clãs das áreas mais próximas.

— Você acha que nós não devemos seguir caminho então? — perguntei.

— Estou tentando me convencer de que sim. Afinal que tipo de pessoa nos faria atravessar o país só para nos pegar desprevenidos? Estamos indo ajudá-los. Não representamos ameaça. — Tragou uma última vez o cigarro antes de jogá-lo no chão, apagando-o com a sola do coturno. — Mas não posso ir embora e deixá-los morrendo de sede só por causa de uma desconfiança.

Eu o encarei por alguns segundos em silêncio antes de voltar a me aproximar, passando os braços ao redor de sua cintura e apoiando a cabeça em seu ombro, respirando fundo.

Eu o admirava muito por pensar daquela forma, apesar de ser a mais arriscada. Só mostrava que, por baixo de toda aquela pose de bad boy indiferente, havia um cara que realmente queria que a sociedade se reerguesse e que preferia assumir um grande risco a deixar alguém precisando de sua ajuda.

— Só que eu não posso falhar, de forma alguma — continuou. — Porque a vida de vocês está nas minhas mãos, e uma simples escolha errada pode ferrar tudo.

— Você deu conta durante todos esses anos, não deu? — falei, com os lábios pressionados em seu ombro. — Pode fazer isso melhor do que qualquer um aqui, ou em qualquer outro clã.

— Evan — ouvi Kyle chamar e precisei me afastar.

O vampiro se levantou da moto, entrelaçando os dedos aos meus e me puxando consigo na direção do rapaz, que não tinha uma expressão muito tranquila no rosto. Ele e Yone pareciam bem preocupados.

— Há uma movimentação estranha na Área 15 — ele explicou. — Isso não é nada bom.

— O que você quer dizer? — Evan perguntou.

— Acho que eles precisam mesmo da nossa ajuda — o rapaz respondeu. — Mas não sei se tem a ver com água e suprimentos.

Não levou nem dez segundos para que Evan entendesse e mandasse todos entrarem nos carros e subirem nas motos. Não tivemos nem tempo de colocar o capacete, e eu nem tinha me ajeitado direito atrás dele na moto quando deu partida.

Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, nem do porquê de ele estar tão desesperado, mal se preocupando quando ultrapassamos todos os carros e motos na estrada e ganhamos uma distância considerável deles. Tudo o que eu sabia era que o que nos esperava na Área 15 não podia ser, de forma nenhuma, uma coisa boa.

JÉSSICA

Eles tinham partido havia quatro dias, e para mim parecia quase uma eternidade. Saber que provavelmente nem tinham chegado ao seu destino era ainda pior. Pelo menos eu tinha Sam para me fazer companhia. Ele havia me recebido de bom grado em sua casa, oferecendo um dos quartos para que eu pudesse passar a noite lá. Não, ele não se atreveu a tentar entrar de madrugada nenhuma vez, para seu próprio bem.

Engraçado como Lolli e Evan passaram a fazer falta para nós dois poucas horas depois de partirem. As piadas do vampiro e as reações exageradas dela nos mantinham sempre rindo durante o tempo que passávamos juntos, e agora nem mesmo as gracinhas péssimas de Sam estavam dando certo. O que nos restava era treinar, treinar e treinar mais ainda.

— Já é a décima vez que eu faço isso, Sam. Não me obrigue a repetir — pedi, depois de acender e apagar meu corpo em chamas pelo que parecia ser a milésima vez no dia.

— Acho que você já tem uma noção de como fazer, então.

— Se eu tenho uma noção? Nós estamos fazendo isso há quase um mês! Não sou tão burra assim.

Depois do incidente que me deixou nua na frente de Sam, passei a treinar sozinha até que consegui, finalmente, canalizar meu poder de forma que as roupas não eram incineradas pelo fogo quando ele tomava conta do meu corpo. Agora já estava conseguindo projetar essa espécie de campo de proteção para outras pessoas, o que seria muito útil caso eu precisasse usar meus poderes perto daqueles que eu não queria machucar.

— Você tem razão — ele concordou, com um suspiro. Pude ouvir seus passos se aproximando de mim. — O que você quer fazer então?

— Sei lá... Treinar mais alguma coisa, para o caso de eu estar em perigo numa casa de madeira cheia de pessoas inocentes e não poder usar o fogo — respondi, baixando o olhar para os All Stars dele, engolindo em seco. Ele estava sem camisa, e a visão do seu abdome estava me deixando perturbada.

Quanto mais o tempo passava, mais eu sentia aquela sensação de borboletas no estômago, e minha vontade de gritar e sair correndo parecia cada vez maior, mas eu nunca agiria assim. Imagine! Eu, Jéssica? Assustada por causa de um sentimento bobo de criança? Não... Era demais para mim.

— Eu... eu gosto de facas! — exclamei, sorrindo animada e bem forçada, voltando a olhar para seu rosto. — O Chris costumava me deixar praticar tiro ao alvo com eles às vezes.

— Facas de arremesso, Jazz? — perguntou, passando a mão pelo cabelo loiro e liso daquele jeito meio receoso de sempre. — Não poderia ser algo mais prático, tipo um revólver?

— Ah, por favor! Vai ser legal! E são só para o caso de uma emergência — implorei, me sentindo empolgada de repente.

Se eu pensasse bem, era mesmo uma boa ideia. Adorava arremessar dardos e facas, e era muito boa nisso. Quem sabe não conseguiria deixá-lo um pouquinho impressionado com minha habilidade?

Quando Sam finalmente assentiu, dando as costas para mim e indo buscar um alvo e algumas facas no depósito do ginásio, não pude deixar de sorrir, me segurando bastante para não puxá-lo para um beijo. Ele havia deixado de tentar se aproximar desde o dia em que Evan e Lolli partiram, quando eu meio que dei um fora nele.

Era inevitável! A cada vez que eu sentia que estávamos nos aproximando demais (não só no sentido físico), era como se um alarme disparasse na minha cabeça, dizendo: "Se esse garoto se mover mais um milímetro para perto, ou disser mais alguma coisa fofa, você vai acabar

se apaixo... Explodindo!" E aí eu o empurrava para trás, e ele ficava todo magoado e sentimental.

Quando voltou, segurava um tipo de cinto com várias facas presas a ele e um alvo, e nem sequer pediu permissão para colocá-lo ao redor da minha cintura, depois de deixar o alvo a alguns metros de distância. Estava tão próximo quando passou o cinto pela parte de trás do meu quadril que meus lábios quase encostaram em seu ombro, e eu pude sentir seu cheiro de fogo e perfume amadeirado.

— Vamos ver o que você sabe fazer — disse, e “sem querer” meus olhos foram parar no seu abdome tanquinho enquanto se afastava. *Deusa amada das mulheres empoderadas, me dê forças para continuar resistindo a essa tentação!*

Respirei fundo, pegando uma das facas e olhando para o alvo. Fazia tanto tempo que eu não arremessava que mal lembrava como fazer para segurá-la. Entrei em posição, mantendo o meu peso em apenas uma das pernas para pegar impulso depois.

— Você não vai ter todo esse tempo pra se ajeitar durante...

Antes que Sam pudesse concluir, atirei a faca na direção do alvo, acertando o aro ao redor do centro. Havia sido um bom arremesso, considerando que fazia meses que eu não praticava.

Atirei mais uma e, agora que eu havia me acostumado com seu peso e lembrado como fazia, consegui acertar o centro, e a expressão de surpresa de Sam me fez rir. Perguntei, cruzando os braços e me virando em sua direção: — Estava me subestimando, garotão? Eu não ia viver num mundo pós-apocalíptico sem saber como me defender.

— É meio difícil imaginar alguém do seu tamanho arremessando uma faca desse jeito — admitiu.

— Mas não é difícil ter vontade de me beijar o tempo todo — concluí, com um sorriso malicioso.

Ao contrário do que eu pensei que fosse fazer, ele se manteve sério e juntou um pouco as sobrancelhas, como se não tivesse gostado muito da piada. Oh-oh. Jéssica, mais uma vez, fazendo merd...

— Cruel, mas justo — ele respondeu após alguns segundos de silêncio, diminuindo a distância entre nós. — Como sempre. — Eu o encarei enquanto parava à minha frente, enlaçando minha cintura. — É verdade.

Pela primeira vez em dias, deixei que Sam me beijasse, entrelaçando os dedos em meu cabelo enquanto eu passava os braços ao redor de suas costas. Não sabia se era impressão minha, mas sua temperatura parecia bem mais elevada que o normal, como se estivesse com mais de quarenta graus de febre. Não que eu não gostasse. Era só... curioso.

— Quando você vai admitir que isso realmente está acontecendo entre a gente, Jazz? — perguntou em tom de sussurro, se afastando apenas alguns centímetros.

Suspirei, empurrando-o gentilmente para trás e recuando um passo. Eu *odiava* quando ele me cobrava daquele jeito. Era frustrante, e ao mesmo tempo me fazia sentir culpada. Eu ainda não estava pronta! Será que ele tinha algum problema para entender aquilo? Virei de costas. Graças àquele idiota, meu ânimo para treinar havia ido para o espaço, e eu não queria mais ouvir nem uma palavra saindo da boca dele.

Estava começando a andar na direção da saída quando Sam segurou meu braço, me fazendo parar.

— Não. Você não vai embora assim — disse, num tom de determinação que eu nunca tinha ouvido antes.

Virei a cabeça um pouco para o lado, apenas para que ele soubesse que estava ouvindo, mas me mantive de costas.

— Você não pode me deixar toda vez que eu pergunto sobre isso — continuou. — Um dia eu vou precisar de uma resposta, Jéssica.

— Um dia, Samuel — retruquei, me virando para ele. — Não hoje.

— Quando, então? — quase gritou, e eu me encolhi um pouco, surpresa pela reação dele. Nunca o tinha visto irritado, e era a primeira vez que ele insistia em obter uma resposta decente. — Que droga! Você sabe como é difícil pra mim sentir como se você só estivesse me usando pra acabar com o seu tédio? — perguntou. — Eu faria qualquer coisa por você, Jéssica. *Qualquer coisa*, mas parece que eu não tenho importância nenhuma.

Ele bufou, colocando as mãos na cabeça, e eu esperei que continuasse, mas não o fez. Mordi o lábio, encarando-o com pesar. Não fazia ideia do que podia dizer. Sabia que estava, de certa forma, errada, mas... também era difícil confiar em alguém depois de tudo o que eu havia passado. Não poderia aguentar a culpa de sentir que tinha cometido um erro ao me entregar a ele e expor meus sentimentos, apesar de saber que ele fazia isso por mim todos os dias, a cada vez que me olhava.

— Você tem que entender que...

— Não, Jazz — interrompeu, agora num tom bem mais baixo e calmo. Quase triste. — É essa a questão. Eu não preciso entender. Já entendi por muito tempo. — Fez uma pausa. — Eu já esperei demais por você. Deixei que você me rejeitasse e me aceitasse muitas vezes sem pedir ou dizer nada, mas cansei de ter o meu coração partido a cada vez que você me manda embora.

Abri a boca para falar alguma coisa, mas nada saiu. Não sabia o que dizer. Não tinha resposta para aquilo, pelo menos nenhuma que estivesse à altura.

— Sei como deve ser difícil para você — ele admitiu. — Você praticamente não teve infância, e só se lembra de um quarto escuro no Instituto. Quando saiu de lá, deu de cara com um mundo cruel e destrutivo, mas você tem que entender que, apesar de tudo isso, ainda

há esperança. Não existem só pessoas cruéis no mundo, e não existe só a morte no final.

— Aonde você quer chegar com isso tudo? — indaguei.

Não eram as palavras que eu gostaria de ter dito realmente, muito menos naquele tom grosseiro, mas era meu estado automático de “autodefesa” se manifestando, e eu não conseguia controlar.

— Eu quero dizer que você pode confiar em mim — resumiu, provavelmente ignorando meu tom. Ele sabia que não era minha intenção ser tão rude. — Porque, assim como existem aqueles que odeiam a gente, como a desgraçada da Jullie, também existem aqueles que nos amam com toda a força da nossa existência. E você pode ter certeza de uma coisa, Jazz: eu sou uma dessas pessoas.

Meus olhos se encheram de lágrimas que eu nunca deixaria cair, e baixei a cabeça. Sam não tinha acabado de dizer que me amava, tinha? Ninguém nunca tinha dito uma coisa dessas para mim, nem mesmo Lolli, e agora o que eu sentia por ele parecia ainda mais real.

Não. Falar era fácil. Com certeza ele estava enganando a si mesmo. Não era possível que me amasse. O que eu tinha feito de bom para ele? Mandado embora milhares de vezes nos últimos três meses? Exatamente! Três meses. Não era o suficiente para amar alguém. Ou era? Como eu poderia saber? Já tinha amado alguém na vida? Provavelmente, mas não me lembrava.

— Será que você pode fazer isso? — pediu. — Confiar em mim?

— Você acabou de dizer que me ama, idiota — falei. — Não vai nem esperar uma resposta?

— Não — respondeu, sorrindo um pouco e se aproximando. — Eu sei que não é recíproco. — Isso quase conseguiu me fazer rir, mas era tão trágico que nem o fiz. — Pra mim, saber que eu vou ter uma chance real já é o suficiente.

— Chance real de me fazer te amar? — questionei, levantando uma sobrancelha. — Eu não sei o que é o amor, Samuel.

Dama de ferro, coração de gelo — essa era a melhor definição para mim. Parece cruel, mas eu estava sendo sincera, assim como ele vinha sendo comigo esse tempo todo. Sam colocou a mão em meu rosto, erguendo-o em sua direção. Havia algo ali, naqueles olhos de cores diferentes, que me parecia novo. Uma coisa que eu nunca tinha visto tão forte antes: esperança.

— Eu posso te mostrar — ele disse.

— Você pode é parar de tentar ser tão fofo — brinquei, afastando sua mão, mas agora com um sorriso gentil. Achei que tinha chegado a hora de baixar um pouco a guarda, mas só um pouco. — É meio constrangedor.

— Isso é um sim? — Ele abriu ainda mais o sorriso.

— Tanto faz, seu heterocromático irritante! Você não ia calar a boca até eu aceitar mesmo!

O garoto riu, me puxando para o abraço mais apertado que eu já havia recebido na vida, me tirando do chão e girando no lugar enquanto eu me debatia. Ele tinha ficado tão feliz com um simples “tanto faz”?

— Agora — voltou a me colocar no chão — você pode continuar praticando. E vê se ajeita essa perna de apoio pra pegar impulso suficiente. Eu sei que ela é pequena, mas você pode fazer mais do que isso.

Revirei os olhos, rindo, antes de voltar a entrar em posição, pegando a terceira faca. Algo me dizia que as próximas horas não seriam *nada* fáceis.

COROA DE ESPINHOS



Não levamos nem duas horas para chegar à Área 15, e, quando percebemos um silêncio anormal lá, Evan decidiu que era melhor seguirmos a pé. Não queria que o som dos carros e motos encobrisse o que quer que fosse.

Nós dois fomos na frente, desviando das árvores pela trilha de terra que levaria à cidade. Estava tudo tão silencioso que eu quase podia ouvir meu coração batendo forte dentro do peito.

— Evan? — sussurrei, quando ele parou de repente.

O pescoço estava esticado, tentando enxergar por entre os troncos das árvores, as presas haviam descido, algo que eu nunca tinha visto antes, e o verde-claro dos olhos tinha atingido um tom ainda mais acentuado.

— Carregue o arco — ele ordenou, apressadamente. — Estou sentindo cheiro de sangue.

Peguei uma flecha da aljava e a coloquei no arco, obedecendo. Ele estreitou os olhos, dando alguns passos na direção do brilho tremulante que vinha por detrás das árvores, contrastando com o céu alaranjado.

Nós o seguimos, hesitantes, até conseguirmos ver nitidamente o que havia no lugar onde deveria ficar a cidade. Quando conseguimos, resisti ao impulso de colocar para fora tudo o que tinha comido algumas horas antes.

— O que é isso...?! — murmurei, com as mãos na frente da boca ao ver a cena.

Metade das casas de madeira que compunham a grande rua à nossa frente estava em chamas, e o restante estava em pedaços. No centro de tudo, a alguns metros dali, havia... havia uma pilha de corpos degolados, jogados em frente a uma fileira de estacas, fincadas no chão de terra e ligadas uma à outra por fios de arame farpado. Presas a esses fios estavam cabeças que provavelmente pertenciam àqueles corpos, envoltas pelos fios como se usassem coroas de espinhos.

Evan continuou andando em direção à pilha, sobre a qual agora podíamos ver o brilho perolado de um envelope. O vampiro o pegou, e eu me coloquei atrás dele para ver o que estava escrito, prendendo a respiração tanto por causa do nervosismo como pelo cheiro forte de sangue e morte.

— Tem o seu nome — sussurrei, pois era o máximo que conseguia fazer, arregalando os olhos.

O vampiro assentiu, analisando com atenção a caligrafia na parte de trás do envelope.

Evan Moore

Apesar da velocidade vampírica com que poderia rasgar o papel e lê-lo, ele o fez de forma quase lenta demais até para um humano. Se não o conhecesse bem, poderia achar que estava com medo de saber o que havia ali.

Evan olhou na direção das cabeças penduradas antes de tirar o papel do envelope. No centro de todas elas havia uma um pouco mais elevada, como se fosse a mais importante. O topo da pirâmide. Era a cabeça do líder.

Quando ele finalmente desdobrou o papel, nos deparamos com apenas uma frase. Uma frase que poderia mudar tudo, que poderia destruir tudo o que a Área 4 construiu desde o momento em que a

Quarta Guerra Mundial acabou, até aquele mesmo dia, poucos segundos antes.

O que tínhamos representava a paz. Nosso clã era intocável, inalcançável, um dos maiores e mais fortes, que ajudava a abastecer os outros. Todas essas eram características vindas de Evan. Ele representava nossa força, coragem e determinação. Se por algum motivo o perdêssemos, eu sabia que seria questão de tempo até que já não restasse nem mesmo uma lembrança do que fomos um dia.

Você será o próximo.

PARTE 2
APOCALIPSE



FIM DOS TEMPOS



Já fazia doze dias que eles estavam fora. Como Evan não tinha levado seu telefone de satélite por não estar funcionando, não tínhamos como nos comunicar. Era impossível saber se ainda estavam vivos ou se tinham sequer chegado ao destino.

Havia começado a ser discutida a possibilidade de um líder interino ser eleito, mas Sam defendia Evan com unhas e dentes sempre que alguém abria a boca para dizer algo sobre o assunto. Tinha até mesmo se metido em brigas por causa disso. Felizmente, o garoto ganhara todas, e algumas vezes com a minha ajuda.

Sam e eu havíamos ficado ainda mais próximos durante aquele meio-tempo em que os guerrilheiros estavam em missão. Eu só tinha a ele ali, e vice-versa. Pelo menos enquanto Lolli e Evan não voltassem. E iriam voltar. Era disso que eu tentava me convencer a cada vez que pensava no assunto.

— Esse é um clássico do terror — Sam explicou, surgindo do meio de uma pilha de DVDs. Estendeu uma das caixas na minha direção: *A bruxa de Blair*.

— O que você considera um clássico? — perguntei, enquanto o observava colocar o disco no aparelho que servia para reproduzi-lo. Era uma geringonça muito antiga, quase jurássica.

— Qualquer coisa que tenha mais de cem anos — respondeu, se sentando ao meu lado no sofá. — Como o nosso amigo Evan. Ele é o maior clássico que nós temos aqui no clã.

Não pude deixar de rir, apesar de ser um pouco cruel da parte dele. Depois de certo tempo, percebi que o vampiro ficava irritado quando perguntávamos sua idade. Sempre respondia um número diferente, e sempre menos que seiscentos anos. Como se isso fosse fazê-lo mais jovem.

— Tem certeza de que quer ver esse filme? — perguntei, colocando os pés em seu colo enquanto ele escolhia o idioma e iniciava a reprodução.

— Por quê?

— Sei lá. Se é tão bom quanto você disse que é, acho que a gente não devia pôr o CD no aparelho só pra *não ver*.

— Não ver? O que você quer dizer com isso? — questionou, num tom tão malicioso quanto minha expressão devia parecer agora.

Isso não precisava de resposta. O fato de não termos assistido aos dois filmes anteriores já era o suficiente. Mas o que eu podia fazer? O meu namorado era uma obra de arte maravilhosa e irresistível. Sim, namorado. Eu estava começando a me acostumar com essa palavra, embora ainda me recusasse a admitir para ele. Por enquanto era um termo exclusivo para minha cabeça.

Mal havia se passado um minuto quando Sam deu um salto no sofá. Não foi por causa do início do filme, mas porque ouvimos o que parecia ser o ronco de uma moto ao longe.

Ele abriu o maior sorriso que eu tinha visto nas últimas semanas, se levantou correndo do sofá e me puxou pela mão. Sabia que aquele era o barulho da moto de Evan.

No dia anterior, Sam havia me contado que se sentia solitário sempre que o vampiro viajava. Como Evan sabia disso, costumava ir para as viagens mais longas com aquela mesma moto, a mais barulhenta que tinha. Assim, quando estivesse por perto, o garoto

saberia que ele estava voltando para casa. A partir dos onze anos a preocupação não era mais necessária, já que ele sabia se cuidar muito bem sozinho, mas o ronco da moto se tornou uma tradição.

Corremos até o térreo e abrimos com força a porta de entrada, indo até o meio da rua principal e olhando na direção da floresta, por onde sabíamos que eles viriam.

— Eu disse — Sam murmurou, ao meu lado. — Eu disse.

E ele tinha razão. Quantas vezes precisou gritar com uma multidão ali para que calassem a boca e acreditassem que eles iriam voltar? Mais do que eu poderia contar, com certeza.

Foi quando finalmente vimos os faróis dos carros se aproximando por entre as árvores, iluminando a noite com todo o esplendor possível, depois de tanto tempo esperando.

Sam apertou mais ainda minha mão, e quase pude sentir a circulação dos meus dedos parando. Prendi a respiração. Estava tão nervosa quanto ele, e sentia tanta falta de Lolli que quase chegava a doer.

O primeiro veículo a surgir foi a moto de Evan. Antes mesmo de o motor ser desligado, Lolli saltou de cima dela, largando o capacete no chão e vindo até mim, para me abraçar com o máximo de força que conseguia.

— Jazz... eu não acredito que... Céus! Você está mesmo bem! — ela disse, e eu pude sentir, pelo seu tom e pela forma como tremia, que estava chorando. Sentimental, como sempre.

Ela se afastou, segurando meu rosto com as duas mãos. Suas bochechas estavam um pouco brilhantes por causa das lágrimas. Vi pelo canto do olho Sam praticamente pendurado em Evan. Parecia uma criança, o que quase conseguiu me fazer rir.

— Está tudo bem com você — sussurrou para si mesma.

— Mas eu não posso dizer o mesmo, não é? — perguntei.

Sabia que, apesar de ter sentido muito a minha falta, ela não estava chorando só por causa do nosso reencontro. Havia algo mais por trás disso. Algo que me parecia, naquele momento, alívio.

Menos de duas semanas tinham se passado, mas Lolli me parecia consideravelmente mais magra e estava com olheiras. Pensei que tivessem ido para uma viagem de negociação, e não para uma prova de resistência.

— Mais tarde, tudo bem? — disse, finalmente, quando viu que eu queria respostas sobre seu estado.

— Lolli! — Sam exclamou, surgindo com Evan ao nosso lado. Ele a abraçou por alguns segundos, sorrindo de forma gentil. — Vejo que você cuidou bem do Evan por mim. Obrigado.

— Mas não foi recíproco — acrescentei, cruzando os braços e analisando o vampiro com um olhar crítico.

Evan sorriu, passando um braço ao meu redor e me puxando para perto, dando tapinhas nas minhas costas e falando que era muito bom me ver de novo. Puxa-saco. Estava tentando mudar de assunto e me distrair. E eu me perguntava por quê.

— Já é tarde, e os nossos Guerrilheiros precisam descansar — Evan anunciou depois de se afastar, erguendo tanto a voz que nos encolhemos por um segundo. — Depois vamos falar sobre o que ocorreu durante a viagem. Vocês estão dispensados.

Não pude deixar de notar a diferença entre esta e a última vez que Evan voltara de uma missão. Antes ele fora recebido como um herói retornando de uma longa jornada, e agora nem metade das pessoas fez questão de sair de casa para recebê-lo. Isso, com certeza, era algo a considerar.

Todos começaram a se dispersar logo em seguida, cumprimentando-o de longe com acenos de cabeça e sorrisos discretos. O que era aquilo? Ele estava de volta! Pronto! Por que o rancor?!

Nós nos entreolhamos, parados em uma rodinha, com certeza nos perguntando o que fazer a seguir. É claro que Evan e Lolli deviam alguma satisfação ao clã, mas, pela cara de cansaço dela, eu duvidava de que tivesse ânimo para isso.

— Vamos pra casa? — Evan perguntou, passando um braço por cima dos ombros de Lolli. — Acho que a Jazz está certa. — Olhou para mim com um sorriso compreensivo. — Eles precisam mesmo saber o que houve.

Ela assentiu, me pegando pelo braço e entrelaçando o dela ao meu, para que nós quatro andássemos juntos, ligados de alguma forma, já que Sam estava segurando minha mão.

Caminhamos lado a lado até a casa de Evan, entrando em fila indiana na sala que ficava no térreo. Atravessamos o lugar, indo direto para um cômodo que era mais confortável e intimista, onde havia mais sofás, uma televisão e um bar.

Lollipop tirou os coturnos antes mesmo de se sentar, jogando-os no chão pelo caminho com a jaqueta e desabando em cima do sofá. Não pude deixar de rir, me sentando em uma enorme poltrona ao lado, observando enquanto Sam e Evan iam até o bar. Sam nos trouxe copos enormes de suco de laranja, e Evan veio segurando uma garrafa de sangue puro para si mesmo.

O vampiro se sentou ao lado de Lolli e a puxou com gentileza para perto, fazendo-a se recostar nele. Ela se acomodou com os olhos fechados, visivelmente exausta. Não me parecia muito a fim de conversa.

Eu estava feliz por ver uma mudança de comportamento nos dois. Quer dizer... já me pareciam muito mais confortáveis na presença um

do outro, sem toda a tensão de antes. Já tinham começado a “funcionar juntos”, e isso era algo bonito de ver. Com certeza era uma coisa que eu e Sam levaríamos muito tempo para conseguir. Não por falta de tentar. É que... o que havia entre os dois não era normal. Era uma atração estranha, que chegava a ser quase palpável, como se tivessem esperado muito tempo para que finalmente desse certo entre eles. E tinham mesmo.

Sam se sentou no braço da poltrona em que eu estava, encarando Evan como se quisesse que o amigo desembuchasse logo, contando a história toda em um segundo para que entendêssemos tudo. Tão impaciente quanto poderia ser.

— Nós chegamos na Área 15 — o vampiro começou, falando baixo — e estava tudo destruído. Havia cabeças e corpos empilhados, e a do líder estava em destaque. Deixaram um envelope com o meu nome dizendo que eu vou ser o próximo. — Apesar de ser uma história bem macabra, ele fazia o possível para manter o tom suave, a fim de não atrapalhar Lolli em sua tentativa de dormir. — E aí nós decidimos voltar. Só que fomos atacados pela Área 7 no caminho. Perdemos alguns Guerrilheiros e ficamos como hóspedes na Área 6, deixando que os feridos se recuperassem pelo menos um pouco para que pudéssemos voltar. Fim.

— Quer dizer que... eles querem a sua cabeça? — Sam perguntou, como se aquela fosse a única parte que tinha absorvido. Eu o entendia. Era aquilo que importava. Evan assentiu. — Mas quem? Por quê?

— Eles — o vampiro respondeu, com tanta certeza que, apesar de não saber muito sobre aqueles caras, acreditei no mesmo momento, sem hesitar. — Nós somos um dos únicos clãs que reapresentam uma ameaça real. Eles querem nos destruir.

Ficamos em silêncio por alguns segundos. Lolli suspirou, soltando o ar com força e afundando nos braços do vampiro, finalmente caindo em

sono profundo. Ele sorriu um pouco, e, se estivesse vivo, eu jurava que suas bochechas corariam. Seria uma cena muito fofa, se a notícia que ele havia acabado de nos dar não fosse como uma bomba jogada no meio da sala.

— E qual é o plano? — perguntou Sam.

— Você fala como se eu tivesse um — Evan comentou, rindo consigo mesmo. — Por enquanto eu preciso de um tempo para pensar e me alimentar decentemente. Isso já vai ser o suficiente.

— Evan... — Sam estava preocupado. — As pessoas aqui... elas andam estranhas. Comentaram até mesmo sobre...

— Podemos conversar sobre isso amanhã? — o vampiro interrompeu.

Por algum motivo, o tom de urgência mostrava que havia algo ali além de cansaço. Afinal ele era um vampiro. Não precisava dormir!

Eu me levantei, seguida por Sam, e Evan ajudou Lolli a sair do sofá. Ela estava com tanto sono que mal conseguia se manter de pé. Era evidente que o vampiro queria que ela dormisse ali, com ele. Mas eu não queria ficar sozinha em casa, então, por um feliz convite de Sam, decidi ficar no quarto de hóspedes só mais uma vez.

NOSSO ANTES



Eu mal me lembrava do que tinha acontecido na noite anterior. Só sabia que havia desabado numa cama tão macia quanto uma nuvem e apagado.

Durante a noite, acordei depois de um pesadelo. Deviam ser mais ou menos duas da manhã, e o quarto estava escuro. Me sentei, olhando ao redor. Não havia luz além da lua, que iluminava o cômodo com um brilho pálido e melancólico.

Olhei ao redor.

A cama tinha um dossel com cortinas vermelhas estampadas de preto, e a madeira que compunha sua estrutura também era escura. Os lençóis eram de um tecido muito macio, parecia seda. Com certeza não era o meu quarto.

— Evan? — chamei, sentindo a voz tremular.

Havíamos ficado juntos por tanto tempo que era quase assustador estar só num quarto escuro durante a noite, como se eu nunca tivesse feito isso antes. Respirei fundo. Não que se eu fosse morrer por ficar sozinha alguns minutos, mas, com tudo o que havíamos passado nos últimos dias e a ameaça que pairava sobre a cabeça de Evan, eu simplesmente precisava estar com ele por perto. Era como se só assim pudesse mantê-lo seguro.

Ouvi alguém bater na porta e quase caí da cama com um sobressalto. Como Evan não era nada discreto, é claro que teve que rir da minha reação ao entrar no quarto. Segurava um copo de... água?

— Você acordou antes do que eu esperava.

— Como assim? — perguntei, juntando as sobrancelhas.

— Eu vi o seu pesadelo. Imaginei que iria acordar assustada e fui buscar um copo de água pra você antes que acordasse — explicou, se sentando na beirada da cama e me entregando o copo. — Como você pode ver, me atrasei alguns segundos. Desculpe.

Não pude deixar de olhá-lo um pouco perplexa. Será que aquele era mesmo o vampiro que eu tinha conhecido havia pouco mais de três meses? Parecia fazer anos que ele me conhecia e que nós estávamos juntos.

— Em que você está pensando? — perguntou.

— Como se você não pudesse ler a minha mente pra saber — brinquei, sorrindo um pouco antes de tomar um gole da água, segurando o copo com as duas mãos.

— Pensei que seria mais educado questiona antes de responder à sua pergunta mental — ele disse, com ar divertido.

— Eu estava pensando que parece que a sua prática em ser babaca está diminuindo com o tempo.

Ele riu, e não pude deixar de pensar em quanto adorava provocar isso nele. Fazia com que eu me sentisse importante.

Depois se sentou bem mais próximo, e eu apoiei a cabeça em seu ombro. Estávamos lado a lado, recostados na cabeceira da cama.

— Eu sempre fui e sempre vou ser um babaca — falou, com um sorriso orgulhoso, colocando uma mecha de cabelo minha atrás da orelha.

— Difícil acreditar nisso, se não lembro nada sobre a minha vida antes desta — murmurei.

Aquilo era um pedido claro para que ele me contasse sobre como era nossa relação algumas décadas antes. Evan já tinha me falado sobre

meus irmãos e sobre uma parte da minha vida, mas nunca comentou nada sobre a nossa relação *real*.

— Eu não menti quando disse que éramos inimigos — explicou. — Só omiti uma parte da história. — Como permaneci em silêncio quando ele parou de falar, Evan percebeu que eu ainda esperava uma explicação. — Nós nos conhecemos pela primeira vez há pouco mais de cento e trinta anos. — Me afastei um pouco, arregalando os olhos. Como assim, pela primeira vez? — Nós éramos amigos. Foi um pouco antes de você perder os seus irmãos, e você já tinha controle quase total dos seus poderes. O seu nome era Amélia. Era tão doce quanto só você poderia ser, e eu me apaixonei mais rápido do que poderia imaginar. Você era o meu mundo, e eu, o seu. Pelo menos até... até acontecer o ataque.

Minha mente havia se tornado um turbilhão de pensamentos e perguntas que eu queria despejar sobre ele para conseguir mais respostas a respeito da tal Amélia e do porquê de ele nunca ter falado dela antes.

Mais uma. Mais uma versão de mim. Mais uma “eu” que Evan perdera. Mais uma garota cuja vida fora tomada pelo Instituto.

— Depois disso, você se tornou quase incontrolável — continuou. — Tudo o que você queria era vingança, e um dia simplesmente sumiu. Não tive notícias suas por quase oitenta anos e cheguei a pensar que tivesse morrido. Depois veio a Celena. Era você, com o mesmo corpo e a mesma raiva, sem saber do quê, nem quem eram Stephan e Andrew, nem quem era eu. — Senti, pelo tom de pesar, quão difícil era para Evan falar sobre aquilo. Também era difícil ouvir. — Mas é claro que eu não sabia disso, e, quando fui te procurar, assim que soube da sua volta, você pensou que eu fosse algum tipo de psicopata maluco. Então eu soube que você não era mais a mesma pessoa. Você matava porque gostava e fazia qualquer coisa pelo poder. Até mesmo... — Fez uma pausa, e quase pude pressentir o que ouviria a seguir.

Suspirou, olhando para o teto por um segundo, em silêncio. Resisti ao impulso de lhe oferecer água.

Eu não sabia se sentia raiva por ele não ter me contado nada daquilo antes, se o consolava ou se simplesmente pulava em cima do vampiro, agarrando-o para nunca mais soltar. A confusão de emoções estava ficando cada vez maior, e a cada palavra elas se tornavam mais intensas.

— A Celena fingia que gostava de mim. Fingia que se lembrava e me usou pra conseguir as informações de que precisava. Quando eu me dei conta, era tarde demais, e ela estava tentando me matar pra ser a única líder do meu clã. Não deu certo, e você foi embora. — Apesar da história, ainda havia um sorriso estranho de satisfação em seu rosto. — Só que, é claro, depois que você prova do Evan aqui, nunca mais se contenta com outra coisa, e, entre todas as nossas tentativas de matar um ao outro, havia aquelas noites em que deixávamos de lado a rivalidade, por causa da atração física quase insuportável que sentíamos. — Ah, por isso o sorriso.

Senti as bochechas queimarem. Havíamos chegado *àquele* ponto muito antes do que eu esperava, então, e provavelmente a primeira vez não fora com Celena. Gente do céu... Evan com certeza me conhecia mais mental e fisicamente do que eu mesma.

— Então você desapareceu mais uma vez, e aí eu tive um motivo pra pensar que foi de propósito, por isso não fui atrás. Deixei que você partisse sorrateiramente, como quando o vento leva as folhas das árvores. Até que...

— Até que nós chegamos ao ponto em que estamos hoje — completei, e ele assentiu. — Mas... como é possível que eu tenha escapado do Instituto duas vezes, se haviam apagado a minha memória?

Evan deu de ombros. Pela primeira vez havia uma pergunta para a qual ele não tinha resposta, muito menos eu.

— Há algo ou alguém que sempre permite que você saia, mesmo que envolva quase destruir o Instituto, como dessa última vez. O problema é que ele sempre se reconstrói. E essa pessoa deve estar infiltrada lá, por isso nem se deu o trabalho de falar com você, revelando a sua identidade — supôs.

Ele tinha razão, mas eu não conseguia pensar num motivo que fizesse duas gerações de pessoas, ou um vampiro, se arriscarem para me salvar duas vezes. Baixei o olhar. Me lembrava da voz de quem tinha me libertado. Era uma garota. Uma garota cujos cabelos escuros eu tinha visto quando saíra correndo pela porta da sala onde ficava meu tanque criogênico cheio de uma gosma azulada.

— E por que você não me contou tudo isso antes? — eu quis saber, decidindo que não chegaríamos a lugar algum com aquele assunto. Preferi obter uma resposta um pouco mais próxima do que estávamos vivendo.

— Sobre nós dois?

Evan pensou por alguns segundos, como se estivesse decidindo a forma certa de expressar aquilo em palavras.

— Eu não queria que o fato de nós termos uma história antes influenciasse o que temos agora — respondeu, finalmente. — Você tinha que se apaixonar por mim sendo quem é agora, e não quem foi no passado.

— E você? — questionei. — Deve ser difícil esquecer alguém e ter que lidar com o reaparecimento dessa pessoa depois de muito tempo. Ainda mais quando já aconteceu mais de uma vez.

Evan balançou a cabeça, rindo, como se achasse minha pergunta ingênua e sem sentido. Eu o encarei, um pouco confusa com sua reação. Ele colocou a mão em meu rosto, virando um pouco mais o corpo na minha direção.

— Aí é que está, garotinha. Durante esses cento e cinquenta anos, eu não esqueci você nem por um segundo — sussurrou.

Sorri, passando os dedos pelo seu cabelo castanho-claro liso, sentindo o coração descompassar com aquela resposta. Como é que ele podia sempre saber o que dizer e quando dizer? E eu tinha certeza de que não era só porque conseguia ler minha mente.

Havia algo no brilho daqueles olhos verde-claros que transmitia um pouco de pesar, como se tivessem testemunhado tanta coisa que fragmentos de lembranças ficassem refletidos ali, para qualquer um que examinasse com atenção.

Ele retribuiu o sorriso antes de se aproximar ainda mais, me puxando para perto. Quase podia sentir seus lábios tocarem os meus quando ouvimos o que parecia a porta de um carro batendo com força em frente à casa. Nos afastamos, levantando rapidamente da cama e indo em direção à porta de vidro da varanda, cujas cortinas, que flutuavam com a brisa, estavam semiabertas.

Como não queríamos alarmar quem quer que estivesse ligando um carro àquela hora da madrugada, nos esprememos em frente à porta, tentando ver através da fresta aberta da cortina.

— Mas o que... — comecei, e Evan tapou minha boca.

Era Jullie quem estava ali, no meio da rua, entrando num carro enorme com várias malas, sozinha. Evan só me soltou quando ela entrou no carro e deu partida, sumindo em meio às árvores.

— O que ela está fazendo? — eu quis saber.

— Indo embora, garotinha — Evan respondeu, ainda olhando através do vidro, como se quisesse ter certeza de que ela não estava mais lá. — Finalmente.

Apesar de tudo, me senti triste por ela. Não haviam tido um final bonito, ela e Evan, e depois do que acontecera ninguém mais dirigira

uma palavra à garota, como se ela fosse invisível. Para mim, o ódio era de longe melhor que a indiferença.

Voltei para a cama, me sentando no meio do colchão e puxando o edredom até o abdome enquanto observava Evan tomar seu lugar ao meu lado.

— Por que você deixou a Jullie ir embora assim? Apesar de tudo, vocês dois se conheciam há muito tempo — questionei.

— Eu conhecia a minha ex-namorada louca e metida. Não o monstro que tentou matar a pessoa mais importante no mundo pra mim — disse, rápido e determinado. — Não que eu não seja um monstro também. Eu gosto de matar, e gosto muito do sangue dos humanos, mas o que ela fez foi por raiva e orgulho, e não por sobrevivência. — Desviou o olhar para mim, e a expressão severa de antes praticamente se dissipou no ar. Me puxou para perto, me fazendo recostar nele, e continuou a falar enquanto eu apoiava a cabeça em seu ombro: — Agora venha aqui. Você precisa de uma boa noite de descanso, assim vai estar bem-disposta para o que vamos fazer de manhã. E não me olhe desse jeito malicioso — brincou. — Embora eu não tenha nada contra seguir em frente com o plano que estava na sua cabeça.

Ri alto, colocando as mãos na frente da boca para abafar pelo menos um pouco o barulho e não acordar Sam e Jazz, que estavam em quartos no mesmo corredor.

— Babaca como sempre.

— Você gosta — alfinetou, e tudo o que pude fazer foi me manter em silêncio, me acomodando em seus braços.

É claro que ele não precisava de resposta. Era óbvio.

A MÁSCARA



Foi Evan quem me acordou de manhã, e, ao contrário do que eu podia querer, não foi nada romântico. Só me chacoalhou algumas vezes, e, quando abri os olhos, assustada, tinha um sorriso enorme de animação no rosto.

— Vamos, garotinha! Hora de levantar.

— O que você tem? Que horas são?

— Seis da manhã. O sol acabou de nascer, e não tem uma nuvem no céu. Se quisermos fazer o que eu planejei, temos que ser rápidos. — Pegou minha mão, me fazendo sentar na cama. — Ainda fui muito gentil em deixar você dormir mais que o Sam e a Jéssica. Nem pense em reclamar. Até peguei roupas na sua casa pra você.

Coei os olhos, sentindo as pálpebras pesarem tanto quanto barras de chumbo, levantei e segui cambaleando em direção ao banheiro, onde havia algumas peças de roupa empilhadas em cima da pia. Só de pensar nele mexendo no meu armário, senti meu estômago revirar. Até as roupas íntimas, Evan? Sério?

Fechei a porta, sem conseguir deixar de achar graça no fato de ele ter escolhido as menores que eu tinha. Eu sabia muito bem que era de propósito. Aquele tarado desgraçado!

Fiz questão de ficar embaixo da água gelada do chuveiro até estar completamente desperta, e só quando saí decidi analisar as roupas com mais atenção. Um short mais curto do que eu gostaria e uma regata preta justa. Ah, que vontade de jogá-lo pela janela!

Saí do banheiro abaixando a barra do short, já ouvindo as risadas dos três. Desci alguns degraus e os encontrei jogados no sofá. Jazz usava camiseta azul, short jeans e chinelos de borracha. Ela provavelmente fora com Evan buscar roupas... e nem para se dar o trabalho de impedi-lo de revirar o meu armário? Que bela amiga, hein, Jazz?! Sam estava de camiseta, bermuda cáqui e tênis.

O vampiro usava apenas calça jeans e o All Star de sempre. Tinha uma toalha jogada por cima dos ombros e uma garrafa de sangue em uma das mãos, andando para lá e para cá do jeito mais casual. Fiquei vermelha quando ele se virou para olhar para mim, baixando a cabeça.

— Pronta? — perguntou, se aproximando. A cada passo que dava em minha direção, mais eu sentia o rosto queimar.

— Bom dia, gente — falei, sorrindo de um jeito gentil para Sam e Jazz.

Sim, eu estava ignorando o vampiro. Onde já se viu?! Quantas camisetas e calças eu tinha no meu guarda-roupa? Muitas. Mas ele tinha que escolher me deixar quase nua, com aquela regata que cobria só metade da barriga!

— Bom dia, casal! — A animação de Sam era excessiva, apesar do sono. Ele abriu os braços e um sorriso. — Eu sempre quis falar isso para vocês dois. Me desculpem.

— Você é tão estranho às vezes — Jéssica comentou, encarando-o com reprovação e bom humor ao mesmo tempo.

Sorri, finalmente me virando para o deus greg... o vampiro parado ao meu lado. É claro que precisei manter os olhos bem longe do corpo perfeito dele, porque, se inclinasse a cabeça meio centímetro para baixo, sabia que viria alguma piada bem maliciosa sobre meu gesto. Vinda dele ou de Sam? Não sei. Os dois eram igualmente insuportáveis no quesito “piadinhas sem graça fora de hora”.

— Sim. Vamos fazer o que quer que você esteja planejando.

Evan estava tão animado que era difícil me lembrar da última vez que o vira assim. Talvez fosse porque nunca havia acontecido comigo. Eu estava quase ficando com ciúme do que quer que fosse.

Fomos para o lado de fora, onde um carro ligado já nos esperava. Era uma picape. Enquanto Evan entrava na cabine, Jazz, Sam e eu nos sentamos na carroceria. E é claro que eu fiquei de vela.

— Ei! Vamos conversar sobre o que aconteceu enquanto estivemos fora — pedi, enquanto os dois trocavam piadas internas sobre filmes de terror ou algo assim.

— Foi tudo bem — Jéssica respondeu, ainda rindo do comentário de Sam. — Mas as pessoas começaram a duvidar um pouco de que vocês iriam voltar e já estavam querendo eleger um líder interino.

— E havia um candidato? — questionei, surpresa ao ouvir aquilo.

Não era algo que um dia eu pensara em ouvir. Embora não tivesse presenciado nenhum momento em que o vampiro ficasse tanto tempo fora sem dar notícias, pensei que nunca nem cogitassem a possibilidade de perdê-lo. Quando ele foi buscar os fogos para me fazer uma surpresa, pelo menos manteve Sam informado, deixando claro que estava bem. Dessa vez tinha sido diferente, e talvez esse tenha sido o estopim de todo o problema. Ele era tratado como um herói. Pelo menos antes de voltarmos. Na noite anterior, de qualquer forma, eu tinha tido certeza de que não estavam nos olhando com muita felicidade e gratidão.

— Não deixei chegar a esse ponto — Sam respondeu. — Mas provavelmente tinham alguém em mente. Não que eu saiba quem é essa pessoa. Só achei estranha a forma como, de repente, todo mundo começou a nos olhar torto.

Ficamos em silêncio depois disso, refletindo sobre a situação toda. Não era uma boa ideia estragar o humor de Evan, então a melhor

escolha era evitar conversar sobre o assunto por muito mais tempo. É claro que ele ouvira tudo o que dissemos, mas levar adiante só poderia nos fazer chegar a uma conclusão precipitada que, no *melhor* dos casos, o deixaria extremamente preocupado.

— Chegamos! — anunciou, parando o carro no meio da trilha.

Apesar de só haver árvores ao redor, dava para ouvir o som alto de água caindo com força a alguns passos dali. O vampiro pegou minha mão, me puxando para a frente e guiando os dois atrás de nós.

— Já viu uma cachoeira antes, garotinha?

Balancei a cabeça, sorrindo enquanto apertava um pouco mais o passo na direção do som.

O chão era escorregadio, e o ar, pesado, mas a temperatura estava tão fresca que eu quase conseguia sentir frio, mesmo que a luz do sol passasse pela copa das árvores, nos iluminando com o brilho alaranjado da manhã.

Quando chegamos, meu queixo caiu. Era uma queda d'água tão grande e magnífica que nenhuma das ideias que eu tinha sobre aquilo chegava aos pés da imagem à nossa frente.

Enquanto a água caía, branca, pelas pedras do topo até o lago cristalino, as gotas refletiam a luz do céu, como se fosse mágica. Sam parou ao meu lado, tão maravilhado quanto eu.

— Essa vai ser a próxima base da usina? — perguntou.

Olhei para o garoto, confusa. Como assim, “usina”? Eles iriam construir alguma coisa ali? Interferir naquela maravilha da natureza?

Evan o fuzilou com o olhar, como se não fosse para o garoto ter dito aquilo na minha frente. Ele sabia que eu não iria gostar nadinha de receber aquela notícia.

— Usina elétrica? — perguntei, a fim de confirmar o que eu estava pensando. Ele logo assentiu. — Por que vocês precisam de outra usina?

— Por precaução — o vampiro respondeu, não muito feliz por termos entrado naquele assunto. — A que nós temos é precária e pequena, e...

— E é o suficiente — interrompi, endurecendo o tom.

— Garotinha, vamos falar sobre isso mais tarde. Eu...

Dei as costas para ele, enquanto ia em direção a uma pedra que ficava próxima à queda d'água e me sentando ali. Não me surpreendi nem um pouco quando Jazz se sentou ao meu lado sozinha. Evan nunca tinha coragem de conversar comigo enquanto eu estava irritada.

— Você devia pegar mais leve com ele — ela disse, o que só serviu para me deixar mais irritada ainda. — O Evan está tentando de verdade ser um bom namorado.

— Como você pode saber disso? — perguntei.

— É óbvio. É só ver como ele tratava a Jullie e como trata você e fazer uma pequena comparação. — Ela fez uma pausa. — Mas nós também temos que lembrar que ele é o líder de um clã e às vezes precisa fazer alguns sacrifícios para o bem de todos.

— Não preciso — pude ouvi-lo dizer, atrás de nós.

É claro que isso foi um aviso para que Jéssica nos deixasse a sós. Ela se juntou a Sam, a alguns metros dali, que tirava a camiseta para entrar na água.

O vampiro se sentou perto de mim, e eu mantive o olhar fixo no horizonte, abraçando os joelhos com o queixo apoiado neles. Respirei fundo. Não queria discutir. Não depois de ver quão empolgado Evan tinha ficado em nos mostrar aquele lugar, mas era inevitável. Só de pensar em tudo aquilo sendo destruído, meu coração apertava.

— Você tem razão. Eu não preciso fazer — disse, finalmente, depois de alguns minutos. — Nós temos o suficiente.

— Não diga isso só pra... — comecei.

— É injusto e horrível — interrompeu. — E isso torna a coisa desnecessária.

Franzi as sobrancelhas, ainda imóvel. Se ele estava dizendo aquilo só para que eu o desculpasse... Ok. Eu sabia que Evan não era esse tipo de pessoa, que diz alguma coisa só por dizer, mas... era mais fácil ficar irritada com ele se pensasse assim.

— Eu já disse que você tem razão, garotinha — continuou. — Já é mais do que um dia pensei que faria de novo por você. Não é o bastante?

— Pode ser — murmurei, tentando não sorrir por causa do tom que usou. — Mas o que eles vão pensar disso? — Ele sabia que eu estava me referindo às pessoas do clã, aquelas que ele liderava.

— Fodam-se — disse. — Sou eu que dou as ordens.

Não pude deixar de sorrir, balançando a cabeça. Evan e sua forma "sentimental" de pensar nos outros.

— Não acredito que eles teriam coragem de fazer alguma coisa. — disse. — O que eles vão fazer? Depor o líder que cuidou deles por quase duzentos anos e fez o clã se tornar um dos mais desenvolvidos? Não. Duvido muito que sejam idiotas a ponto de desconfiar de que as escolhas que eu faço não são bem pensadas. Mas agora vamos aproveitar esse lugar, porque eu não te trouxe aqui pra ficarmos falando sobre a organização política do meu clã — declarou, se levantando e estendendo a mão para mim, me ajudando a fazer o mesmo.

Eu mal havia aberto a boca para responder quando Evan pulou direto da pedra para dentro do lago, mergulhando tão fundo que desapareceu na água. Submergiu apenas alguns minutos depois, quando

a preocupação já tinha me feito esquecer que ele não precisava de ar para sobreviver.

Passou os dedos pelo cabelo, colocando-o para trás, só com a cabeça para fora da água, e fez um gesto para que eu o seguisse. E foi o que eu fiz: abracei os joelhos e pulei no lago, formando uma explosão de água quando mergulhei bem à sua frente. Aprender a nadar foi uma das coisas que Chris exigira em seus treinamentos, já que a água era uma ótima forma de esconder rastros em uma fuga. Na época eu odiava as aulas, que eram dadas em uma pequena piscina na academia. Eu costumava engolir litros de água, mas com o tempo me tornei uma nadadora razoável, ao contrário de Jazz, que parecia ter nascido sabendo nadar.

— Mas que frio desgraçado! — exclamei, com os dentes batendo. Mal tinha sentido a temperatura da água e meus braços já estavam arrepiados.

— Pra mim, a água está morna — Evan brincou.

Tudo fica mais fácil quando sua temperatura corporal é a ambiente. Evan me puxou em direção a Sam e Jazz, que estavam em uma parte mais rasa, para que meus pés pudessem tocar o chão.

— Bem-vindo de volta, casal — Sam disse enquanto nos aproximávamos, o que me fez rir.

Era estranho vê-lo com um humor tão bom, considerando nossa situação. Evan estava sob ameaça de morte e agia como se nada estivesse acontecendo. Eu o entendia. Não queria preocupar Sam, por isso não demonstrava dar importância ao assunto.

— Se entenderam? — Jéssica quis saber.

— É. Pode ser — falei, com uma cara forçada de desgosto que fez o vampiro sorrir.

— E vai ter usina ou não? — Sam perguntou, finalmente.

Evan balançou a cabeça e, de certa forma, eu me senti meio culpada por isso. Não era como se eu o estivesse obrigando a abrir mão de uma tarefa superimportante de líder, né? Isso os faria correr algum risco? Prendi a respiração. Eu era uma pessoa horrível?

— Então vamos aproveitar os seus últimos minutos como líder do clã da Área 4 — o garoto brincou, e, apesar de ter conseguido arrancar alguns risos da nossa parte, todos sabíamos que havia um fundo de verdade naquela fala.

— Vocês acham que isso é realmente possível? — Jazz arriscou. — Quer dizer... eles não têm motivo pra isso. Até ontem o Evan era o cara mais adorado do apocalipse!

Ela tinha razão. Não havia explicação plausível. Qual era o problema? O que ele havia feito de errado na concepção do clã? Ou será que o problema era eu? Não queriam que eu estivesse com ele? Não aceitavam quem eu era e o meu passado?

— Não preciso que ninguém me dê permissão pra gostar de alguém, Lollipop — o vampiro retrucou, num tom doce que eu raramente o via usar.

— Mas pode ser essa a razão, não pode? — Jazz questionou. Apesar de não ler meus pensamentos, ela sabia o que havia na minha mente.

— *Não importa* — Evan reforçou, o que nos fez ficar quietos na mesma hora.

Podia ser porque eu estava passando por uma fase difícil, ou apenas era sentimental demais mesmo, mas o fato de me sentir culpada fez lágrimas encherem meus olhos. É claro que não deixei que elas caíssem, mas isso não melhorou em nada o que eu estava sentindo. Evan não havia negado nossa suposição.

— Acho que é melhor aproveitarmos isto aqui antes da hora do almoço, certo? — disse Sam, abrindo um sorriso forçado de animação,

visivelmente tentando mudar de assunto.

Ele tinha razão. Não havia nada que pudéssemos fazer. Aquele, infelizmente, era um problema só de Evan, e ninguém melhor do que ele saberia como resolvê-lo.



Voltamos no início da tarde. Tínhamos passado horas conversando, arrancando todas as informações que Evan podia nos passar sobre o mundo antes da Terceira Guerra e fazendo brincadeiras idiotas, como ver quem conseguia ficar mais tempo debaixo da água. E é claro que Evan ganhou.

— Vocês deviam ter pulado — Sam dizia, enquanto saíamos do carro de Evan e íamos em direção ao refeitório.

— Não somos idiotas suicidas como vocês dois, otários — Jazz brincou, encarando os garotos com um olhar crítico que me fez rir.

Ambos haviam pulado da cachoeira, a muitos metros de altura, direto para o lago, por causa de uma aposta que tínhamos feito. O vampiro não corria o risco de se machucar, mas não teve a decência de tentar impedir o instinto suicida de Sam. Irresponsável.

— Não são idiotas suicidas, mas são medrosas — Evan corrigiu, e dei um soco em seu ombro que o fez se encolher. — Ei! Eu só disse a verdade!

Sorriu para mim, esfregando a toalha na cabeça para secar ao menos um pouco o cabelo encharcado enquanto, com a mão livre, abria a porta do refeitório para mim.

Mal havíamos entrado quando o som do falatório lá dentro cessou completamente. Era quase como se nós fôssemos o assunto. Paramos lado a lado em frente à porta, procurando um lugar para sentar, mas não havia nenhum.

— Que estranho... — Sam comentou. — Estão todos aqui.

Geralmente eles vêm em horários diferentes.

— Eles querem saber onde nós estávamos — Evan explicou, tão baixo que eu, praticamente colada nele, quase não ouvi. — Boa tarde, pessoal! — exclamou, agora alto e voltando a andar, ignorando o fato de estarem nos encarando.

Nosso pequeno grupo o seguiu em silêncio enquanto ia na direção da cozinha, onde todos tinham que se servir. O cardápio de hoje era uma mistura empobrecida de purê de batatas e carne de caça moída. Suspirei. A melhor refeição que teríamos em dias.

Voltamos para o refeitório. Metade das pessoas estava de pé, olhando na direção da porta pela qual havíamos acabado de sair, como se só estivessem nos esperando. Engoli em seco. Por que estavam nos olhando daquele jeito? E por que não estavam sentados?

— Onde vocês estavam? — uma voz perguntou.

Quem tinha falado era um homem de aparentemente quarenta anos, com cabelo castanho e barba rala. Era quase tão forte quanto Evan, mas eu podia ver de longe que não era um vampiro, o que me deixava um pouco mais aliviada, já que sua expressão e movimentação eram bem ameaçadoras.

— Desde quando isso é da conta de vocês? — Evan retrucou, sorrindo com descrença. — Se não tem a ver com o clã, não preciso dar satisfação sobre onde vou e o que faço com a minha vida.

Era visível a surpresa de Evan por estar sendo cobrado daquela forma. Não acordamos de manhã, depois de voltar de uma longa viagem, para ser tratados daquele jeito. Ele tinha sido jurado de morte, e algo bem no fundo do meu coração dizia que esse confronto não era coincidência.

— É da nossa conta porque você é o nosso líder e sumiu por dias sem dar satisfação — uma mulher se intrometeu. Era um pouco mais

baixa que o homem e tinha o cabelo da mesma cor, mas seus olhos eram de um preto profundo.

Algo revirou em meu estômago. Era um sentimento quase desconhecido para mim, que não se manifestara durante aqueles dois anos e meio nem por um dia. Ódio. Não... raiva. Não... estresse. Ódio. Todos nos olhavam como se fôssemos culpados de alguma coisa. Mas o que era aquilo?!

— Escuta aqui, imbecil — rosnei, jogando a bandeja no chão e dando alguns passos na direção dos dois. — Você nem imagina o que nós passamos, então não tem o direito de...

— Não temos o direito? — O homem veio na minha direção. — Foi você que chegou há poucos meses e já meteu o nariz onde não foi chamada.

Abri a boca para responder, enfiando o dedo na cara dele, mas, em menos de um décimo de segundo, Evan apareceu na minha frente, impedindo que o homem desse mais um passo. Ficou tão perto que se debruçou sobre ele.

— Você *não vai* chegar nem mais um centímetro perto dela, ou eu arranco a sua cabeça com as minhas próprias mãos — sibilou.

— Não é assim que um líder deveria se comportar — disse mais alguma idiota por ali que eu não consegui identificar. — Você devia ouvir o que nós temos a dizer!

O vampiro não olhou na direção da voz nem por um segundo, mantendo o olhar fixo no homem, como se pudesse transformá-lo em cinzas sem sequer tocá-lo. Manteve-se imóvel por mais alguns segundos antes de dar as costas para ele, me pegando pelo braço e me colocando atrás de si, em posição protetora. Evidentemente não queria que eu me intrometesse mais naquela discussão, mas meu coração chegava a doer de tanto ódio.

— Nós não sabemos mais os seus planos, e você agora passa a maior parte do tempo com ela — alguém começou.

— Você foi para uma missão suicida a dias de distância só por causa do pedido do líder de uma área, arriscando a vida dos Guerrilheiros, que estão aqui pra nos proteger! — continuaram.

— Além disso, só se preocupou em ir com eles porque agora *ela*, esta garota estranha de quem só ouvimos histórias de crueldade, faz parte do grupo — a mesma mulher de antes concluiu.

Sam cerrava os punhos ao meu lado, respirando fundo para tentar se acalmar. Suas bochechas estavam vermelhas, e a mandíbula, rígida. Jazz estava um pouco atrás e parecia a mais calma de todos nós, o que não era nadinha normal para ela.

— Isso está me parecendo mais uma crise de ciúme do que uma reclamação de verdade — Evan murmurou, balançando a cabeça. — E o que os senhores e as senhoras esperam que eu faça? — continuou, agora bem mais alto, num tom forçado de gentileza que era pura ironia.

Não houve resposta. Aqueles argumentos não tinham base alguma, porque todos ali sabiam que, independentemente de mim, Evan teria acompanhado os Guerrilheiros na viagem à Área 15, o que era a única coisa que poderiam condenar. Não era segredo para ninguém que ele não costumava seguir regras, e foi graças a seu instinto impulsivo e louco que tinham chegado até ali vivos.

— Foi o que eu pensei — comentou. — Agora espero que vocês tenham mais cuidado antes de simplesmente acreditar no que certas pessoas dizem. E sejam mais inteligentes da próxima vez também, porque, se eu precisar expulsar cada um de vocês deste clã, faço isso sem pensar duas vezes.

Evan me pegou pelo braço, me arrastando na direção da saída. Fomos seguidos por Jazz e Sam, que *precisou* esbarrar com força no ombro do mesmo homem com que eu e Evan havíamos quase discutido

antes, xingando-o em voz baixa e o obrigando a se apoiar na mesa atrás de si para se equilibrar.

Não paramos até estar dentro da casa de Evan, trancados e sentados nos sofás do subsolo, observando enquanto o vampiro andava de um lado para o outro, fumando três ou quatro cigarros seguidos depois de ter socado a parede e aberto um buraco nela.

— Eu não entendo — falei. — Não sei o que nós fizemos para que eles ficassem desse jeito.

— Tem alguém mexendo com a cabeça deles, Lolli — Sam explicou. — Alguém de dentro do clã. Quem é? — A pergunta foi feita para Evan.

— Se eu soubesse, Samuel, já teria mandado esse sujeito pra puta que pariu. — Ele parou de andar, respirando fundo antes de continuar, percebendo que estava sendo grosseiro demais. — Essa pessoa usa uma máscara e, não sei como, utiliza algum tipo de tecnologia que faz a sua voz ficar irreconhecível. Não consigo saber, por mais que tenha vasculhado a mente daquele idiota desde o dia em que se deu conta de que era gente.

Então fora por isso que Evan tinha encarado o homem daquela forma. Não estava apenas o intimidando; estava vasculhando sua mente para descobrir quem era o safado traidor que articulava todo esse complô.

— E foi tão rápido... — comentou. — Eles precisaram de duas semanas pra acreditar nesse babaca e se voltar contra mim. Mas eu ouvi e vi os discursos dele. O cara fala bem, mas não tem uma base de argumentos consistente. Se eles fossem um pouco mais inteligentes...

E assim começou uma longa hora de frases e palavrões indignados. Levou tanto tempo que Jazz deu a desculpa de que precisava ir ao banheiro e nunca mais voltou. Sam foi atrás dela pouco depois, alegando estar com fome, e se enfiou na cozinha, no andar superior.

Eu não podia deixar Evan falando sozinho, até porque sabia que era injusto não ouvir sua frustração, mas o fato de meus ouvidos já estarem chiando de tanto escutar seus gritos não ajudava em nada.

ATÉ O INFERNO

SAMUEL

Eu não tinha dormido aquela noite. Não conseguia fazer, como Jéssica provavelmente estava fazendo havia horas no quarto ao lado, mesmo com Evan gritando do lado de fora.

A pior parte foi que, mesmo quando parou, e o ouvi ir com Lollipop até seu quarto no final do corredor, não consegui pregar os olhos. Eu estava preocupado, isso era óbvio, ainda mais sabendo quanto o abalava o fato de ele estar jurado de morte.

Saí do quarto pouco depois de ouvir alguns passos no corredor, que eu sabia que eram dele. Estava quase na hora de sua caçada na Área 3, da qual Lollipop não tinha ideia. Evan sempre fazia questão de voltar em menos de uma hora e meia, depois de encher algumas garrafas com o sangue de alguém, e por sorte ela nunca havia acordado nesse período.

— Eu sabia que você estava acordado — o vampiro disse, sem nem olhar para mim, lavando algumas garrafas no bar que ficava no térreo, um andar abaixo do que estávamos antes. — Ouvi você pensando.

— Adoro quando você dá uma de psicopata telepata. Devia fazer mais vezes — brinquei.

Quase pude vê-lo sorrir, revirando os olhos, enquanto colocava a décima garrafa, de vinte, de cabeça para baixo a fim de deixar escorrer a água. Me sentei num dos bancos, olhando para suas costas.

— Eu dediquei séculos da minha existência a manter todos unidos e seguros, construí tudo isto aqui do nada, e agora, por causa de um traidorzinho desgraçado, o clã me vira as costas, desconfia de mim, da minha capacidade de liderança — falou.

— E é isso o que te deixa mais irritado — concluí, e ele assentiu com a cabeça.

Era engraçado como Evan sempre queria agir como o super-herói indiferente e, no final, deixava tão aparente seu desgosto pela ingratidão de todos que a imagem de inatingível ia por água abaixo, fazendo-o perder a razão e o equilíbrio. E a pessoa responsável pelo que estava acontecendo sabia disso muito bem. Ela parecia conhecê-lo. E isso certamente não era um bom sinal.

— É isso o que você acha? — questionou. — Faz sentido, mas o que eu posso fazer? Fingir que nada está acontecendo e deixar que eles falem del... Falem de nós pelas costas?

— Então esse é o ponto — murmurei. — Você não se preocupa com o que vai acontecer com você. Só se preocupa com ela.

Ele se manteve em silêncio, lavando a décima primeira garrafa com paciência, na velocidade normal de um humano. Era engraçado como ele *nunca* tinha usado a palavra “amor” quando se referia a Lollipop, mas era óbvio que era isso o que sentia pela garota. Eu só me perguntava o porquê de tanta hesitação. E, sim, eu sabia que ele estava lendo isso.

— Não é só ela. Se eu perder o meu lugar aqui, todos nós vamos ser jogados na floresta, e eu não quero precisar cuidar de três crianças sozinho — respondeu, ignorando meus pensamentos.

— Você fala como se eu não fosse mais velho do que você aparenta ser.

— Garoto, você ainda nem saiu da puberdade. Vamos parando por aí — brincou, desistindo de continuar lavando as garrafas e finalmente se virando para mim.

— Disse o cara que parou de envelhecer aos dezoito anos. Sua voz já engrossou, baixinho? Se sim, ainda não notei. — Levantei uma

sobrancelha, pegando de sua mão o cigarro estendido na minha direção.

Hesitei um pouco ao acendê-lo, me lembrando de quando Jéssica dissera que nunca mais queria me ver fumando e que eu poderia morrer por causa daquilo.

— Você é um pau mandado mesmo... — Evan sussurrou, soprando a fumaça do que era a sua segunda tragada bem no meu rosto. — Pronto, já comecei por você. Satisfeito? Não foi assim que eu te criei não, moleque.

Sorri, levando o cigarro até a boca e tragando a fumaça pela primeira vez em duas semanas. Já podia ver o discurso dele: em breve, Jéssica estaria escolhendo até as minhas roupas. Era sempre a mesma merda, de novo e de novo. Mas eu gostava. Achava engraçada a forma como ele falava de mim, como se não estivesse acontecendo o mesmo com ele.

— Eu não mudei como você — Evan resmungou. — Ainda não comecei a usar roupinhas combinando nem apelidinhos fofos.

— Você me parece bem ansioso por essa fase — retruquei, antes de voltar a assumir o olhar sério. Não sairia dali até ele me dizer de verdade o que estava sentindo. — Não acha que está na hora de contar pra ela?

Evan bufou, soltando uma enorme quantidade de fumaça pelo nariz, como se fosse um dragão chinês. Passou os dedos pelo cabelo, colocando-o para trás ao se sentar ao meu lado.

— Não comece a encher o saco, ou eu te faço sair daqui rapidinho.

Evan e seu poder mais adorado: o FOR (fazer os outros de robôs). Era incrivelmente injusta a maneira como ele podia me fazer perder o controle do meu próprio corpo, indo até o outro cômodo, me trancando sozinho lá e jogando a chave por baixo da porta toda vez que eu começava a pressioná-lo sobre algo. Da última vez, me largou no banheiro por duas horas. Muito responsável. Era raro vê-lo usar esse

recurso, e acho que não o fazia havia quase um ano (dia do incidente com a chave do banheiro).

— Eu... — começou depois de algum tempo, finalmente desistindo de resistir ao meu “silêncio da pressão”, como gostava de chamar. — Eu sei lá. Esperei cento e trinta anos. Posso esperar um pouco mais.

Encarei Evan, boquiaberto. Então não era só com Lollipop, mas com as outras versões dela também. Qual era o problema dele? Mas que... imbecil! Revirou os olhos mais uma vez, ignorando o que eu havia pensado.

— Já parou pra pensar que você pode perdê-la mais uma vez a qualquer momento? — perguntei. — E ela pode não voltar mais. Como você se sentiria se soubesse que nunca deu a si mesmo a chance de contar à Lollipop o que sente, e nunca mais ter a chance de fazer isso? — Fiz uma pausa, baixando um pouco o tom. — Nós não somos eternos, Evan. Nenhum de nós, e, mesmo que ela fique congelada por anos, não vai poder te ouvir e, sempre que voltar pra você, vai envelhecer a cada dia. Não quer que ela perca a vida assim, quer?

— Odeio quando você tem razão.

Apagou os restos do cigarro no cinzeiro à nossa frente, depois apoiou os cotovelos no balcão, colocando as mãos na cabeça e entrelaçando os dedos no cabelo.

Eu sabia qual era o problema de Evan, porque era o mesmo de Jazz. Ele tinha medo. Se verbalizasse o que estava sentindo, não haveria mais volta, seria como se tivesse tornado tudo oficial, se comprometendo com suas palavras tanto quanto com ela. O que ambos não entendiam era quanto queríamos e precisávamos ouvir isso deles, para não sentir que estávamos sozinhos. A pior sensação que existe é pensar que a pessoa que amamos não nos quer tanto quanto queremos a ela.

— E é assim que você se sente — deduziu.

— É sim — admiti. — Quer dizer... eu sei que ela gosta de mim do jeito torto dela, mas não acho que me ame. Pelo menos não é isso o que ela mostra. Ao contrário de mim.

— É nisso que dá namorar uma criança — brincou.

As tentativas dele de escapar dos assuntos com bom humor eram irritantes às vezes, mas não pude deixar de sorrir um pouco. Evan achava que todos nós éramos crianças, que ele era o único adulto no mundo. Seria até compreensível, se pensássemos que provavelmente ele era o vampiro mais velho de todos.

— Eu me pergunto se estou errado em ser tão insistente — confessei.
— Cobrá-la não vai fazer com que goste mais de mim.

— Mas vai mostrar que você se importa e que ainda tem esperança. Que ainda está à espera dela — disse. — Vamos, Samuel. Você acha mesmo que ela não te ama? Está tatuado na testa dela.

Era fácil dizer quando se podia ler os pensamentos das pessoas. Baixei a cabeça. Eu precisava admitir que meu coração apertava ao ouvir aquilo. Só de pensar que meu sentimento era correspondido, eu tinha vontade de acordá-la em seu quarto e beijá-la até o mundo acabar, repetindo mil vezes que a amava. Mas eu não podia. Ela não estava pronta, e, se o que Evan tinha dito era verdade, então eu iria, sim, esperar por ela.

— Eu a amo mais do que qualquer coisa — sussurrou, quase como se não acreditasse no que estava dizendo. Para falar a verdade, eu também não acreditava. — Eu colocaria fogo no mundo se ela me pedisse, e iria até o inferno pra ficar com ela. — Desviou o olhar para mim, visivelmente confuso com as próprias palavras. — Mas é como se cada parte de mim se despedaçasse quando ela vai embora, e eu não quero que ela saiba. Não quero que ela sinta a responsabilidade de...

— Porra, Evan! — Eu estava me segurando para não começar a rir de satisfação por ele ter finalmente admitido. — O amor não é uma

responsabilidade! É uma coisa que a gente deve compartilhar sem medo. Porra, se fosse mesmo como você pensa, você acha que todos nós estaríamos aqui hoje? Já teríamos nos matado há muito tempo. — Coloquei a mão em seu ombro, apertando os dedos contra sua jaqueta e o chacoalhando de leve. — Nós temos sorte, seu idiota. Mais do que a maioria das pessoas aqui, que não podem confiar nem em si mesmas quando estão sozinhas em casa.

Eu queria muito que Jazz estivesse ouvindo aquilo, ou que pelo menos passasse a pensar daquela forma por um segundo que fosse, mas entendia quanto era difícil. Ainda mais porque eu vivia com uma pessoa igualzinha desde os dois anos.

Evan riu enquanto eu bagunçava seu cabelo, como se ele fosse uma criança, e o empurrava no banco. Fez o mesmo, mas não com tanta gentileza, e eu quase caí de cara no chão. Idiota estúpido.

Foi em direção à geladeira, pegando uma das últimas garrafas de sangue que tinha de reserva. Fez uma careta, murmurando algo sobre odiar AB negativo. Pelo menos tinha desistido de ir caçar naquela noite.

— Quando você vai contar pra ela? — perguntei.

— Não enche. Eu já disse o você queria ouvir.

— O que *você queria dizer* — corrigi.

— Tanto faz.

Lá estava a fortaleza de indiferença mais uma vez. Ele sempre fazia isso quando dizia algo com alta taxa de sentimentalismo.

Parou por um segundo, olhando para cima depois de dar um longo gole do sangue, imóvel, como se tivesse ouvido alguma coisa. Baixou o tom consideravelmente, lançando um olhar desesperado para mim: — Ela está acordada. Será que... será que ouviu alguma coisa?

— Deixa de ser burro, cara. Ela não tem superaudição.

Evan assentiu, muito mais aliviado. Terminou a garrafa em menos de cinco segundos e a colocou em cima da mesa.

— Preciso ir, senão vou me meter em encrenca. Ela não gosta quando a deixo dormindo sozinha — declarou.

— Vai lá, pau mandado! — provoquei, a tempo de vê-lo subir as escadas na sala ao lado em velocidade vampírica.

Bom... Eu só esperava que ouvisse meu conselho e finalmente abrisse aquele coraçãozinho frio como gelo para Lollipop. Não havia mais nada que eu pudesse fazer para ajudá-lo.

EVAN

Eu estava sozinho. Era eu contra o mundo... ou talvez não, mas era como eu me sentia. Mas que merda! Como era possível que estivesse com medo de uma garota quarenta centímetros mais baixa que eu?

Bati na porta três vezes antes de entrar, ainda sentindo na boca o gosto enjoativo da pasta de dente caseira. Odiava aquilo, mas sabia que sangue não era o odor preferido das pessoas que viviam comigo (apesar de ser o meu).

Lá estava ela, como na noite anterior, sentada na cama, me encarando com um olhar curioso. Os dedos estavam entrelaçados nos lençóis escuros, as pernas cruzadas.

Sorri, fechando a porta atrás de mim, com cuidado para não fazer barulho, e me aproximando da cama.

Tirei a jaqueta, coloquei-a aos pés da garota e me sentei ao seu lado. Ela me encarou em silêncio por algum tempo. Havia algo na forma como seus olhos se moviam rapidamente, analisando meu rosto, que me fazia imaginar o que estava pensando. É claro que eu poderia saber em um piscar de olhos, mas queria que ela me contasse.

— Teve outro pesadelo? — Peguei uma das mechas avermelhadas que caíam do coque bagunçado, enrolando-a nos dedos.

— Não. Eu só... acordei — respondeu, sorrindo um pouco. — É quase como se eu sentisse quando você não está aqui.

— Isso foi uma indireta? — Levantei as sobrancelhas, o que a fez rir. — Me desculpe. Eu estava contando pro Sam como é ter uma garota maravilhosa como você ao meu lado.

— Você está tentando fugir da bronca — falou, estreitando os olhos.

Eu não estava, mas ela não precisava saber disso. Ou precisava? Ouvimos os passos de Sam no corredor, indo em direção ao quarto dele. Ele estava pensando em quanto queria que eu tivesse ouvido seu conselho e estivesse revelando a Lolli os números de todas as identidades que eu tivera na vida e... e agora queria que eu saísse da sua cabeça. Esperto. Muito esperto.

Suspirei, me aproximando um pouco mais e me recostando aos travesseiros. Quando a puxei para mais perto, ela se virou para mim, ainda de pernas cruzadas, e colocou uma das mãos no meu ombro e a outra no meu rosto.

Era estranho o fato de sua pele ser consideravelmente mais quente que a minha e ainda assim eu não me sentir incomodado. Aquilo e o cheiro adocicado de seu sangue AB negativo eram algo com que eu normalmente não conseguiria conviver, em se tratando de uma relação cem por cento grude. Mas era ela, era a minha Amélia, a minha Celena e a minha Lollipop. Não havia como dar importância a mais nada além disso.

— Em que você está pensando? — perguntou, me encarando daquele jeito curioso de sempre.

— Geralmente sou eu quem faz essa pergunta — brinquei.

Ela deslizou os dedos pela minha bochecha, e os cantos dos lábios subiram quase imperceptivelmente, no sorriso discreto que costumava lançar sempre que havia mais pensamentos passando pela sua cabeça do que coisas acontecendo no mundo real. Distraída. Estava se perguntando o porquê de eu parecer tão cansado ultimamente.

— Essa coisa toda de líder bom e líder ruim está me deixando meio irritado, preciso admitir — expliquei. — E saber que não ligam pra nada do que eu fiz durante todos esses anos é ainda pior.

— Se eles não reconhecem o seu esforço, é porque não merecem a sua atenção — disse, no tom sussurrado e compreensivo que costumava usar quando queria me tranquilizar.

Quem dera fosse tão fácil pensar assim. Aquelas pessoas eram parte da minha família, e eu havia conhecido a maioria delas quando ainda eram crianças, assim como seus pais e avós. A quantos parentes prometi protegê-los com minha vida antes de chegarmos àquele ponto? Eu mal podia contar.

Quantos deles haviam me encarado da mesma forma que ela olhava agora, como se eu fosse algum tipo de pessoa superimportante, que podia fazer qualquer coisa e era invencível? Mas não tinham ideia de que nada disso era verdade, e que no fundo eu não passava de um vampiro solitário de quatro mil anos. Nada mais que isso.

— Eu queria que fosse simples assim — reconheci. — Mas não é. Eles são tudo o que eu tenho.

— Isso não é verdade! — falou. — Você tem o Sam. Tem a Emily, o Dean, a Yone... — Fez uma pausa, como se estivesse pensando se o que diria a seguir seria adequado.

Embora eu quisesse muito que o fizesse, Lolli não continuou. Ela queria me dizer que eu também a tinha, mesmo que não tivesse tanta importância. Sorri. Ela não fazia ideia mesmo do tamanho do meu amor. Seria até engraçado, se eu não lamentasse.

— Eu sei — sussurrei, mordendo o lábio.

Esperava mesmo que ela entendesse que eu não estava me referindo a ser justo ou não eu ler sua mente sempre que ela não terminava uma frase por ficar constrangida (o que estava pensando agora), mas ao fato de eu saber que a tinha ao meu lado também. Eu sabia que era importante para ela que eu entendesse isso.

Lolli assentiu uma vez, se afastando e voltando a ficar de frente para os pés da cama. Havia algo que a preocupava. O fato de terem jogado a culpa da minha ausência nela a machucava muito e reforçava ainda mais a ideia de que só servia para atrapalhar a minha vida. Isso passava pela cabeça dela às vezes, mas eu sentia que seria errado perguntar por quê. Seria invadir demais sua privacidade. Aqueles eram pensamentos que eu sempre me arrependia de ter lido.

— Ei, garotinha — chamei, fazendo-a olhar para mim. — Você não deve se sentir culpada por isso, ouviu? Foda-se o que falam sobre você. Eu...

Eu te amo, e é isso o que importa. Bom... isso é o que eu queria dizer, mas não disse. Simplesmente me mantive em silêncio, deixando o restante da frase no ar, o que a fez pensar que estava confuso com relação aos meus argumentos. Continuei, antes que ela tivesse a chance de começar mais uma rodada de autoflagelação mental: — Eu tenho o direito de ficar com quem eu quiser, e isso não é da conta deles, aqueles intrometidos do cara...

— Espero que você não comece mais uma vez o discurso sobre como eles são ingratos e traidores — interrompeu, antes que eu tivesse a chance de xingar. Ela ainda tinha na cabeça que, um dia, me faria parar de falar palavrão.

— Não vou, não se preocupe — falei, suspirando.

Me virei de costas para ela, colocando os pés no chão e levando as mãos à cabeça. Não podia evitar sentir uma raiva quase insuportável

sempre que me lembrava da máscara preta ridícula que o culpado daquilo tudo usava. Ele podia ao menos ter a coragem de me enfrentar. Mas não. Preferia jogar todos contra mim e contra Lollipop sem nos dar a chance de falar.

Eu a ouvi se levantar da cama, vir em minha direção e parar à minha frente. Afastou minhas mãos, colocando as suas no lugar para que eu erguesse o olhar até ela.

— Se você não liga para o que eles pensam de mim, não deveria ligar para o que pensam de você. É um ótimo líder, Evan. O melhor que eles poderiam ter. Eu, o Sam, a Jazz e todos os seus amigos sabemos quanto você se esforça — disse.

Lollipop me puxou para perto, e eu apoiei a cabeça em seu colo enquanto ela passava um dos braços ao redor dos meus ombros e, com a mão livre, acariciava meu cabelo. Fechei os olhos. Podia ouvir seu coração batendo rápido e forte, como sempre fazia quando estava perto de mim, e aquela era uma das melhores sensações que eu já tinha experimentado. Me fazia sentir importante, capaz de lutar contra o mundo inteiro e vencer, desde que continuasse a ouvi-lo descompassar sempre que eu dizia alguma coisa que a surpreendia.

Eu não podia mentir. Amélia me ensinara o que era o amor, e Celena, apesar de tudo, o que era a esperança e o perdão. Mas nenhuma das duas tinha sido capaz de mostrar que cada uma daquelas coisas valia a pena. Ao contrário de Lollipop. Porque a primeira tinha o meu coração; a segunda, a minha alma; e a terceira tinha tudo o que eu era.

— Eu... — Parei por um segundo, sabendo que não conseguiria falar a palavra com *a* e tentando encaixar no contexto o que chegaria mais perto daquilo. — Eu gosto de você. Mais do que já gostei de qualquer outra pessoa — falei, finalmente.

Não chegava nem aos pés de dizer que a amava, e eu sabia disso, mas não tinha certeza se era a hora certa. Tanto para mim quanto para

ela. Tudo estava saindo do meu controle, era um momento complicado e eu não queria que ela sentisse o peso dos meus sentimentos. Porra, amar é complicado!

— Eu... — ela começou, mas algo pareceu fechar sua garganta. Pela voz, me parecia um pouco decepcionada. — Eu também gosto de você. Sempre gostei, desde a primeira vez que te vi.

Ergui o olhar para ela, me afastando alguns centímetros. Não era como se eu não soubesse, já que era nisso que ela pensava durante oitenta por cento do tempo em que estávamos juntos, e nós *estávamos juntos*, mas... ela nunca havia dito isso para mim. Não nesta vida, e não em voz alta.

Eu sabia muito bem que não era isso o que Lolli queria dizer, que ela estava esperando a chance de usar a palavra “amor” apenas depois de eu me dispor a fazê-lo, mas o fato é que eu a entendia. No fundo eu sabia do que ela estava falando, e esperava que soubesse do que eu falava também.

Puxei-a com delicadeza para mais perto, fazendo-a se sentar em meu colo. Lolli pousou as mãos em meus ombros e me olhou daquele jeito maravilhado que eu adorava. O simples fato de saber que ela pertencia a mim era suficiente para me fazer a pessoa mais feliz do mundo.

Coloquei a mão em sua nuca, me inclinando em sua direção e apertando meus lábios contra os dela com gentileza, ouvindo seu coração bater mais forte e mais rápido assim que a beijei. Respirou fundo, relaxando em meus braços quando intensifiquei o beijo. Gostava do meu cheiro de âmbar e da forma como eu a envolvia, não permitindo que ficássemos um centímetro distantes um do outro; era nisso que ela estava pensando.

Ela moveu o corpo para a frente, como um pedido silencioso para que eu me inclinasse para trás, deitando no colchão e permitindo que ficasse em cima de mim. E me beijou de um jeito lento, como nunca

tinha feito antes. Seu coração acelerou ainda mais quando entrelacei os dedos da mão livre em sua regata, decidindo se deveria tirá-la ou só puxar a garota para mim.

A cada minuto, sua respiração se acelerava um pouco, e ela me beijava mais intensamente.

Eu sabia exatamente o que ela estava pensando e o que queria que eu fizesse, mas, pela primeira vez em muito tempo, eu não quis agir apenas porque era o que Lollipop queria, e sim porque era o que eu sentia necessidade de fazer.

Precisava dela mais perto de mim. Precisava dela. Esses pensamentos fizeram algo despertar dentro de mim, e toda a calma e a gentileza com que eu a segurava pareceram evaporar. Foi impossível dosar a força quando a puxei contra mim.

Meus lábios se soltaram dos dela e percorreram seu pescoço. Lolli gemeu baixinho e ela quase me levou à loucura. Em um movimento rápido, eu a virei de costas na cama e me pus sobre ela. Eu sentia o desejo pulsando em mim no mesmo ritmo que pulsava nela. Voltei a beijá-la com intensidade, enquanto minhas mãos exploravam seu corpo. Eu sentia seu calor me queimando como brasa, e ela se movia como se dançasse para mim, em um ritmo lento e convidativo. Nunca havíamos chegado àquele ponto. Havia muito tempo que eu esperava o momento em que ela me permitiria aproximar, mas por algum motivo eu sabia que aquele ainda não era meu dia de sorte.

— Evan — sussurrou, se afastando um pouco. — Eu não... — Fez uma pausa, tentando recuperar o fôlego. — Eu não sei se é a hora ainda.

Sorri um pouco, de forma compreensiva, assentindo com a cabeça. É claro que eu a entendia. Era a primeira vez que dávamos um passo à frente, e já era um grande avanço.

Lollipop não se lembrava de um terço do nosso relacionamento, e não tinha criado ainda aquela confiança com relação à nossa

intimidade. Eu não. Eu a conhecia melhor que qualquer outra pessoa, mental e fisicamente, então não tinha por que hesitar. Mas, se ela não queria, então não iríamos adiante. Não ainda. Ponto-final.

Nos beijamos mais uma vez, agora por breves segundos, antes de eu deixar que ela se afastasse, para então eu me sentar na cama. Lollipop se apoiou nos cotovelos, olhando para mim com um fundo de culpa. Ah, não. Eu não queria que ela se sentisse assim, com raiva de si mesma por não estar pronta.

— Desculpe — murmurou, com um suspiro, se sentando também.

— Não tem por que pedir desculpa, garotinha. É uma via de mão dupla. As duas partes têm que estar de acordo. — Tentei parecer o mais compreensível e gentil que podia. Pelo menos até a brincadeira que veio a seguir. — *E que acordo.*

Me senti um pouco aliviado por conseguir arrancar um sorriso dela, que balançou a cabeça: — Você é inacreditável, seu vampiro... vampiro.

Sorri, pressionando os lábios contra os dela com força mais uma vez. Vampiro vampiro. Era uma ótima definição. Deveria colocar isso no meu currículo um dia, se voltássemos a ter empregos. Mas não era nisso que eu queria pensar. Não quando ainda estava em minha mente o momento histórico que havia acontecido minutos antes, sobre o qual as crianças aprenderiam na escola dali a algumas centenas de anos. O dia em que Evan Moore pronunciou as palavras “Eu gosto de você. Mais do que já gostei de qualquer outra pessoa.” Não era tão significativo, mas já era um ótimo começo, não é mesmo?

Ela apoiou a cabeça em meu ombro depois de se aproximar, e eu passei os dedos pelo seu cabelo, que havia se soltado do coque, colocando-a em meu colo mais uma vez.

— Mas eu quero que você saiba que o que eu disse antes é verdade. Cada palavra — falei baixinho.

— A quem eu preciso agradecer por te deixar tão sentimental hoje?
— perguntou, depois de alguns segundos de silêncio.

— Eu não posso simplesmente estar num clima romântico inspirado pela sua beleza avassaladora? — retruquei, rezando para que ela não visse minha expressão de “Seja quem for que está aí em cima, por favor, me ajude nesta hora bendita em que não posso dar o crédito ao Sam”.

— Foi o Sam, não foi? — ela adivinhou, e tudo o que fiz foi bufar, jogando o corpo para trás e a levando comigo.

Com ela em cima de mim, sorrindo de um jeito malicioso, perguntei, enquanto acariciava seus antebraços, apoiados no colchão ao lado da minha cabeça: — Por que eu não podia gostar de alguém menos inteligente? Seria tão mais fácil levar o crédito por cada coisa estupidamente melosa que eu dissesse...

— Cala a boca, vai — pediu, em um tom de sussurro tão sedutor que quase não consegui resistir.

Então tínhamos voltado ao ponto em que havíamos parado? Não. Era diferente. Agora estávamos apenas brincando, infelizmente para mim. Retribuí o sorriso malicioso que continuava em seu rosto, passando os dedos em suas bochechas, e sussurrei: — Por quê? — Fiz uma pausa. — Não é porque de repente eu me rebaixei ao nível sentimental de florzinha do Samuel que você pode começar a dar ordens e...

Fui interrompido por outro beijo, ouvindo algo sobre eu precisar *mesmo* calar a boca antes de estragar o momento. Depois ela saiu de cima de mim, ficando ao meu lado enquanto encarávamos o teto, sem ter o que dizer.

— Obrigado — continuei, o que a fez olhar para mim. — Por ficar ao meu lado e... Que merda eu estou dizendo? É melhor eu calar a boca, antes que comece a parecer uma menininha como o... Ok. Acho que vou parar de zombar dele, afinal fui eu que criei o garoto. Mas eu

juro que não sei de onde você tirou que... Vou parar de falar — brinquei, notando que o fato de quase ter dito que a amava tinha me feito atingir um estado de nervosismo que me impulsionava a falar sem parar.

Ela riu, se encolhendo contra mim enquanto eu a puxava para perto, fazendo-a relaxar em meus braços. Sussurrou, apoiando a cabeça em meu peito antes de fechar os olhos: — Eu sempre vou ficar ao seu lado, idiota. Sempre.

Depois disso, não houve mais dúvida sobre o que dizer a seguir. Aquilo, para mim e para ela, já era o suficiente.

FIM DA FILA



Já fazia quase uma semana que ninguém falava com nenhum de nós quatro. Era quase como se fôssemos intrusos em nosso próprio clã, e o que nos restava quando cansávamos de ficar sentados encarando uns aos outros era treinar para qualquer ataque iminente que Eles pudessem fazer contra nós, já que a cabeça de Evan estava a prêmio.

Como eu não era parte do grupo dos Guerrilheiros, assim como Sam, o que fazíamos era assistir a seus treinamentos e esperar que todos fossem embora para praticar exatamente os mesmos exercícios sozinhos. Eles não gostavam nem um pouco de nos ouvir falando durante o treino. Então, enquanto esperávamos, passávamos o tempo afiando as várias facas que eu havia roubado do estoque de armas do ginásio.

Naquele dia, porém, aconteceu tudo diferente. Pela primeira vez, o treino do grupo foi de mira. Vi o rosto de Lolli se iluminar entre os Guerrilheiros, mesmo que a distância. Finalmente ela poderia mostrar no que era boa de verdade.

Evan não estava presente. Tinha dito que precisava ficar em casa organizando alguns dos planos de viagem para negociação de suprimentos.

— Ei, garota das facas! — ouvi alguém chamar.

Era Dean, o segundo líder do grupo dos Guerrilheiros, depois de Yone. Olhava na minha direção. Juntei as sobrancelhas. Lollipop estava ao lado dele, e, pelo sorriso que tinha no rosto, havia aprontado alguma.

— Não quer se juntar a nós? A Lolli disse que você é quase tão boa quanto ela com isso.

Assenti com a cabeça, sorrindo. Me coloquei de pé, sentindo os olhares de todos, inclusive o de Sam, sobre mim enquanto ia até a quadra. Esperava realmente que, quando chegasse lá, depois de descer todos aqueles degraus, me dissessem que era brincadeira e me mandassem voltar para onde eu estava antes. Mas não o fizeram, o que me surpreendeu.

— Bem-vinda ao clube por hoje, menina — Yone cumprimentou, com um sorriso gentil. — O seu nome é Jéssica, não?

Assenti novamente, me sentindo um pouco nervosa no meio de todos aqueles Guerrilheiros. Chegava a ser assustador estar entre eles.

Lollipop veio até mim, passando um braço por cima dos meus ombros e me guiando até o fim da fila que começava a se formar a pedido de Dean. Para cada um de nós havia um alvo e uma arma.

— Isso não é muito justo com o Sam — sussurrei para ela, ao vê-lo sentado sozinho na arquibancada, nos observando com atenção.

— Ele terá a chance dele, não se preocupe — ela respondeu. — O Evan me mataria se soubesse que o chamei para treinar com a gente, então prefiro não correr o risco.

Compreensível, apesar de ficar com um pouco de pena dele por deixá-lo solitário. Virei de frente para o alvo, como Yone pedira, e me posicionei.

Em seguida, por mais ou menos uma hora, atiramos sem parar em direção aos alvos. Como Lolli estava ao meu lado, às vezes nós trocávamos, atirando de nossas posições no alvo uma da outra, para treinar a diagonal.

Éramos completamente diferentes no que fazíamos, já que ela usava arco e flecha e eu facas, mas nossa mira era quase perfeita. Chris achava

importante que a treinássemos para defesa e caça, apesar de eu ser completamente contrária a qualquer tipo de violência contra os animais e, sempre que podia, evitar que Lolli caçasse também.

— Ei, menininha! — ouvi alguém chamar, a três ou quatro alvos de distância.

Inclinei o corpo para a frente, olhando em sua direção. Era o mesmo cara no pescoço de quem Lolli havia quase pulado na semana anterior. Ela não tinha ideia de que se tratava de um dos Guerrilheiros. Pelo jeito como me encarava, o negócio era comigo.

— Vai ser a próxima guerrilheira do grupo? — perguntou. — Não sabia que estávamos aceitando crianças.

Lollipop parou de atirar, baixando o arco e se mantendo de costas para o homem, só esperando que continuasse. Já eu me contentei em lançar um sorriso gentil para ele... enquanto mostrava o dedo do meio, obviamente.

— Que tal isto: você volta para o jardim de infância e nos deixa cuidar de tudo, daí não enchemos o seu saco. Tudo bem?

Minha amiga finalmente se virou para ele, bem quando eu pensava que seria melhor simplesmente deixá-lo falando sozinho, e ergueu o arco em sua direção. Todas as pessoas paradas entre a flecha e o homem saltaram para fora do caminho.

— Richard, *já chega* — Dean ordenou, em tom severo.

— Que tal isto? — Lolli repetiu, com uma entonação que eu nunca tinha ouvido antes. — Você cala a boca e deixa os meus amigos em paz, e eu não acerto esta flecha bem entre os seus olhos. Tudo bem?

Mordi o lábio, segurando o riso enquanto via o tal Richard fechar a boca. Ela murmurou algo como “Foi o que eu pensei” antes de se virar mais uma vez para seu próprio alvo e voltar a atirar flechas, como se não estivesse sendo observada por uma plateia atônita.

— Você acha que tem o direito de nos dar ordens, não acha? — o homem perguntou, depois de uma ou duas flechadas dela no alvo. — Vai ver foi só por isso que ficou com ele. Pra usá-lo mais uma vez.

Ai... Eu sabia quanto aquela parte do seu passado a incomodava, e o cara tinha conseguido atingir o ponto fraco de Lollipop. Eu estava começando a pensar em dar uma surra nele quando o escroto passou de todos os limites: — Porque todos nós sabemos que ele é o tipo de pessoa que se sente atraído por qualquer coisa que tenha um belo par de...

Ela o jogou longe com a telecinese antes que ele tivesse a chance de completar a frase, largando o arco no chão e se virando em sua direção. As mãos estavam cerradas em punho e tremiam de ódio, como eu nunca tinha visto antes.

Alguém tentou ficar em seu caminho enquanto ela marchava na direção dele, mas Lolli também afastou essa pessoa, lançando-a nas arquibancadas.

Andava na direção de Richard, que havia acabado de se levantar, de forma tão vagarosa e superior que eu me perguntava se aquele era o típico momento de calma antes da tempestade.

Como eu a conhecia muito bem, estava certa.

— Mais uma palavra sobre o Evan ou a Jéssica, e eu mato você! — berrou, chegando tão perto do homem que talvez ouvisse o coração dele batendo forte, morto de medo.

— Você não... — balbuciou, e ela o socou com força no rosto, fazendo-o recuar alguns passos.

Antes que Richard tivesse a chance de se recuperar, Lolli saltou em cima dele, derrubando-o no chão e o esmurrando várias vezes. Ela mantinha afastados pela telecinese todos que tentavam se aproximar.

Era como se em volta dos dois tivesse se formado uma barreira de energia invisível.

— Sam! — chamei, e em um segundo ele já estava ao meu lado. — Chame o Evan. Rápido, ou ela vai acabar se arrependendo...

Não precisei continuar. Ele se virou e saiu em disparada para o lado de fora.

Corri em direção a Lolli e Richard, empurrando qualquer um que estivesse no meu caminho. Quando cheguei a menos de dois metros, ela tirou uma das mãos do pescoço dele e a apontou para mim, como se fosse me jogar para trás.

Me encolhi um pouco, esperando que o fizesse, quando o homem embaixo dela aproveitou sua hesitação para tirá-la de cima dele. Não pude deixar de notar, um pouco atônita, quanto as pupilas de Lolli estavam dilatadas, como se todo o verde de seus olhos tivesse sido engolido pela escuridão.

Ele rolou, pegando-a pelo cabelo e batendo sua cabeça contra o chão. Alguém me segurou pela cintura antes que eu pudesse saltar em cima daquele idiota.

— Ele é forte demais, Jéssica. Não vai...

— ME SOLTA! — berrei, antes que a pessoa pudesse continuar, me debatendo.

Por algum motivo, mesmo que Richard a estivesse segurando pelo pescoço agora, Lolli continuava a manter todo mundo longe dos dois. Depois de dar um chute entre as pernas dele, se levantou, deixando o homem no chão, encolhido de dor.

Então ela o pegou pela gola da camiseta, arrastando-o até uma das colunas de metal que sustentavam o lugar, e o prensou contra ela, usando o antebraço para apertar seu pescoço. Richard tentou chutá-la,

mas, com um estalo e um berro de ira, Lolli quebrou suas pernas com o poder da mente.

Gritei, tentando acotovelar Dean, que só naquele momento notei que me segurava, mas ele mal parecia ligar para meu esforço, chocado com a cena à sua frente. Dava para entender. Eu também estava.

O rosto de Richard estava desfigurado por causa dos socos, que ela provavelmente tinha potencializado com a telecinese, e o sangue manchava quase toda a sua camiseta verde, os braços e o rosto da minha amiga.

Suas pernas estavam em ângulos pouco agradáveis de olhar, e tudo o que Lollipop sabia fazer era rir do desespero e da dor que ele sentia enquanto era sufocado pelo braço dela.

— Você vai morrer, desgraçado. Eu vou te despedaçar completamente e servir os seus restos para os abutres, até sobraem só os ossos! — gritou.

— Lollipop! — ouvi alguém dizer, passando por nós em um piscar de olhos. Eu reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Evan. Finalmente.

Ela segurou o vampiro no lugar sem nem mesmo olhar em sua direção, prendendo os pés dele no chão antes que pudesse alcançá-la, e, ao mesmo tempo, largou Richard de seu aperto, mantendo-o imóvel pela telecinese. Bateu seu corpo contra a coluna repetidas vezes, tanto que o poste chegou a se curvar.

— Puta merda — Dean murmurou, me soltando apenas quando ouvimos o pescoço do homem se quebrar e ela finalmente deixar que o corpo caísse no chão.

Ela olhou por cima do ombro, para nós, e meu coração pareceu gelar no momento em que seus olhos pararam em mim. As pupilas ainda estavam dilatadas, o que dava a seu rosto a impressão de que nem era a

mesma pessoa. Ainda mais enquanto lançava aquele olhar profundo de raiva.

— Lollipop, o que você...? — Evan começou, quando ela finalmente o soltou.

Antes que ele pudesse terminar, os olhos dela voltaram ao normal. Lolli recuou alguns passos, como se tivesse sido empurrada por alguma força invisível, e abraçou a si mesma. Arregalou os olhos ao ver o corpo do homem atrás de si, e suas mãos e roupas cheias de sangue.

Evan se aproximou, passando os braços ao seu redor e murmurando algo sobre precisarem sair dali. É claro que Sam e eu os seguimos, depois de Evan dar ordens a Dean e Yone para que se livrassem daquela sujeira e do corpo sem fazer alarde sobre o que acontecera ali, o que com certeza não daria certo, já que os Guerrilheiros machucados e os que saíram correndo iriam espalhar a notícia para todos do clã. Agora só nos restava saber o que havia acontecido com Lolli.

— Eu... eu... — gaguejou, enquanto o vampiro a fazia se sentar no sofá de couro negro na entrada de sua casa. — O que foi que...

— O que você estava pensando?! — Evan perguntou, e naquele momento eu não sabia se estava irritado ou apenas preocupado com a garota. — O que foi que ele te disse?

Sam se apressou até a cozinha. Foi buscar um copo de água para ela, que tremia como nunca. Mal parecia ouvir o que dizíamos. Evan se ajoelhou à frente dela, colocando as mãos em seu rosto e o virando para ele. Estava pálida como um fantasma.

— Eu não... eu não sei — disse. — Foi como se... Eu estava com raiva. Muita raiva.

— Está bem — o vampiro sussurrou, puxando-a para perto.

Ela apoiou a cabeça no ombro dele, irrompendo num choro descontrolado enquanto lamentava por ter matado uma pessoa. Não era

algo com que estivesse acostumada, como Evan ou os outros Guerrilheiros. Ainda mais quando parecia que não estava no controle de si mesma. Enquanto isso, tudo o que Evan podia fazer era deslizar as mãos pelas suas costas, tentando acalmá-la da melhor forma possível.

— O que eles vão dizer ag... — Sam balbuciou, parado ao meu lado, mas parou quando lhe dei uma cotovelada nas costelas. Não era momento de cobrar nada.

— Vou dar um jeito. Não se preocupe com isso — Evan respondeu, provavelmente lendo os pensamentos do garoto. — Como se ninguém nunca tivesse matado uma pessoa neste clã.

— Mas você expulsou todos que mataram — o garoto disse, tão baixo que precisei fazer leitura labial para entender.

O vampiro se levantou, trazendo Lolli consigo e dizendo que a levaria para o quarto. Seria bom, realmente, tomar um banho para lavar todo aquele sangue.

Me sentei no sofá, colocando as mãos na cabeça e suspirando quando deixaram a sala. O que havia dado em Lolli? A imagem daqueles olhos não saía da minha cabeça, e a forma como ela me olhara, como se não me conhecesse...

— Isso só piorou tudo, não é mesmo? — perguntei a Sam, que passou um braço ao meu redor, me apertando contra si depois de se sentar também. — Quer dizer... a relação do Evan com o clã e o fato de não nos aceitarem aqui.

— Vai dar tudo certo — ele sussurrou, beijando meu cabelo.

Eu não costumava aceitar qualquer forma de consolo ou demonstração de carinho exagerada como aquela, mas, por algum motivo, sentia que era o que eu queria naquele momento. Pelo menos por um segundo, eu precisava que alguém me abraçasse e dissesse que ficaríamos bem.

— O Evan foi ameaçado de morte e todo mundo aqui nos odeia. Como você pode pensar uma coisa dessas? — questionei.

— É nisso que eu acredito. — Ele deu de ombros. — Porque tudo passa com o tempo. O Evan não vai correr risco para sempre. Vão vir atrás dele, e nós vamos matá-los. Com relação ao clã... assim que eles virem que vocês só estão aqui pra...

— Pra matar pessoas e roubar a atenção do líder, vão nos odiar mais ainda — interrompi, mesmo sabendo que não era assim que ele continuaria a frase.

— Ei, pequena — falou, colocando a mão em meu rosto e me forçando a olhar para ele. — Vai dar tudo certo, desde que todos nós fiquemos juntos, porque é só isto o que importa: termos um ao outro para nos apoiar nos momentos mais difíceis.

Sorri, mesmo que aquilo não me trouxesse um alívio tão grande quanto deveria. Sam sempre sabia o que dizer e quando dizer, e essa habilidade parecia cada vez mais aprimorada.

É claro que eu tinha consciência de que era uma pessoa difícil, e o fato de ele saber exatamente como lidar comigo só me fazia gostar cada vez mais dele. Se aproximou, me beijando com delicadeza por apenas um segundo antes de se afastar, pressionando os lábios contra minha testa. Sussurrou: — Não vou deixar ninguém tocar em você. Isso eu posso prometer. — Fez uma pausa. — Mesmo que eu saiba que você daria uma surra na pessoa antes que eu tivesse a chance de me aproximar.

Sorri, me afastando e dando um empurrão em seu ombro. Idiota. Fofa na medida certa, como sempre. Só aquele boboca mesmo para acabar com a tensão como se não fosse nada.

Pelo menos com relação a nós dois, claro.

CAIXA DE LEMBRANÇAS



Eu havia acabado de tomar banho, e Evan saía para me dar um tempo sozinha para refletir — ou qualquer desculpa que eu tenha dado para que ele me deixasse remoer a culpa sem tê-lo por perto lendo meus pensamentos.

Saí do banheiro depois de me trocar e fui em direção à cama. Tinha acabado de chegar perto dela quando chutei algo com força e soltei um xingamento. Olhei para o chão e vi que algo despontava de baixo da cama. Uma caixa de madeira escura toda empoeirada.

Me ajoelhei para pegá-la. Era pesada, mais do que pensei que fosse. Na tampa, havia um nome gravado na madeira: Amélia Saywor. Juntei as sobancelhas. Era... era eu? Peguei a caixa, me sentando na cama, e limpei a poeira da superfície. Uma camada de sujeira cobriu minha palma, que passei na calça jeans.

A fechadura dourada estava quase toda enferrujada, o que dificultou muito na hora de abrir, mas, com um pouquinho de força, consegui. Não sabia se era muita invasão de privacidade xeretar aquelas coisas, mas, querendo ou não, era eu. Era a minha história com Evan, então eu tinha o direito de saber. Não tinha?

Talvez não, já que ele nunca comentara comigo sobre a existência daquilo. Mas eu não podia evitar. Era a minha vida.

Assim que a abri, soube que a invasão valera a pena. Sorri, analisando a quantidade de lembranças ali dentro. Tinha desde uma pilha de fotos antigas até objetos e cartas escritas em papel encardido.

A primeira coisa que peguei foram as fotos. Não aguentei a curiosidade. Eu sabia que era exatamente o mesmo corpo, mas... era

diferente.

Estavam todas em ordem cronológica, com o dia e o mês escritos no verso. Olhei para a primeira. “03/04.” Era um retrato todo desfocado do que deviam ser os meus sapatos surrados. O chão estava cheio de destroços e cinzas. Deviam ter acabado de encontrar a câmera que usaram para tirar aquelas fotos. “05/04.” Era a foto de uma rua cheia de prédios abandonados e lonas que serviam como barracas. Havia uma fogueira montada no meio de tudo. Aproximei a foto do rosto, estreitando os olhos. Podia me ver ao fundo, inclinada para a frente, estendendo uma lata a alguém. Não podia ver meu rosto, mas me reconheci pelo cabelo cheio de mechas vermelhas.

“15/04.” Era uma foto minha sentada num gramado, com uma flor cor-de-rosa no cabelo. O sol estava contra meu rosto, o que só me permitia ver o sorriso da menina no retrato, e a mão estava pousada na bochecha enquanto a cabeça se inclinava um pouco para trás. “30/05.” Era uma foto tirada por uma terceira pessoa, em que nós dois estávamos abraçados. Ele fumava um cigarro, e a fumaça que havia acabado de soltar deixava seu rosto um pouco enevoado. Me apertava contra si, com um braço por cima dos ombros, e eu o encarava com um sorriso enorme, como se tivesse acabado de ouvir uma piada. Vestíamos roupas estranhas, com tiras penduradas e estampa florida, e eu tinha tranças com flores no cabelo. Algo estava escrito nessa foto. “A + E ♥” Sorri. Aquilo *com certeza* tinha sido escrito por mim.

A foto seguinte fez meus olhos se encherem de lágrimas. “22/07.” Eu estava agachada no chão, com duas crianças me ladeando. Dois meninos. O maior, que aparentava ter uns dez anos, tinha o cabelo castanho e os olhos verdes. O outro, à minha direita, tinha o cabelo preto e os olhos escuros. Era o que mais se parecia comigo. Os dois faziam caretas e eu sorria como se não soubesse que era para ser uma foto engraçada. “Os três mosqueteiros”, era o que estava escrito. Eu soube na mesma hora que aqueles eram os meus irmãos, e o fato de não

sentir nada além de pesar, como se outra pessoa que não eu os tivesse perdido, me fazia ficar irritada comigo mesma. Suspirei, passando para a foto seguinte, antes de começar a chorar.

Coloquei os retratos de lado depois de analisar cada um deles com atenção. Haviam sido tirados no período de apenas um ano. Provavelmente porque o filme devia ter acabado depois disso, mas eu não podia reclamar. Já era uma sorte bem grande aquela câmera ainda funcionar na época em que as fotos foram tiradas. Sorri ao vê-la guardada logo embaixo das fotos. Era preta e enorme. Eu nem sabia qual era o jeito certo de segurá-la.

Peguei um envelope rasgado e amarelado embaixo dela e o abri. Estava endereçado a mim. Então aquela era a letra de Evan? Não pude deixar de sorrir. Era linda, melhor que a minha.

Amélia, É estranho como você tem facilidade para escrever cartas. Eu fico horas encarando este maldito papel, me perguntando o que deveria colocar aqui. Volto para casa em uma semana, e espero que isto chegue a você antes de mim. Ficaria ridículo você recebê-la dias depois da minha volta, e você sabe que eu não sou o tipo de cara que gosta de passar por idiota. Enfim... espero que ainda esteja me esperando. Ficar meses separados não foi o que nós idealizamos quando decidimos que seria melhor construir uma área própria para o nosso clã, mas... é para o nosso bem, como você disse. Só que esses babacas não entendem que eu preciso voltar e estão querendo uma quantidade maior de suprimentos do que eu posso dar. Qual é o problema? Eu só queria algumas centenas de tijolos, só isso! Espero poder voltar em breve, mas tudo depende dos imbecis inúteis daqui.

Sinto sua falta, Evan Moore Então a ideia de criar a cidade fora minha? Levantei as sobrancelhas. Uau! Era incrível pensar que tudo aquilo estava ali por uma interferência minha no passado — da qual eu não me lembrava.

Dobrei e guardei a carta, colocando o envelope na pilha de coisas que já havia olhado, e me virei para a caixa mais uma vez. Algo chamou minha atenção. Era um brilho dourado pálido em meio aos papéis e às flores e folhas secas espalhadas. Enfiar a mão lá dentro, puxando o que quer que fosse.

Perdi o fôlego ao abrir a palma da mão. Era um aro de metal simples, com algo gravado dentro. Os nossos nomes. Aquilo era...

— Uma aliança — Evan disse, parado em frente à porta aberta, o que me fez dar um salto para trás, com o coração disparado.

— Você me assustou — falei, sem ar.

Ele se aproximou em silêncio, depois de fechar a porta, se sentou à minha frente e encarou a caixa de um jeito pensativo. Pegou a carta que eu havia acabado de ler, passando vagarosamente os olhos pelas letras, com um sorriso quase imperceptível no rosto e um brilho de pesar nas íris verdes.

— Você gostava de guardar essas bugigangas. Dizia que era para que eu me lembrasse de você depois que ficasse velha e feia e morresse. — Não pude deixar de sorrir também. Era bem a minha cara dizer uma coisa daquelas. — Você nunca ficou velha e feia, mas ainda assim valeu a pena. Eu olhava pra essas coisas todo dia, até a Celena aparecer. Depois disso, decidi que seria melhor esquecer quem você era, antes que o meu coração se machucasse ainda mais — admitiu. — Mas eu nunca pensei que te perderia quando pedi que você se casasse simbolicamente comigo, na época em que ainda era Amélia.

Pegou a aliança da minha mão com delicadeza, analisando-a com atenção, e murmurou algo sobre nunca pensar que veria aquilo mais uma vez e sobre ter jogado a dele no mar quando Celena o abandonara.

É claro que eu não perguntaria o motivo de ele não ter me mostrado aquelas coisas antes. Era muito particular. Apesar de a aliança ser minha, não pertencia a mim. Tinha sido feita para ele, e as lembranças eram dele.

— Eu não devia ter... — comecei.

— Tudo bem. Acho que te fez bem olhar para isso. E a mim também. Me lembrou quanto você se parece com ela.

Suspirou, se ajeitando na cama, a fim de começar a me mostrar o restante, contando o seu lado da história. Apesar de todas as brincadeiras, dava para ver como ele estava triste.

— Evan — falei, depois de termos visto e revisto tudo e guardado na caixa, que foi recolocada embaixo da cama. — Desculpe pelo que aconteceu. Eu...

— Tudo bem — disse. — A Celena era forte demais pra ser esquecida assim. Tinha que restar pelo menos uma parte dela aí, como a raiva incontrolável que ela tinha de tudo e de todos.

— Você não merecia isso. Não merecia que ela te tratasse assim — murmurei, acariciando sua bochecha com o polegar.

— Me ajudou a ficar durão — brincou, pegando minha mão, que estava em seu rosto, e entrelaçando os dedos aos meus. — Do jeito que você gosta. Ah, não, espera. Eu sempre fui assim.

Sorri, me afastando. Pelas fotos que eu tinha visto, ele realmente era assim desde a primeira vez que nos conhecêramos. E os cigarros sempre estiveram lá. Eu só não sabia como ele ainda não tinha acabado com o estoque mundial daquela coisa.

— É bom que você não tenha mudado — falei. — Eu ia ficar triste por ser a culpada de um pecado desse. Imagine! Mudar um ser tão divino e perfeito quanto você... Que audácia.

Evan se levantou da cama, indo em direção à porta da varanda com um sorriso debochado. Abriu as cortinas, a fim de olhar para o lado de fora, e cruzou os braços, se apoiando no batente de madeira escura. Perguntei, observando-o de longe: — No fim, é dela que você gosta, não é?

Eu não queria a resposta realmente, já que imaginava o que ouviria. Incrível como conseguia sentir ciúme de mim mesma, como se quem eu era antes pudesse roubar Evan de mim agora.

Ele se limitou a estender a mão para mim, fazendo um sinal para que me aproximasse. Quando obedeci, passou um braço pela minha cintura, fazendo com que eu me apoiasse nele enquanto olhávamos para o lado de fora. Não pude deixar de me sentir surpresa ao perceber que chovia. Mais cedo não havia uma nuvem sequer no céu, mas acho que era assim agora. O tempo se comportava como queria. Antes não víamos chuva por anos, e agora elas aconteciam em intervalos de meses. Evan falou, apoiando o queixo no topo da minha cabeça: — A Amélia foi o meu primeiro amor. A Celena foi o meu pesadelo particular. E você é a minha segunda chance. Pode não parecer a mesma coisa, e não é, mas todas têm a mesma importância para mim. — Fez uma pausa. Aquela realmente não era a resposta que eu esperava, mas também não era tão ruim quanto pensei que seria. — Mas eu não sou o tipo de pessoa que mente, então... — Ok. Agora era a hora da facada nas minhas costas. Eu esperava que fosse um corte rápido, pelo menos. — Quando eu disse que gosto de você mais do que já gostei de qualquer outra pessoa no mundo, estava falando a verdade. Só que você, garotinha, precisa relaxar. As duas se foram, e é você quem está aqui. Ponto-final.

Mordi o lábio, baixando a cabeça para que Evan não visse o sorriso de satisfação que tentava aparecer. Apesar de ter razão sobre eu precisar sossegar o facho e esquecer o passado, a felicidade de ouvi-lo dizer que gostava de mim quase engolia completamente tudo o que disse depois.

— *Nós temos que mandar essa garota embora!* — ouvimos alguém gritar do lado de fora.

Suspirei. Sabia que estavam falando de mim e que não demoraria muito até aquela única voz se tornar a de uma multidão.

— Eles podem fazer isso, se for uma decisão em conjunto — Evan afirmou, finalmente.

Me virei para ele, surpresa, e então me afastei. Do que ele estava falando? Queria dizer que... eu podia mesmo ser expulsa, ainda que não fosse uma ordem sua? C-como assim?

— É uma das regras “internas” que temos entre os clãs. Se é de interesse comum a todos, então deve ser feito. Só não se aplica aos criadores do clã e à família deles. — Desviou o olhar, antes fixo no lado de fora, para mim. — Só que eu não vou permitir que ninguém te mande embora, de forma nenhuma. Ok, garotinha?

Só consegui fechar a boca, que estava aberta em uma expressão de descrença e espanto, e o encarei por alguns segundos.

Apesar da chuva, as nuvens que cobriam o céu eram quase brancas e iluminavam seu rosto de forma pálida e melancólica, fazendo-o parecer quase uma pintura em preto e branco, com exceção dos olhos verdes. A sombra das gotas descendo pelo vidro fazia parecer que lágrimas escorriam pelas suas bochechas.

Passei os dedos pelo seu cabelo, colocando-o para trás e parando a mão em seu pescoço, que puxei para baixo, na minha direção. Beijeí Evan com gentileza, encostando a testa na dele por apenas alguns segundos e encarando seus olhos com atenção.

— Você é o pior líder de todos, Evan Moore. E todos deveriam te amar por isso.

Ele sorriu, se afastando, antes de dizer que precisava me mostrar algo que seria ainda mais “evocativo” do que aquela caixa cheia de antiguidades simples. Deixei que me guiasse pela casa escada abaixo, até o que parecia ser o porão. Aquele lugar eu com certeza não tinha visitado.

A primeira coisa que vimos foi uma sala com paredes e chão de madeira. Nada muito elaborado. Pouco depois de a escada terminar, do outro lado, havia uma pequena porta do mesmo material. Ele se encostou a ela, com uma mão na maçaneta dourada com marcas de ferrugem.

— Aquelas eram as suas lembranças. Agora eu vou te mostrar as minhas.

Antes que eu pudesse responder, Evan abriu a porta, passando por ela e entrando numa sala ainda maior, cheia de quadros e retratos nas paredes de madeira, além de estantes com livros e DVDs empoeirados. Do outro lado do cômodo havia um sofá velho e uma televisão conectada a vários aparelhos de reprodução cinematográfica diferentes.

Ele se manteve em silêncio enquanto eu examinava, surpresa, as fotos e pinturas.

O fato de na maioria delas Evan estar acompanhado de um garoto *igual* a ele foi o que mais me chamou atenção. Juntei as sobrancelhas, me aproximando do que parecia ser a foto mais recente dos dois. O outro era um ou dois centímetros mais baixo, o cabelo era um pouco mais comprido e menos repicado e seus olhos eram escuros.

— Quem...

— Liam — respondeu, me interrompendo. — Meu irmão gêmeo.

— I-irmão gêmeo?

Evan assentiu, parando ao meu lado e olhando para uma das fotos. Os dois usavam suéter de lã escuro, jeans e óculos escuros. Até o gosto para roupas parecia igual.

— Anos 1980. Muito antes da Terceira Guerra e de tudo isto aqui — explicou. — As pessoas usavam roupas bem estranhas naquela época, mas nada comparado aos anos 1970, ou 1960.

— O que aconteceu? — perguntei.

Eles pareciam passar tanto tempo juntos, pelo que percebi nas imagens, que eu não via um motivo plausível para Liam não estar com ele agora. Evan nunca tinha nem comentado comigo sobre seu irmão gêmeo.

— Ele morreu pra me salvar — foi tudo o que respondeu, estreitando os olhos. — Mas não foi isso que eu vim te mostrar.

Pegou a minha mão, me puxando em direção à estante de livros e DVDs. Pegou uma embalagem branca, tirou um disco de dentro e o inseriu em um dos aparelhos empoeirados.

— Como tudo isso ainda funciona? — questionei.

— Nós encontramos a maioria durante as nossas expedições, e algumas vezes essas coisas vêm nos contêineres. Tanto pra filmar quanto pra projetar. O resto eu guardei por muito tempo — respondeu, se sentando no sofá e esperando que a reprodução começasse.

Me sentei ao seu lado, encarando a TV com atenção. Não havia nada além de um chiado irritante e... uma imagem que começava a se formar. Eu podia ver algo tremulando, indo de um lado para o outro, balançando conforme o vento. Quanto mais nítido ficava, mais certeza eu tinha de que o cenário era um campo.

Agora eu já podia ver as cores. O campo era verde, com a grama alta e o céu azul. O sol estava contra a câmera, mas eu podia ver a forma de uma pessoa correndo ao longe.

— *Evan! Por que você não larga isso e vem pra cá?* — ouvi alguém gritar. Era a minha voz. — *Evan!*

Pude me ouvir rir enquanto me aproximava e reconheci exatamente a roupa e a flor em meu cabelo. Eram as mesmas da foto que estava na caixa. Eu usava um vestido de alças creme superlargo, que ia até a altura dos joelhos. Estava descalça, e a flor no meu cabelo era cor-de-rosa. Caramba... eu parecia tão nova...

— *Estou tentando descobrir como isso funciona* — ele respondeu.

— *Como se você não soubesse, tonto.*

Sorri. Bom... acho que eu era realmente igual a ela.

— *Tonto?! Você vai ver quem é...* — Evan começou, mas a tela se apagou antes que completasse a frase.

Eu o encarei, sentado ao meu lado, com o olhar fixo na televisão. Havia acendido um cigarro. Outro. Estava tão imerso em pensamentos que eu duvidava de que ele soubesse sequer o que estava sendo reproduzido no aparelho naquele momento: nós dois sentados um ao lado do outro num sofá de couro, conversando com a câmera.

— *Hoje é o nosso aniversário de dois anos!* — exclamei. — *E queremos deixar registrado aqui que...*

— *Você quer* — ele corrigiu, e eu respondi com um soco de leve no seu ombro, sem desviar os olhos da câmera.

— *Que hoje começa o nosso projeto de construção da nova área. O Evan está muito animado, como você, pessoa do futuro, pode ver* — brinquei, mexendo a cabeça na direção dele, que parecia mais entediado do que nunca. Pude ver agora, pelo canto do olho, que ele estava sorrindo ao assistir à cena. — *O que você tem a dizer para os nossos descendentes do futuro?*

— *Nós não vamos ter descendentes. Eu não posso ter filhos* — falou, levantando uma sobrancelha, divertido. Só continuou depois de eu tê-lo

xingado de “idiota estraga-prazeres”. — *Mas eu gostaria de deixar registrado aqui que estou muito contente por levar essa ideia maravilhosa adiante* — continuou, fazendo uma voz exageradamente fina e piscando rápida e repetidamente, como se estivesse me imitando. — *Não haveria nada que eu pudesse pedir de melhor, mas... Eu não vou mais fazer isso, Amy.* — Agora sua voz havia voltado ao normal. — *Sinto muito.*

— Gente do céu, Evan! Você sempre foi babaca assim, então? — perguntei, chocada, encarando-o com certa descrença.

O vampiro sorriu, me puxando para perto e me fazendo me apoiar nele. Soprou uma nuvem de fumaça para cima e bateu as cinzas do cigarro num cinzeiro de vidro que eu nem tinha visto que estava ali.

— E você sempre teve bom gosto — respondeu.

Voltei a olhar para a tela, balançando a cabeça em desaprovação. Engraçadinho.

Agora passavam imagens minhas, rápidas e aleatórias, em vídeos curtos. Parecia que ele realmente gostava de me gravar, e eu sabia exatamente o motivo. Eu não era imortal, e Evan queria ter uma lembrança da minha existência vista pelos seus olhos.

Não demorou muito até o filme acabar, e eu pedir a ele que colocasse outro. Evan se levantou do sofá e foi até o aparelho de reprodução, tirando o disco de dentro dele.

— Eu tenho certeza de que você não vai achar os outros tão interessantes quanto este. Eu demorei bastante tempo pra separar os mais legais aqui.

— E os outros? — questionei. — Os que têm a Celena?

— A Celena nunca esteve em um vídeo — respondeu apressadamente, voltando a colocar a caixa com o CD na estante.

— Então me mostre os menos legais — pedi.

Ele me encarou por alguns segundos, imóvel, antes de suspirar, pegando mais uma caixa e colocando outro disco no mesmo aparelho. Voltou a se sentar ao meu lado logo depois, mas não me abraçou. Apenas esperou que o vídeo começasse.

— *Me deixa... Deixa eu... segurar a... câmera! Andrew!* — ouvi alguém dizer. Era um garotinho, que saltava de um lado para o outro em uma imagem borrada que se movia rapidamente, como se a pessoa que filmava estivesse se debatendo.

Eram os meus irmãos. Stephan e Andrew. Ouvi a voz de Stephan implorando pela câmera, e só desistiu depois de ser xingado de boboca pelo irmão, que alegava ter mais direitos por ser o mais velho. Um ano mais velho. Como se fosse muita coisa...

— *O Evan disse que eu poderia gravar se fosse um bom menino e escondesse os cigarros dele onde a Amélia não pudesse achar* — Andrew falou, gravando a si mesmo, com aquele olhar de sabe-tudo superior.

Olhei para o vampiro ao meu lado, boquiaberta. Estava chantageando meus irmãos em troca de uma gravação? Que baixaria era aquela?! Evan deu de ombros, sorrindo um pouco, sem tirar os olhos pensativos da tela.

— *Enfim... estamos aqui numa cobertura completa do que vai ser a maior festa do século!* — exclamou o garoto.

— *O casamento da Amy e do Evan* — continuou Stephan, revirando os olhos, visivelmente entediado. — *E vai demorar horas... Ei, espera... Acho que vai começar, Andy. Grava! Grava!*

O garoto de olhos e cabelos escuros apontou para algum lugar, e Andrew virou a câmera naquela direção.

Havia várias pessoas sentadas na grama, em uma grande clareira. O céu estava nublado e ventava um pouco, nada que atrapalhasse a ocasião. Estavam todos virados para um enorme arco de madeira

retorcido e cheio de flores, e havia um cara com uma túnica branca ali. Devia ser ele quem celebraria a cerimônia.

— *AÍ, EVAN! VAI NESSA, CARA!* — alguém gritou poucos segundos antes de o vampiro aparecer.

O noivo usava uma calça social preta que devia ter sido costurada na última hora, com um chapéu coco da mesma cor e uma camiseta branca lisa. E o imbecil tinha um cigarro na boca. Que tipo de noivo era aquele?!

Enquanto passava pelo corredor livre entre as pessoas para chegar ao altar, seus amigos se levantavam e davam tapinhas em suas costas, encorajando-o ou recomendando que desistisse, pois ainda dava tempo. Ele apenas sorria e continuava andando.

Quando apareci, poucos minutos depois, Evan fez questão de jogar o cigarro em algum lugar antes que eu visse que estava fumando e colocou as mãos em frente ao corpo, fazendo aquela postura de bom moço que não combinava em nada com ele.

Eu vestia uma quantidade enorme de panos brancos costurados de qualquer jeito e uma coroa de flores da mesma cor. Segurava duas ou três rosas vermelhas e estava descalça. Enquanto caminhava na direção de Evan, Andrew deu zoom na câmera e ficou óbvio que eu estava chorando. Revirei os olhos. Que manteiga derretida, Amélia!

Quando finalmente o alcancei, o homem de túnica começou a falar frases aleatórias que tinham a ver com eternidade e compromisso. Trocamos alianças e depois... Depois Evan simplesmente me pegou no colo e saiu correndo em velocidade vampírica para longe de lá antes que qualquer um pudesse pensar em aplaudir.

— *Pra onde ele...* — começou Andrew, baixando a câmera. Sem que ele pudesse terminar, a tela se apagou. O aparelho havia desligado.

Havia sido aquele o nosso casamento? Sorri, balançando a cabeça. Ele simplesmente tinha me pegado e levado para longe antes que pudessem nos parabenizar?

— Nós poderíamos ter dado uma grande festa depois, mas eu só queria ficar com você — disse ao meu lado, se levantando.

Evan guardou o disco de volta na caixa e caminhou para a porta de saída sem dizer mais nada. Olhei por cima do ombro enquanto ele a abria. Antes que pudesse me deixar sozinha, perguntei, franzindo o cenho: — Aonde você está indo?

— Tenho algumas coisas pra fazer. Dar uma satisfação a todo mundo sobre o que você fez vai ser a primeira delas.

— Mas... você não vai dizer nada? — questionei. — Sobre o vídeo, ou sobre o resto? Não vai me contar alguma coisa engraçada sobre o lugar pra onde me levou ou o que nós fizemos lá?

Pude ver os cantos de seus lábios se levantarem em um sorriso quase imperceptível, cheio de tristeza, antes de me dar as costas e me deixar sem dizer mais nada. Bufei, voltando a me sentar no sofá, encarando a TV desligada. Mais uma vez, a montanha-russa “sentimentos do Evan” estava ativa. Tudo o que me restava fazer agora era apertar o cinto e esperar até que o passeio acabasse.

A CRUZ E A ESPADA

EVAN

Eu a havia deixado sozinha no porão da minha casa depois do que poderia ser um dos momentos mais enjoativamente românticos da história, mas... não consegui evitar. Alguma coisa golpeava meus pensamentos como uma marreta a cada vez que eu olhava para ela depois de vê-la matar Richard com as próprias mãos. Quem conseguia pensar em agarrção e coisas do tipo quando... Ok, não importava. Eu conseguia pensar nessas coisas a qualquer momento, mas se existia algo que podia tirar a minha atenção era sangue. Da forma positiva e da negativa. Naquele caso, a experiência não havia sido boa.

Acendi o que devia ser o vigésimo sétimo cigarro do dia enquanto saía de casa, sob o olhar de todos do lado de fora. Mantive a cabeça erguida, sem olhar para ninguém enquanto caminhava até o ginásio, a fim de verificar se haviam limpado tudo e se livrado do corpo. Ignorar caras de desaprovação era uma arte que eu dominava, e não estava sendo nem um pouco desafiador fazê-lo naquele momento. Para a sorte deles.

Quando cheguei, não havia mais corpo algum, mas ainda esfregavam o chão para eliminar os últimos resquícios de sangue. Avistei meus três cúmplices do "crime" e parei perto deles antes de agradecer pelo que estavam fazendo.

Eram Dean, Yone e Kyle que estavam ali. Apesar de os dois primeiros serem bem mais próximos, eu confiava no garoto. Eu pessoalmente o havia escolhido para entrar no grupo dos Guerrilheiros, o que era raro.

Eu o encontrara perdido no meio do nada, um menino de catorze anos aprendendo a viver sozinho na fronteira da guerra entre a Área

Chicago e a Área Henrique VIII. Depois de acolhê-lo na cidade, consegui alguém para ajudá-lo a desenvolver seu poder de rastreador. Kyle tinha talento, e, como os contêineres vinham ficando cada vez mais raros, eu o chamei para ser um dos Guerrilheiros.

— Evan — Kyle disse, aproximando-se de mim depois de guardar o esfregão no depósito do ginásio. — Será que nós podemos conversar?

Assenti, enchendo os pulmões de fumaça o máximo que consegui antes de nos despedirmos dos outros dois com acenos de cabeça e seguirmos na direção das arquibancadas.

Nos sentamos no degrau mais alto. Mantive o corpo virado para a frente, sabendo pelo seu olhar que ele estava prestes a me dar uma lição de moral que não me agradaria nada. Soltei a fumaça, assoprando alguns anéis e esperando que Kyle tomasse coragem ou sei lá o quê para começar a falar. Eu podia ler mentes, mas isso não significava que eu usava esse poder com todos a minha volta, afinal existem coisas que é melhor não saber. Eu tinha aprendido, do modo mais difícil, que todos têm segredos que não devem ser revelados nem em pensamento.

— Evan — ele começou, um pouco trêmulo e relutante —, eu sei que parece muito idiota da minha parte, mas... está tudo bem com você ultimamente?

— O que você considera “bem”, Kyle? — perguntei, juntando um pouco as sobrancelhas, ainda sem o encarar. — E o que quer dizer com “ultimamente”?

— Eu sei que você tem enfrentado problemas com o pessoal do clã. Eles são muito rígidos nas ideias, e você, pra se defender, como com certeza eu também me defenderia, está um pouco afastado. Isso afeta todos os lados, e eu percebo que vem afetando principalmente a sua relação com a Lollipop, estou certo? Como se esse povo intransigente não aceitasse a relação de vocês. Sendo idiotas como são, não entendem que ela é importante pra você e faz parte da sua vida. E eles também não

entendem que não é ela que vai mudar quem você é e o fato de que você faria tudo por nós, até o fim. Não faria?

Não pude deixar de me perguntar o motivo de todos os assuntos levarem até Lollipop. Quer dizer... ela tinha matado um membro do clã, só que não era exatamente disso que estávamos falando. Traguei o cigarro mais uma vez, dando um tempo a mim mesmo para pensar numa boa resposta que pudesse contrariá-lo, mas ela não existia. Por enquanto.

— É claro que eu faria — respondi, como se fosse óbvio. — Sempre fiz, e sempre vou fazer. Desde que seja a coisa certa.

— E é exatamente por isso que estou aqui! O que eles estão fazendo é errado, e eu me sinto incomodado com isso. Todos sabem que você seria capaz de qualquer sacrifício por nós, mas eu sinto que... a qualquer deslize seu eles já estão prontos para te criticar.

— Não é a melhor parte de ser um líder, mas, se eu fosse chorar pelos cantos cada vez que falarem mal de mim pelas costas, acho que não sairia do quarto — brinquei, no fundo concordando com ele.

— É claro que você não faria isso, porque não é qualquer um. Apesar de sempre atender os pedidos de todos no clã, nunca se deixou intimidar por qualquer tipo de crítica. Mas é aí que está a minha pergunta. Você tem certeza de que não fica incomodado por saber que as pessoas falam coisas sobre quem você ama?

Parei por um segundo, me permitindo pensar de verdade no que Kyle estava dizendo. Sam havia dito coisas parecidas pouco tempo antes. Era um sinal? Ha-ha. Eu não acreditava em sinais. Não mesmo. Me endireitei, olhando para ele, e permaneci em silêncio, esperando que entendesse que essa reação seria tudo o que conseguiria de mim.

— E você, honestamente, não se preocupa com o que o clã é capaz de fazer? Que eles são uns bundões você já sabe, porque tem mais que o triplo da minha idade só de liderança de clã... sem querer ofender. Mas

você não pensa que eles podem fazer uma assembleia e te obrigar a expulsar a Lollipop?

— Eu nunca faria uma coisa dessas. Ela estava tentando defender a amiga — falei, pensando que talvez, se eu pronunciasse aquelas palavras em voz alta, pudesse acreditar nelas. — Eu conheço a Lollipop há muito mais de cem anos. Tenho certeza que ela não seria capaz de machucar alguém por crueldade.

Parei de falar, sentindo que não deveria ter dito aquilo, já que eu sabia que não era verdade. Celena mataria, e ela e Lollipop eram, no fundo, a mesma pessoa. Que droga! Lollipop tinha se convertido tão rápido no assunto principal da conversa que nem consegui acompanhar. Traguei o restante do cigarro antes de jogá-lo no chão e pisar em cima dele. Eu não podia negar que, de uma forma ou de outra, todas as direções sempre dariam nela. Segundo o clã, ela era o problema, não eu.

— Evan, quem foi a Celena? Uma garota que você amou e que não é a Lollipop, isso é evidente. Mas as pessoas do clã só tiveram, como demonstração real de quem ela é, a ação dela matando outra pessoa. É por isso que o clã anda tão agitado. Apesar de não ser a Celena, a Lollipop infelizmente agiu como ela agiria. Foi inconsequente e te deixou em uma posição muito delicada.

— Mas não foi de propósito. Quer dizer... — Estreitei os olhos, desviando o olhar. Não tinha sido de propósito, mas qual era a explicação lógica para aquilo? Balancei a cabeça. Não. Eu a conhecia muito mais do que ela conhecia a si mesma. Lolli era incapaz de machucar uma mosca. — Além disso... — continuei, mudando de assunto antes que meu interlocutor começasse a pensar demais, tirando conclusões precipitadas. — Eles a conhecem, sim. Conviveram com ela por tempo suficiente para saber quem ela é. Nem a lembrança do que a Lollipop fez com o Richard chega perto do que era a Celena.

— Mesmo que não chegue nem perto, a Lollipop agiu como a Celena nas histórias que você contava, e isso pode ter assustado todo mundo. Como se eles acreditassem que ela está de volta e que as duas são iguais. Mesmo que eu e você saibamos que a Lollipop não é assim. Um dia, por uma única vez em toda a sua vida, você se deixou ser enganado, e foi pela Celena. Se eles acharem que ela está de volta, nada garante que as suas atitudes antigas não voltaram também!

Me levantei. Não sabia se ficava irritado com Kyle, por esfregar a verdade na minha cara sem piedade, ou com o clã, por ser estúpido a ponto de... buscar proteção. Coloquei as mãos na cabeça. Eu precisava de uma bebida. Alguma coisa que me ajudasse a esquecer tudo aquilo. De preferência, uma coisa que me fizesse deixar de existir. Pelo menos até eu estar com os pensamentos em ordem.

— O que você quer que eu responda, Kyle? — perguntei finalmente, ainda de costas para ele.

— Quero que você nunca se esqueça de quem é: o nosso líder. A quem eu confiaria a minha vida de olhos fechados. Eu quero que você faça o clã se lembrar de quem você é, mesmo que isso doa. E quero que saiba que estarei aqui, se precisar, e que eu não falei nada disso pra te ofender, só queria te lembrar da importância que tem para todos nós — Kyle fez uma pausa, como se me desse tempo para digerir. — Sei que isso tudo pode ser um fardo pesado demais para carregar, mas a segurança e a vida de centenas de pessoas estão nas suas mãos. Então você precisa analisar se o risco das suas escolhas vale a pena.

— Então o que você está me dizendo é que eu devo expulsar a Lollipop? — perguntei. — Se for, saiba, antes que essa ideia possa se formar na sua cabeça, que eu nunca faria isso, sendo líder da minha casa, do clã ou do mundo inteiro.

— Eu nunca disse isso. Só espero que analise todas as opções pesando os prós e os contras. Acho que você precisa fazer o clã voltar a

acreditar que pode confiar na sua liderança. Eles precisam saber que você pensa na vida de todos, e não somente na dela. Talvez você precise mostrar que continua sendo o líder que sempre foi e que não está sendo enganado de novo pela mesma pessoa.

Trinquei os dentes, baixando o olhar para o meu All Star. Ok, Kyle podia até ter razão, mas não era uma coisa que eu poderia decidir assim, de um segundo para o outro. Ainda mais quando se tratava de Lollipop.

— Tudo bem... Obrigado, Kyle — murmurei, antes de descer as arquibancadas em velocidade vampírica e voltar a caminhar normalmente assim que alcancei a quadra.

Se algo daquela conversa havia tocado o meu ponto fraco, tinha sido a traição de Celena. Ela não era tão sutil quanto Lollipop, mas também não era o demônio que parecia ser. Era selvagem, corajosa como um incêndio em uma floresta. Destruía tudo o que via pela frente e tomava o resto para si. Eu gostava disso nela e sabia que Lollipop podia muito bem agir assim se lhe desse na telha. Ou se pisassem no seu calo. Eu vira o brilho em seu olhar no dia em que a conhecera, e no dia em que a beijara pela primeira vez.

Tomei o caminho para casa, sabendo que ela estaria lá. As palavras de Kyle ecoavam em minha mente. Só de pensar que podia existir uma chance, ainda que mínima, de Lollipop estar me enganando novamente... Não, isso não era possível, ela não era Celena... Ela era diferente. Pelo menos eu lutava desesperadamente para acreditar nisso, principalmente depois de tudo o que acontecera no ginásio. Depois da forma como ela matara Richard, sem piedade.

PALAVRAS CRUÉIS



Já fazia mais de duas horas que Evan estava fora. Não tive coragem de continuar naquela sala assistindo aos discos que traziam imagens minhas, então subi para o térreo e me plantei no sofá, esperando algum sinal de vida de Jazz ou Sam. Nada. Compreensível. Eram quase onze da noite, e os dois já deviam estar dormindo.

Decidi tomar um banho e trocar de roupa. Sim, outro banho. Não me sentia limpa. Como, sabendo que havia matado uma pessoa naquele dia?

Quando voltei para a sala pela segunda vez, encontrei Evan no sofá, uma garrafa de sangue pela metade nas mãos, encarando o chão com o olhar parado. Quase parecia uma estátua de mármore.

Fui até ele, me sentando ao seu lado e passando a mão pelo seu cabelo. Dava para ver que não estava em seu melhor momento, então tentei não usar um tom de cobrança: — Onde você estava?

— Por aí. — Deu de ombros e virou a cabeça para o outro lado, como se quisesse que eu o deixasse em paz.

Me afastei, sentando um pouco mais distante no sofá, meio confusa. Há pouco Evan estava todo compreensivo, depois ficou nostálgico... e agora parecia em outro mundo? O que estava acontecendo? Com certeza tinha a ver comigo, já que ele nem sequer havia olhado na minha cara desde que eu chegara, mas... não me lembrava de ter dito ou feito algo que pudesse deixá-lo irritado.

— Não comece com o questionário — resmungou, lendo o que eu havia pensado. — Já sou grande o suficiente pra resolver os meus problemas.

— Isso não quer dizer que eu não possa me preocupar, Evan — respondi, um pouco magoada com o tom dele.

— Só que eu não te devo satisfações. Então se quiser ficar preocupada...

— Ei, ei, ei! — interrompi, me levantando. — Não é culpa minha se você não está de bom humor, ok?

Evan sorriu com descrença e balançou a cabeça, enquanto pegava um maço de cigarros do bolso, prestes a acender um. Empurrei sua mão, fazendo-o largar. Estávamos no meio de uma discussão. Ele não iria fumar naquele momento para se distrair.

— Porra, o que você quer de mim?! — exclamou, com a voz mais alta do que eu esperava.

— Quero que você me diga o porquê de ter ido embora do nada agora há pouco e o porquê de estar tão irritado neste momento.

Evan se levantou, me deixando sozinha no sofá. Continuava segurando a garrafa de sangue, e começou a balançá-la, em um gesto de nervosismo claro. Seu comportamento não me agradava nem um pouco, e algo me dizia que aquela conversa não acabaria bem.

— Você matou uma pessoa hoje, Lollipop! — gritou, e eu me encolhi. Ele nunca tinha falado comigo assim. — O que você quer que eu faça? Era um dos membros do *meu* clã. Uma das pessoas que eu ajudei a se estabelecer aqui. Você quer que eu finja que você não é uma assassina, que ignore completamente a morte dele?!

— ASSASSINA?! — Me levantei também, sentindo os olhos se encherem de lágrimas.

Ele não tinha o direito de falar daquele jeito comigo, de me chamar de assassina como se nunca tivesse matado alguém na vida. O que acontecera mais cedo estava fora do meu controle. Se eu tivesse escolha, nunca teria encostado um dedo em Richard, mas algo dentro de mim

despertou uma raiva descomunal, que me cegou e guiou meus membros até chegar àquele resultado. Como se meu corpo estivesse possuído.

— Eu sou uma assassina?! — gritei, tentando segurar o choro. — A única pessoa deste clã que mata pessoas pra beber o sangue é você, Evan, então não venha me apontar o dedo sem olhar pra si mesmo antes.

— Você é a pessoa mais dissimulada que eu já conheci! — berrou. — Fala como se as suas mãos não estivessem mais sujas de sangue do que as minhas!

Eu sabia exatamente a quem Evan se referia: Celena. O quê? Agora ele não acreditava que eu não me lembrava da minha vida anterior? Achava que eu o enganava até mesmo em pensamentos? Ha-ha... Como se ele não pudesse ler minha mente e tirar suas próprias conclusões.

— Evan, mas que merda! — Meu tom agora era um pouco mais baixo, já que algumas das lágrimas haviam escapado e eu estava preocupada demais em secá-las antes que ele as notasse. Não notou, já que havia se virado para o outro lado. — Eu não sou a Celena! Você sabe que eu nunca seria capaz de...

— Ah, não? — Ele voltou a olhar para mim. — E o que você fez hoje foi o quê? Eu vi, Lollipop. Nos seus pensamentos, você sabe que foi você quem fez aquilo, a sua raiva. Um sentimento que com certeza não veio de outra pessoa. — Fez uma pausa, se aproximando. — Ou você pensa que eu sou burro? Já fui enganado uma vez. Não vai acontecer de novo.

— Quer dizer que, pra você, eu sou um tipo de interesseira mentirosa? — Sorri com descrença, sentindo a tristeza ir embora para dar lugar à raiva. — Realmente, você não cansa de ser idiota. Tenho certeza absoluta de que alguém enfiou essa ideia na sua cabeça. Você é tão influenciável que chega a ser patético!

Evan jogou a garrafa de sangue na parede, e ela se quebrou com um barulho alto, espalhando o líquido para todos os lados. Deu alguns passos na minha direção e levantou o indicador. Chegou tão perto que quase pensei que viesse para cima de mim.

— Cala a boca agora, ou eu...! — berrou.

— Ou você o quê? Vai tentar de me bater? Me matar? — questionei no mesmo tom. Eu o empurrei para trás com força. — Vai fazer o quê, Evan?!

Esperei a resposta por alguns segundos, parada a centímetros dele e o encarando como se o desafiasse a responder a qualquer uma daquelas perguntas. Como ele demorou tempo demais, me afastei. Peguei a direção da porta que levava à cozinha e a bati com força atrás de mim, ignorando quando ouvi meu nome: — Lollipop! Eu não admito que você me dê as costas!

Cruzei os braços, sem ousar olhar para Evan enquanto o ouvia abrir a porta e a fechar com outro baque. Parou atrás de mim, e, quando continuou, seu tom não era nem um pouco mais suave: — Eu posso te expulsar daqui no momento em que eu quiser, sabia disso? E pode ter certeza de que *ninguém* vai discordar de mim. Afinal todo mundo acha que você é uma assassina!

— Inclusive você, não é mesmo? O babaca idiota que foi enganado durante meses por mim, mesmo tendo passado por isso anos antes. — Me virei para ele. — Sabe o que eu acho? Que você se sente tão incapaz de comandar este clã que precisa jogar a culpa das coisas nas pessoas, pra poder se sentir útil enquanto finge resolver um problema criado na sua própria cabeça.

Em um piscar de olhos ele estava à minha frente mais uma vez, praticamente colado em mim. Seus olhos tinham atingido um tom de verde forte quase anormal, e as presas haviam descido. Rosnou: — *Foda-se* o que você pensa. Não preciso da sua opinião nem de você.

— Então eu vou embora — respondi num sussurro, já que minha garganta havia fechado por causa das lágrimas.

Fui para a porta novamente, com a mão na maçaneta para sair antes que começasse a chorar descontroladamente na frente dele. Mas nem tinha aberto e ele continuou: — Eu nunca deveria ter deixado você ficar aqui. Devia ter te matado quando tive a chance.

Meu coração apertou assim que ele parou de falar, e as lágrimas transbordaram dos meus olhos. Ele não tinha dito aquilo. Não tinha... Saí da cozinha, atravessei a sala e subi a escada em alta velocidade, deixando-o para trás.

Me tranquei no quarto e me apoiei na porta fechada enquanto escorregava até o chão, com as mãos na cabeça.

Aquelas palavras, e a forma como foram ditas, me machucaram mais que qualquer agressão. Eu sabia que tinha sido dura com ele também, mas... nunca tinha dito que preferia vê-lo morto, e nunca tinha dito que não precisava dele, como se fosse um tipo de objeto descartável. Eu o amava, e vê-lo pensando aquelas coisas de mim partia meu coração.

— Garotinha — ouvi Evan chamar atrás da porta. Seu tom agora era suave, quase... doce. — Garotinha, por favor, eu...

Eu não queria ouvir. Não mais. Afinal qual seria a próxima ofensa? Eu não queria ter a oportunidade de saber. Naquele momento eu só precisava que ele me deixasse em paz.

— Se é o que você quer, então está bem — continuou. — Eu sinto muito.

E ele obedeceu. Me deixou para trás com suas palavras ecoando em minha mente, parecendo cada vez mais cruéis conforme se repetiam, até que finalmente eu me convencesse de que o melhor era ir embora. Se era o que ele queria, então era o que eu iria fazer.

O TEMPO

EVAN

Há muito, muito tempo, quando a Quarta Guerra ainda não dava sinais de existência e Liam era vivo, meu irmão e eu costumávamos passar o tempo viajando pelo mundo. Conhecíamos tantas cidades que eu jurava que em breve teríamos percorrido o mundo inteiro. Liam sempre fora o inteligente e, embora não fosse nem um pouco tímido, tinha muito mais cuidado ao se aproximar das pessoas. Era mais sutil também, com sua telepatia. Eu não. Eu era o forte, o impulsivo, aquele que ganhava os outros com piadas e festas extravagantes. Quando nada disso dava certo, eu controlava o corpo de quem quer que fosse para servir minha vontade por meio do que eu chamava de FOR. O fato é que nós nos completávamos. Ele tinha o poder de ler a mente de qualquer pessoa, enquanto eu as controlava.

Nunca chegamos a nos apaixonar pela mesma garota, e isso era um luxo cujo valor poucas pessoas conheciam. Ele preferia as corajosas, rebeldes, como cavalos selvagens. Tinha orgulho de domá-las com seu “joguinho de sedução patético”, como eu costumava chamar.

Eu me sentia atraído por aquelas que ficavam de longe, observando tudo com um sorriso irônico e uma frase na ponta da língua para rejeitar qualquer um que se aproximasse. Sabia que, assim que ganhasse seu coração, essa garota saberia amar como ninguém mais, porque teria confiança em mim. Na cabeça dela, quem tinha tentado conquistá-la a qualquer custo não a usaria.

Violet Travis Goyle agia de ambas as formas sem esforço algum, e se saiu muito bem em seduzir os dois irmãos ao mesmo tempo. Para seu azar, porém, não éramos do tipo que briga por mulher. Preferimos

desistir dela para não perder nenhum ponto na relação que mantínhamos. Só que Violet não sabia lidar com rejeição, e foi aí que os problemas começaram.

Eu não conseguia ler mentes naquela época e muito menos era o mais inteligente, então caí como um patinho quando Violet me disse que Liam fora pego por um grupo de vampiros cruéis que queriam um tipo de recompensa pela vida dele. Só percebi que era mentira quando chegamos lá e encontramos um grupo de seguranças armados de seu pai, que queria me sequestrar para fazer experimentos. Meses antes eu havia revelado a ela o que Liam e eu éramos, e nunca me perdoei por isso.

E é nesse ponto da história que chegamos à parte triste.

Entre Liam e eu existia uma coisa chamada “ligação psíquica”, ou “telepatia entre gêmeos”. Sempre que um estava em perigo, o outro sabia. Sentíamos na pele as emoções um do outro. Então, quando Liam saiu feito uma tempestade para ir atrás de mim e chegou ao local onde a armadilha fora montada, eu soube que não era coincidência. Ele sabia que havia algo errado.

Matamos todos ali sem o menor esforço, e em seguida bebi cada gota de sangue do corpo daquela... de Violet, só porque estava com raiva e não admitia ser enganado por ninguém. Liam tentou me impedir, mas eu nunca pensava muito antes de fazer as coisas. O que eu não sabia era que um exército de servos de Leonard Travis Goyle me esperava do lado de fora. É claro que ele não contava com o fato de que eu mataria sua filha e, assim que invadiu o galpão em que estávamos e viu o corpo dela sem vida no chão, perdeu o controle.

Não conseguiríamos dar conta daqueles caras, ainda mais armados como estavam, mas era preciso tentar. Pelo menos um de nós tinha que sair vivo dali, e nunca pensei que seria eu.

Agora saímos da parte triste e entramos na corrente interminável de ações e reações que nos levou até onde estamos.

Se eu não tivesse ficado na mira da arma de Leonard, Liam nunca teria entrado na minha frente. E não estaria morto.

Se eu não tivesse matado a filha de Leonard por orgulho, ele não teria dedicado sua vida a criar um instituto especializado em fazer experimentos abusivos, torturando até a morte vários metacromos, que ele confundira com vampiros, envolvendo essa peculiar terceira parte da humanidade numa guerra que não era dela.

Se eu não tivesse escapado do Instituto, ele não teria se tornado o governador do mundo inteiro apenas para perseguir e matar qualquer um que tivesse a mínima chance de ser como eu. Não teria dizimado nações inteiras em busca de vingança contra mim e minha espécie. Não aprisionaria centenas de metacromos, para torturá-los com pesquisas cruéis em busca de desenvolver uma forma de tornar seus comandados mais fortes para me destruir.

Se eu não tivesse ficado parado em frente à mira daquela arma, seria Liam quem estaria vivo, e o mundo seria um lugar melhor.

Porra, se eu não tivesse nascido, o mundo não estaria na situação em que estava agora.

Mas não havia volta para nenhum desses eventos, por mais que eu lamentasse.

Mais de duzentos anos depois da morte do meu irmão, finalmente encontrei alguém para me dizer que eu ainda tinha salvação. Uma pessoa que me mostrou que eu poderia ser amado, que não era o monstro que pensei que fosse: Amélia.

Mas eu a perdi também, quando não consegui proteger seus irmãos do ataque de um clã. O Instituto a capturou quando ela decidiu ir embora por causa da dor, que se transformou em raiva, uma raiva que

tomou conta de quem ela seria na vida seguinte, depois de perder a memória. Celena.

Na noite em que Liam morreu, fui levado pelo Instituto e tive cada célula do meu corpo e mente vasculhada pelos cientistas. Ali eles descobriram que de alguma forma, com a morte do meu irmão gêmeo, eu tinha absorvido parte de seu poder. Era como se, vivos, fôssemos partes de um todo, e, com a morte dele, passei a ser inteiro.

Mas meu novo poder tinha uma falha. Os pensamentos são divididos em dois níveis: o primário, que pode ser controlado; e o secundário, que não podemos controlar. Por exemplo, imagine uma pessoa apaixonada que não quer admitir seus pensamentos. No primário, ela pode dizer para si mesma: *Eu não gosto dele(a)*. Já no secundário ela sabe que está apaixonada e não consegue mentir para si mesma. E a falha no meu poder era esta: ao contrário de Liam, eu podia ler apenas os pensamentos primários.

Minha sorte é que as pesquisas do Instituto nunca vazaram, então as pessoas desconheciam essa divisão de pensamentos. Obviamente, preferi deixar isso em segredo e só contei para uma pessoa: Celena. E ela usou essa informação para me enganar. Foi a partir daí que decidi que esse seria meu maior segredo e eu nunca mais abriria a boca sobre isso, por mais que confiasse em alguém.

Mas agora eu tinha Lollipop. Ela era doce como Amélia e corajosa como Celena. Uma mistura desigual das duas, que pendia mais para o lado da primeira, aquela que me ensinou a amar novamente. Lollipop era minha terceira chance de fazer algo de bom, uma coisa certa pelo menos.

Samuel, que apareceu em algum momento antes dela, me fez ser feliz de novo, mas levou um tempo. Lollipop não. Ela ganhou meu coração assim que a vi, e parecia que tudo o que eu sentira antes,

quando Amélia ainda estava comigo, voltara à tona tão rápido quanto tinha se perdido.

Mas eu tinha estragado tudo mais uma vez.

Eu conhecia meu dever como líder e o que todos achavam que eu deveria fazer em prol do clã. Tudo isso, somado ao medo de ser enganado outra vez, só podia dar merda. E eu, mais uma vez, perdi uma das pessoas que mais amava no mundo.

— Evan — ouvi Sam chamar da escada.

Eu estava sentado no bar no subsolo, com um cinzeiro e uma garrafa de sangue à minha frente. Ambos intocados. Olhei em sua direção. Ele me encarava de um dos últimos degraus.

— Evan, eu não sei o que aconteceu ontem, mas... a Lolli não está no quarto, nem as coisas dela.

— O quê?! — exclamei, me levantando apressadamente e passando por ele. Em velocidade vampírica, subi até o meu quarto.

Não havia mais nada que pertencesse a ela ali. Em nenhuma das gavetas, em lugar nenhum. Pulei da janela para a rua e corri até o apartamento dela e de Jéssica. Também não havia sinal de Lollipop lá.

Saí do edifício, parando no meio da rua principal e olhando para os dois lados. Procurava qualquer sinal dela e, quando a vi carregando, de forma quase desastrada, duas mochilas, seu arco e sua aljava, seguindo sozinha em direção à floresta, não soube dizer se era melhor me sentir aliviado ou desesperado.

— Lollipop! — chamei, caminhando em sua direção e segurando seu braço. Não queria que ela desse mais um passo sequer. — Aonde você pensa que vai?

Ela se livrou do meu aperto com um puxão e me deu as costas mais uma vez. Ah, não. Se estava pensando que eu a deixaria ir embora daquele jeito, estava muito enganada.

— Ei. — Entrei na sua frente. — Eu perguntei aonde você pensa que vai.

— Embora — respondeu, com o olhar grudado no chão e as bochechas vermelhas.

Eu a soltei, balançando a cabeça, sem saber como começar a lhe pedir desculpas. O que eu disse foi cruel demais, e eu sabia disso; só não fazia ideia de como me redimir. Não a culpava por ter levado aquilo tudo muito a sério. Depois daquilo, não tinha como Lolli ter ideia do quanto eu a amava.

Eu não queria que Lollipop fosse embora, e o simples fato de ter pensado que minha vida acabara quando Sam disse que ela havia sumido, mesmo que tivesse durado apenas alguns minutos, foi o suficiente para eu perceber isso. Como pude falar daquele jeito com ela? Suspirei. Eu falava com Celena daquela forma, mas Lollipop era completamente diferente.

— Eu não quero que você vá embora — soltei, colocando as mãos em seu rosto e o virando na direção do meu, embora ela mantivesse o olhar distante. — Sei que fui um babaca ontem à noite e que tudo o que eu disse foi imperdoável, mas saiba que era tudo mentira. Eu estava com medo de ser enganado mais uma vez, você tinha razão. Só que eu não fui inteligente o bastante pra lembrar que você nunca seria capaz de fazer uma coisa dessas.

Lollipop recuou, afastando minhas mãos. Um discurso cheio de palavras bonitas e frases feitas não a faria me perdoar. Pelo menos era isso o que ela estava pensando naquele momento.

— Não posso ficar aqui só esperando a próxima vez que você vai esquecer que eu não sou a mesma pessoa — respondeu, antes de passar por mim, esbarrando em meu ombro e seguindo pelo mesmo caminho de antes.

Agora havia uma plateia nos encarando, como se aquilo fosse algum tipo de show. Resisti ao impulso de mandar todos irem para o inferno e voltarem a cuidar da própria vida. Não eram eles que importavam naquele momento.

Me virei para ela, vendo-a ganhar certa distância. Eu tinha que agradecer a Emily por ter feito tantas roupas para Lollipop, dificultando ainda mais seu trabalho com a mochila. Abri um sorriso, observando-a tropeçar na aljava, que carregava em uma das mãos com o arco, já que a mochila estava nas costas.

— Ei, garotinha. Você sabe que eu não vou te deixar ir a lugar nenhum, não sabe?

— Por que você não acaba logo com isso e me deixa em paz? — questionou, sem parar de andar por um segundo sequer.

— Porque eu te amo, sua idiota. Será que você não consegue perceber isso?

Ela parou, deixando todas as coisas que carregava caírem no chão. Baixou a cabeça, balançando-a como se não acreditasse em uma palavra do que eu dissera. Fui até ela, me colocando à sua frente mais uma vez e fazendo com que olhasse para mim. Os olhos verdes estavam cheios de lágrimas. Afastei sua franja e sussurrei: — Eu *amo* você. E, se for preciso destruir o mundo inteiro ou reconstruí-lo para te provar isso, então é o que eu vou fazer.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou, e uma lágrima desceu pela sua bochecha. — Por que está fazendo isso comigo? Eu não... eu não quero mais me machucar, Evan. Por favor.

— Não vai. — Encostei a testa na dela, olhando fundo em seus olhos para tentar convencê-la de que estava falando a verdade. — Você não vai, porque eu não vou deixar, e nunca mais vou te magoar de novo. Eu te amo, Lollipop, e não tem nada que me deixe mais arrependido do que o que eu te disse ontem.

A cada vez que eu repetia, parecia mais fácil dizer. Depois de décadas carregando aquilo comigo em silêncio, agora ela sabia. Ela finalmente sabia. Só que, naquele momento, tudo o que eu precisava era que acreditasse em mim.

— Eu... — começou, tentando de alguma forma segurar o choro enquanto passava os dedos pelo meu cabelo, colocando-o para trás. — Eu também amo você, seu vampiro babaca, idiota, sarcástico, imbecil, grosseiro, inútil, egoísta e desgraçado. E nunca mais ouse falar comigo daquele jeito, está ouvindo?

Assenti, sorrindo, enquanto ela ficava na ponta dos pés para me beijar, sussurrando que me amava a cada vez que se afastava um milímetro sequer. Eu a peguei no colo e corri para o lugar mais distante possível, fazendo questão de não ver mais nenhum sinal do clã antes de soltá-la no chão. Não queria ficar naquele lugar, com aquelas pessoas que não a desejavam ali. Que eles fossem todos para o inferno.

Assim que achei que tínhamos nos afastado o suficiente, eu a coloquei no chão, e não houve mais tempo para pensar. Lollipop me empurrou contra uma árvore com a telecinese e veio na minha direção, me beijando como se sua vida dependesse disso.

Acho que ela estava começando a pegar prática.

Para minha sorte, é claro.



— Então quer dizer que você ia deixar a sua amiguinha aqui pra eu tomar conta? — Evan brincou de repente.

— A Jazz está muito bem aqui — respondi, sem olhar para ele. — Não a forçaria a ir embora comigo desse jeito. Ela não precisa mais de mim. Já encontrou o lar dela.

— Você também — ele contrapôs, me fazendo sorrir um pouco.

— E o que nós vamos fazer agora? — perguntei, depois de alguns segundos em silêncio, me equilibrando em um dos boletos enferrujados do trilho da ferrovia enquanto Evan segurava minha mão para que eu não caísse.

— Eu vou dizer a eles que você vai ficar e pronto — respondeu, dando de ombros.

Eu não tinha ideia de como tínhamos chegado ali, muito menos de quando tinha surgido aquele assunto, mas era o que era, e nós dois estávamos ali. Ponto-final. Ele bufou, me vendo bambejar de um lado para o outro, me equilibrando em apenas um dos pés, entretida no que fazia.

Por que tínhamos que lidar com aquilo? Por que precisávamos dar satisfações a alguém por minha causa? Eu o queria, simples assim. Ninguém poderia nos separar.

— Só que eu não sou da sua família — argumentei, parando e me virando para ele, ainda em cima do trilho. — E eles podem me expulsar.

Ele sorriu de um jeito quase travesso antes de recuar um passo, sinalizando para que eu esperasse. Eu o encarei enquanto se afastava. Evan caminhou até o início da floresta que ladeava a ferrovia, se esticou para alcançar um galho e o puxou.

Quando voltou, carregando-o nas mãos, simplesmente continuou andando, e eu o segui, confusa, saindo de cima do trilho e pisando na grama alta e seca ao lado.

— Por enquanto preciso me preocupar em encontrar quem quer que esteja jogando o clã contra nós — disse.

— E como você pretende fazer isso?

— Eu... — começou a explicar, mas uma explosão ao longe o interrompeu.

Evan jogou o galho no chão, se aproximando de mim em seguida, esperando por um sinal de fumaça ou algo assim. Não demorou muito até que a víssemos, subindo escura pelo céu, indicando um lugar alguns quilômetros a sudoeste. Sussurrou para si mesmo, arregalando os olhos: — Eles chegaram. Vieram atrás de mim.

— O que...

Mais uma explosão se seguiu, e ele deu um pulo.

— Sam! — exclamou.

Passou um braço ao redor da minha cintura e me pegou no colo antes mesmo que eu tivesse a chance de pensar em perguntar alguma coisa. Não haviam se passado dois minutos quando finalmente chegamos à Área 4.

Pessoas corriam de um lado para o outro, casas pegavam fogo e homens e mulheres desconhecidos carregavam armas, encurralando e atirando nos membros do nosso clã. Todos eles usavam preto, e os rostos estavam pintados com tinta da mesma cor. Eram Eles.

— SAMUEL! — Evan berrou.

Ele viu Sam e Jazz tirando pessoas de uma casa em chamas e correu em sua direção. Eu estava pronta para fazer o mesmo quando ouvi mais uma explosão, logo atrás de mim. Uma onda de calor me atingiu e fui lançada metros à frente, caindo de cara no chão. Evan me ajudou a levantar assim que me viu, olhando em volta, desesperado. Ele não sabia o que fazer, tinha sido surpreendido. Atacava de volta ou recuava? Essa era a pergunta que eu tinha certeza de que estava ecoando sem parar em sua mente.

Avançou na direção de um grupo encurralado por Eles, matando dois de uma vez em menos de um segundo. Olhei em volta, procurando minhas coisas, que haviam sido deixadas no meio da rua antes de partirmos. Uma das mochilas estava perto dos destroços de uma casa.

Corri até lá. O medo de usar meu poder, perder o controle e machucar alguém do nosso clã, como acontecera no ginásio, ainda me dominava, então eu preferia usar algo que pudesse controlar.

— Vamos, vamos! — murmurei, revirando pedras à procura do meu arco, e lá estava ele. Agora só faltava a aljava, que estava logo à frente.

Eu a coloquei sobre um dos ombros, sacando em seguida uma flecha e a ajeitando no arco. Tensionei a corda e atirei na direção em que Evan tinha ido lutar contra o grupo que encurralava membros do nosso clã.

Corri para a multidão que se formava conforme Sam e Jazz tiravam as pessoas das casas em meio ao fogo, o que já começava a chamar a atenção dos Eles.

— Lolli! Lolli, cubra essas pessoas! — ouvi Sam berrar, entrando em mais uma casa. Ele segurava Jéssica pelo braço para que não se separassem.

Assenti, jogando longe, com a telecinese, dois atiradores que se aproximavam e mirando uma flecha em um dos que estavam no telhado de uma das casas.

— O que eles querem de nós? — uma mulher lamentou, tossindo, aos meus pés.

— Lollipop, atrás de você! — Emily gritou, passando em alta velocidade e me empurrando para me tirar do caminho de uma adaga lançada contra mim.

Assim que recuperei o equilíbrio, peguei mais uma flecha e atirei na direção do ataque, sem me importar em ver em quem acertaria. Eles estavam ali para pegar Evan, e eu não permitiria que o fizessem.

Mais uma explosão.

Já havia um chiado insistente em meu ouvido por causa do barulho alto da gritaria e das bombas e granadas explodindo. Não tínhamos aquela tecnologia. Não tínhamos armas de choque, bombas de gás nem

muita munição. Só podíamos contar com nossos poderes e algumas armas mais rústicas.

Uma mulher dos Eles correu em minha direção, aproveitando o momento em que eu atirava em outro inimigo, que se aproximava de Evan pelas costas. Como não tive tempo para sacar mais uma flecha, o jeito foi acertá-la com o arco no rosto, fazendo-a cair ao chão.

Um helicóptero passou por cima da avenida principal, e dele saltou mais uma dezena de Eles.

— Mas que droga, Evan! — murmurei, atirando mais uma flecha em um dos que passavam correndo, a fim de atacar Yone a alguns metros de mim. Por que o queriam tanto? — JAZZ! — berrei, me aproximando da casa na qual haviam entrado e não tinham saído ainda. — SAM!

Mal se passou um segundo quando finalmente saíram. O garoto carregava uma criança que não passava de cinco anos, e um menino um pouco mais velho estava pendurado em suas costas. Jéssica segurava um bebê em um dos braços, e com o outro ajudava uma mulher a correr para fora.

— Eles não vão aguentar muito mais tempo — Sam disse, colocando o garoto no chão e mandando que corresse para a floresta com seu irmão. — Não estamos prontos pra isso. E esses helicópteros... eles surgem do nada!

— Mas também não podemos fugir. São pessoas demais! — Jazz exclamou, visivelmente desesperada.

— Eu cuido dos helicópteros — decidi, puxando-os para perto e os abraçando o mais forte que podia. — E vocês... levem os outros pra longe.

— Lolli... — começou Jéssica.

— Vão! — interrompi, empurrando-os na direção da floresta antes que ela pudesse terminar.

Observei por alguns segundos enquanto se afastavam, levando consigo o máximo de pessoas que podiam, antes de correr mais alguns metros à frente na rua, olhando para cima ao ver mais um helicóptero se aproximar.

— Ok... Ok, Lollipop. Você sabe o que tem que fazer. Só precisa se concentrar — sussurrei para mim mesma, enquanto o examinava.

Estendi a mão na direção da aeronave. Me concentrei o máximo que podia. Não se tratava de empurrar ou levantar um objeto, mas de explodi-lo no ar para diminuir o risco de acertar alguém.

Quase consegui rir quando o helicóptero se desfez em pedaços no ar, em uma enorme explosão. Aproveitei para jogar os destroços na direção de outro que se aproximava.

Antes que eu tivesse a chance de fazer mais alguma coisa, algo me atingiu em cheio. Havia me pegado no colo, e estávamos nos movendo a uma velocidade inumana. Era Evan.

Ele só me soltou quando estávamos entre as árvores, vendo as explosões de longe.

— O que você está fazendo? — perguntei.

— Te salvando.

— Não! Não, Evan! — gritei, enquanto ele dava as costas para mim e sumia em um piscar de olhos.

Prendi a respiração, sentindo o coração acelerar ainda mais. Não podia ficar ali, sem ajudá-lo. Eu precisava voltar voando para lá. Quanto mais tempo ficasse longe, menos Eles poderia matar.

Ok. O que eu podia fazer?

Ir correndo? Não. Era longe demais.

Espera... "Voltar voando para lá." Voando?

— Isso é muita loucura — murmurei.

Olhei para baixo, para meus próprios pés, sem acreditar na ideia que passava pela minha cabeça. Mas eu precisava tentar, certo? Mesmo que isso significasse fazer uma completa loucura.

Fechei os olhos, me concentrando o máximo possível, tentando imaginar uma bolha de energia ao meu redor, capaz de me fazer levantar do chão. Meu coração batia descontroladamente e, quando abri os olhos, vi que estava imóvel no ar, parada a alguns metros de altura. Era quase inacreditável que eu tivesse conseguido fazer aquilo. Mas não havia tempo para comemorar a descoberta de mais uma faceta do meu poder; eu precisava voltar para a cidade e salvar Evan. Então o próximo passo era conseguir ir para a frente, e de preferência viva.



— O que você está fazendo?! — Evan gritou quando me viu pousar no meio da rua principal, onde a batalha continuava.

— Te salvando — respondi apressada, mas com um sorriso irônico, antes de atirar minha última flecha em alguém que ia nos atacar pelas costas.

— E desde quando você sabe voar? — Evan questionou.

— Podemos discutir isso depois? — Lancei um grupo de Eles longe com a telecinese.

O vampiro sorriu, avançando alguns passos e arrancando a cabeça de alguém com as próprias mãos. Meu estômago revirou. Mas o que era aquilo?! Como era possível que ele pudesse...

— LOLLIPOP! — alguém gritou pouco antes de mais uma explosão acontecer perto de mim, me lançando metros para trás, numa pilha gigantesca de destroços. Bati a cabeça.

Por alguns segundos, perdi a consciência. Minha visão embaçou e um gosto forte de sangue surgiu em minha boca. Não conseguia nem mesmo lembrar o que estava acontecendo, mas alguém me ajudou a

levantar, me pegando no colo e me levando em direção à rua. Daquela vez eu sabia que não era Evan.

— K-Kyle? — perguntei, e ele sorriu com gentileza, me colocando no chão com cuidado e me ajudando a ficar de pé. — O-obrigada.

— Não há de quê, senhorita. — Ele fez uma reverência rápida. — Não é muito grave. Foi só um corte na cabeça. Se você tivesse machucado a coluna, não estaria de pé. — Ele falava tão rápido que eu mal podia acompanhar. — Só não é bom que fique...

Não ouvi nada a seguir, já que avistei Jéssica por cima do seu ombro. O que ela estava fazendo ali? Eu a mandara embora com Sam! E ele estava ao lado dela. Ambos tinham as mãos em chamas e, como se estivessem num tipo de jogo, lançavam bolas de fogo nos Eles que se aproximavam.

Corri até lá, passando por Kyle e jogando um dos Eles longe com a telecinese, esmagando-o com força contra uma parede. Perguntei, num tom que era um misto de desespero e severidade: — Eu não mandei vocês dois irem pra floresta?

— Não podíamos deixar vocês aqui! — foi Sam quem respondeu.

— Só que vocês não vão ajudar nem a mim nem ao Evan estando no meio disso. Não quero ter que ficar preocupada...

Assim que fechei a boca, um dos Eles saltou nas costas de Sam, e Jéssica agiu rapidamente, pegando-o com as duas mãos flamejantes e enfiando os dedos em seus olhos, fazendo-o urrar enquanto caía em chamas no chão.

Onde é que ela tinha aprendido aquilo? Certamente não tinha sido com Chris. Ele tinha uma aversão muito grande à ideia de vê-la lutando. Olhei para Sam, que parecia grato, ciente de que era o "culpado".

— Podemos fazer isso, Lolli — disse Jazz. — Vai dar tudo certo.

Assenti, me dando ao luxo de acreditar nela e voltando a me colocar em posição. Pude ver, pelo canto do olho, um sorriso se formar em seu rosto enquanto os dois também se preparavam ao meu lado.

— Se querem mesmo fazer isso, vamos ter que fazer direito — anunciei, me concentrando em outro helicóptero que vinha em nossa direção, numa rota que passaria acima de nossa cabeça, muito mais próximo do que deveria.

— Às ordens, Lolli — falou Sam, ciente dos meus planos.

Os dois fizeram as mãos pegarem fogo ao mesmo tempo, como se fossem um só, e lançaram bolas de chamas na direção do helicóptero, esperando que a aeronave explodisse em algum momento. E, quando isso aconteceu, contive a explosão com a telecinese, comprimindo os destroços e os jogando em direção a outro que se aproximava.

Como se algo os tivesse feito despertar, os dois começaram a correr em meio à multidão, pegando vários Eles pela cabeça. As mãos estavam tão quentes que tinham a cor vívida de ferro fundido, derretendo peles e ossos, matando os inimigos quase que no mesmo instante. E, enquanto isso, se revezavam nas bolas de fogo, lançando-as na direção de quem é que tentasse atacar o outro pelas costas, protegendo um ao outro de forma quase instintiva.

Eu me mantive concentrada em todo helicóptero e grupo grande de Eles que encontrasse, lançando-os uns contra os outros ou para o alto, batendo-os contra as paredes, esmagando corpos e lançando-os nas fogueiras que Sam e Jazz involuntariamente acendiam quando matavam alguém incinerado.

Apesar da desvantagem numérica, tudo estava correndo bem. Cada um dava o seu melhor, e nós tentávamos proteger a área a todo custo, com tudo o que tínhamos.

Eu me detive assim que vi uma mulher dos Eles a alguns metros com um arco apontado na direção de Sam e Jazz, que juntos matavam muito

mais do que qualquer grupo de Eles poderia executar. Eu a derrubei no chão com a força da mente no segundo exato em que estava prestes a lançar uma flecha, já correndo na direção dos dois, respirando aliviada por ter sido rápida o suficiente para...

— Lolli... — Jazz chamou, bem ao meu lado, olhando para baixo.

Havia uma flecha atravessando seu peito, bem no lugar do coração. Ela caiu em cima de mim, e nós duas desabamos no chão. Eu a encarei com os olhos arregalados, vendo uma mancha de sangue crescer no ponto em que a flecha a havia acertado.

— Jazz! — Sam gemeu, se abaixando ao nosso lado. O sangue havia sumido de seu rosto. — Não, Jazz. Jazz, olha pra mim.

Prendi a respiração, sentindo o coração apertar e os olhos se encherem de lágrimas quando ela nem sequer piscava, o olhar fixo no céu e a pele pálida como a de um fantasma. Não estava mais ouvindo. Não tinha mais pulso. Balancei a cabeça.

— Jazz! — o garoto repetiu, num tom mais alto, como se esperasse que ela ainda o ouvisse. — Jazz, por favor. Por favor!

Eu a apertei contra mim, fazendo o que podia para segurar o choro. Ela não... Ela não podia ter me deixado assim. Nunca deveria ter ido para lá. Ela... Ela não...

Algo começou a tremer abaixo de nós, e todos pararam de lutar, olhando em nossa direção quando berrei o mais alto que podia. Sam se arrastou para trás, olhando para mim como se eu estivesse me convertendo em algum tipo de demônio.

Uma rachadura apareceu no chão, que tremia cada vez mais forte, e agora as casas que ainda restavam de pé começavam a desabar, caindo em ruínas. As árvores se curvavam em nossa direção, e era como se todo o peso do mundo estivesse mais uma vez sobre meus ombros.

Eu respirava cada vez mais rápido, apesar de a sensação de falta de ar crescer a cada segundo e de minha visão estar começando a ficar embaçada por causa das lágrimas.

A terra tremeu de novo, ainda mais forte, e eu ouvi algo que se parecia com o barulho do planeta rachando ao meio. A luz do sol e do fogo ao nosso redor parecia cada vez mais forte.

Olhei para Jazz, ainda em meu colo. Era a irmã que eu não tivera e a pessoa em quem eu mais confiava no mundo, e agora eu a havia perdido. Tudo o que eu queria era poder voltar alguns segundos no tempo para acabar com aquela mulher antes que ela tivesse a chance de atirar.

Eu queria parar a flecha, o tempo, o fogo, o grito das pessoas ao meu redor e a vida de cada uma delas. Só queria que aquilo parasse, que a dor cessasse. Era como se minha coluna estivesse sendo arrancada do corpo através do buraco que se formara no lugar onde antes ficava o meu coração.

E foi aí que tudo escureceu.

PARA SEMPRE



Algum dia você já imaginou como é ser despedaçado? Rasgado em mil pedaços e depois reconstruído? E tudo isso em apenas alguns segundos? Com certeza não é nada agradável. É doloroso e complicado. Inexplicável.

Para onde eu fui não existia isso. Não existia dor, raiva, tristeza ou felicidade. Não existia céu nem terra. Luz ou escuridão. Era o nada, ou talvez nem mesmo o nada existisse, só o vácuo da inexistência elementar. O início e o fim, de todos os começos e términos.

Quando começou a fazer sentido e eu comecei a me lembrar de que era uma pessoa, com mente e sentimentos, e com uma dor insuportável causada pela perda de alguém cuja morte eu queria impedir mais que tudo, aquele caos do nada, que não era nada, sumiu.

E aí a dor voltou. A tristeza e a raiva também. Assim como o ar, e o chão, e o céu, e a terra. Abri os olhos assim que voltei a tomar consciência deles, sentindo um frio desgraçado e uma tontura descomunal, como se conseguisse sentir o movimento da Terra girando em torno de si mesma e ao redor do Sol. Fechei-os mais uma vez antes mesmo que minha visão ficasse nítida e eu pudesse me localizar.

— Ei, garotinha — ouvi alguém sussurrar, bem perto de mim. Quase consegui sorrir. Evan. Ele ainda estava comigo. — Não vai me deixar de novo, não é? Não me obrigue a ter que esperar décadas pra te ver de novo.

— Você bem que gostaria de tirar uma folga de mim — sussurrei de volta, pois era o máximo que conseguia fazer.

Abri os olhos mais uma vez, virando a cabeça um pouco para o lado a fim de vê-lo. Seu rosto estava bem próximo do meu. Tão próximo que eu quase podia sentir sua respiração fria. Pisquei, tentando focar em algo, e a primeira coisa que vi nitidamente foram seus olhos verdes e seu sorriso maravilhoso.

Antes mesmo que eu tivesse a chance de retribuir o sorriso, a imagem de Jazz morta em meus braços voltou à minha mente, e eu senti o coração descompassar. Minha respiração acelerou, e as luzes começaram a piscar. Gaguejei: — J... Ja... Jazz. Jazz.

— Não aconteceu — ele disse, no mesmo tom doce e sussurrado de antes. — Fique tranquila. Você precisa...

— Como não aconteceu?! — perguntei. — Eu vi! Eu...

— Ela já acordou? — alguém questionou, enfiando a cabeça pela porta do quarto.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu abri um sorriso enorme ao observá-la entrar no quarto, embora até os músculos da minha bochecha estivessem doendo. Se aproximou de nós com a expressão confusa, como se achasse estranha a minha felicidade ao vê-la.

— Até que enfim, hein?! — brincou, se sentando na maca em que eu estava deitada. Só naquele momento percebi que estava num dos quartos do hospital. — Pensei que você fosse ficar aí pelo resto do ano! Mas a gente sabe como você é. Nunca ia deixar o trabalho duro pros outros, não é mesmo?

— Como...? Como você...? — questionei ao perceber que ela não tinha nenhum curativo ou arranhão no rosto.

Se nada tinha sido real, então por que eu estava ali, toda machucada, deitada numa cama? Evan me interrompeu, dizendo algo para Jazz sobre ela precisar chamar uma enfermeira. Eu sabia que ele só queria

ficar sozinho comigo antes que eu tivesse a chance de dizer qualquer coisa, mas... por quê?

— Evan, eu não entendo! — falei, assim que ela fechou a porta atrás de si. — Você pode ver, não pode? Na minha mente?

Ele assentiu, me olhando do jeito mais compreensivo, como se eu fosse uma criança assustada que precisava de ajuda, inocente demais para perceber que a solução para meu problema era muito óbvia. Para falar a verdade, era exatamente assim que eu me sentia.

— Quando a Jéssica morreu nos seus braços, naquele dia, você de alguma forma usou a telecinese pra voltar no tempo. Não me pergunte como. Você simplesmente parou tudo o que estava ao seu redor com ela, congelando todas as coisas no lugar, inclusive o tempo, e então... o reverteu. Assim, quando voltou, ainda estava jogada sobre os destroços da explosão, e o Kyle te tirou de lá, só que você não acordou mais depois disso. Alguma coisa te fez muito mal durante o processo e você apagou, o que mudou toda a cadeia de eventos posteriores, e a Jazz não morreu. Na verdade, ela nem foi atingida por uma flecha.

Continuei a encará-lo em silêncio por algum tempo, tentando absorver tudo. Como é que ele tinha pegado aquilo da minha mente e interpretado, se nem eu mesma conseguia entender?

Viagem no tempo. Isso sim era coisa das histórias que contávamos para os pequenos, e não algo que eu imaginaria que pudesse fazer. Agora só me restava saber: Como? Quer dizer... eu sabia que podia parar as coisas com a telecinese, mas reverter o tempo? Não era como destruir e reconstruir algo logo em seguida. Era o tempo. Minha cabeça começou a latejar assim que comecei a me forçar a entender.

— Há quanto tempo eu estou aqui?

— Quase dois meses — ele respondeu, um pouco pesaroso.

Quase dois meses?! O que eu tinha perdido? O que tinha acontecido depois da luta? Quantas pessoas nós perdemos? Evan estava ali, a salvo, o que era um bom sinal, mas ainda assim...

— Nós demos conta deles, felizmente — revelou, em tom orgulhoso. — Só que... perdemos mais gente do que eu esperava. O nosso clã foi quase reduzido pela metade, e perdemos uma quantidade significativa de suprimentos. Casas foram colocadas abaixo, mas a nossa estufa e o hospital continuaram de pé, como você pode ver. Eu fiz um acordo com o clã da Área 5, e eles estão nos ajudando a reconstruir a cidade. Em troca disso, vou ter que dar metade dos suprimentos recebidos pelos contêineres que receptarmos pelos próximos dez anos, sem contar que vamos doar parte do que for produzido pela nossa estufa durante esse período também. Mas tudo bem. Valeu a pena.

Evan se inclinou para trás, se ajeitou na cadeira, pegou minha mão e entrelaçou os dedos aos meus de um jeito casual. Olhei para mim mesma, analisando os estragos. Nada que tivesse resistido muito ao tempo em que passei desacordada; eu só tinha duas ataduras nos braços por causa de algumas queimaduras.

— Como vai a paciente mais bonita deste hospital? — a enfermeira perguntou, entrando toda animada no quarto.

— Obrigada, Sally. Mais duas jarras de leite inteirinhas pra você amanhã de manhã — Evan disse, o que me fez rir.

— Sempre cumpro as ordens do nosso líder, certo? — ela respondeu, se aproximando de mim.

Não houve nada muito complexo: verificou minha pulsação, a pressão e tirou os curativos, constatando que os ferimentos estavam cicatrizando. Depois me levou para tomar banho. Evan foi informar Jazz e Sam sobre meu estado enquanto isso, e, quando voltei, minha amiga tinha trazido algumas roupas. Respirei aliviada ao vê-la

novamente, me convencendo de que não era um sonho. Ela estava realmente viva.

— Por que você está me olhando desse jeito? — Jazz perguntou, depois de eu ter me trocado e voltado a me deitar quando senti um pouco de tontura e fraqueza.

Cogitei contar a ela tudo o que tinha acontecido, mas, por via das dúvidas, talvez fosse melhor manter minha nova habilidade longe de nossas conversas. Se ela ainda não sabia sobre aquele novo poder, e eu esperava que não, preferia não criar expectativas, afinal eu não poderia voltar no tempo e consertar todos os erros da humanidade. Além disso, não estava nem um pouco a fim de ficar mais dois meses em coma por causa daquilo. Eu precisava primeiro descobrir como funcionava, e depois contaria aos outros.

— Nada. É que... parece que não te vejo há meses — menti. Pelo menos em parte.

— Mal acordou e já está toda sentimental — ela brincou, e eu vi a inocência em seu olhar como um tipo de confirmação para minha dúvida anterior. Ela não sabia sobre minha nova habilidade. Caso contrário, teria me questionado ali mesmo. — Eu falei para o Evan que não seria nada bom se o primeiro rosto que você visse fosse o dele. Sabia que ia dar nisso.

— Ah, é? E por que ele discordou desse seu raciocínio brilhante? — questionei, sorrindo e levantando as sobrancelhas, curiosa.

— O Evan disse que, se você acordasse sem memória, ele queria ser a primeira pessoa que você conheceria e blá-blá-blá — respondeu, revirando os olhos, num tom arrastado de zombaria.

Depois perguntei a Jazz mais alguns detalhes sobre o que tinha acontecido durante o tempo em eu estivera “fora”. Ela me contou que o clã não fora atacado mais nenhuma vez e que o acordo com a Área 5 estava dando muito certo. Era como se ambas as áreas estivessem

ocupando o mesmo lugar, com o dobro da população e de suprimentos, mas com dois líderes diferentes e independentes.

— A nossa fama já foi feita por aqui, o fato de eu e o Sam termos salvado muitas pessoas naquele dia nos fez ganhar alguns pontos — completou.

— Convencida.

— Mas é verdade! — exclamou. — E você também acabou ganhando alguns fãs por ter acabado com aqueles helicópteros.

— E quanto ao Kyle? — Era justo que eu perguntasse dele. Afinal o cara tinha salvado a minha vida.

— Ele está bem — respondeu. — Teve só uns arranhões, como o Sam, mas... tinha uma vantagem monstruosa sobre qualquer um de nós três, já que treina com os Guerrilheiros desde os quinze anos. Ele me contou.

Aquele comentário me surpreendeu. Kyle tinha contado a ela? Desde quando Jazz conversava com alguém que não fosse eu, Sam ou Evan? Realmente as coisas haviam mudado desde o dia em que fomos atacados.

— BOM DIA, PIRULITINHA! — Sam gritou, entrando no quarto sem a menor cerimônia.

Abri um sorriso, vendo-o se aproximar e me abraçar com força, fazendo comentários idiotas sobre como Evan tinha chorado sentindo minha falta, e Jazz havia quase se jogado do topo da casa mais alta do clã. Ele não. Ele era o forte e responsável, que prezava pela segurança dos colegas, então os impediu várias vezes de acabar com a própria vida.

Pelo menos tinha trazido consigo um lanche enorme de carne de caça e rúcula que havia acabado de fazer para si. Em um ato de bondade, Sam me concedeu o sanduíche sem nenhuma resistência. Não

precisei nem retirá-lo da mão dele à força com a ajuda de Jazz... Ok, talvez só um pouquinho.

— O Evan volta em uma hora — o garoto informou, se sentando no braço da poltrona ao lado da cama e passando um braço por cima dos ombros de Jéssica. — Foi fazer não sei o que para o líder da Área 5.

— Cem por cento presente em todos os momentos, como sempre — brinquei. — Imagino quanto ele deve estar trabalhando agora.

— Mais do que nunca — Sam falou. — O nosso clã não depende mais apenas do que ele quer. Nós temos que trabalhar pra conseguir o que precisarmos, como alimentos e remédios, mas grandes cargas de lenha e mistura para cimento são raras hoje em dia, e é responsabilidade dele negociar pra conseguir isso. Só que nós já estocamos a maioria das coisas de que necessitamos pra reconstruir a cidade, e agora o Evan está cuidando dos detalhes finais pra recomeçarmos sem a Área 5 no nosso território.

Eu conseguia imaginar quanta pressão havia em cima dos ombros de Evan por causa daquilo. Ele era um líder dedicado, apesar de tudo, e todo o seu trabalho de centenas de anos havia sido destruído. Mas eu acreditava em sua capacidade e sabia muito bem o que ele era capaz de fazer.

— E como é que as pessoas estão lidando com isso? — perguntei. — Digo... o clã.

— Todos estão dependentes demais dele pra fazer alguma revolução e quem sabe acabar completamente com qualquer chance de termos a nossa cidadezinha de volta, mas ainda existem aqueles mais resistentes, sim. — Dessa vez foi Jéssica quem respondeu, num tom sério que nunca pensei que poderia usar. Parecia uma adulta. — O número de pessoas contra nós diminuiu depois do ataque, mas a desconfiança delas parece cada vez maior. Só não sei o que estão pensando.

— O desgraçado mascarado que está jogando as pessoas contra a gente é realmente bom com argumentos — Sam reclamou.

Assenti. Era inacreditável que, mesmo depois de tudo, ainda insistissem em ficar contra nós. Tínhamos salvado a vida de muitos deles, e Evan estava dando o máximo de si para recuperar o que cada um havia perdido. Eu só queria saber quem é que tinha coragem de jogar aquelas pessoas contra ele. Devia ser alguém muito escroto e com um talento para atuação digno de prêmio. Mas quem era o desgraçado? Precisávamos desmascará-lo e rápido, pelo bem de todos.

Durante o restante do tempo, continuamos conversando sobre o desenvolvimento da nova Área 4, e eu recebi muitas visitas. Emily, Yone, Dean e Kyle vieram juntos me ver. A primeira trouxe uma tigela enorme de frutas, igual à que estava comendo quando nos conhecemos. Ficaram conosco no quarto por um bom tempo, e estavam presentes quando o médico veio dizer que me daria alta no dia seguinte.

Enquanto conversávamos, Emily passou o tempo fazendo tranças no meu cabelo, e Sam e Jazz se empenharam bastante no papel de “palhaços”, discutindo ocasionalmente, de forma exagerada, para nos fazer rir. Uma coisa eu podia dizer com toda a certeza: nunca a tinha visto tão feliz, e isso me fazia sentir que minha missão com ela estava cumprida.

Já era um pouco mais de seis horas da tarde quando ouvimos três batidas leves na porta. Era Evan.

— Ei. — Ele se aproximou da cama, ignorando a presença de todos ali.

— Ei. — Sorri, enquanto ele se inclinava na minha direção e beijava minha testa.

Trazia uma flor toda amassada e murcha que, no momento em que a recebi, com um grande sorriso, pareceu a coisa mais linda do mundo.

Evan avisou: — Não fique se achando especial. Peguei a primeira que vi na entrada do hospital.

— Sempre muito agradável, Evan — Sam murmurou, e o vampiro mostrou o dedo do meio para o amigo.

Só se preocupou em cumprimentar os outros depois disso, sentando-se ao meu lado na cama, passando um braço ao meu redor e me apertando contra si. Sussurrou em meu ouvido, enquanto todos iniciavam uma discussão sobre qualquer coisa: — Eu tenho uma coisa pra você.

Fiquei muito tentada a fazer algum comentário sarcástico, mas, pelo tom sério dele, parecia algo importante, então decidi não brincar. Apenas baixei a cabeça, sorrindo um pouco, curiosa com o que quer que fosse. Evan me dando presentes? Quem era aquele vampiro, e o que tinha feito com meu namorado?

— Ei, seus idiotas — ele chamou —, por que não dão o fora e nos deixam um pouco a sós?

— Como quiser, chefe — Jéssica disse, levantando as mãos ao lado da cabeça, sorrindo.

Todos saíram do quarto, achando graça na forma “gentil e delicada” com que haviam sido expulsos, e o vampiro fechou a porta assim que o último deles se retirou. Me ajeitei na cama, sentando mais ereta, ansiosa para ver o que Evan tinha para me mostrar.

— Finalmente — falou, desabando na poltrona ao lado da cama. — Eu estava precisando de um pouco de silêncio. Dezesseis vezes na minha mente era um pouco demais pra mim. Digo isso porque a mente do Sam vale por umas dez.

Sorri, mordendo o lábio. Aquilo era um sinal claro de que não era a hora do presente, mas acho que devia isto a ele: um pouco de descanso.

Analisei a trança que Emily tinha feito em mim, enrolando a ponta nos dedos como um gesto automático enquanto o observava, tentando ver se havia alguma diferença nele.

Não estava mais velho, mais alto ou qualquer coisa do tipo, mas ainda assim eu sabia que tinha algo ali, na forma como me encarava. Alguma coisa havia mudado.

Evan se inclinou na minha direção, apoiando os braços na cama e a cabeça nas mãos, enquanto eu passava os dedos pelo seu cabelo, colocando-o para trás a fim de ver seus olhos. Aquele gesto havia se tornado um hábito para mim.

— Sempre foi — disse, com um sorriso. — Isso nunca mudou.

Desci a mão pelo seu rosto, parando em seu queixo e o fazendo se aproximar de mim antes de beijar sua testa demoradamente. Agora que havíamos admitido um para o outro que nos amávamos, era quase impossível não pensar nisso a cada vez que eu olhava para ele.

— Acho que é a hora, não é? — ele falou, nervoso, quando me afastei.

Juntei as sobrancelhas, encarando-o com certa desconfiança enquanto o via se sentar no colchão. Me ajeitei na cama, cruzando as pernas, ansiosa. Evan baixou o olhar para os lençóis brancos, balançando a cabeça e murmurando algo sobre estar agindo como um frouxo.

— Certo... — começou, respirando fundo e finalmente passando o olhar para mim. — Durante esses dois meses, eu tive bastante tempo pra pensar. Enquanto aquele idiota do líder da Área 5 me fazia de escravo, eu pensei em quanto é ruim ter que depender de alguém pra sobreviver, assim como o meu clã depende de mim. E tudo fica pior ainda quando eu sou jurado de morte, e nós corremos o risco de ser atacados novamente a qualquer minuto.

— Aonde você quer chegar com isso, Evan? — perguntei, começando a ficar aflita. Não estava gostando nem um pouco do rumo que aquela conversa estava tomando.

— Eu te amo — disse. — Mais do que qualquer coisa no mundo, e você e o Sam são as pessoas mais importantes deste lugar pra mim. Só que eu não posso mais ficar aqui.

Abri a boca para interrompê-lo antes que tivesse a chance de continuar com aquela bobagem, mas, pela forma como me olhou, pedindo silenciosamente para que eu o deixasse terminar, achei que seria melhor continuar ouvindo o que ele tinha a dizer.

— Eu já decidi, garotinha. Não tem nada que possa mudar isso. — Colocou a mão em meu rosto, acariciando minha bochecha. — Mas saiba que eu não vou embora pra sempre. Vou fazer tudo o que eu puder pra resolver toda essa situação com o Instituto o mais rápido possível e voltar pra você o quanto antes.

— C-c-como assim?! — gaguejei. — Você espera que eu fique aqui?! Não! Eu... Eu vou com você! Eu...

Ele me puxou para perto quando as lágrimas em meus olhos me impediram de continuar falando. Enterrei a cabeça em seu ombro. Evan sussurrou, no tom mais doce possível, passando as mãos pelas minhas costas para me acalmar: — Eu preciso resolver isso sozinho, meu amor. É perigoso demais, e eu não quero que você se envolva.

— E como é que nós vamos ficar?

— É aí que entra a parte boa — contou, se afastando apenas para ver meu rosto. — E a parte mais complicada pra mim, também.

Mais complicado que aquilo? Não conseguia imaginar nada parecido. Como seria possível? Ele abriu o sorriso mais lindo de todos, secando minhas lágrimas com gentileza antes de recomeçar.

— Você, garotinha, já foi minha amiga, melhor amiga, namorada, noiva, esposa, inimiga e... Qual é a palavra pra descrever duas pessoas que se odeiam, mas gostam de se envolver amorosamente de vez em quando? — Fez uma expressão pensativa por alguns segundos e, como não conseguiu pensar em nada, continuou. — Ah, foda-se. Nada disso importa agora, já que quem está na minha frente é a Lollipop Ponto-Final. — Sorri com o incrível substituto que ele encontrou para meu sobrenome desconhecido. — E é você quem eu amo e sempre vou amar. É claro que você pode ser bem chata às vezes, mas na maioria dos casos a culpa é minha, eu admito. Não é uma coisa assim que vai me fazer te amar menos. — Fez outra pausa, respirando fundo mais uma vez e puxando todo o ar que podia, como se estivesse tomando coragem. — Você já foi Amélia Saywor, Celena Sem Sobrenome e... — Parou mais uma vez, sem conseguir conter o riso.

Se o sangue ainda corresse em suas veias, eu poderia jurar que Evan estaria corado naquele momento. O que aquele idiota queria dessa vez? Eu o encarei com um sorriso, esperando que finalmente desembuchasse.

— Mas que droga. Eu sou um imbecil mesmo — murmurou. — Você já foi Amélia Saywor, Celena Sem Sobrenome e...

Ele respirou fundo, tentando manter o tom sério e poético enquanto fazia outra pausa, que mais parecia uma desculpa por não se lembrar do que deveria falar. Prendi a respiração, sentindo o coração começar a dar cambalhotas dentro do peito de tanta ansiedade. Que falasse logo!

— E eu esqueci todo o resto do meu discurso — concluiu.

— Por que você não tenta dizer o que vem à cabeça, então? — perguntei, achando graça no constrangimento dele.

Evan me encarou por alguns segundos, pensativo, antes de me puxar para perto com força e me beijar com intensidade, me pegando completamente de surpresa.

Se inclinou na minha direção, me fazendo encostar no colchão, entrelaçando os dedos no meu cabelo para não me dar chance de me afastar. Parecia que fazia décadas que não nos beijávamos, e não apenas dois meses. Só que eu o entendia. Não tinha visto aquele tempo passar, mas ele sim. Ficou todos aqueles dias longe de mim, e era por isso que parecia tão desesperado para ficar o mais perto possível.

Mas ele não tinha uma coisa para falar, oras? Não que eu estivesse reclamando.

— Você é muito impaciente — sussurrou, se afastando.

Apenas levantei uma sobrancelha, como um sinal da minha “impaciência”. Eu queria pedir que fosse mais rápido, antes que eu tivesse um ataque cardíaco ou algo assim.

Evan apoiou a cabeça em uma das mãos, se encostando no colchão ao meu lado e me encarando de cima, um pouco inclinado na minha direção. Disse, dirigindo a mão ao bolso da calça: — Tudo o que eu quero que você saiba é que, mesmo que eu vá embora por tempo indeterminado, o meu coração ainda vai ser seu, como sempre foi. Mas nós podemos levar isso a um nível bem mais oficial e ficar juntos pra valer a partir de agora... se você quiser.

Ele tirou a mão do bolso, colocando-a entre nós. Estava segurando na ponta dos dedos a última coisa que pensei que poderia ser. Um anel. Não de prata, de ouro ou qualquer tipo de metal, mas de madeira, esculpido delicadamente com o desenho dos galhos de uma árvore.

Coloquei as mãos na frente da boca, encarando-o com um olhar surpreso, me perguntando se ele não estava simplesmente tirando uma com a minha cara. Balançou a cabeça, indicando que não, ao ler esse pensamento.

— Você quer casar comigo, garotinha? — perguntou.

— De novo? — questioneei, sorrindo de um jeito brincalhão, com a voz abafada pelas mãos.

— De novo — afirmou, retribuindo o sorriso.

Seria clichê demais começar a chorar agora? Provavelmente, mas não consegui evitar. Jazz nunca esteve errada ao dizer que eu era uma manteiga-derretida. Além disso, não poderia haver prova de amor maior vinda dele.

Assenti, finalmente, enquanto estendia a mão direita para ele, colocando-a entre nós dois e o observando enfiar o anel em meu dedo. Coube perfeitamente, é claro, já que Evan fez questão de contar que ele mesmo havia feito a aliança, naquele quarto, com o galho que havia pegado naquele dia antes do ataque e deixado no chão perto dos trilhos, usando minha mão de molde sem que eu nem percebesse.

Então era isso.

Estávamos num mundo pós-apocalíptico, ele havia sido jurado de morte, os membros do clã nos odiavam, Evan estava sendo traído, eu tinha acabado de sair de um coma e nós íamos nos casar.

Não eram planos exatamente normais, mas, afinal, desde quando nós éramos um casal como qualquer outro? Éramos incomuns, instáveis e excêntricos, mas e daí?

Ele era meu. Eu era dele. E isso era tudo o que importava.

FÁCIL COMO 1, 2, 3



Eu não conseguia visualizá-lo. Era impossível. Como Evan queria que eu treinasse as viagens no tempo se não fazia ideia de como havia feito aquilo? Era como mandar um cego estacionar um carro.

Mas eu tinha que tentar, e era isso o que fazia durante o tempo em que não estava atrás dos preparativos para o casamento. Não que fôssemos fazer uma superfesta — até porque não tínhamos nenhum recurso para isso —, mas, ao contrário da última vez, queríamos pelo menos planejar as coisas. Emily tinha insistido para fazer o meu vestido e o de Jazz, porque ela entregaria as alianças com Sam e coisa e tal... Deixei tudo nas mãos dela e de minha melhor amiga, me preocupando em ajudar Evan com os problemas na reconstrução da Área 4.

O que mais me preocupava com relação ao casamento era o *depois*, e não me referia à partida de Evan. Suspirei. Não precisava pensar naquilo justamente quando estava tentando me concentrar em parar o tempo, o que, por enquanto, era a coisa mais fácil de começar a praticar, de acordo com o vampiro.

— Lolli! — ouvi Emily cantarolar, aparecendo ao meu lado na arquibancada do ginásio. — Preciso saber se vou ter liberdade total com o seu cabelo no dia.

Apenas assenti com a cabeça. O dia. Dali a uma semana seria o dia. Eu ficava mais nervosa a cada segundo. Só de pensar... Fechei os olhos. *Foco no que está fazendo, Lollipop.* Se bem que, com aquela menina tagarelando sobre o evento, era bem difícil me concentrar em qualquer coisa.

O lugar parecia refletir como eu estava do lado de dentro melhor do que qualquer coisa. Metade do teto havia desabado, destruindo parte das arquibancadas e rachando o chão quase completamente. Os destroços cobriam toda a quadra. Era assim que eu me sentia: parte destruída, parte intacta. Na minha cabeça, essa confusão fazia sentido.

— Você parece cansada — Emily disse, o que me fez voltar a prestar atenção nela. Um comentário completamente fora do assunto da festa? Uau! — O que está acontecendo?

— Estou ajudando o Evan com as negociações de suprimentos, e daqui a vinte minutos vou ter que me encontrar com ele e com o líder da Área 5 para discutir o acordo de dívida sobre o material de construção que nós usamos. — Suspirei. — É bastante coisa, e não temos muito tempo pra nós dois. Acho que nem tenho tempo pra mim mesma mais.

Era verdade. Aquilo tudo acabava comigo. Saber que Evan iria embora em pouco tempo e não passar ao lado dele o restante dos minutos que tínhamos era arrasador. Eu imaginava como seria para Sam quando descobrisse que seu melhor amigo iria embora. O vampiro tinha decidido não contar ao garoto ainda, deixando a tarefa para mim depois que ele se fosse. Ele sabia que Samuel nunca o deixaria partir, pelo menos não sozinho, e aquela era a opção mais segura para o garoto, embora fosse a mais injusta.

— Ei, não cobre tanto de si mesma — Emily falou, colocando a mão no meu ombro. Era a primeira vez que eu a via usar um tom tão sério. — Você dá conta, acredite.

— É mais difícil do que parece — comentei, me inclinando para a frente e colocando as mãos no rosto.

— Mas ainda assim você consegue — reforçou, o que me fez sorrir um pouco.

Concordei, bufando, antes de me levantar, avisando que iria para a tal negociação. Evan não gostava muito de atrasos, e não era boa ideia deixá-lo ainda mais estressado.

Ela me acompanhou até o lado de fora do ginásio, e eu segui sozinha pela rua principal, sob os olhares de todos, membros do clã ou não. Já tinham me visto perto de Evan o suficiente para saber quem eu era, e a notícia do nosso casamento havia se espalhado tão rápido quanto uma gripe. Baixei a cabeça, sentindo o peso dos olhares em meus ombros quase me esmagar contra o chão.

Fui até o fim da rua, virando à esquerda duas vezes e batendo na porta da primeira casa à direita. Sabia que os dois já estariam lá dentro e que Evan me lançaria aquele olhar de severidade. Depois de toda a conversa, iríamos para casa sem trocar uma palavra sequer, e, logo que fechássemos a porta, ele iria me dar uma dura por ter me atrasado. Como sempre.

Quem atendeu a porta foi um dos empregados do líder da Área 5, que estava se hospedando em nosso território para facilitar o processo de negociação. Eu podia vê-los por cima do ombro do homem, sentados em sofás de uma sala de estar considerável. Dava para sentir de longe a tensão de Evan. Chegava a ser estranho vê-lo assim.

— Com licença — falei, com um sorriso sem graça, me aproximando deles.

Ambos me cumprimentaram com acenos de cabeça. Apesar de tentar parecer irritado e tudo o mais, o vampiro sorriu quase imperceptivelmente para mim quando me sentei ao seu lado, ao contrário do que pensei que faria. Pude ouvi-lo suspirar de alívio quando coloquei a mão em sua perna. Quase consegui sorrir ao ver aquela cena.

— Como íamos dizendo... — Tom, o líder da Área 5, começou, como se não tivesse notado o que havia acabado de acontecer. — Eu

não posso doar essa quantidade exorbitante de hematita pra vocês.

— Você precisa entender que não temos como extraí-la em nenhum lugar próximo do nosso território — Evan retrucou. — A não ser que você queira que a gente viaje até o seu.

Tom soltou com força todo o ar que tinha nos pulmões, se endireitando no sofá, visivelmente irritado. A abordagem de Evan nunca era muito cautelosa, o que às vezes não ajudava.

— Aumente a quantidade de mão de obra e teremos um acordo — disse.

Evan rejeitou a proposta na mesma hora, afirmando que, se déssemos mais trabalhadores para ele, não restaria uma alma viva sequer em nosso clã. E era verdade. Mais da metade de nós já estava ajudando na extração de metais, na derrubada de árvores e na procura de novos reservatórios naturais de água. Estávamos quase nos tornando escravos, mas era aquilo ou nossa área nunca mais se reergueria. É claro que os membros do nosso clã não entendiam isso e pensavam que Evan os tinha vendido. Mais um argumento para odiá-lo.

Decidi me manter em silêncio, observando tudo até saber exatamente do que estavam falando. Voltei a olhar para Tom, esperando que nos desse uma resposta.

— Então eu quero mais suprimentos. Não temos muitas árvores frutíferas, nem uma estufa como a sua.

— De quanto você precisa? — Evan questionou, já cansado de discutir.

— Metade do estoque. Tenho um clã maior que o seu no momento, então é uma oferta justa.

O vampiro murmurou um xingamento.

Estávamos tendo dificuldade para manter o nosso povo alimentado, e aquele cara ainda queria parte dos nossos suprimentos? Metade?! O

que ele estava pensando? Era uma proposta complicada para Evan, mas ele não podia simplesmente recusar. Havia muita coisa em jogo ali. Só que não precisaríamos reconstruir nada se não tivéssemos mais população.

— Tem algum jeito de pagar isso em parcelas? — Evan perguntou, e quase me pareceu que estava implorando.

— Evan, você sabe que eu estou sendo muito razoável. Só de estar no seu território logo depois de um ataque dos Eles, estou correndo um grande risco — Tom explicou, em tom quase presunçoso. Como se ele ligasse realmente para aquilo.

Algo revirou em meu estômago. Estava sentindo cheiro de chantagem ali, e ela não nos levaria a um lugar bom, a não ser que Evan desse uma de líder superinteligente e soubesse negociar muito bem — o que eu sabia que ele era capaz de fazer.

— Eu sei disso, e é por esse motivo que cedi metade do meu clã, temporariamente, pra explorar o território que circunda a *minha* cidade e te presentear com todas as riquezas que encontrarem. Eu te dei pessoas, Tom. Negocie vidas. Não é uma coisa com que eu concorde, mas fiz para o bem delas, e sei que não posso tirar delas o pouco alimento que ainda têm. É inadmissível sacrificá-las ainda mais.

Resisti ao impulso de sorrir, orgulhosa. Aquele sim era o vampiro que eu conhecia, que não baixava a cabeça porque parecia a única saída. Só que eu sabia que estávamos chegando a um ponto em que ele seria obrigado a aceitar qualquer proposta de Tom, caso contrário ele iria embora com todos os seus recursos e não nos ajudaria mais. Eu só esperava que não fosse nada ainda mais absurdo.

Tom desviou os olhos para mim, me analisando de um jeito tão estranho que cheguei a sentir o rosto ficar quente. Evan pegou minha mão, entrelaçando nossos dedos. Pude ver sua mandíbula enrijecendo e me perguntei o que Tom estava pensando. Pela forma como olhava para

o decote da minha regata, eu já podia imaginar o que era. Só me admirava o vampiro ao meu lado se manter tão calmo, mesmo podendo ler a mente dele.

— Eu quero uma mulher — ele disse, finalmente. — Preciso de um herdeiro e vi que as mulheres daqui têm muito potencial.

— Você quer que eu venda uma garota do meu clã? — Evan questionou, sorrindo com descrença.

— Não vai vender. Vai me dar de presente. E não pode recusar essa proposta, porque é a última que eu faço antes de ir embora pra nunca mais voltar. — Passou o olhar para mim mais uma vez, percorrendo meu corpo dos pés à cabeça. — E eu mesmo quero escolher. Ela tem que ser jovem e bonita, como esse exemplar que você ostenta como um troféu.

Trinquei os dentes, fuzilando-o com o olhar. Sabia que Tom podia ser muito babaca, mas nunca tinha chegado a ponto de mexer comigo. Um troféu? Não. Ele não podia ter dito aquilo.

— Cuidado com o que fala, Tom — rosnei. — Não sou nenhum tipo de objeto, se é o que você está pensando. E saiba que eu tenho tanto potencial para ser inofensiva quanto você para ter bom senso.

Ele sorriu, sarcástico, mostrando seus dentes de tubarão. Evan e eu nos levantamos, para discutir a proposta fora de onde Tom pudesse nos ouvir xingá-lo. Mal tínhamos aberto a porta quando ele falou, ainda sentado no sofá: — Pense bem, Evan. Esta é a sua última chance de salvar o clã.

O vampiro me puxou para fora sem dizer nada, fechando a porta com força. Praticamente me arrastou até o refeitório, que sabíamos que estaria vazio àquela hora.

Ele chutou uma mesa assim que chegamos, lançando-a longe e xingando sabe lá o que, exibindo as presas que sempre saltavam quando

estava com raiva ou prestes a caçar.

— Ele já me trata como um tipo de escravo, pensando que eu vou fazer o que ele manda na hora em que manda, e agora quer que eu o deixe escolher uma mulher do meu clã pra levar com ele, como se fosse uma coisa que você colhe em uma árvore? Que vá pra p...

— Ei — falei, entrando na frente dele e colocando as mãos em seus braços. — É isso o que o Tom quer. Que você fique irritado. Não deixe que ele consiga te desestabilizar desse jeito.

— E o que eu vou fazer? Ficar quieto? Deixar o Tom chegar aqui e fazer essas propostas absurdas? E você viu o jeito como ele te olhou?! Não. Aquilo foi demais pra mim.

Sorri de um jeito malicioso, e ele pareceu um pouco surpreso com minha reação. Com certeza esperava que eu ficasse irritada também, mas o que senti quando finalmente me pronunciei, antes de sairmos da sala, passou assim que saímos de lá. Para mim, aquilo não tinha importância nenhuma. Tom era um idiota tarado, e daí? Não era ele quem importava para mim.

— Não se preocupe com isso. Ele é só um babaca escroto que não pode fazer nada além de ficar babando na mulher maravilhosa que você tem a honra de ter ao seu lado. Viu como você tem sorte? — brinquei, dando um soco de leve no seu ombro.

Evan desviou o olhar, com as sobrancelhas juntas, enquanto seus olhos voltavam ao verde pálido de sempre e as presas se tornavam caninos normais novamente. Ainda estava irritado, mas não o suficiente para querer matar qualquer um que aparecesse na sua frente.

— O que você vai fazer? — perguntei, finalmente.

— Eu tenho escolha?

Balancei a cabeça, me sentindo tão impotente quanto ele. O que podíamos fazer era impor algumas restrições e dizer que Tom só levaria

quem quisesse ir por vontade própria. Ainda assim, era horrível só de pensar. Uma vida por centenas de outras. Era uma escolha óbvia, mas não significava que era fácil.

— Quando nós vamos dar a resposta? — indaguei.

— Depois do nosso casamento. Não quero nenhuma revolução antes disso.

— E depois que você for embora?

Evan suspirou, me puxando para um abraço e pressionando os lábios contra meu cabelo. Fechei os olhos, apoiando a cabeça em seu peito. Esperava uma resposta que eu sabia que iria partir meu coração, como sempre fazia quando falava sobre aquilo.

— Depois que eu for embora, eles não vão ter mais por que reclamar. O problema deles não é com você, é comigo. Sou eu que vou abandoná-los.

— Só que a culpa é minha — acrescentei, voltando a olhar para ele.

— A culpa é *minha* — ele corrigiu, antes de se afastar.

Tocou meu queixo por um segundo, um sorriso se formando em seu rosto enquanto murmurava algo sobre não ver a hora de descobrir o que Emily estava fazendo com os restos do vestido que Amélia tinha usado mais de cem anos antes, o qual Evan havia guardado no porão. Ela o estava usando como base para um novo. Não que pudesse dar muito certo, já que era só um monte de tecido branco amarrado por fitas improvisadas. Continuou: — O Sam deve estar bem ansioso pra ver como vai ficar o vestido dele.

— Se eu fosse você, mocinho, não riria tanto dele. Afinal tudo o que ele sabe aprendeu contigo — retruquei.

Ele sorriu, passando um braço por cima dos meus ombros e me puxando em direção à saída do refeitório. Andamos alguns metros até a rua principal, até onde Evan teria sua próxima missão como líder:

inspecionar os reparos que estavam sendo feitos em sua casa, que agora era nossa.

Com o ataque, o prédio em que eu e Jazz morávamos havia sido destruído, o que nos obrigou a morar oficialmente com Evan e Sam. O problema é que parte do terceiro e último andar havia desabado, comprometendo todo o lado direito da casa. Os melhores engenheiros do clã da Área 5 estavam ajudando as pessoas mais inteligentes do nosso a consertar aquilo.

— Jake, eu preciso de mais cinco sacos de cimento aqui! Será que você está com dificuldade pra ouvir? — um homem gritava freneticamente, andando de um lado para o outro, com uma prancheta na mão. — Mia, eu preciso que você refaça os cálculos sobre a sustentação na coluna direita. Tem erros inaceitáveis aqui. Jane... — Parou de falar assim que nos avistou, caminhado em nossa direção com um sorriso. — Bom dia, sr. Evan! Lollipop — me cumprimentou com um aceno de cabeça. — Nós estamos fazendo avanços aqui, e os destroços já foram retirados. A base do telhado já foi refeita, só precisa de alguns ajustes, e o pessoal está fazendo as tábuas de madeira do chão. Metade do lote já foi entregue.

Peter era um dos caras mais falantes que eu conhecia. Evan havia me apresentado a ele pouco antes de sairmos para a missão em que descobrimos que o vampiro estava jurado de morte. Além de Emily, Kyle, Yone, Dean e as demais pessoas do grupo de Guerrilheiros, ele era um dos nossos únicos amigos lá, embora sempre se mantivesse um pouco mais distante. Sua mutação era a da superinteligência ou algo do tipo.

Ele aparentava ter uns vinte e cinco anos. Era asiático, com o cabelo bem curto e adoráveis covinhas que apareciam a cada vez que pronunciava a letra “i”.

— Eu soube do casamento — acrescentou, como se um assunto tivesse a ver com o outro.

A seguir, ouvimos um longo discurso de parabéns, que nos deixou sem graça. É claro que Emily ainda não tinha feito sua pequena lista de convidados, se é que ela existiria, mas o fato de, inicialmente, Evan e eu querermos apenas a presença de Sam, Jazz e da própria Emily durante a cerimônia era suficiente para nos sentirmos mal, mesmo que Peter não soubesse disso.

— Como vocês vão fazer para oficializar a união? Você está sendo procurado por Eles, ou seja, pelo próprio Instituto, então vocês não podem solicitar a presença de um representante para fazer o registro do casamento.

Nós nos entreolhamos. Ainda não tínhamos pensado naquele detalhe. Será que nada podia ser fácil para nós, a ponto de fazermos alguma coisa sem precisar nos preocupar com consequências ou obrigações? Que droga! Por que era tudo tão difícil?

— Nós já estamos negociando isso — Evan respondeu, para minha surpresa.

— Mas... — o rapaz começou.

— Está quase resolvido — o vampiro interrompeu. — Agora... que tal você mostrar como a casa está ficando?

Peter assentiu, claramente desconfiado, enquanto nos dava as costas e entrava no meio da obra.

Não prestei a mínima atenção no que ele disse a seguir, nos guiando pelas escadas e corredores, apontando para as paredes e colunas à mostra que eram trabalhadas pelos construtores, e Evan sabia muito bem disso. O vampiro olhava para mim a cada cinco segundos, com um olhar sério de “Já vou explicar o que está acontecendo”. Eu queria muito

saber o motivo de ele ter mentido daquela forma, e também queria descobrir como iríamos resolver aquela situação.

— Peter, será que você pode nos dar um minuto? — Evan pediu.

Continuávamos dentro da casa, só que em uma área um pouco mais vazia, que eu acreditava ser o quarto de Sam. Ali poderíamos conversar, se falássemos baixo. Peter nos deixou a sós com um sorriso gentil, e, assim que fechou a porta, Evan tirou o braço de cima dos meus ombros, ficando à minha frente: — Olha, eu sei que não falamos sobre a documentação antes, já que essa nunca foi a prioridade, e eu acabei de mentir para o Peter sem combinar com você, mas... — Fez uma pausa, esperando alguém passar do lado de fora para que pudesse continuar. — Escute. Quando eu for embora, isso tudo vai ser seu se a gente se casar.

Recuei um passo, e meu queixo caiu. M-m-meu? Eu seria a líder da Área 4? Eu?! Não conseguia impor limites nem mesmo para Jéssica! Imagine para um clã inteiro! Nunca chegaria aos pés dele no comando. Pensei que Sam fosse ficar no cargo, já que conhecia tudo e todos e havia sido criado para aquilo. Como é que eu...

— Só que, de acordo com uma das poucas regras que o Instituto impôs a nós, líderes dos clãs, toda união e toda separação devem ser documentadas. Assim, quando um líder perder o cargo por algum motivo, a liderança é passada adiante sem problemas. Quando eles precisam saber o que está acontecendo, têm com quem falar e a quem cobrar. Mas é aí que entra o problema: eu sou procurado, então não posso chamar ninguém de lá pra documentar o nosso casamento. E nós dois sabemos que a minha fama no clã já foi melhor, então eles vão fazer de tudo pra tirar você da liderança a partir do momento em que eu for embora. A única coisa que pode te proteger é fazer o clã pensar que eu dei um jeito de oficializar a nossa união.

Eu me limitei a encarar Evan em silêncio, completamente chocada. Não tinha resposta. Ele iria embora e eu estava sendo informada de que

ficaria tudo nas minhas mãos? E se eu não quisesse ser a líder, como faria? Simplesmente precisaria lidar com aquilo e dar um jeito de resolver tudo? Abri a boca para perguntar, sentindo o coração apertar só de pensar naquela possibilidade.

— É por isso que você está se casando comigo? Por que quer que eu seja a líder?

— É claro que não! — ele respondeu, se aproximando e colocando as mãos em meus braços. — Se fosse por isso, eu não me preocuparia com detalhes como as nossas alianças ou o lugar onde vamos fazer a cerimônia. Simplesmente passaria a te considerar minha esposa. É que... você se tornar a líder é uma vantagem que vem com o casamento.

— E o Sam? Por que você não coloca ele pra ser o líder? Ele foi criado por você! Cresceu neste clã. Eu não sei o nome de metade das pessoas daqui!

— Não é com ele que eu vou casar, Lollipop — brincou. — E o Samuel ainda não está pronto. A vida dele ainda é só andar por aí tirando sarro da cara de todo mundo, treinar e namorar. Já você eu sei que pode fazer isso. Já te vi no comando e...

— Quem você viu foi a Celena. Não eu — corrigi, me afastando e dando as costas para ele.

Cruzei os braços, olhando pela janela apenas para não ter que encará-lo. Não estava irritada, só... assustada. Não é que eu não tivesse ideia de como comandar um grupo... Ok, eu realmente não tinha ideia. Pelo menos não achava que tivesse, mas uma voz bem lá no fundo da minha consciência dizia que eu podia fazer melhor do que qualquer um. *Quanta modéstia, Lollipop. Quanta modéstia!* Quase consegui rir do meu pensamento.

— Eu sei, mas ainda assim tem alguma coisa aí dentro que traz uma lembrança das outras duas. — Olhei para ele por cima do ombro, não querendo admitir que sabia que, no fim, Lollipop não era uma pessoa

só, mas uma mistura de mais duas pessoas. — E eu conheço esse olhar há mais de cem anos.

Não estava gostando nem um pouquinho daquilo.

— Então a partir de agora nós vamos mentir sempre que alguém perguntar sobre o representante? — Não precisava me virar para saber que ele estava assentindo com a cabeça. Suspirei. — Ok. Que seja.

— Não vai ser fácil, mas não temos escolha — Evan disse, passando os braços ao redor da minha cintura e apoiando o queixo no topo da minha cabeça, olhando o mundo do lado de fora da janela comigo.

— Nada é fácil pra nós dois. Não foi fácil durante cem anos! Por que seria agora?

IMORTALIDADE MORTAL



Não dormi naquela noite. Algo sobre o fato de saber que o dia seguinte seria um dos últimos que passaria com Evan não era nem um pouco reconfortante. Ainda mais quando ele não estava ao meu lado.

A reforma na casa havia terminado, então Emily nos convenceu a seguir a tradição das lendas sobre o casamento antes da Terceira Guerra, e Evan concordou com ela. Resultado: tive que ficar confinada no quarto dele a noite toda, e sozinha.

Me sentei no chão com as costas apoiadas na porta de entrada, encarando o cômodo escuro com atenção. Aquele seria um dos meus últimos dias sem as responsabilidades de um líder. Eu não devia estar me sentindo diante de uma sentença de morte, mas era quase inevitável. Era um peso grande demais para alguém que não se achava nem um pouco capaz de assumir algo tão grandioso quanto a liderança de um clã.

Senti a porta se mexer um pouco e ouvi algo atrás dela, o que me fez despertar do devaneio.

— Ouvi você pensando — o vampiro disse, a voz abafada pela porta entre nós.

— Você sempre ouve — murmurei e quase pude vê-lo sorrir com meu comentário. — O que está fazendo aqui?

— Eu vim perguntar se é realmente isso o que você quer.

Pensei se não seria melhor simplesmente abrir a porta e ter aquela conversa cara a cara, mas, se fosse isso o que ele queria, teria pedido

para entrar, e não se sentado do lado de fora. Talvez estivesse com medo do que eu diria e não quisesse realmente me encarar.

— Do que especificamente você está falando? Do casamento ou da liderança?

— Dos dois, eu acho — respondeu, num tom tão baixo que precisei me apertar um pouco mais contra a porta para ouvi-lo.

Sorri, mordendo o lábio, ao pensar em uma resposta. A primeira que passou pela minha cabeça com certeza o faria mais feliz, além de ser a pura verdade, então decidi verbalizá-la: — Eu quero você. Só isso.

— É uma boa resposta — comentou, o que quase conseguiu me fazer rir. Babaca. Podia pelo menos responder à altura. — Mas ainda assim eu preciso saber se posso te deixar aqui fazendo uma coisa que realmente quer, e não infeliz, cumprindo uma promessa que nunca queria ter feito e...

— Não vai fazer diferença, Evan — interrompi. — Você vai embora. Isso é o suficiente para me deixar infeliz, por mais que eu entenda os seus motivos e concorde plenamente com eles. É que... nós vamos casar daqui a algumas horas, e não consigo ficar feliz pensando que isso é só um sinal de que você já pode me deixar.

Evan ficou em silêncio, pensando no que eu tinha dito, enquanto eu sentia meus olhos se encherem de lágrimas. Não iria deixá-las escapar, embora não fosse fácil. Eu precisava aprender a controlar minhas emoções. Se seria a líder daquele bando de pessoas que não gostavam de mim, deveria mostrar força, e não o contrário.

— Quer abrir a porta? — ele perguntou.

Minha primeira reação seria dizer que sim sem nem pensar antes, mas talvez fosse melhor ele me ver apenas na hora da cerimônia mesmo. Não o teria ali para me consolar sempre que passasse por algum problema, apesar de saber que deveria aproveitar enquanto ele

ainda estava por perto. Balancei a cabeça, como se ele pudesse me ver, antes de responder: — Não. É melhor você ir agora. A Emily vai me matar se eu aparecer com olheiras amanhã.

Me levantei, virando para a porta, enquanto o ouvia fazer o mesmo. Fiquei bem pertinho dela e encostei a testa na madeira, esperando que ele dissesse mais alguma coisa.

— Até amanhã, garotinha. Boa sorte com a Emily.

Evan se afastou antes mesmo que eu tivesse a chance de retrucar, e eu continuei encostada à porta, ouvindo seus passos se afastarem.

— Até amanhã, vampiro — sussurrei, sabendo que ele poderia me ouvir a qualquer distância.



— ACORDA, LOLLIPOP! É HOJE! — Emily berrou, saltando em cima de mim, acompanhada de Jazz.

Pisquei algumas vezes, a fim de me acostumar com a claridade, antes de decidir dar uma resposta às duas loucas. Mal havia aberto a boca quando me puxaram para fora da cama, gritando, enquanto me guiavam em direção ao banheiro e me jogavam numa banheira cheia com uma espuma cheirosa. Passaram um creme estranho no meu rosto e no meu cabelo molhado, e só aí eu pude respirar.

— Ok. Qual é a programação? — perguntei.

— Você não precisou saber durante todo o planejamento, então não precisa saber agora — Emily respondeu. — A última coisa que eu preciso é de unhas roídas por causa de ansiedade.

— E vocês simplesmente vão me jogar de lá pra cá, até eu finalmente estar no altar, ou qualquer coisa parecida que tenham montado?

— É! — as duas responderam ao mesmo tempo, o que me fez rir.

Olhei para elas, me surpreendendo ao ver que já haviam começado a se arrumar, antes mesmo de mim. Emily tinha uns aros de metal estranhos presos em toda a cabeça, nos quais o cabelo prateado estava enrolado, e aquela tinta estranha que usou uma vez em nossos olhos já estava no seu rosto. Jazz tinha o cabelo castanho todo trançado, cheio de ramos, pequenas flores brancas e coisas do tipo.

— E eu posso pelo menos saber quanto tempo falta? — perguntei.

— Pouco mais de três horas e meia — Jéssica revelou. — Já fomos dar uma olhada nos garotos, e estão todos quase prontos. Eles vão antes para o lugar, para ajudar a organizar os últimos detalhes.

— E os convidados?

As duas se entreolharam. O sorriso travesso que Emily tinha no rosto fez meu estômago revirar. O que aquela garota havia aprontado com a lista de convidados? Caramba, eu só queria que ela, Jazz, Sam, Yone, Dean, Kyle, Henry e Peter estivessem lá! Quem mais ela poderia convidar? Todo o restante da Área 5 que não nos conhecia?

— Ah, você sabe... — ela começou. — Eu faço amizade rápido, e as pessoas do outro grupo são bem legais e nunca estiveram em um casamento, então...

Coloquei a mão que ela não segurava na frente dos olhos, respirando fundo para não ter um ataque. O som da pedra porosa que ela esfregava em minhas unhas não ajudava nada no processo de relaxamento. Para que aquilo? Não era melhor simplesmente cortar as unhas?

— Vai dar tudo certo, Lolli — Jazz disse, colocando as mãos nos meus ombros, sentada num banco atrás da banheira. — Eu vi tudo pessoalmente, e você sabe que eu sou chata pra essas coisas. Está tudo lindo. A sua cara.

— Jazz, vá pegar o vestido dela — Emily pediu assim que a menina fechou a boca.

Ela se levantou, saindo do banheiro na mesma hora, sem reclamar. Surpreendente. Quer dizer que ela havia acordado de bom humor? Isso sim era incomum. Quase tanto quanto ver que a garota que continuava lixando minhas unhas estava séria.

Quando terminou de dar um trato nas minhas mãos, disse que eu podia lavar o cabelo e o rosto e depois sair da banheira. Me enrolei em uma toalha enquanto ela me conduzia de volta. Sentada na cama, vi quando ela pegou uma escova de cabelo na bolsa que eu nem tinha percebido que estava ali. Estava cheia a ponto de explodir.

— Escute — começou, num tom um pouco ansioso —, quando chegarmos lá, todo mundo vai estar te esperando, só que você não pode parar pra falar com ninguém. Você simplesmente vai até o Evan e fica de frente para ele, repete as palavras e...

— Emy — chamei, sorrindo de forma gentil. Eu tinha inventado aquele apelido pouco tempo depois de conhecê-la e acabou se tornando uma forma particular de chamá-la, diferente de Milly, como os outros a chamavam. — Eu sei como funciona. Relaxa.

Ela riu nervosamente, passando com gentileza a escova pelo meu cabelo molhado antes de prendê-lo com... meias? Enrolou várias mechas úmidas em meias com nós e me deixou daquele jeito. Não estava exatamente bonito, mas, se era aquilo que queria fazer...

Foi até a bolsa mais uma vez, jogando uma maçã para mim antes de começar a fuçar dentro da sacola sem a menor delicadeza, quase a virando do avesso para procurar o que quer que fosse. Demorou tanto que eu já havia quase terminado de comer a fruta quando ela finalmente encontrou o que queria.

Quando Emily se virou para mim segurando um punhado de renda preta, meu primeiro reflexo foi rir, balançando a cabeça em sinal

negativo. Não... Ela não podia ter costurado aquilo para mim. Quer dizer... eu nem estava precisando de roupas de baixo.

— Ah, vamos lá. As que você tem são tão... sem graça! — disse, jogando tudo no meu colo e se virando de costas para que eu pudesse vesti-las. Ao perceber que eu simplesmente me mantive imóvel, de braços cruzados, com o resto da maçã preso entre os dentes, se virou novamente para mim. — Lolli! Vista logo! Não dá tempo de ficar enrolando. O Evan vai gostar.

— O Evan vai gostar?! Hahaha. Como se eu quisesse que a minha lingerie o agradasse! O que ele tem a ver com isso?

A garota me lançou um olhar malicioso antes de voltar a ficar de costas. Revirei os olhos, me levantando para vestir as duas peças mínimas de renda preta. Não era nada elaborado, que sustentasse alguma coisa, mas pelo menos era bonitinho. O único problema era que...

— Isto aqui não tem alças — alertei. — Tem certeza de que é uma boa ideia me fazer usar uma coisa assim?

Infelizmente eu não conseguia usar peças tão simples para segurar minhas “propriedades frontais”. Mesmo assim, Emily pediu que eu confiasse no vestido que ela costurara para mim, e foi o que eu fiz. O que mais poderia fazer? Àquela altura do campeonato, a única coisa que eu queria era ver logo o que ela havia aprontado com o tecido do vestido de Amélia.

Ouvi as batidas fracas e ritmadas de Jéssica na porta. Ela entrou no quarto com o vestido dobrado nas mãos, uma enorme coroa de flores brancas e cor-de-rosa por cima. Sorri ao vê-la, sem poder deixar de admirar o trabalho que haviam feito.

— Ei! — Emily avisou, dando um tapa de leve na minha mão quando eu estava prestes a colocá-la na cabeça. — Essa é a última coisa. Primeiro a maquiagem.

— Maqui o quê? — perguntei.

— A tinta — respondeu.

Depois de escovar os dentes e receber umas trezentas camadas de pintura no rosto, coloquei o vestido. É claro que nenhuma delas deixou que eu me olhasse no espelho antes de terem terminado o trabalho.

Jéssica o fechou na parte de trás, puxando as inúmeras fitas com força e o fazendo ficar cada vez mais apertado. Emily, enquanto isso, dava os retoques finais na tal maquiagem.

— Não vai tirar essa coisa feia do pescoço antes de irmos? — questionou.

Passei os dedos pela minha gargantilha de couro negra, de cuja existência eu havia esquecido, de tão acostumada que estava. Pelas fotos que vira de Amélia, ela também usava uma dessa. A mesma, se eu pudesse arriscar. Balancei a cabeça em sinal negativo. Era uma marca minha, assim como as mechas vermelhas no meu cabelo preto e a franja reta que quase cobria meus olhos.

Emily deu de ombros antes de estender os coturnos na minha direção. Coloquei as mãos na frente da boca em sinal de surpresa ao ver aquele gesto. Ela estava falando sério? Sorri, pegando e calçando-os. Nunca havia usado um vestido, o que me deixava bem desconfortável, mas estar com meus sapatos preferidos, mesmo que não combinassem em nada com a roupa, me fazia sentir bem mais confortável.

— Não aparece por baixo do vestido — Emily explicou, sorrindo. — Então eu pensei que poderia te deixar mais feliz.

— Obrigada! — exclamei, puxando-a para o abraço mais forte que podia dar.

— Cuidado, vai amassar o vestido! — avisou, se afastando, o que me fez rir.

Depois disso, me sentei e esperei que as duas terminassem de se arrumar com uma rapidez inacreditável. É claro que precisávamos considerar que Emily tinha supervelocidade, ou seja lá como se chamava aquilo, mas Jazz estava decidida a dar o melhor de si para ajudá-la. A minha garotinha... Ah, não. Eu estava começando a ficar emotiva. Será que era efeito do casamento? Mas... por quê? Isso era normal?

No fim, quando ela apareceu com seu vestido longo de... Como foi que Emily chamou mesmo? Dama de hora? De honra? Enfim, quando ela apareceu com o vestido, mal consegui segurar as lágrimas. Estava tão linda! Era um traje simples, de seda rosa com alças finas e um decote delicado em v, com a saia terminando na altura dos joelhos. Havia também um xale da mesma cor, em um tecido delicado quase transparente, sobre seus ombros.

— Ah, não me olhe assim — pediu. — Ela me obrigou a vestir isso.

— É bonito — falei. — O Sam já viu? — Ela balançou a cabeça, sorrindo de um jeito sem graça. — Ele vai gostar.

Dava para ver em seus olhos que Jazz estava mais empolgada para que ele a visse com o vestido do que qualquer outra coisa. Quem diria? Minha menininha apaixonada... Lollipop. Pare. Agora. Sem nostalgia. Sem drama.

— E o Evan vai cair duro quando te vir assim, Lollizinha — retrucou.

— Eu realmente espero que ele não faça isso — Emily disse, tirando os aros de metal do cabelo com agilidade. — Vai sujar a roupa inteira, e vai estragar o visual que eu preparei.

— O Evan deixou você escolher as roupas dele? — questionei. — Estou surpresa de verdade.

— Quando ele abriu o armário e viu que só tinha as roupas feitas pela Emy para vestir, certamente ficou bem surpreso também — Jazz

falou, com um olhar maligno e um sorriso travesso. — Mas isso foi graças ao Sam, que me ajudou a invadir o quarto do vampiro e roubar todas as roupas dele.

Sam e Jazz juntos podiam ser uma dupla bem diabólica quando queriam, mas era fofo, eu tinha de admitir. Dava para imaginar quanto o vampiro tinha ficado irritado. Estava sendo um dia cheio de surpresas, e eu só esperava que nenhuma delas fosse constrangedora demais. Se fosse, eu já saberia com quem reclamar, pelo menos.

Emily veio até mim, tirando as meias do meu cabelo. Já seco, ele caiu todo cheio de cachos. Uau. Onde ela aprendia essas coisas? Sua família devia ter um grande gosto por moda antes da Terceira Guerra e provavelmente transmitira muitas dicas através das gerações. Ela bem que poderia escrever um manuscrito sobre aquilo. *Dicas lendárias arcaicas de moda para ser estiloso até num mundo pós-apocalíptico.*

Quando terminou de ajeitar meus cachos, colocou a coroa de flores sobre minha cabeça e me guiou até o espelho, sem disfarçar a ansiedade. Jazz nos seguiu, bem ao meu lado, segurando minha mão e me analisando com um sorriso enorme.

Respirei fundo antes de finalmente me olhar no espelho, rezando para não começar a chorar (de alegria ou tristeza, não sei) quando visse o meu reflexo. Só que não deu muito certo, e Emily precisou berrar comigo para que eu parasse, avisando que eu não podia borrar a... maqui... maquiagem? Isso aí. Só que era inevitável.

O vestido era incrível, com uma linda cor marfim, e servia perfeitamente, graças a todas as vezes em que Emily me fez experimentá-lo de olhos vendados. As mangas eram caídas, formando uma linha reta com o decote e deixando os ombros à mostra. Na cintura e nos cotovelos havia uma corda de tiras de couro caramelo entrelaçadas. As mangas eram tão longas que quase chegavam até os joelhos, se misturando ao tecido da saia longa quando eu mantinha os braços

juntos do corpo. Se estreitasse os olhos, eu podia ver pequenos pontos brilhantes no tecido, quando estava contra a luz. Era simples, mas lindamente completo. E a tal maquiagem era tão natural que quase não parecia estar lá. Só chamava atenção para os olhos.

— Vamos! O Sam chegou pra nos buscar — Emily exclamou, quando ouvimos um carro buzinar do lado de fora.

Apenas deixei que Jéssica me puxasse pela manga do vestido, quase me arrastando atrás dela. Emily passou seu vestido sobre a cabeça antes de nos seguir. Ela não teve tempo para se vestir antes, por estar bem ocupada comigo. Mas não era um problema para ela, afinal ela tinha supervelocidade. O vestido era igual ao de Jazz, mas azul-celeste. Algo me dizia que ela também seria dama de hora. De honra.

Eu a observei fazer um penteado em si mesma no curto período de tempo em que descemos as escadas, chegando ao último degrau já com uma meia-trança até a altura da nuca, e depois o cabelo caía ondulado livremente.

Saímos da casa enquanto ela corria para algum cômodo no caminho, dizendo que buscaria os buquês. Até isso nós tínhamos? Emily havia realmente se dedicado.

— Aí estão as minhas garotas! — Sam comemorou, baixando o vidro do carro e sorrindo para nós de um jeito gentil. Dava para ver que ele usava algo parecido com um terno, mas um pouco menos complexo. — Você está linda, Lolli.

Agradei com um gesto de cabeça enquanto entrava no banco de trás, e Jazz se sentava ao lado dele na frente. Segurei o riso quando ele a analisou, surpreso, dos pés à cabeça, enquanto Jazz colocava o cinto de segurança. Ela manteve o olhar grudado na rua à nossa frente, corada, esperando um elogio.

— O mesmo eu digo sobre você, meia porção — Sam brincou, sorrindo timidamente e desviando o olhar.

Apesar de não ter usado a palavra “linda” ou qualquer sinônimo, como havia feito comigo, aquilo tinha um grande significado. O simples fato de tê-lo dito em tom quase inaudível mostrava isso.

Era estranho vê-lo dirigindo, ainda mais quando ambos pareciam apenas crianças para mim. Emily entrou no carro segurando três buquês: um cor-de-rosa, um laranja e outro branco. Entregou o primeiro para mim e o terceiro para Jazz. Combinava com as flores da coroa que eu usava.

Seguimos pela floresta por alguns minutos. Sam perguntou um milhão de vezes se eu estava ansiosa, e Emily ajeitou meu cabelo de novo enquanto Jéssica abria um enorme sorriso a cada vez que olhava para mim, fazendo uma careta. No fundo, tudo o que eu queria era que chegássemos logo. Meu coração ia sair pela boca se não o fizéssemos o mais rápido possível.

— Estou começando a ficar enjoada — falei, me mexendo no banco.

— Nem pense nisso, mocinha. Já estamos chegando — Emily replicou.

Engoli em seco, sentindo o estômago revirar. Tinha a sensação de que todos os meus órgãos estavam dando uma festa dentro de mim. Abri a janela, ouvindo um som alto de música. Juntei as sobrancelhas. Como era possível que tivéssemos energia no meio da floresta? Mal conseguíamos manter as luzes da cidade ligadas com nossa usina hidrelétrica improvisada.

— O Evan tinha umas coisas bem interessantes guardadas no porão — Sam contou. — Velharias da época de antes da Terceira Guerra. Como ele acabou aprendendo a conservar e consertar aquelas bugigangas, conseguiu fazer os rádios funcionarem a bateria. Ele tinha pilhas e mais pilhas de discos velhos, que foram bem úteis. Garrafas de bebida, eletrônicos e caixas de maços de cigarro estão no “top 5” dele, e o vampiro nos deixou pegar tudo para tornar a festa ainda melhor.

Sorri, impressionada. Amava o fato de ele ter cedido alguns dos seus pertences para usarmos na festa, e sem comentar comigo, como se estivesse fazendo um tipo de surpresa. Pensar que estava fazendo isso por nós dois só serviu para me deixar ainda mais louca por ele. Aquele vampiro babaca ficava irresistível quando mostrava que tinha mesmo um coração.

Sam diminuiu a velocidade, fazendo uma curva e saindo da trilha que seguíamos. Encarei boquiaberta o lado de fora quando vi que algumas cerejeiras começavam a aparecer, dando um tom rosado a tudo ao nosso redor. Parou o carro e correu em meio às árvores até sumir de vista, nos deixando para trás, paradas, ainda próximas ao carro.

Dava para ouvir a voz das pessoas a alguns metros de distância, e isso dificultou ainda mais a minha respiração. Emily se colocou do meu lado esquerdo, e Jazz, do direito.

— Demorei dois dias pra encontrar este lugar. Precisei rodar todo o território. Depois foi só recrutar o grupo dos Guerrilheiros inteiro e mais algumas pessoas pra nos ajudar a montar tudo, e pronto.

Eu estava feliz por saber que os Guerrilheiros haviam ajudado, apesar de tudo. Não éramos exatamente amigos, mas eu me relacionava bem com cada um deles. Eles me conheciam e sabiam que eu não seria capaz de fazer o que quer que o restante do clã pensava que eu fazia.

— Agora... vamos fazer assim — a garota instruiu. — Eu vou primeiro, e a Jazz, atrás de mim com o Sam. Assim que eles pararem do lado do Evan, você entra. Ok?

Olhei para minha amiga, que ouvia atentamente as orientações de Emy. Eu não queria ir sozinha e sabia que ela seria a única pessoa que poderia ficar ao meu lado quando andasse entre todos aqueles estranhos.

— Será que a Jazz não pode entrar comigo? — perguntei, interrompendo enquanto Emily falava algo sobre o cartão com os votos

que ela havia escrito e que eu poderia ler se não tivesse nada em mente.

Jéssica me encarou, surpresa, com um sorriso, ignorando o fato de Emily reclamar porque aquilo estragaria toda a programação. Quando se deu conta de que nada do que ela falasse me faria mudar de ideia, assentiu com a cabeça, revirando os olhos.

— Então o Sam entra sozinho? — ela perguntou.

Jazz deu de ombros, murmurando algo como “tanto faz”, o que me fez rir, com pena do garoto.

Como se tivesse sentido que havíamos falado dele, Sam apareceu segundos depois, um pouco ofegante. Disse, enquanto tentava recuperar o ritmo da respiração: — Está tudo pronto. Estão esperando por nós.

Ao mesmo tempo, ouvimos a música parar e os gritos das pessoas se transformarem em murmúrios. Era a hora. Prendi a respiração, mordendo o lábio com força enquanto tentava me acalmar. Só de imaginar todo mundo olhando para mim, já vinha a imagem da noiva tropeçando num galho e caindo de cara no chão. Eu não podia passar essa vergonha de forma nenhuma.

Seguimos em direção ao lugar onde nos esperavam, e Emily me impediu de continuar andando, com medo de que me vissem antes da hora, embora o que eu mais quisesse fosse fazer isso o mais rápido possível. Ouvi, enquanto ela colocava as mãos em meus braços e sorria de um jeito gentil: — Respire fundo, relaxe os ombros e sorria. Você está linda, e vai dar tudo certo.

— E lembre-se que quem vai estar esperando por você é o Evan — Sam acrescentou.

— É só isso que importa — Jazz continuou, tentando parecer confiante, embora eu soubesse que ela estava tão nervosa quanto eu só de pensar naquele monte de gente olhando para nós.

Assenti, baixando o olhar para meus coturnos, tentando encontrar algum conforto neles enquanto Emily e Sam se colocavam em posição à nossa frente e uma música lenta começava, sob o som da voz doce de uma cantora de antes da Terceira Guerra. Aquela era a nossa deixa.

Jéssica deu alguns pulinhos no lugar, tentando controlar a própria ansiedade, enquanto inspirava e expirava com força. Ainda me alertou: — Assim que a Emily sumir entre as árvores, nós vamos seguir naquela direção. Foi o que ela mandou. Então nós temos alguns segundos. — Se virou para mim, agora com o olhar sério, e perguntou: — É isso que você realmente quer, né? Evan, o clã... isso tudo.

Sorri, assentindo com a cabeça, tentando me convencer também. Quanto a Evan eu tinha certeza absoluta, mas o restante ainda era coisa demais para absorver. Só que o pacote era completo, e eu não podia escolher o que queria incluir nele. Que se danasse. Era o vampiro que estaria esperando por mim, como Sam havia dito. E era isso que importava.

— Então vamos — Jazz me chamou.

Sorri enquanto ela estendia o braço para mim e apertei o buquê com força. Não tínhamos dado muitos passos quando a quantidade de árvores começou a diminuir, e já pude ver para onde estávamos indo.

Havia uma enorme clareira rodeada por árvores altas e cheias de galhos que formavam algo parecido com a nave de uma igreja. Pendurados nos galhos havia pequenos potes com velas acesas dentro, que àquela altura pareciam estar flutuando.

Dezenas de enormes bancos feitos com troncos de árvores estavam dispostas em duas fileiras, e entre as duas ficava o espaço por onde eu e Jazz caminharíamos até... Bom, isso ainda não estava muito nítido para mim, já que havia uma droga de árvore bem na frente.

— Estou com você — a garota sussurrou, apertando os dedos em meu braço quando hesitei.

Mordi o lábio, me esforçando para manter o sorriso, que estava quase perdendo o lugar para as lágrimas de ansiedade e medo. Eu não estava caminhando apenas para o amor da minha vida, mas para todo o meu futuro: a liderança, o clã e as responsabilidades.

Avançamos mais um pouco, até chegar à clareira. Já não havia mais nenhuma árvore para nos esconder dos convidados, que, assim que nos viram, se colocaram de pé. Respirei fundo, finalmente conseguindo enxergar o que havia no fim do caminho entre as fileiras de bancos, coberto com as flores e folhas rosadas que caíam das cerejeiras em volta da clareira.

A primeira coisa que vi foi um grande arco feito com galhos de árvores retorcidos, nos quais havia amarras de cipós com flores presas. Sam estava parado do lado direito dele, e Emily, do esquerdo.

Embaixo do arco estavam Henry, o mais velho de todo o clã, com uma espécie de hábito branco, e... Evan. Quando pus os olhos nele, minha visão embaçou, e lágrimas começaram a rolar pelas bochechas. Maldito sentimentalismo. Por que tinha que ser assim?

Sorri em meio ao choro, tentando controlá-lo o máximo possível, me esquecendo completamente de todos que nos encaravam. Queria me concentrar apenas nele e no ritmo dos passos de Jazz.

O vampiro usava calça social preta, suspensórios de couro da mesma cor, uma camisa branca cujas mangas estavam dobradas até os cotovelos e o mesmo chapéu coco que usara no casamento com Amélia. Comigo. Tanto faz. Ele retribuiu o sorriso, me olhando de um jeito que eu nunca tinha visto enquanto nos aproximávamos.

Deu alguns passos em nossa direção, parando ao lado do banco mais próximo do altar, e Jazz me levou até ele no que parecia ser o ritmo mais lento com que alguém poderia caminhar. Eu entendia. Era minha ansiedade para chegar até ele que fazia tudo parecer mais devagar.

Quando finalmente paramos em frente a ele, a garota pegou minha mão e a estendeu na direção do vampiro. Falou, com uma sobrancelha levantada e um olhar ameaçador: — Estou de olho. É melhor não dar nenhuma mancada com ela, ou eu ponho fogo em você.

Ele sorriu, pegando minha mão, e Jazz se posicionou ao lado de Sam. Me senti tão aliviada quando nossos dedos se entrelaçaram... Agora estávamos juntos, e o resto poderia ir para o inferno.

Evan me guiou até o arco onde Henry nos esperava, e eu não conseguia tirar os olhos do vampiro nem por um segundo. Como era possível que parecesse ainda mais lindo?

Lancei um sorriso rápido para Henry enquanto parávamos em frente a ele de mãos dadas. Ele não era padre ou qualquer tipo de autoridade religiosa, mas era o mais experiente dali (na teoria, porque acho que não existia uma pessoa no mundo que fosse mais velha que Evan). Por isso foi o escolhido para presidir a cerimônia. Sobre o que elealaria, eu não tinha a mínima ideia.

— Bom... Não é segredo para nenhum de nós o porquê de termos nos reunido aqui hoje — Henry começou, e Evan apertou minha mão duas vezes, como se dissesse “é agora”. — Viemos presenciar a união destes dois jovens perante o Instituto e quem quer que seja que está lá em cima cuidando de tudo aqui. — Fez uma pausa, com certeza pensando no que diria a seguir. — Não é de conhecimento de todos, mas a história destes dois é uma das mais complexas que já ouvi. Um vampiro e uma singular, separados várias vezes pelo tempo, mas sempre voltando um para o outro, independentemente do que se colocasse entre eles. Parece que era para ser, e eu não poderia estar mais feliz por ter a honra de presidir esta cerimônia. Se há uma coisa na qual eu acredito, é o amor verdadeiro, que é inegavelmente o que estes dois sentem um pelo outro. Agora eu vou parar de falar, porque não sou eu o protagonista desta história, e vou deixar que vocês digam os seus votos.

Abri um sorriso enquanto Sam se aproximava de nós, emocionado e orgulhoso do pai/irmão/melhor amigo, e entregava algo para Henry. Provavelmente eram as alianças. O idoso entregou a primeira para Evan, que sorriu, sem graça, enquanto pegava minhas mãos.

— Acho que é a minha vez de falar — sussurrou.

Assenti, encarando-o. Tudo o que eu queria naquele momento era pular nos braços dele e sair dali o mais rápido possível, e tinha certeza de que era o que Evan estava sentindo também. Ele sabia que não precisava me dizer nada, ainda mais porque eu lembrava quanto ele era ruim com discursos prontos, mas parecia querer fazê-lo, o que me encantou ainda mais.

— Você sabe que eu sou péssimo com discursos longos, ainda mais quando eles têm a ver com o que eu sinto. — Suas primeiras palavras foram bem altas e claras. — Quer dizer... quando é um sentimento bom, já que eu não tenho problema algum em me expressar quando estou irritado com alguma coisa. — Fez uma pausa, rindo do que ele mesmo havia dito. Estava improvisando. Que bonitinho... — O simples fato de você aceitar isso é um dos grandes motivos pra eu te amar tanto. Você pode até se irritar com os meus palavrões e com o fato de eu não ser muito previsível com relação ao meu humor, mas... Estou começando a desviar do assunto. Desculpe.

Ficou alguns segundos em silêncio, formulando os votos. Tinha pulado todo o restante da introdução, que provavelmente duraria para sempre se não tivesse se dado conta disso. Continuou: — Se nós casarmos agora, se casarmos jovens, vamos poder passar o resto da vida ao lado um do outro, aproveitando cada segundo que ainda temos. Tudo o que eu tenho vai ser seu: a minha casa, o meu clã, o meu sobrenome, o meu coração e o meu mau humor. — Abri ainda mais o sorriso. Aquele idiota não conseguia ficar sem fazer um comentário engraçadinho nem por um segundo? — Eu vou ser seu, e você vai ser minha, se quiser. Não importa que eu viva mais um dia ou um milênio,

desde que você esteja ao meu lado. E, se por acaso o destino nos separar mais uma vez, eu quero que você saiba que vou te amar até o fim da minha vida, com todas as minhas forças, e não vai chegar nem aos pés do suficiente. — Droga. Pedido concedido. Nada de humor, e agora ele tinha conseguido me fazer chorar de novo. — Quando a minha imortalidade mortal chegar ao fim, se eu puder dizer a mim mesmo, com sinceridade, que fiz tudo o que podia pra te deixar feliz, eu vou estar satisfeito. Agora... depois de toda essa enrolação, eu só preciso saber de uma coisa antes de começar a cumprir essa promessa que fiz a você e a mim mesmo: Você, garotinha, aceita se casar comigo?

Fiz que sim com a cabeça, o máximo que conseguia naquele momento, e ele colocou a aliança no meu dedo. Nem me dei o trabalho de olhar para ela, pois não conseguia tirar os olhos de Evan por um momento sequer. Como conseguiria dizer alguma coisa que chegasse aos pés daquilo?

Todos olharam para mim, anunciando que era a minha vez, e nós ouvimos alguém fungar. Olhamos na direção de Sam e Jazz, vendo o garoto coçar os olhos e a menina rir da cara dele. Voltei a olhar para Evan e peguei a aliança que Henry havia me entregado: — Eu não tenho a mínima ideia de como vou fazer isso, mas... vou tentar. Por você. — Ele sorriu, apertando minhas mãos a fim de me encorajar. — Aliás, eu acho que já fizemos muitas coisas um pelo outro nesta vida. Infelizmente, só tenho exemplos vindos da sua parte, porque eu devia ser uma egoísta desgraçada algumas dezenas de anos atrás. Eis aqui a minha proposta: a partir de agora, eu fico responsável pelas declarações de amor mais significativas e por esperar por você.

— Tudo bem. A responsabilidade é sua — brincou.

— Então eu posso começar isso dizendo que sinto muito. Por ter ido embora, por ter me esquecido de você tantas vezes e por ter mudado, mas principalmente por ter partido o seu coração. Isso foi imperdoável, e eu sou a pessoa mais sortuda do mundo por você ter me dado a

milésima chance. Saiba que vou fazer tudo o que for possível pra não desperdiçá-la mais uma vez, porque eu te amo mais do que qualquer coisa neste mundo, e não quero ficar sem você mais uma vez. Eu abriria mão de tudo o que tenho só pra ter você ao meu lado, embora eu saiba que nem de longe isso é o bastante pra impedir qualquer coisa de nos separar algum dia: a morte, o tempo, a vida... Só que, por enquanto, o que nós temos agora, neste momento, já me faz feliz. Você me faz feliz e, não importa o que aconteça, sempre vai estar no meu coração. Agora só resta a você aceitar isso. Me aceitar ou não.

Evan assentiu, sorrindo para mim do jeito mais lindo, e eu coloquei a aliança em seu dedo, feliz por finalmente ter parado de chorar como uma idiota. Olhamos para Henry, esperando que ele dissesse o que quer que precisava dizer: — Então, está feito. Agora vocês são Evan e Lollipop Moore. — Olhou para Evan e fez um gesto com a cabeça na minha direção antes de continuar: — Pode beijar a noiva.

Mal tive tempo de voltar a olhar para o vampiro quando ele me puxou para perto, se inclinando e apertando os lábios contra os meus. Tirei o chapéu de sua cabeça, colocando na nossa frente enquanto ele intensificava o beijo de um jeito que não me parecia muito adequado na frente de toda aquela gente. Pude senti-lo sorrir quando o fiz, e, depois que se afastou, passando os dois braços ao meu redor e me levantando, girando uma vez no lugar, acabei deixando o chapéu cair.

Sorri quando ele finalmente me colocou no chão, tentando me puxar para outro beijo. Me inclinei para trás, impedindo-o de fazê-lo, sabendo que agora não teria mais o chapéu para nos esconder. Passei os dedos pelo seu cabelo, sentindo as bochechas doerem por causa do tamanho do meu sorriso. Acho que nunca tinha me sentido tão feliz nos últimos anos.

Coloquei minha coroa de flores em sua cabeça quando Evan roubou mais um beijo, o que o fez sorrir.

— Agora você é toda minha, sra. Moore — sussurrou, antes de se endireitar, me envolvendo com um dos braços e erguendo a coroa de flores com o outro. Evan se virou para os convidados e agradeceu os aplausos, que ainda não haviam cessado.

Sim, agora eu era toda dele, e acho que tinha um pouquinho de medo do que aquilo poderia significar.

Naquele momento, não importava se ele ia embora, se eu seria líder contra a minha vontade ou se estávamos correndo o risco de ser atacados. Estávamos felizes, e isso era o suficiente.

ETERNIDADE



Quando a cerimônia terminou, todos seguimos até alguns metros à frente, onde havia várias mesas cobertas com toalha branca dispostas em uma área livre, com os aparelhos de som. Aquela devia ser a pista de dança.

Depois de termos sido cumprimentados por todo mundo, Emily nos colocou sentados no que chamou de mesa dos noivos, com apenas duas cadeiras e enormes arranjos de flores. Mandou que não saíssemos dali até que alguma coisa mudasse. O que ela queria dizer com aquilo? Eu não tinha ideia.

— Eu vi você chorando — Evan disse, apontando para Sam, quando o garoto se agachou no espaço entre nossas cadeiras, os braços apoiados nos encostos.

— Tinha caído uma coisa no meu olho, seu babaca.

— É, heterocromático. Caiu uma coisa *do* seu olho, é o que você quer dizer — Jazz corrigiu. — Lágrimas.

Ele revirou os olhos, reprimindo um sorriso, enquanto sua namorada lhe dava um beijo na bochecha. Eu só conseguia pensar em como aqueles dois eram fofos. Pareciam dois bebezinhos lindos andando de mãos dadas e...

— Devo pronunciar em voz alta o que você está pensando, ou prefere que eu mantenha em segredo e evite constranger os dois? — Evan questionou, levantando uma sobrancelha, o que fez ambos olharem para mim.

Havia acabado de abrir a boca para responder quando uma música diferente de todas que eu já tinha ouvido começou a tocar. Não era limpa, tinha alguns chiados, como se fosse extremamente antiga. Evan começou a rir assim que as vocalistas cantaram o primeiro verso, e só entendi o motivo poucos segundos depois, quando percebi que estavam dizendo o meu nome repetidamente: Lollipop.

O vampiro se levantou, me arrastando com ele na direção da pista. Mal havíamos chegado ao centro dela quando me puxou e me fez pisar em cima dos seus pés. Aquele era o sinal, então, e funcionou muito bem para ele.

Evan passou um braço ao redor das minhas costas, colocando uma das minhas mãos em seu ombro e pegando a outra enquanto me guiava ao redor da pista. Nenhum desses movimentos fazia muito sentido para mim, mas confiei nele e deixei que me levasse, sem conter o riso diante das caretas que ele fazia, do tipo “Olha como eu sei dançar”. Ele começou a gritar para mim: — Essa música foi gravada pouco depois da Segunda Guerra. Eu e o Liam tínhamos uma coleção de discos de vinil dessa época, e eu ainda tenho pilhas guardadas.

— Mas como é possível? Essas coisas têm quase trezentos anos!

— Eu presenciei a criação de quase tudo neste mundo, então fica fácil saber como as coisas funcionam e como mantê-las intactas com o passar dos anos — respondeu, dando de ombros, como se fosse óbvio.

Não demorou muito para que a canção acabasse, mas continuamos lá durante as músicas seguintes, encarando um ao outro sem conseguir parar de sorrir como dois imbecis. Perguntou, depois de algum tempo, agora sussurrando em meu ouvido: — E como está se sentindo agora, sra. Moore? Algum arrependimento, ou acha que pode aguentar mais alguns minutos comigo?

— Estou totalmente arrependida! — brinquei. — Não sei como vou aguentar o resto da minha vida com você e não vejo a hora de você dar

as costas pra que eu possa fugir correndo.

Ele se inclinou na minha direção, falando bem pertinho do meu ouvido enquanto todos começavam a dançar ao nosso redor: — E eu não vejo a hora de podermos voltar pra casa e...

— PARABÉNS AOS DOIS! — Peter exclamou, aparecendo ao nosso lado de repente e me dando um susto daqueles.

Sorri, sentindo as bochechas esquentarem enquanto ele fazia seu discurso de felicitações e Evan me olhava de um jeito malicioso. Pisei no pé dele discretamente, em um sinal para que prestasse atenção no que o rapaz tinha a dizer. Por que, sempre que ele falava, nós dois estávamos num grande momento de reflexão? Pobre Peter.

— CASAL! — ouvimos uma voz ecoar pela clareira, tão alta que precisei tapar os ouvidos para que meus tímpanos não explodissem ou qualquer coisa do tipo.

Olhamos na direção dos aparelhos de som. Ligado a um deles havia um microfone, e Sam o segurava. Na mão livre havia uma taça de alguma bebida amarelada borbulhante. Algo me dizia que aquele seria o brinde, e que não prestaria muito. Evan colocou a mão na frente do rosto, fingindo vergonha, quando o garoto apontou na nossa direção, nos chamando para ir até ele. Quando o alcançamos, Sam passou o braço que segurava a taça por cima dos meus ombros antes de começar, sem conseguir se manter parado enquanto falava. Como era possível que já estivesse bêbado? Onde estava Jéssica para cuidar daquela criança?

— Eu, como padrinho, tenho que fazer um discurso — iniciou. — E quero começar dizendo que estes dois aqui são demais.

Evan murmurou um xingamento, balançando a cabeça com um sorriso, achando graça no fato de Sam estar completamente alterado. Quanto tempo havia se passado desde o início da festa? Meia hora? Eu

esperava que Jazz não estivesse naquele estado também, ou deixaria os dois de castigo pela eternidade.

— Sempre achei que o Evan morreria solteiro e pensava que ele fosse louco quando contava aquela história maluca de uma garota que ia e vinha do nada, e batia nele, e era superdemais, e tinha superpoderes superlegais... Aí, quando a Lollipop apareceu, eu finalmente vi que ele não era maluco. Mas aqueles tempos ficaram no passado, e este é o início de um novo dia, uma nova vida para os dois, e eu me sinto bem por eles — disse, quase cantarolando. — Peixes no mar, vocês sabem como eu me sinto. Um rio correndo livre, você sabe como eu me sinto. Flores nas árvores, vocês sabem como eu me sinto. É um novo amanhecer, é um novo dia e é uma nova vida pra mim. E eu estou me sentindo bem.

E então ele simplesmente começou a cantar “Feeling Good”. Parecia um astro do rock bêbado, se molhando com a taça de champanhe porque simplesmente não conseguia segurá-la parada. Eu e Evan nos entreolhamos, e ele sussurrou: — Ele pensa que é uma superestrela quando bebe. Eu queria adiar isso ao máximo, mas...

Sorri, vendo que Sam havia largado o microfone e ido para o meio das pessoas, fazendo-as cantar mesmo que não soubessem a letra, inventando versos como: “Chocolate quente, você sabe como eu me sinto” ou “Cantar sozinho no chuveiro, você sabe como eu me sinto”. Até que ele levava jeito para aquilo. Jéssica apareceu pouco tempo depois, surpresa.

— Eu não sei mesmo como isso aconteceu — disse.

— E eu não sei com quem ele aprendeu isso — Evan acrescentou, como se não fosse bem óbvio.

Não havia se passado muito tempo quando o garoto voltou a se aproximar, ofegante, com um sorriso do tamanho do mundo. Parou entre mim e Evan, nos puxando para um abraço em grupo: — Vocês

deviam ter um bebê! E você... — falou, virando para Jéssica e a puxando para um abraço empolgado: — Eu já disse que você está linda hoje?

— Pra falar a verdade, não com essas palavras, mas sim — ela respondeu, rindo de quanto ele parecia atrapalhado.

— Então, você está linda — sussurrou, um pouco mais sério, mas ainda em tom meio mareado, antes de puxá-la para um beijo.

Quando vimos que não seria tão breve quanto pensávamos, Evan e eu nos afastamos alguns metros, procurando Emily. Eu ainda não havia agradecido pelo trabalho dela.

Ela não estava muito distante, dançando com Peter enquanto uma música pop tocava no último volume. Bateu palmas de um jeito animado quando nos viu, soltando um gritinho histérico antes de saltar em cima de nós: — Foi tudo tão lindo, não foi?

— Foi sim, Emy. Obrigada. E nós devemos isso tudo a você — falei, retribuindo o abraço.

— E não pense que eu vou esquecer o que você, a Jéssica e o Samuel aprontaram no meu guarda-roupa — Evan alertou, ajeitando o chapéu na cabeça.

Ela sorriu, abraçando-o também, e ele retribuiu dando leves batidinhas em suas costas, um pouco sem graça. O vampiro não era o tipo de pessoa que gosta muito de aproximações efusivas, mas estava tentando ser gentil. Afinal ela havia feito tudo aquilo por nós sem esperar recompensa.

— JAZZ! EU TE AMO! — ouvimos Sam gritar no meio da pista.

A garota colocou as mãos na frente do rosto, envergonhada, se encolhendo ao lado dele enquanto era abraçada. Senti um pouco de pena dele. Jéssica era fechada quando tinha a ver com demonstrar sentimentos, e eu sabia quanto isso podia machucar. Felizmente era algo que Sam não tinha aprendido com Evan.

— Acho melhor eu ir dar um jeito naquele idiota — o vampiro falou, rindo, me beijando por um segundo antes de ir na direção dos dois.

Voltei a olhar para Emily, ouvindo-a tagarelar sobre como eu estava linda e como ela estava orgulhosa de seu trabalho, me perguntando mil vezes se eu estava satisfeita antes de me puxar pela festa, me apresentando a todos que eu não conhecia.

Seria um longo dia, e, pelo que eu estava vendo, teria que esperar até o último segundo para finalmente poder ficar sozinha com Evan.



Em vez de cuidar de Sam, Evan bebeu com ele, e os dois ficaram superalterados. Eu não podia condená-los. Pareciam ser as pessoas que mais estavam aproveitando a festa. Não que os outros não estivessem se divertindo — estavam até demais, já que a maioria dos convidados estava tão bêbada quanto eles —, mas os dois estavam impossíveis.

Anoitecia, mas a luz das velas continuava acesa graças a Jazz, que sempre as acendia quando o vento fazia o contrário. Tinham aumentado ainda mais o volume dos rádios, e não havia uma só pessoa sentada. Eu tinha de admitir que os Guerrilheiros e as pessoas da Área 5 realmente sabiam animar uma festa.

Eu estava dançando com Kyle uma música eletrônica que ele insistia em dizer que tinha que ser dançada com passos dos anos anteriores à guerra, com giros e movimentos de quadril bem estranhos e engraçados. Havia feito uma aula de dança com Emily um pouco antes, e acho que estava me saindo bem.

Sam apareceu com Evan e Jazz. Sam nem usava mais o paletó, as mangas da camisa estavam dobradas e o cabelo loiro estava uma bagunça. Já o vampiro parecia o rei do mundo, com um cigarro na boca e uma enorme garrafa de absinto pela metade nas mãos. O xale cor-de-

rosa de Jéssica estava sobre os ombros dele. Minha nossa! O que tinha acontecido com o meu... marido? Era tão estranho chamá-lo assim...

— Lolli! Lolli! Olha só o que a gente fez! — Sam gritou, mais alto que a música.

Ele ficou alguns segundos balançando a mão, como se estivesse fazendo a contagem das batidas da canção, e Evan o encarou atentamente até começar a bater palmas, então os dois fizessem uma coreografia supersincronizada (só que não).

— Seu idiota! Você virou pro lado errado! — Sam berrou para o vampiro.

— Foda-se! — Evan berrou de volta. — Quer saber? Isso até rima com a música, ó!

Então Evan começou a cantar a música repetindo aquele mesmo palavrão, como se a letra fosse composta apenas daquilo. Eu o empurrei de leve, rindo e o chamando de idiota, enquanto ele continuava a cantar e todos olhavam para nós. Ele era tão afinado... Alerta de ironia.

— Jazz, o que você achou... — Sam começou, virando para o lado direito. Quando notou que ela não estava ali, arregalou os olhos. — CACETE, CADÊ A JAZZ?

— Estou aqui — ela falou, levantando a mão, ao lado esquerdo dele.

— Você me deu um susto, Jazz! — ele gritou, abraçando-a com força, praticamente a esmagando contra seu peito. — Nunca mais faça isso! Como eu te amo... Ai, caramba, eu te amo muito.

A garota se livrou do aperto dele, encarando-o como se fosse um estranho e recuando alguns passos, antes de Sam começar a correr atrás dela pedindo que ela dissesse que o amava. Quanto mais bebia, mais carente parecia. Não pude deixar de rir ao vê-los sumir entre as pessoas.

— Agora somos só nós dois — Evan falou, se inclinando na minha direção.

— Nem me olhe assim — avisei. — Você está bêbado.

— Posso dar um jeito nisso bem rápido — disse, colocando a garrafa na mesa mais próxima e levantando as mãos ao lado da cabeça, como se aquele simples gesto fosse fazê-lo ficar sóbrio de um segundo para o outro. — Prontinho! Que tal?

Sorri, revirando os olhos, tirando o xale dos ombros dele e o cigarro de sua boca. Evan soprou a fumaça para cima na forma de anéis, tentando se exhibir para mim enquanto eu apagava a bituca. Eu o puxei pela mão até nossa mesa, fazendo-o se sentar na cadeira ao meu lado enquanto o impedia de beber ainda mais. Mal estava conseguindo falar!

Tirei o chapéu de sua cabeça, colocando-o na mesa e passando os dedos pelo seu cabelo. Ele estava inclinado na minha direção, com as mãos nos braços da minha cadeira, me encarando com atenção enquanto chamava Emily, não muito distante, e lhe pedia para ir buscar uma garrafa de sangue para ele.

— Você fica tão linda quando está preocupada — o vampiro sussurrou, com um sorriso bobo. — Aliás, você é linda sempre.

— Cala a boca, vai — brinquei, ainda tentando arrumar seu cabelo. — Você bebeu demais.

— Não — falou, agora em tom mais sério, pegando minhas mãos e as abaixando. — É sério. Não são três ou quatro garrafas de absinto que vão impedir isso de ser verdade.

— Pensando bem, acho que você devia beber mais vezes — comentei, desviando o olhar, enquanto sentia as bochechas queimarem.

Eu nunca me acostumaria com os elogios dele, até porque não eram algo muito comum, mas isso era bom. Só tornava ainda mais especiais as ocasiões em que ele dizia essas coisas.

— Aqui está — Emy disse, aparecendo ao nosso lado e me estendendo a garrafa.

Eu a abri para ele, colocando-a em suas mãos nem um pouco firmes e mandando que bebesse. Para sua sorte, Evan me obedeceu sem abrir o bico. Pouco tempo depois, vi Sam e Jazz se sentarem sozinhos numa mesa um pouco mais distante, e ela praticamente enfiou um sanduíche na goela dele, berrando alguma coisa sobre o garoto não poder beber nem mais um gole de álcool sem colocar algo no estômago. Quase se parecia comigo... tirando a parte da agressividade.

— Vamos pra casa? — Evan pediu, depois de colocar a garrafa já vazia na mesa.

Algo no tom malicioso dele não me deixava acreditar que estivesse pedindo aquilo por cansaço. Mordi o lábio, olhando-o de um jeito um pouco hesitante. Aquele vampiro tinha esperado por isso por dezenas de anos, então podia esperar mais algumas horas. Eu ainda não estava exatamente pronta para aceitar sua proposta e... a festa era nossa. Não podíamos simplesmente ir para casa e deixar todos ali.

— Está se sentindo melhor? — questionei, ignorando sua pergunta, como um sinal de que a resposta era não.

— Consideravelmente — respondeu.

— Então vá cuidar do seu filho — ordenei, me levantando da cadeira. — Preciso conversar um pouco com a Jéssica.

Evan assentiu, meio desanimado, me seguindo enquanto eu ia na direção dos dois e parava na frente da mesa. Sam estava tão mal que quase não conseguia manter o tronco de pé.

— Jazz, venha comigo, por favor — pedi.

Ela obedeceu na mesma hora, me acompanhando até a pista de dança. Não que eu quisesse ter *a conversa* com ela. Tudo o que eu precisava era ficar um pouco longe de Evan para poder pensar. O que eu sentia por ele não permitia que eu fizesse isso ao seu lado.

— Se quiser conversar sobre isso, saiba que eu sou toda ouvidos — Jazz falou, quando comecei a dançar para fingir que havia um motivo para termos ido até ali.

— Eu só preciso de um pouco de ar — contei, tentando falar mais alto que o volume da música. — Quer dizer... não ar, ar. Preciso de espaço.

Ela fez que sim com a cabeça, mostrando que havia entendido enquanto me observava dançar como um pato. Não era culpa minha, eu tinha aprendido aquilo poucas horas antes! Foi questão de tempo para convencê-la a imitar meus passos. Óbvio que ela tentou resistir, afinal era de Jéssica que estávamos falando, mas acabou desistindo, se deixando ser conduzida por mim.

— Ei, Lollipop! — ouvi alguém chamar, a poucos metros dali. Era Yone.

Sorri ao vê-la se aproximar. Não usava as tranças de boxeadora de sempre, mas havia deixado o cabelo ruivo solto, preso de apenas um dos lados com um lindo adereço de pérolas. Usava um vestido verde que ressaltava os olhos cinza, e tinha um pouco de tinta nos lábios. Nunca a tinha visto tão elegante.

— Parabéns, minha querida — falou, me abraçando, algo que nunca havia feito. — Estou muito feliz pelos dois.

— Obrigada, Yo. Tenha certeza de que ainda vou fazer parte do grupo, mesmo depois do casamento.

— Vai ser de grande ajuda — disse.

— E onde está o Dean? — questionei.

A mulher deu de ombros. Como assim, ela não sabia onde ele estava? Os dois andavam praticamente grudados! Me surpreendia que não fossem casados ou qualquer coisa do tipo. Trabalhavam tão bem em dupla que chegavam a se completar.

— Ele foi buscar uma bebida meia hora atrás e não voltou — contou.

— Se quiser, eu posso ir procurá-lo com você — propus.

Ela balançou a cabeça em sinal negativo, colocando a mão no meu ombro. Apontou para Evan e Sam, ainda sentados onde nós os tínhamos deixado.

— Aproveite a festa e cuide bem dele. O Evan é um cara muito legal, apesar de tudo, e está precisando de apoio. Pode até não parecer, mas você sabe como ele fica triste com tudo o que está acontecendo — disse ela.

Eu sabia sim. O clã foi, durante muito tempo, a única coisa que Evan tinha para cuidar, e ele se importava muito com todos dali. Odiando-o ou não, todos teriam sempre toda a sua atenção, porque ele era um bom líder e só queria o melhor para o grupo.

Fiquei observando Yone enquanto nos dava as costas e se perdia no meio das pessoas indo em direção à mesa de bebidas, antes de Jazz tocar meu braço, voltando a chamar minha atenção. Olhei para ela. Estava com a cabeça virada para a mesa de Evan e Sam, e a expressão de choro que começava a se formar em seu rosto quase conseguiu me dar um susto. Estavam apenas conversando e rindo. Por que ela...

— Acho que eu realmente gosto dele, Lolli — falou, quando perguntei o motivo daquilo.

— Só agora você notou, Jazz? — questionei, reprimindo um sorriso.

— Não... eu sei que gosto dele, mas... acho que eu gosto de verdade.

Eu sabia muito bem que ela nunca usaria a palavra "amor" naquele momento. Não na minha frente, ou na frente dele. Puxei Jazz para um abraço, inexplicavelmente feliz por ela ter me contado. A minha menininha estava crescendo.

— Não quero gostar dele, Lolli — admitiu.

— Por quê? Do que você tem medo?

Ela se livrou do meu aperto, cruzando os braços sem desviar o olhar deles. Estava entrando no modo defensivo de “Eu não tenho sentimentos”. Depois que se recompôs, antes que uma lágrima sequer pudesse cair, explicou: — Eu não tenho medo. Só não quero gostar tanto assim dele. Poxa... olha só para o Sam! É bonito, engraçado e bom. Quantas garotas ele já não deve ter conquistado? E se eu for mais uma?

Agora estávamos entrando na fase “Ele com certeza tem algum defeito e deve estar fingindo tudo isso”. Essa era nova para mim, afinal nunca a tinha visto gostar de alguém, mas reconhecia o cheiro de insegurança de longe, já que havia acabado de me casar com a versão masculina e mais alta de Jéssica.

— Jazz, você contou quantas vezes ele disse que te ama hoje? Que cara faz isso gritando na frente de todo mundo? Se ele fosse mesmo esse conquistador que você está pensando, a última coisa que faria seria mostrar, na frente de todas essas garotas, que você é importante pra ele — falei. — Você não precisa ter medo do que está sentindo. Ele é, como você disse, bonito, engraçado e bom. Muito bom. Nunca te usaria, de forma alguma.

Ela suspirou, descruzando os braços e colocando as mãos na cintura, visivelmente incomodada ao ouvir a verdade sendo jogada em sua cara. Infelizmente para ela, eu não era o tipo de pessoa que fala meias verdades quando se trata de sentimentos. Na maioria das vezes, pelo menos. Quando não tinha a ver comigo.

— Diga pra ele — sugeri, depois de algum tempo.

— De jeito nenhum! Quem você pensa que eu sou? Você?

Sorri. Ela podia passar de sentimental a sarcástica em poucos segundos. Pelo menos eu sabia que meu pedido ficaria martelando em

sua mente até que o fizesse. Faria bem a Sam saber que seu sentimento era correspondido.

Fiz um gesto com a cabeça na direção do garoto quando ela voltou a olhar para mim, revirando os olhos antes de ir atrás dele. Eu a acompanhei com o olhar até ela chegar à mesa e trocar algumas palavras com eles antes de Evan se levantar, cedendo sua cadeira para ela. Jazz mal havia se sentado quando Sam se inclinou em sua direção, apoiando a cabeça em seu ombro. Estava caindo de tão bêbado.

— Fazia tempo que eu não o via se divertir tanto — Evan comentou, chegando perto de mim. — Mas ele me prometeu que não vai beber mais. Caso contrário, eu o tranco em casa até a próxima primavera.

— É muito tempo — brinquei. — Vou fazer isso com você também, se decidir aprontar a partir de agora.

— Pode me trancar onde quiser, desde que você esteja no mesmo cômodo.

— Ah, é? — questionei, levantando as sobrancelhas, tentando não rir do tom dele. — O que mais você quer? Uma geladeira cheia de garrafas de sangue fresco, escravos e uma cama?

Ele me puxou para perto, passando os braços pela minha cintura com um sorriso. Falou, em um tom tão sugestivo que quase me senti envergonhada: — A geladeira, beleza. Os escravos, não faço questão. Já a cama... Não acho que eu precise dela pra fazer o que quero com você.

Sorri, empurrando-o para trás enquanto o xingava de idiota. Evan pegou minha mão e, antes que eu pudesse perguntar o que estava fazendo, me puxou por entre as pessoas na direção do arco embaixo do qual a cerimônia havia acontecido, horas antes. Passamos por ele, correndo pela passagem no meio dos bancos por onde eu havia entrado e depois por entre as árvores, até o carro de Sam.

— O que você... — comecei, mas, antes que tivesse a chance, ele me encostou contra a porta do carro e me beijou com intensidade.

Estávamos em um lugar escuro, tão longe da festa que mal ouvíamos a música, no meio de uma trilha vazia, e ele preocupado em me beijar como se o mundo estivesse prestes a acabar? Ok, não era nada mal. Evan sussurrou em tom suplicante, se afastando por apenas um segundo: — Vamos pra casa.

Mal consegui abrir a boca para responder quando ele me beijou mais uma vez, de um jeito tão intenso que chegava a ser difícil lembrar meu próprio nome. Era mesmo muita maldade fazer aquilo comigo.

Coloquei as mãos no seu peito, afastando-o gentilmente quando começou a se empolgar demais. Falei, suspirando, um pouco hesitante: — Ok, vamos pra casa.

Em vez de entrarmos no carro, ele decidiu que me pegar no colo e ir a pé até lá seria mais rápido. Prático como sempre.

Evan só me colocou no chão quando já estávamos no segundo andar, depois de trancar a porta do quarto. Perguntei, enquanto deixava que me guiasse na direção do quarto: — E quanto ao Sam e à Jazz?

— Eles podem voltar com o carro. Hoje o dia é nosso — falou, parando em frente à porta e deixando que eu entrasse primeiro. — E a noite também — continuou, depois de trancá-la atrás de si, vindo na minha direção.

— Calma, eu... — comecei, recuando alguns passos e levantando as mãos em frente ao corpo. — Preciso de um minuto.

Evan parou de andar, me encarando com certa desconfiança por alguns segundos antes de me dizer para seguir em frente e levar quanto tempo precisasse. É claro que ele sabia que eu estava um pouco nervosa com tudo aquilo, já que... Enfim. Noite de núpcias e coisa e tal.

Trancada no banheiro, me debrucei sobre a pia, encarando meu reflexo no espelho com atenção. Agora aquela garota, cujos olhos assustados estavam escondidos sob a franja, era a sra. Moore, e em alguns dias seria a líder da Área 4, sem Evan ao seu lado para ajudá-la e apoiá-la.

Tirei minha coroa de flores e a coloquei sobre a pia. Abri a torneira e lavei o rosto, secando-o com uma toalha logo depois. Ela voltou toda suja de tinta. Olhei mais uma vez no espelho, e foi quase como se visse outra pessoa. Aquela sim era eu, com todas as sardas, olhos grandes e falta de coragem.

Respirei fundo. Por que eu estava com tanto medo, afinal? Quem estava me esperando atrás da porta não era um estranho, mas o homem que eu amava, para o qual eu tinha prometido minha vida e meu coração.

Destranquei a porta, abrindo-a lentamente enquanto espiava dentro do quarto. Estava escuro, iluminado apenas pelo pálido brilho da lua, e tão silencioso que podia até mesmo ouvir a lembrança do som alto da festa.

Percebi que a porta da varanda estava aberta. Fui até lá, vendo a cortina branca balançar com a brisa suave vinda do lado de fora. Me encostei no batente de braços cruzados, vendo Evan sentado no parapeito de mármore branco da varanda, a dois ou três metros de distância. Estava fumando.

Me mantive parada por alguns segundos, em silêncio. Ele estava virado para mim e me encarava com um olhar ferino, quase desafiador. Estreitou um pouco os olhos enquanto tragava o cigarro, e o brilho alaranjado do fogo refletiu neles. Era o único ponto de cor ali.

Fui até ele, parando à sua frente e o observando pousar o cigarro no cinzeiro de vidro a seu lado. Evan se colocou de pé, apoiando-se no parapeito enquanto eu me encostava a ele. Colocou a mão no meu

rosto, erguendo-o na direção do dele com gentileza, e se inclinou na minha direção lentamente, me beijando com doçura. Depois se afastou, me apertando em um abraço: — Melhor assim.

— O quê? — perguntei.

— Você sem toda aquela maquiagem e sem a coroa de flores enorme. Agora é só... você. — Fez uma pausa, acariciando minha bochecha com o polegar. — Se não quiser fazer isso, nós podemos...

— Não — interrompi, com um sorriso sem graça. — Eu quero. Quero de verdade.

Ele sorriu, entrelaçando os dedos aos meus e se afastando. Me guiou para dentro do quarto, agora devagar, com toda a calma possível. Um passo de cada vez.

Paramos diante da cama, um de frente para o outro, e senti o coração descompassar quando ele passou os dedos pelo meu ombro, colocando meu cabelo para trás, enquanto se abaixava para beijá-lo, subindo lentamente pelo pescoço e mandíbula até a boca, fazendo um arrepio correr pela minha coluna.

Sem se afastar, deslizou as mãos pelas minhas costas lentamente, alcançando as pontas das fitas e desamarrando-as com calma. Tirei o chapéu de sua cabeça enquanto isso, largando-o em algum lugar do chão.

Assim que Evan terminou, o vestido caiu no chão sem resistência alguma. Se não fosse pelo fato de ele me envolver em seus braços logo depois, eu teria hesitado mais uma vez. Minhas mãos tremiam quando tirei os suspensórios de cima de seus ombros. Assim que as levei até os botões de sua camisa, ele as segurou, se afastando um pouco.

— Ei, garotinha — sussurrou. — Tudo bem. Está tudo bem.

Assenti, olhando bem fundo em seus olhos verdes, que brilhavam como as estrelas do céu. Parecia tão sereno, e sua voz era tão doce, que

só de ouvir aquelas palavras e olhar para ele já me senti um pouco mais calma. Apesar disso, ainda sentia meu coração doer, apertado.

— Eu amo você — ele disse. — Sempre amei e sempre vou amar. Amo a sua boca, os seus olhos, o seu cabelo, cada centímetro seu. E isso nunca vai mudar.

Sorri um pouco, passando os dedos pelo seu cabelo, colocando-o para trás, para tirá-lo da frente dos olhos. Falei, tentando passar o máximo de segurança possível: — Eu também amo você, meu vampiro idiota.

Evan retribuiu o sorriso, mordendo o lábio inferior, antes de voltar a se aproximar, me beijando com bem menos sutileza agora. Mas eu gostava disso. Preferia assim.

Continuei desabotoando sua camisa, menos hesitante, e a joguei no chão assim que terminei.

Ele me apertou ainda mais contra si, e pela primeira vez esqueci completamente o nervosismo, explorando suas costas nuas com as mãos enquanto ele pressionava os dedos contra a pele logo acima da minha cintura.

Fez um movimento rápido, pegando minhas coxas e as puxando para cima, para que eu enlaçasse as pernas ao redor de seu quadril, enquanto me tirava do chão, me levando para a cama e deitando em cima de mim.

Ele parou de me beijar, e eu entrelacei os dedos em seu cabelo com força quando desceu os lábios em direção aos meus seios, estremecendo debaixo dele no momento em que afastou o sutiã de renda preta e mordiscou um dos meus mamilos. O arrepio que percorreu meu corpo foi tão forte que perdi o fôlego, apertando ainda mais as pernas ao seu redor.

Ele voltou a me beijar, me pressionando contra o colchão, enquanto descia uma das mãos até a minha calcinha, rasgando-a sem o menor esforço. Senti sua mão deslizar com suavidade por entre minhas coxas, então fui tomada por uma onda de calor e prazer que não conseguia definir. Foi tão intenso que a única coisa que eu podia pensar era quanto queria que nós dois nos tornássemos um só. E, quando me beijou desesperadamente, percebi que ele queria o mesmo. Naquele momento, senti que o mundo fora daquele quarto deixou de existir, e nada mais importava.

Estávamos juntos, e ele era só meu agora, assim como eu era dele.



Quando acordei, não abri os olhos. A sensação da brisa fria da manhã em minhas costas era tão tranquilizante que me deu vontade de continuar dormindo. Suspirei, me esticando em meio aos lençóis macios antes de voltar a apertar o travesseiro.

Sentia o colchão levemente abaixado do meu lado esquerdo, onde Evan estava deitado. Eu podia sentir o peso de seu olhar sobre mim, e não pude deixar de sorrir com isso. Algo frio tocou meu nariz, e decidi que era hora de finalmente abrir os olhos, apesar de toda a claridade dentro do quarto.

Pisquei algumas vezes, tentando me ajustar a ela enquanto minha visão ficava nítida, e lá estava ele, como a imagem de um anjo, segurando uma flor cor-de-rosa e tocando meu nariz com uma das pétalas. O cabelo castanho-claro liso estava um pouco desganhado, e os olhos verdes brilhavam por causa da luz do sol.

— Bom dia — ele disse, com um sorriso torto.

— Bom dia — respondi, escondendo o rosto no travesseiro, sem conseguir deixar de me lembrar da noite anterior. A melhor que eu tivera naqueles três anos.

Assim que voltei a olhar para Evan, deixando apenas os olhos à mostra, peguei a flor que ele segurava e a analisei. Por que se parecia tanto com a da minha coroa de flores?

— Não me culpe — falou ele. — Normalmente eu nem faria isso.

Sorri, balançando a cabeça. Até quando tentava ser romântico, aquele vampiro conseguia ser babaca. Ele colocou a mão fria nas minhas costas, me puxando para perto e me obrigando a parar de me esconder no travesseiro.

— Você é tão sutil... — comentei.

— Que eu saiba, você prefere quando eu não sou sutil — retrucou, me puxando para um beijo longo e intenso.

Como eu disse: babaca. Passei um braço ao redor de seu pescoço, puxando-o mais para baixo, sentindo a delícia da noite anterior tomar conta do meu corpo mais uma vez conforme as lembranças voltavam à minha mente. Eu sabia que (feliz ou infelizmente), graças a isso, nunca mais conseguiria olhar para Evan da mesma forma.

Ele riu, provavelmente lendo meus pensamentos, e enfiou a mão entre minhas costas e o colchão, me puxando mais para cima, para perto de si.

Quando as coisas começaram a ficar mais interessantes, Evan se afastou, soltando um xingamento e apoiando a cabeça no meu ombro.

— O que foi? — perguntei.

— O Sam acordou e está vindo pra cá encher o saco.

Se sentou na cama e eu fiz o mesmo, observando enquanto se levantava e ia em direção à porta com um lençol enrolado ao redor do quadril. Peguei a colcha, esticando-a até a altura do peito, me encolhendo. Sem ele ao meu lado, era como se a cama estivesse tão vazia... Tive que rir ao vê-lo bufar, abrindo a porta o suficiente apenas para colocar a cabeça do lado de fora.

— Não tem nada pra você aqui, otário — ouvi Evan dizer para o garoto.

— Credo, Evan! Eu só queria perguntar se nós temos remédio pra dor de cabeça — Sam respondeu, a voz abafada pela porta quase completamente fechada.

O vampiro mandou que esperasse, fechando a porta na cara dele e se encostando a ela, com uma cara de tédio impagável. Começou a explicar: — Eu tenho que...

— Não! Tudo bem — interrompi, mostrando que não precisava de satisfações. — Eu desço em alguns minutos pra encontrar vocês.

Ele assentiu, pegando algumas roupas no armário e se vestindo antes de sair do quarto, ainda xingando baixo.

Assim que me deixou sozinha, levantei da cama e fui até o banheiro para tomar um banho. Parei em frente ao espelho, como se esperasse que algo tivesse mudado de um dia para o outro.

Não. Eu ainda era a mesma pessoa. A mesma Lollipop, com o mesmo rosto, as mesmas sardas e os mesmos olhos grandes.

Me virei de costas, a fim de analisar minhas cicatrizes, como quase sempre fazia antes... antes de voltar no tempo pela primeira vez. Não era como se aquele fato tivesse me feito esquecer delas, mas andava tão distraída com tudo o que vinha acontecendo que já não me importava mais.

Só que havia algo de diferente ali. Juntei as sobrancelhas, tirando o cabelo da frente para vê-las melhor, me movimentando conforme a luz para contá-las. Eram circulares, do tamanho de pequenas moedas. Uma de cada lado das vértebras, percorrendo a coluna inteira, totalizando quarenta e... cinco?

Por que quarenta e cinco? Eu lembrava muito bem que, da última vez que contara, havia uma a mais. Baixei o olhar, tentando encontrar

alguma explicação para aquilo.

— Lollipop! — Evan chamou na porta do banheiro, e eu abri para ele. — Eu só queria perguntar se... O que você está fazendo sozinha aqui sem rou...? — disse, em tom malicioso, enquanto eu o puxava com urgência pela mão para o lado de dentro.

— Cala a boca. — Obriguei-o a se virar para o espelho e fiquei de costas. — Você viu isso, não viu?

— Sim. Você tem isso desde que era Amélia — o vampiro falou, passando uma das mãos pela linha direita das cicatrizes. — Quarenta e nove delas. Quarenta e oito quando voltou como Celena.

— Não. Quarenta e cinco — corrigi. — Está faltando uma.

— Não. Eu lembro bem. Devem ser *exatamente* quarenta e seis, se você sempre volta com uma a menos... veja: duas, quatro, seis...

E ele começou a contar, descendo pela minha nuca até a lombar, mas, quando chegou ao número quarenta e três e viu que restavam apenas duas, parou, com a boca aberta. Quarenta e cinco.

— Não é a contagem regressiva de perdas de memória — sussurrou. — É... quantas vezes você ainda pode voltar no tempo.

REBOBINANDO



— Como você pode saber disso? — questionei.

Ele parou, recuando um passo. Pela expressão de “Não devia ter dito isso” em seu rosto, a resposta não era tão agradável quanto eu gostaria.

Então Evan sabia desde o início que eu podia voltar no tempo e não tinha me contado? Passei por ele apressadamente, voltando para o quarto e pegando meu vestido no chão. Enfiei-o por cima da cabeça de qualquer jeito e usei a telecinese para amarrar as fitas, esperando-o de braços cruzados.

— Por que você não me contou? — perguntei quando ele finalmente saiu do banheiro, as mãos na cabeça, já pronto para receber um sermão, independentemente de sua resposta.

— Eu não podia.

— Como assim, não podia, Evan?

Foi em direção à porta do quarto, fechando-a para que Sam não nos ouvisse do andar de baixo. Depois voltou a se aproximar, mas eu recuei um passo, mostrando que não era o momento. Ainda precisava de uma explicação, e não era um gesto carinhoso ou uma frase bonitinha que me faria esquecer uma coisa importante daquelas.

— Acho que chegou a hora, não é mesmo? — murmurou para si mesmo, enquanto se sentava na cama.

Me mantive de pé, encarando-o, enquanto esperava que começasse sua explicação. Algo me dizia que era bem mais complicado do que simplesmente fingir ficar surpreso com o fato de eu poder voltar no tempo. Se fizesse uma conta rápida e fosse inteligente, eu notaria que

tinha uma coisa faltando. Evan disse: “Não é a contagem regressiva de perdas de memória”. Mas... eu só tinha perdido a memória duas vezes, o que deveria totalizar quarenta e nove cicatrizes, três a mais do que eu tinha agora. Ou deveria ter, já que no momento estava com quarenta e cinco.

O raciocínio era: se havia uma cicatriz de cada lado das vértebras, o número sempre deveria ser par. Ele disse que eu tinha quarenta e nove marcas quando era Amélia, mas... e aquela uma a mais que levaria ao número par, cinquenta? E a quadragésima sétima, para a qual Evan não tinha designado um nome? Para ele relacionar o sumiço delas com as perdas de memória, devia ter acontecido três vezes antes, para chegarmos a quarenta e seis. Mas Amélia e Celenia eram apenas duas.

— Tudo o que eu disse sobre as duas era verdade — contou. — Amy foi a primeira, eu me apaixonei por ela e nós nos casamos, criando esta área logo depois. — Fez uma pausa. — Mas o que eu não contei é que ela sabia que podia voltar no tempo. Ao nascer, tinha cinquenta e duas cicatrizes, e duas delas sumiram quando ela voltou no tempo, antes mesmo de me conhecer.

Me mantive imóvel, tentando segurar a expressão firme, embora tudo o que eu quisesse fazer naquele momento fosse gritar com ele. Por que raios tinha mentido para mim? Qual era o problema?

— Só que, quando eu contei a ela sobre o Liam, pouco depois de termos começado a erguer este lugar, ela enfiou na cabeça que poderia salvá-lo e mudar a história. A morte dos próprios irmãos reforçou ainda mais essa ideia. A Amy iria voltar no tempo, salvar o Liam e evitar que o Instituto fosse criado. É claro que eu concordei. Se nós podíamos salvar o mundo e, o mais importante, o meu irmão, por que não? Então ela voltou no tempo e ficou fora por semanas. Quando retornou, disse que tudo havia dado errado e que tinha cometido o maior erro da vida dela, porque agora todos sabiam sobre a sua existência e queriam pegá-la.

Depois Evan me contou a história de como o seu irmão tinha morrido e que a culpa pela criação do Instituto havia sido toda dele, porque matara uma garota chamada Violet, que era filha de Leonard, o criador de tudo aquilo. Disse que passaram a tentar capturar Amélia para que pudessem voltar no tempo e impedir a morte da garota, matando Evan antes que ele tivesse a chance de fazê-lo.

— A memória que a Amélia deixou na mente do Leonard quando voltou e tentou matá-lo o fez ficar obsessivo. Ele a queria, não importava o preço, porque precisava salvar a filha, me matando no processo. Investiu tudo o que tinha na busca por Amélia, e, para evitar que a nossa área fosse atacada pelo Instituto, ela foi embora. Não se despediu nem disse qualquer coisa. Simplesmente foi embora durante uma viagem que fiz para negociar cimento e suprimentos e nunca mais voltou. Não voltou por vinte anos.

Vinte anos? Ele tinha dito que conhecera Celena oitenta anos depois do desaparecimento de Amélia. Como seria possível que... De repente precisei me sentar, e o fiz ao lado dele, encarando o chão em estado de choque. Era coisa demais.

— Quer que eu pare? — Evan perguntou, e eu balancei a cabeça, indicando que não. — Certo... Vinte anos depois, você voltou. Não era Amélia nem Celena, mas uma garota chamada Destiny. Não convivemos por muito tempo, já que ela estava concentrada demais em se vingar do Instituto sozinha. Não pude nem ao menos me aproximar. Ela não queria um clã, não queria a mim e não queria ajuda. Por isso a pegaram tão rápido. Não levou um mês até que a reencontrassem. E você sabe o que aconteceu sessenta anos depois.

Sim, eu sabia. Celena. Engoli em seco. Destiny era quem faltava para criar o padrão que ele pensava existir. Perguntei, em tom de sussurro, pois era o máximo que conseguia fazer: — E por que você não podia me contar isso?

— Destiny sabia que podia voltar no tempo. Eu mesmo contei a ela, esperando que talvez, numa segunda tentativa, conseguíssemos mudar tudo. Ela só voltou uma vez, e o fim foi o mesmo de Amélia. Descobriram sobre a existência dela, e a busca continuou no nosso mundo. Celena também fez isso. Era como se fosse um looping eterno, e eu decidi que a melhor coisa que poderia fazer era evitar que você descobrisse, para que não tentasse mudar o passado de novo, e para que eu não te perdesse mais uma vez. As duas últimas não souberam sobre o meu irmão, e Celena descobriu por conta própria que podia viajar no tempo, porque ouviu no Instituto antes de conseguir fugir de lá. Só não entendo como é possível que você tenha conseguido fugir três vezes do lugar mais protegido do mundo, quando ninguém além de mim conseguiu essa proeza.

— Isso não importa — murmurei. — Você não me contou, e eu tinha o direito de saber.

Então eu perdia uma cicatriz a cada vez que voltava no tempo? Ou talvez só tivesse a ver com mudar a história. Quantas vezes eu ainda podia tentar mudar o passado?

Evan me fez olhar para ele, segurando meu rosto com as duas mãos, e disse num tom suplicante, como se eu precisasse entender aquilo acima de tudo: — Eu não queria te perder mais uma vez. Será que você não entende isso? Três vezes foi o suficiente.

— Mas talvez essa seja a nossa única saída! — exclamei, afastando suas mãos e me levantando da cama. — Eu posso impedir isso tudo de acontecer. Todas essas mortes, e as guerras...

— Não — disse. — Amélia, Destiny e Celena tentaram. Cada uma fez de um jeito diferente, e nenhuma conseguiu. Por favor, Lolli. Não me faça passar por isso mais uma vez. *Por favor.*

Meus olhos se encheram de lágrimas, e eu baixei a cabeça para que ele não visse. Não queria que sofresse mais uma vez, mas... e se aquela

fosse a nossa salvação? Ele tinha sido egoísta a ponto de impedir que eu descobrisse aquilo só para não correr o risco de me perder? Mas e o resto do mundo, como ficava no meio daquilo tudo?!

— O passado já está escrito, Lolli...

— E se não estiver? Eu salvei a Jazz, não salvei? — interrompi. — Como você pôde ser tão egoísta?! Estamos falando do seu irmão também, caso não tenha notado!

— E também estamos falando de você — acrescentou. — De nós dois. Não adianta mais, Lolli. Eu sempre vou matar a Violet, e o Leonard sempre vai querer me matar. A não ser que eu morra antes disso.

Eu o amava mais do que qualquer um no mundo, mas não podia aceitar o fato de estar tão conformado. Cerrei os dentes. Nunca saberíamos o que as outras fizeram no passado, então eu sempre correria o risco de cometer os mesmos erros.

— Vem aqui — Evan disse, se esticando na minha direção e me puxando pela saia do vestido, me fazendo parar à sua frente. — Eu peço desculpas, tudo bem? Eu sei que poderia ter contado tudo a você antes, com toda a história do looping junto, mas... por favor, não vamos discutir. Não hoje, e não depois de tudo o que aconteceu.

Mantive os braços cruzados e o olhar grudado na cabeceira da cama, atrás dele. Também não queria discutir nem ficar brava com ele, mas... não dava para simplesmente agir como se nada tivesse acontecido, não é mesmo?

Evan me fez sentar em seu colo, pegando meus braços e os colocando em cima de seus ombros. Disse, segurando meu queixo para que eu olhasse em seus olhos: — Pode me xingar se quiser. Eu vou entender.

— Você é um cretino. Um desgraçado e um egoísta desprezível. Imbecil. Palhaço. Mentiroso.

Eu não podia negar que, quanto maior ficava minha lista de xingamentos, melhor eu me sentia. Só que era sacanagem o fato de ele estar sorrindo feito um otário para mim, como se não ligasse para nenhum daqueles adjetivos.

— Nem comece — falei, virando a cabeça para o lado quando vi aquele olhar malicioso que eu começava a conhecer muito bem se formando em seu rosto. — Eu ainda não terminei.

— Prossiga, então — pediu, se aproximando.

— Você é um bruto, ridículo — ignorei completamente o fato de Evan estar tentando me distrair, beijando meu pescoço e a linha da mandíbula enquanto eu falava. — Cínico e pervertido.

— Isso eu sou mesmo — murmurou, mordendo meu ombro de leve, e eu bati em seu braço com força.

— Babaca!

— Acabou?

Eu o encarei por alguns segundos, pensando no caso. Talvez tivesse acabado, talvez não. Ainda estava decidindo se o perdoaria tão cedo. Não era uma discussão que acabaria em poucos minutos, mas todos os acontecimentos do dia anterior e o fato de não conseguir olhar para ele sem pensar em quanto lamentava por termos sido interrompidos mais cedo evitavam que eu respondesse a sua pergunta com um enorme “não”.

— Acho que sim — respondi, finalmente.

— Ótimo — ele disse, antes de fazer um movimento rápido e me colocar deitada no colchão, vindo para cima de mim logo em seguida.

Não pude deixar de rir quando Evan me beijou, segurando meus punhos ao lado da cabeça, me impedindo de fazer qualquer esforço para me livrar dele. Não que eu fosse fazê-lo. Ok, acho que podíamos esquecer aquele assunto por mais alguns minutos, certo?

Não?

Ah, que se dane.

🔥SAMUEL🔥

Eu não me lembrava de já ter tido uma ressaca tão forte em toda a minha vida. Sabia que tinha superado todos os limites na noite anterior, mas minha cabeça doía como jamais pensei que fosse possível. Não me surpreenderia em nada se ela explodisse de repente.

Agora eu estava sentado havia mais de uma hora no sofá da sala, esperando Evan voltar com a resposta sobre o que Lolli queria comer no café da manhã. Algo me dizia que a resposta dela não tinha sido exatamente uma comida. Revirei os olhos. Os dois se divertindo e eu ali, com vontade de me jogar da janela para acabar com aquele sofrimento.

Pelo menos tinha tomado um remédio que diminuía pela metade o meu enjoo. Peguei uma almofada e a coloquei em cima da cabeça a fim de reduzir a claridade. Só esperava não ter feito nenhuma besteira com relação a Jazz durante a festa.

— Como vai o cara mais animado da festa? — ouvi a voz dela, abafada, enquanto a sentia tocar meu joelho, sentando ao meu lado no sofá.

— Com ressaca — respondi, colocando a almofada no colo.

Olhei para ela, sorrindo um pouco. Lá estava Jéssica, penteando com os dedos o cabelo castanho longo e molhado.

— Ninguém mandou beber feito louco. Deve ter acabado com toda a bebida da festa sozinho — brincou, me puxando para perto e deitando minha cabeça em seu colo. — Já tomou café da manhã?

Respondi que não, fechando os olhos e rezando para que meu cérebro acabasse logo com a festa que estava dando dentro do crânio.

Ela passou as mãos pelo meu cabelo, enquanto expliquei: — Na verdade, eu estava esperando o Evan e a Lolli pra fazer isso, já que os dois acordaram há algum tempo, mas parece que preferiram continuar lá em cima.

Ela riu. Eu adorava sua risada, porque era raro ouvi-la. Só conseguia aquilo com comentários bobos quando ela estava realmente feliz, ou quando o que eu dizia era mesmo engraçado. Jazz então falou, num tom um pouco mais baixo, quase constrangido: — Eu tenho uma coisa pra você.

— Pra mim? — questionei, abrindo apenas um dos olhos. O azul, porque era o de que ela mais gostava.

Jazz assentiu, se levantando, pegando minhas mãos e me puxando para fora do sofá. Estava prestes a se afastar, me guiando na direção de um lugar qualquer, quando a puxei de volta, para cumprimentá-la devidamente com um beijo. Ela sorriu ao se afastar, quase correndo pela sala até a escada, me levando junto. Atravessou o corredor até seu quarto e me soltou apenas quando entramos. Depois disso, foi até a cômoda e abriu uma das gavetas.

Eu a observei enquanto ela revirava algumas roupas e pegava um objeto, que escondeu atrás de si ao se virar para mim. Suas bochechas estavam coradas, e ela mordia o lábio. Deu um passo de cada vez na minha direção, parando à minha frente, e começou a falar: — Quando eu convenci o Evan a se declarar pra Lolli e eles começaram a namorar, ele me disse pra te dar isso, como se fosse uma troca de favores. Eu ajudei o Evan, e ele me deu uma coisa de que você talvez fosse gostar e ver que... — Fez uma pausa, juntando um pouco as sobrancelhas.

Jazz não precisava continuar. Eu já havia entendido o significado daquilo. Representava que ela estava pronta para assumir que realmente gostava de mim. Reprimi um sorriso, sem querer comemorar antes da

hora. Será que eu tinha conseguido conquistá-la de verdade? Finalmente!

— Feche os olhos — pediu, nervosa, o que quase conseguiu me fazer rir.

Obedeci, pensando em quão difícil devia estar sendo para ela fazer aquilo. Jéssica não era o tipo de pessoa que expõe seus sentimentos para o mundo com facilidade. Aliás, ela nem chegava a fazer isso, então não era questão de dificuldade.

Ela pegou minha mão e colocou um objeto na palma, fechando meus dedos ao redor da forma quadrada. Pude ouvi-la se afastar rapidamente, mandando que eu abrisse os olhos. E lá estava um... CD do... Iron Maiden? Puta merda. Eu ia matar aquele vampiro maldoso. Ele sabia que aquela era a banda que eu menos suportava no mundo.

— Nossa, Jazz! — falei, tentando segurar o riso e fingir que eu havia gostado, vendo-a praticamente se esconder atrás de uma poltrona a dois metros. — Isso é... Uau. Eu...

E então, porque eu era um idiota, comecei a rir bem na cara dela. Eu não ia conseguir mentir daquele jeito, e a expressão de curiosidade que ela estava fazendo era quase impagável. Mas não era dela que eu estava rindo. Nunca faria isso. Estava rindo do quanto Evan podia ser filho da...

— O que... O que foi? — ela questionou, franzindo o cenho.

— Me desculpa, Jazz — balbuciei, tentando recuperar o fôlego de alguma forma. — É que... o Evan estava brincando.

— Como assim, brincando? — Ela estreitou os olhos, em um gesto claro de que era um ótimo momento para eu parar de rir e me esconder debaixo da cama.

— Eu não gosto muito do Iron Maiden, e ele sabe disso. Estava querendo tirar uma com a minha cara. Ou com a sua.

Jazz abriu a boca, prestes a falar alguma coisa, quando congelou no lugar, finalmente entendendo o que estava acontecendo. Recuei um passo, quase como se estivesse com medo de ela explodir o lugar ou alguma coisa do tipo.

— Então você não gosta desses caras? — perguntou, num tom suave demais para o meu gosto. Meio psicopata?

— Não muito. — Eu estava tentando suavizar a situação, fazendo o possível para não continuar rindo, sabendo que não seria muito bom para mim se ela se irritasse ainda mais. — Mas eu tenho certeza que ele não fazia ideia de que tomaria essa proporção e que você guardaria por tanto tempo. Não tem desculpa, eu sei, mas quero que você saiba que, apesar de tudo, fico muito feliz com o presente.

— Se o seu coleguinha não estivesse num momento tão delicado, eu juro que arrancaria a cabeça dele agora mesmo — ela rosnou, praticamente ignorando o que eu dissera.

Ali estava eu, em um baita dilema: A. Chegar perto dela e tentar acalmá-la, correndo o risco de ser morto ou ficar gravemente ferido.

B. Ficar quieto, deixando que ela se acalmasse sozinha, possivelmente passando por um canalha indiferente e perdendo todo o avanço que tínhamos feito durante aqueles meses.

C. Encorajar a raiva dela contra Evan até tentar fazê-la rir, correndo o risco de perder meu amigo com uma morte dolorosa.

Eu estava tendendo a seguir a letra A, e nessa eu sabia que me sairia melhor também. Jazz não gostaria nada que eu ficasse quieto, e também não era o tipo de garota que ri quando está com raiva. Respirei fundo antes de ir até ela, me aproximando devagar para observar sua reação.

Ela me encarou em silêncio enquanto eu contornava a poltrona para me aproximar, passando os braços ao redor da sua cintura com

gentileza. Falei, num tom calmo, tentando ser doce: — Eu sei que você está irritada e entendo totalmente, mas...

— Não existe “mas”. Você sabe quanto tempo eu demorei pra criar coragem de fazer isso, seu imbecil? — exclamou.

— Eu sei disso. O que eu queria dizer é que, no fim, significou mais pra mim do que se fosse o CD de alguém que eu realmente gostasse.

— E você acha que eu ligo pra isso? Aquele vampiro me fez passar por idiota!

Suspirei, deixando que ela dissesse tudo o que tinha para dizer, xingando a mim e a ele com todos os palavrões existentes em seu vocabulário, mas mantive os braços ao redor dela, feliz pelo fato de a garota não ter me afastado. Talvez estivesse tão brava que nem ligasse. Quando terminou, passei os dedos pelo seu cabelo, colocando-o atrás da orelha, e argumentei: — O Evan foi um idiota, eu sei disso. Mas quem importa somos nós dois. Não é ele que eu amo, pelo menos não desse jeito. Enfim... eu não ligo para o que aquele mané fez. O que é importante pra mim é o significado do seu gesto.

— Não foi você que passou vergonha.

Abri um sorriso, observando-a com atenção. Era como se Jazz fosse um quebra-cabeça extremamente complexo, mas eu gostava disso. E ficava mais feliz a cada vez que encontrava o lugar de alguma peça.

— Você não passou vergonha, e sabe por quê? — comecei. — Porque eu estava com medo. Não pensava que um dia você gostaria tanto de mim a ponto de enfrentar uma coisa que é difícil pra você só pra me dizer o que está sentindo. Mas agora eu sei que nada do que eu fiz esse tempo todo foi em vão, e que, mesmo que você ainda não me ame, eu ainda tenho uma chance.

Jazz ficou em silêncio por alguns segundos, com certeza pensando se consideraria o que eu dissera ou não. Quando ficou na ponta dos pés,

me puxando em sua direção para me beijar, eu soube que a resposta era sim e pude respirar aliviado.

Coloquei as mãos em seu rosto, puxando-a para mais perto enquanto me inclinava em sua direção. Ela havia entrelaçado os dedos no tecido da minha camiseta, com uma mão de cada lado do meu quadril. Era tão baixinha que precisei resistir ao impulso de pegá-la no colo para não ter que me abaixar tanto. Quase consegui sorrir com a ideia.

— Por que é tão fácil pra você falar tudo isso assim, com tanta clareza, sem medo? — perguntou, se afastando apenas alguns centímetros.

— Não é fácil — admiti, com um sorriso sem graça. — Nunca foi. Só não quero que as pessoas fiquem sem saber quanto eu gosto delas ou as admiro. É uma coisa que eu adoraria ouvir, então sei que os outros também gostariam.

— Você é inacreditável — sussurrou, prestes a se aproximar mais uma vez, quando ouvimos uma das portas se abrir no corredor.

Nós nos afastamos, indo até lá para ver quem era. Evan e Lollipop. Finalmente. Jazz abriu um sorriso enorme para a amiga, abraçando-a e a puxando para o andar de baixo, para que as duas comesçassem a preparar o café da manhã oficial.

— Ela me entregou o CD — falei em voz baixa, parando ao lado dele enquanto observávamos as duas.

O vampiro gargalhou, surpreso, comentando algo sobre não acreditar que tinha demorado tanto. Quando perguntou qual havia sido sua reação ao saber da brincadeira, deixei bem claro que Jazz não tinha ficado nem um pouquinho contente.

Olhamos enquanto as duas pegavam coisas nos armários, falando baixo e rindo entre si. Lolli olhou sobre o ombro para Evan, com um

sorriso discreto, como se tivesse pensado alguma coisa que só ele poderia entender, e o vampiro retribuiu de um jeito malicioso.

— Porra, será que vocês podem parar por um segundo? — brinquei.
— O que você fez com ela? A Lollipop não era assim.

— Nós dois vamos ter essa conversa daqui a alguns anos, moleque. Ainda é muito cedo pra você — brincou Evan.

— Bom saber que você pensa assim. Fica ainda mais engraçado pensar em como você é inocente — respondi.

— Inocente — repetiu o vampiro, em tom baixo, sorrindo para si mesmo quando Lolli jogou uma garrafa de sangue em sua direção.

Olhei para Jazz. Eu sabia que ela estava esperando o momento certo para cobrar o vampiro, e ia adorar ouvir o que tinham a dizer. Evan e eu nos sentamos no balcão enquanto as duas trabalhavam para fazer panquecas ou algo do tipo. Pela forma como Jazz olhava para Evan ocasionalmente, não levaria muito tempo para que ela começasse.

— Evan, eu estava conversando com o Sam há alguns minutos, e ele comentou comigo que não gosta muito do Iron Maiden. Você sabia disso? — Jazz questionou, e eu me mexi animadamente no banco. Ela havia se virado para nós, deixando que Lolli assumisse a liderança no fogão.

— É... acho que ele já me disse isso em algum momento — o vampiro respondeu, com um sorrisinho.

— Que bom... — Jazz murmurou. — Ótimo... E foi por isso que você me entregou aquele CD? Pra tirar uma com a cara dele? Ou foi só pra me fazer de idiota depois de eu ter te ajudado com a Lolli? — Sua voz ia ficando mais alta a cada palavra que pronunciava.

Evan sorriu, bebendo um gole de sua garrafa, com certeza pensando numa boa forma de responder. Pude ver as bochechas de Jéssica ficando

vermelhas de raiva, e Lollipop olhou por cima do ombro para a amiga, segurando o riso.

— Eu estava te ensinando uma lição. Se você não tivesse demorado tanto tempo pra assumir o que sentia, não teria ficado tão constrangida. Mas agora você sabe que foi uma boba ao esconder tudo do Sam por tanto tempo, e está com vergonha de si mesma, e não do que fez.

Levantei as sobrancelhas. Não esperava que ele respondesse daquela forma séria, muito menos que a resposta fizesse sentido.

Nunca poderia admitir isso para Jéssica, mas fiquei feliz por ouvir aquilo saindo da boca de Evan. Era como se ele a alertasse, de certa forma, dizendo que era errado me rejeitar por tanto tempo, negando seus sentimentos para mim e para si mesma, sendo que eu não havia feito nada além de tratá-la com respeito e carinho.

— Eu não pedi lição nenhuma, seu idiota — Jazz retrucou.

— Sinta-se agradecida, então! — ele respondeu, se levantando do banco. — Não é todo mundo que recebe um conselho meu sem pedir.

— Seu... — ela ia dizer poucas e boas.

— Agora eu preciso ir resolver umas coisas com o Tom — Evan interrompeu e, sem dar a mínima para ela, atravessou o balcão e foi em direção a Lollipop, se despedindo dela com um beijo e depois me cumprimentando com um sorriso e um aceno de cabeça antes de sair.



Ele foi o primeiro a sair da cozinha, e me deixou apreensiva. Eu sabia que não ia resolver nada com o líder da Área 5, mas verificar se estava tudo bem com a picafe para a viagem de partida, como havia dito um pouco antes de sairmos do quarto e encontrarmos Sam e Jazz. Suspirei. Se pelo menos ele mesmo soubesse quando partiria, talvez tudo ficasse mais fácil.

— Não dá pra acreditar, né? — Sam murmurou, quase para si mesmo.

— No quê? — perguntei.

— Que já faz quase um ano que vocês estão aqui — respondeu.

Assobiei, em sinal de surpresa, colocando o prato de panquecas em cima da bancada de mármore e me sentando em um dos banquinhos. Quase um ano? Parecia que poucos meses tinham se passado, e eu me lembrava de cada dia em que havíamos estado juntos, nós quatro. Sorri um pouco. Havia me aproximado ainda mais de Jazz, e Sam tinha se tornado um tipo de irmão para mim. E Evan...

Me levantei do banco, querendo voltar para o quarto e me esconder debaixo do edredom até o mundo acabar, evitando que qualquer um dos três visse minha tristeza. Jéssica não me impediu, já que continuava imóvel, xingando Evan em voz baixa pelo que ele havia feito, e Samuel se manteve quieto enquanto me acompanhava com o olhar. Eu esperava que nenhum deles viesse atrás de mim. Não pretendia chorar como um bebê na frente de ninguém.



Não tinha andado muito quando avistei a oficina mecânica improvisada no lado oeste da área. Era apenas uma casa enorme com a parede frontal aberta e vários carros e motos antigos estacionados na entrada. Felizmente, aquele lado da cidade não havia sido muito atingido, mas podíamos ouvir o som das reformas ao longe se misturando ao barulho das serralherias e máquinas trabalhando nos automóveis, operadas por pessoas treinadas pelo próprio Evan durante os últimos anos.

Haviam se passado algumas horas desde que ele saíra, e eu tinha me cansado de ficar encarando o nada, trancada no quarto, então decidi que não queria gastar nossos últimos dias, ou horas, sem ele.

Ninguém olhou para mim enquanto me aproximava. Quase conseguia esquecer que mais da metade das pessoas ali me odiava, mas era só me afastar um pouco dos Guerrilheiros ou amigos mais próximos que a diferença se tornava visível.

— Ei — falei, parando ao lado da porta da picape de Evan. Ele estava ao volante, testando o ronco do motor ou qualquer coisa do tipo.

— Ei — respondeu, sorrindo um pouco, sem olhar para mim. Estava concentrado. — Ao que tudo indica, está tudo bem com ela. Muito bom saber.

— Esse “muito bom saber” é pra quem exatamente? — questionei, me encostando à carroceria.

Ele desligou o motor, saindo do carro e fechando a porta. Pela sujeira na camiseta branca, tinha trabalhado por muito tempo na picape antes de eu chegar.

— Desculpe não ficar com você — disse, tocando meu queixo por um segundo antes de pegar minha mão, me guiando por entre os carros. — Você sabe que eu preciso deixar tudo resolvido antes de... Você sabe.

Assenti, bufando, enquanto parávamos em frente a uma porta de ferro no fundo do lugar. Ele a abriu e segurou para que eu fosse a primeira a entrar. Era um tipo de depósito, cheio de caixas e prateleiras, vazio.

Evan fechou a porta atrás de si, se dirigindo a uma das prateleiras e revirando uma das caixas enquanto continuava: — A picape está bem. Só preciso encontrar uma tampa decente para o carburador. Já conversei com o Tom, e ele disse que vai embora em poucos dias, quando o seu clã terminar de se deslocar de volta para a cidade deles. Não vai causar mais problemas e já escolheu a garota com quem quer ficar. Pelo que eu vi, foi uma decisão mútua. Eu conversei com ela. — Fez uma pausa, analisando o que devia ser a tal tampa de carburador por alguns segundos antes de voltar a procurar. — Mande o Peter apressar a

reforma de aprimoramento na estufa e, ao que tudo indica, posso partir hoje mesmo, de madrugada. Não quero que ninguém me veja ir. Só vai causar mais confusão.

— Ho-ho-hoje? — repeti. — Mas... nós nos casamos ontem! Eu... eu...

Parei de falar, vendo que não havia nenhum argumento que eu pudesse usar naquele momento. Tudo o que sairia da minha boca se continuasse falando seriam lamentos e choramingos. Não que eu não soubesse o que dizer. É que a forma brusca como ele contou aquilo me fez entrar em estado de choque.

Evan olhou para mim, esperando que eu continuasse. Quando viu que eu não o faria, colocou a caixa no chão, se levantou e veio na minha direção, me puxando para um abraço. Com o queixo apoiado na minha cabeça e os braços ao meu redor, tentou me consolar: — Quanto mais rápido eu for, mais rápido vou voltar, e prometo que vou fazer tudo o que puder pra resolver as coisas o quanto antes.

— Mas... você podia passar pelo menos mais esta noite aqui — pedi.

— Seria apenas mais um dia sem você depois.

— Seria um dia a mais comigo agora — corrigi, erguendo o olhar para seu rosto.

Ele suspirou, me apertando ainda mais, e eu fechei os olhos, retribuindo o aperto ao apoiar a testa em seu peito. Tinha cheiro de graxa e âmbar. Sussurrou, com os lábios pressionados contra meu cabelo: — Não posso fazer isso, garotinha. Você tem ideia de como dói ter que olhar pra você sabendo que talvez seja a última vez em muito tempo? Vai ser melhor pra nós dois se eu for antes que tudo se torne uma despedida.

— E já não é uma despedida? — perguntei.

— Não até agora.

Essa explicação não me fez sentir nem um pouco melhor. A única coisa que me acalmaria seria ouvi-lo dizer que havia mudado de ideia e que a melhor saída seria ficarmos todos juntos.

— Você só precisa me prometer uma coisa antes de eu ir — continuou. — Que não vai tentar voltar no tempo e mudar a história. Não importa o que aconteça.

— Não ficar com ninguém enquanto você está fora seria uma promessa muito mais fácil de cumprir.

Ele sorriu, e pude senti-lo balançar a cabeça, como se não acreditasse que eu tinha levantado aquela hipótese. O que eu podia fazer se era verdade?

— Eu confio em você. Sei que vai me esperar — disse. — A não ser que eu morra. Aí, saiba que eu quero que você siga em frente e procure ser feliz.

— E como eu vou saber se você morreu ou não?

Era quase impossível pensar nessa ideia quando tinha a ver com ele. Morte. Meu coração chegava a apertar, mas havia mais naquela pergunta do que medo de ficar sozinha. Eu queria saber se ele iria voltar para mim em algum momento, numa data específica, para que eu soubesse que ainda podia esperar.

— A cada primeiro dia de neve eu vou voltar pra você, até que tudo esteja resolvido.

— “Até que tudo esteja resolvido...” — repeti. — Tudo o quê? O que você vai fazer, Evan?

— Eu não posso dizer, Lolli. Só... só confie em mim, está bem? Por favor. É tudo o que eu peço.

Eu não queria simplesmente aceitar deixá-lo partir sem outras explicações, mas Evan era tão cabeça dura que eu sabia que ele nunca me responderia, por mais que eu o enchesse de perguntas. Não. Eu não

queria gastar o resto do nosso tempo com isso. Precisava confiar nele. Eu acreditava em sua capacidade.

E foi por isso que decidi continuar, mudando de assunto, ignorando nosso pequeno diálogo anterior.

— A cada ano, então. — Ele assentiu. — E quanto tempo vai ficar?

— Uma noite. Não posso arriscar ser visto durante esse período, para não atrapalhar o vínculo que você vai estabelecer com o clã, e para que não ponham em dúvida a sua liderança. — Fez uma pausa, se afastando para espiar pela pequena janela que havia no depósito. — Preciso começar a me aprontar. Não quero perder muito tempo durante a noite.

Concordei, permitindo que ele me puxasse para o lado de fora enquanto eu mantinha a cabeça baixa, tentando não deixar transparecer minha tristeza. Ninguém podia desconfiar.



Eu havia ficado sentada de pernas cruzadas na cama, vendo-o dobrar algumas pilhas de roupa e enfiar em uma mala depois de tomar um banho demorado. Queria guardar cada centímetro dele na memória, para não esquecer nenhum detalhe durante o tempo em que ficaria fora. Ele não esqueceu em mais de cem anos, então eu não podia falhar.

— E quanto ao Sam? — perguntei, enquanto o via fechar a mala. — O que eu devo dizer a ele?

— Diga a verdade. E diga que eu sinto muito por não me despedir dele.

— Por que você não se despede?

— Não vai fazer bem a ele.

Sorri. Evan enxergava Sam como um garoto, assim como eu ainda via Jéssica como um bebê, mesmo que não a tivesse visto crescer. Eu

sabia que devia estar sendo difícil para o vampiro. Era nítido nos olhos dele o amor que tinha por Samuel, como se fosse seu filho.

— E ao clã? O que eu vou dizer? — questionei.

— Diga que eu amarelei. Desisti de ficar aqui, com medo de ser pego, e fui embora. Pode me xingar de canalha também, por ter te abandonado. Vai funcionar muito bem, e vão simpatizar com você.

— Ou eu posso evitar que você seja esquartejado quando voltar e contar a verdade pra eles também — brinquei, o que o fez sorrir um pouco.

Será que algum dia ficaria mais fácil? Isso era algo que eu havia questionado mais cedo, e a resposta de Evan foi reconfortante: ficaria cada vez pior por algumas semanas, até que chegaria um momento em que tudo seria anestesiado e permaneceria assim para sempre, mantendo-se ali como uma lembrança de algo forte, que fazia falta.

Evan vestiu a jaqueta de couro preta e colocou a bandana vermelha de sempre ao redor da cabeça, não se esquecendo dos óculos escuros, que ele prendeu na gola da camiseta antes de se sentar ao meu lado na cama. O céu já estava escuro, mas ainda tínhamos algum tempo. Só sairíamos do quarto quando Sam e Jazz dormissem.

Eu o vi abrir a gaveta do criado-mudo e tirar de dentro dela um colar prateado com plaquetas militares.

— Eu quero que você fique com isso.

Juntei as sobrancelhas, confusa, pegando-o e analisando o que estava escrito, quase ilegivelmente, no metal.

INSTITUTO LTG, PACIENTE DA ALA 1

E. MOORE. 23/10/ANO INDEFINIDO. ID: 92845

GRUPO 05672. RESP.: LEONARD TRAVIS GOYLE

CELA DE CONTENÇÃO MÁXIMA. ESP.: RI Na segunda ficha estava escrita a seguinte frase: “OS COVARDES MORREM VÁRIAS VEZES ANTES DA MORTE, MAS O CORAJOSO EXPERIMENTA A MORTE APENAS UMA VEZ.”

— Eram as minhas fichas de identificação na época em que estava preso no Instituto. A segunda veio pouco depois que eu saí. Era algo que o meu irmão costumava me dizer.

Me lembrava de Evan ter dito aquela frase durante a viagem em que tudo mudou, quando descobrimos que ele estava jurado de morte. Fechei os dedos ao redor das fichas, voltando a olhar para ele: — Mas é seu, e...

— E eu quero que você guarde — interrompeu, colocando-o por cima da minha cabeça. — Só vai me devolver quando eu voltar pra ficar.

— Como uma prova de que você está bem e que voltou pra mim — completei, pois sabia que era exatamente isso que ele queria dizer.

Evan esticou o pescoço na direção da porta, atento ao barulho do lado de fora. Quando voltou a se endireitar, uma expressão pensativa apareceu em seu rosto. Eu conhecia aqueles olhos tristes. Havia chegado a hora.

Nós nos levantamos da cama em silêncio, e ele pegou sua mala, se preocupando em não fazer barulho. Descemos a escada olhando para os dois lados do corredor, vendo que todas as luzes estavam apagadas.

Fomos direto para o lado de fora da casa, e eu fechei a porta com cuidado. Quando voltei a olhar para a rua, somente a mala estava lá. Evan tinha ido buscar a picape.

Levou apenas alguns segundos para que estacionasse em frente à casa, e, quando veio se despedir de mim, foi como se todas as minhas emoções me atingissem como uma onda: todas ao mesmo tempo, com uma força tão grande que quase não suportei ficar de pé.

Meus olhos se encheram de lágrimas enquanto ele se aproximava, saindo do carro, e não consegui segurar nenhuma delas. Evan me abraçou com força, e eu retribuí o aperto. Não precisávamos dizer nada. Eu sabia o que ele sentia, e vice-versa.

Mordi o lábio, tentando conter o choro e os soluços que já tinham feito todo o meu autocontrole cair por terra. Não conseguia nem encontrar ar para respirar.

— N-n-não vai embora, por favor — implorei, sentindo uma necessidade esmagadora de impedi-lo.

— Não faz isso comigo, garotinha.

— P-p-por favor — repeti, enterrando a cabeça em seu ombro e enganchando os dedos em sua jaqueta.

Com certeza não era minha intenção entrar em desespero quando chegasse a hora, e eu nem imaginava que chegaria a ponto de pedir que ele não fosse, já que havia tentado antes, mas foi inevitável. Eu não podia perdê-lo. Não depois de tudo o que tínhamos passado.

— Eu preciso fazer isso. Você sabe. E vou voltar antes do que imagina.

— N-não me deixe — gaguejei. — Eu... eu estou com medo. Não sei o que vou fazer sem você aqui. Não sei como liderar um clã, e não sei como vou viver se algo acontecer com você.

Evan se endireitou, colocando as mãos no meu rosto e me fazendo olhar para ele. Secando minhas lágrimas com os polegares, embora elas ainda não tivessem parado de cair, sussurrou, encostando a testa na minha: — Tudo vai ficar bem. Eu prometo.

Fiquei em silêncio por alguns segundos, piscando várias vezes, esperando que a visão ficasse nítida para que eu pudesse enxergá-lo melhor, mas era quase impossível.

— Eu... — comecei.

— Evan Moore. O que você pensa que está fazendo? — ouvimos alguém falar logo atrás de nós.

Fechei os olhos, xingando baixo ao reconhecer aquela voz tão bem quanto poderia reconhecer a minha. Sam. Nos afastamos, e eu nem consegui olhar para o garoto enquanto ele se aproximava, acompanhado de Jazz. Sabia que não devíamos ter escondido aquilo dos dois.

Jéssica parou ao meu lado, colocando a mão em meu braço, parecendo preocupada, enquanto Evan tentava explicar para seu amigo o motivo de estar indo embora. A cada segundo que se passava, mais confuso e indignado o garoto ficava.

— E você pretendia ir embora sem se despedir? — questionou. — Por quê?

O vampiro se manteve em silêncio, olhando além de Sam, como se não tivesse coragem de encará-lo. Ele sabia que havia errado em tentar evitar uma despedida.

Abracei Jazz, ainda tentando controlar o choro a cada vez que olhava para Evan.

— Eu vou com você — Sam anunciou, depois de não receber uma resposta.

— Ah, não. Não vai mesmo — o vampiro respondeu. — Você vai ficar aqui e ajudar a Lollipop a liderar o clã.

— Fique você! — o garoto retrucou. — Nós podemos resolver isso juntos. Todos nós.

— Nós quem? Eu, você, a Lollipop e a Jéssica? — perguntou Evan, num tom um pouco mais alto. — Os quatro contra Eles e o Instituto? É isso que você quer?

Sam não respondeu, mantendo-se quieto e de cabeça baixa. Era a primeira vez que eu via Evan impor sua posição de “pai” para ele.

Sempre via o contrário, quando o garoto dava bronca no vampiro, ou quando ambos se tratavam como amigos, bebendo juntos e rindo da desgraça um do outro. Agora não. Evan tinha decidido algo e queria que o garoto obedecesse sem questionar. Eu o entendia. Era algo muito maior do que um dia poderíamos entender, que envolvia um autossacrifício para salvar aqueles que amávamos. Se fosse preciso brigar com Sam para protegê-lo, então o vampiro o faria.

— Você vai ficar aqui — Evan reforçou, olhando firme para o garoto à sua frente. — E vai ajudar a cuidar do clã, como eu te ensinei a fazer durante a sua vida inteira.

Sam apenas assentiu, mantendo o olhar fixo no chão. Sua mandíbula estava rígida, e as sobrancelhas, juntas. Ele não estava gostando nem um pouco de ter que ouvir aquilo e muito menos de ficar ali enquanto deixava uma das pessoas mais importantes para ele partir, mas era o certo a fazer, afinal.

Ficamos alguns segundos em silêncio, nos encarando enquanto nos perguntávamos o que fazer a seguir, até Evan dizer que precisava ir e que tinha chegado a hora da despedida definitiva. Comecei a chorar descontroladamente mais uma vez.

A primeira pessoa a abraçá-lo foi Jazz, que lhe desejou boa sorte e disse que o traria de volta dos mortos apenas para matá-lo mais uma vez se morresse por algum motivo, o que conseguiu fazê-lo sorrir. Depois foi a vez de Sam, que, apesar de tudo, não se opôs à despedida.

— Acabe com todos eles — disse, ainda abraçado ao vampiro com todas as forças que tinha. — E não morra. Por favor.

Não pude deixar de sorrir um pouco em meio às lágrimas enquanto os observava. Só naquela hora notei que, quando lhe perguntei o porquê de não querer se despedir de Sam e Evan me respondeu que não faria bem ao garoto, na verdade estava escondendo que era ele quem não queria ter que dizer adeus. Era Evan quem mais estava sofrendo.

Quando soltou o garoto e veio na minha direção, depois de dizer a ele algumas palavras tão baixas que não consegui ouvir, vi que seus olhos brilhavam um pouco mais que o normal, marejados de lágrimas. Sussurrei, enquanto ele colocava as mãos no meu rosto para secar minhas bochechas mais uma vez: — Nada vai te fazer mudar de ideia, não é mesmo?

Balançou a cabeça, sorrindo quase imperceptivelmente antes de se inclinar na minha direção e me beijar. Um beijo de despedida, que poderia ser o último da nossa vida.

— Eu te amo, garotinha, mais do que qualquer coisa. E prometo que vou voltar pra você. Sempre.

— Eu também amo você, meu vampiro idiota — falei, passando as mãos pelo seu rosto, tentando não soluçar nenhuma vez. Droga. Eu precisava parar de chorar.

Beijou minha testa demoradamente, me abraçando com força antes de se afastar, entrando no carro. Sam havia colocado a mala no banco do passageiro enquanto Evan se despedia de mim.

Ele deu partida na picape, olhando para nós com um sorriso confiante forçado antes de dizer, já começando a acelerar: — Boa sorte enquanto eu estiver fora. E não façam nada que eu não faria.

E então ele se foi, para talvez nunca mais voltar, levando meu coração e toda a minha esperança consigo. Naquele momento, quase pude ver ambos sumindo na escuridão da floresta, assim como as luzes dos faróis da picape, enquanto ele nos deixava para trás.

O FIM DO INÍCIO

🔥 JÉSSICA 🔥

Depois que Evan foi embora, muitas coisas mudaram. Demorou bastante até que os membros do clã aceitassem Lollipop como sua única líder, e só quando perceberam a falta que o vampiro fazia começaram a lhe dar o devido valor. Lolli continuava procurando pistas sobre o traidor mascarado, mas, por mais que tentássemos achar qualquer sinal dele, não havia pistas sobre sua identidade, e as pessoas que tiveram contato com ele se recusavam a falar. Apesar disso, algo me dizia que não seria a última vez que ouviríamos falar nele.

O líder da Área 5 não foi embora como prometera, pois apareceu morto poucos dias depois da partida de Evan, em frente à casa de Lollipop. É claro que ela estava junto ao corpo, coberta de sangue. Pelo que me disse, ele tinha tentado... se aproximar mais do que deveria. À força. Lolli não se arrependeu de tê-lo matado. Ainda mais quando isso lhe rendeu a liderança da Área 5. Era algo relacionado a uma das regras impostas sobre a administração das áreas: "Caso um líder seja morto por outro líder, e apenas por ele, o sobrevivente assumirá o poder da área do derrotado".

Nosso território começou a crescer tão rápido que mal pudemos acompanhar. Lolli se familiarizou com as pessoas do outro clã rapidamente e aprendeu tanto sobre liderança que às vezes, quando falava, quase não parecia a mesma pessoa. Quer dizer... era doce e gentil e tratava a mim e a Sam exatamente como antes, só que parecia mais corajosa do que nunca. Não tinha medo de fazer o que era certo, e com certeza não temia uma boa briga.

— Eu preciso que vocês vão até a Área 3 e negociem com o líder mais um barril de óleo. As cozinheiras do refeitório 1 estão me

enchendo o saco pra conseguir outro desses — pediu a Sam e Peter, que tinham se tornado seus braços direitos naqueles últimos meses.

Estávamos no meio de uma reunião com Yone, Dean, Sam, Peter e mais uma mulher chamada Lena, da Área 5, que coordenava a criação de novas tecnologias numa base construída havia pouco tempo na cidade. Não era nada muito avançado, já que não tínhamos recursos suficientes, mas havia sido o bastante para consertarmos alguns rádios e aprendermos a fazer a manutenção de aparelhos eletrônicos.

— Yone, lidere o grupo 5 dos Guerrilheiros até a Área 6 e veja se consegue mais algumas caixas de ferramentas em troca de umas carcaças de carro. Eles são bons com automóveis, então eu tenho certeza que vão saber o que fazer com aquilo — continuou ela. — E, Dean, leve o restante deles pra Área Martônie pra receptar o contêiner que vão enviar pra lá. O Kyle rastreou movimentação aérea num ponto um pouco mais distante de lá, e está se deslocando naquela direção. Pelos cálculos do Peter, vão chegar em pouco menos de uma semana. Tenho certeza que vocês conseguem alcançá-los.

Eu estava sentada ao lado de Sam, de braços cruzados, observando-a dar uma de líder séria. Impressionante como Lolli conseguia fazer aquilo bem. Parecia ter nascido para liderar. Evan com certeza tinha razão em deixá-la tomar conta de tudo até voltar.

— Lena, peça a todos que chequem os preparativos para o inverno. — Fez uma pausa, parecendo pensativa por alguns segundos ao falar daquela estação do ano, como se tivesse algum significado oculto. Balançou a cabeça, piscando algumas vezes ao sair do transe momentâneo. — Diga que comecem a estocar lenha e os lembre de vedar janelas e portas. Também peça à Emily para costurar mais roupas quentes. Temos o suficiente, mas... é sempre bom ter uma reserva. Fale pra ela que, se precisar de ajuda, é só pedir às cozinheiras do refeitório

2. Bom, é isso. Dispensados.

Todos assentiram, se levantando em silêncio e saindo da sala de reuniões da casa que tinham construído recentemente, na rua principal, enquanto começavam a vestir seus casacos. Era um lugar para planejamentos e negociações com líderes de outras áreas. Vinha sendo bem útil nos últimos quatro meses, quando terminara de ser construído.

— Vamos partir hoje mesmo — Sam me explicou. — Quanto antes sairmos, mais rápido voltamos.

— É bom que vocês façam isso — Lolli falou, aparecendo de repente atrás do garoto e lhe dando um susto. — Jazz, pode me acompanhar até a nossa casa? Está esfriando, e eu estou pensando em acender a lareira.

Concordei, antes de me despedir de Sam. A viagem até a Área 3 durava umas duas horas, e ele provavelmente só voltaria à noite. Nada com que eu precisasse me preocupar muito, afinal eles eram pacíficos e nós os ajudávamos com algumas coisas, então nos deviam aquele favor.

— Alguma notícia do Evan? — perguntei, enquanto caminhávamos para casa e eu abraçava a mim mesma por causa do vento congelante, mesmo por baixo dos casacos que usava.

— Nada. Sumiu completamente da face da Terra — Lolli respondeu, olhando para o céu nublado acima da nossa cabeça. — Mas algo me diz que não vai demorar muito pra ele dar algum sinal de vida.

— E você acha que ele vai gostar do que você está fazendo aqui?

— Não tem que gostar ou não — brincou. — Ele não está aqui pra fazer melhor, então que aceite as minhas mudanças.

Sorri, vendo-a cumprimentar um casal que passava.

Uma coisa que não pude deixar de notar, depois da junção das duas áreas, foi o aumento no número de casais e casamentos. Tínhamos até algumas grávidas! E isso não era muito comum antes. A mudança não era tão perceptível porque fazia apenas seis meses que as áreas tinham

se juntado. Era apenas um sinal de quanto tínhamos potencial para crescer.

Entramos na casa e fui direto para a sala de TV no subsolo, onde ficava a lareira, enquanto Lolli buscava a lenha na despensa da cozinha. Fiquei ali pensando em quão distante ela parecia. Não que não tivesse mudado durante todo aquele tempo em que Evan estava ausente, mas hoje parecia especialmente transformada. Joguei meus três casacos em cima do sofá.

— Se quiser escolher alguma coisa pra assistir enquanto eu acendo aqui... — disse, aparecendo do nada mais uma vez e se ajoelhando em frente à lareira, que ficava atrás do sofá.

Dei de ombros, desviando o olhar para a grande estante de DVDs. Havia milhares de exemplares ali, como se o vampiro soubesse que um dia viria o apocalipse e ele sentiria tédio.

Peguei um tal de *Harry Potter* e coloquei no aparelho, me ajoelhando no sofá com o peito apoiado no encosto a fim de ver o trabalho que Lollipop estava fazendo na lareira.

Quando ela terminou de colocar a lenha no lugar, lancei uma bola de fogo em direção à lareira, que acendeu imediatamente.

— Por que tanto trabalho quando se tem uma singular controladora de fogo, né? — ela murmurou, vindo em minha direção e se sentando ao meu lado enquanto eu me ajeitava no sofá.

Assistimos ao filme todo em silêncio. Era bem legal, mas o fato de Lolli não ter começado a tagarelar sobre a história no meio despertou em mim a vontade de lhe perguntar o porquê de tanto silêncio. Como eu não era o tipo de pessoa que costuma passar vontade, perguntei, quando os créditos apareceram: — O que você tem, criatura?

— Como assim?

— Não se faça de desentendida. Garanto que nem prestou atenção no filme. Qual era o nome do personagem principal?

Ela ficou alguns segundos me encarando, como se estivesse pensando na resposta, até fazer um gesto com a mão, querendo dispensar o assunto: — Não sei, é... João Peterson. Gabriel Antunes. Tanto faz.

— Gabriel Antunes? Mas que tipo de... O que deu em você?

Lolli suspirou, em silêncio, com o olhar fixo no chão por algum tempo, provavelmente decidindo se me contaria o que a estava incomodando ou se continuaria a manter segredo. Se ela escolhesse a última opção, eu ficaria muito feliz em dar alguns tapas na sua cara. Brincadeira. Sem agressividade.

— O Evan prometeu que voltaria no primeiro dia de neve — falou.
— E alguma coisa me diz que pode ser hoje.

— Hoje? Mas... o Sam sabe disso? — perguntei.

— Não. Vou deixar que o Evan conte por si só e... caso ele não volte, não quero criar expectativas no garoto. É que... hoje eu vou saber se ele continua vivo e bem ou não.

Ok. É claro que devia estar fazendo uns mil graus negativos do lado de fora, e o céu tinha um tom acinzentado claríssimo. Ventava, e as poças de água no chão haviam começado a congelar, mas... será que seria o primeiro dia de neve? Como eles poderiam saber?

— E você sabe a que horas ele vai aparecer?

— Não — respondeu, com um sorriso sem graça. — Ele disse que seria à noite. Então, assim que começar a escurecer, nós podemos esperar por ele.

Assenti, animada, mas também um pouco apreensiva. Não conseguia imaginar o que seria de Lolli se Evan por acaso não aparecesse. Seu coração se partiria em milhões de pedaços que eu

mesma teria de ajudar a recolher, e a líder forte que havia se tornado desapareceria em um piscar de olhos.

— Quanto tempo ele disse que ficaria? — perguntei.

— Uma noite. Não quer que as pessoas daqui o vejam. Tem medo do que podem pensar.

Evan tinha razão. Ainda havia pessoas da nossa área que odiavam Lollipop e preferiam mil vezes o próprio vampiro ali a ela. Se o vissem, seriam capazes de querer impedir que ele fosse embora ou coisa do tipo. Eu não imaginava o que poderiam fazer, mas nunca era bom arriscar.

— E depois vai ser todo aquele sofrimento de novo quando ele partir? — murmurei para mim mesma.

Não havia sido nada agradável a semana em que ele fora embora. Lolli passou dias trancada no quarto sem comer nem dormir, com medo de assumir seu lugar como líder e triste pela saudade do marido. Sam? Ele foi forte. Estava acostumado a ficar sem o vampiro, apesar de Evan nunca ter demorado tanto para voltar, mas conseguiu lidar com as emoções melhor do que pensei que poderia.

— Talvez ele não precise partir — ela falou. — Talvez perceba que vai conseguir se sair melhor se tiver a nossa ajuda.

— É do Evan que estamos falando? — brinquei, e ela sorriu um pouco.

Lolli sabia que ele nunca admitiria que estivera errado esse tempo todo. Pelo menos não assim, tão facilmente.

Assistimos ao segundo filme da série, e dessa vez tive certeza de que ela nem sequer olhou para a tela. Eu não iria cobrá-la ou questioná-la por isso. Entendia que, naquela situação, seria impossível se concentrar em alguma coisa. Quando finalmente acabou, Lolli se levantou e disse que aguardaria pelo vampiro do lado de fora. Eu só esperava que ela não ficasse com hipotermia ou algo assim.



Minha primeira exigência como líder foi o toque de recolher. Não era do tipo cruel e ditatorial. Era só para que as pessoas evitassem sair de casa e fazer barulho ao anoitecer, quando estávamos mais vulneráveis ao ataque dos Eles. Pelo menos era o que eu queria que pensassem.

Quando Evan disse que voltaria na noite do primeiro dia de neve porque não queria ser visto, logo pensei em impor aquela lei, para ajudá-lo a evitar ser pego ali. E todos os dias eu era a última a entrar em casa, como uma desculpa para que não achassem estranho o fato de eu ficar na rua esperando por ele quando o dia chegasse.

Agora eu estava do lado de fora, olhando ao longe enquanto o céu escurecia cada vez mais e todos iam para casa. O vento era quase congelante, mesmo usando um sobretudo preto que ia até os tornozelos e um cachecol de lã vermelho por cima dos ombros. Engoli em seco, sem tirar os olhos do fim da rua quando todos finalmente fecharam suas portas e o sol terminou de se pôr.

Caminhei até mais à frente, sozinha, ouvindo o som do vento forte e as folhas das árvores se movendo enquanto os primeiros flocos de neve começavam a cair. Não pude deixar de sorrir, aliviada por estar certa. Era, sim, o primeiro dia de neve, e ele teria que voltar para mim. A não ser que... Não. Eu não podia nem mesmo pensar naquela hipótese.

Eu me lembrava de ter visto neve apenas uma vez durante aqueles quatro anos. Não que ocorresse raramente, como a chuva, mas Chris sempre tivera medo de que ficássemos a céu aberto e acabássemos doentes. Quase como um pai. No meu caso, como alguém que gostava *mesmo* de mim.

A cada segundo os flocos caíam em maior quantidade, e foi questão de tempo até meus dentes começarem a bater e eu sentir todos os pelos do corpo se arrepiarem. Me aproximei de um dos postes de luz da rua,

feito de madeira, e me encostei nele para esperar, vendo o chão começar a ficar branco, coberto de neve.

Estava ficando aflita. A cada segundo a mais, menos tempo eu tinha para confirmar se Evan ainda estava vivo.

— Vamos, vampiro — sussurrei, como se ele pudesse me ouvir.

Eu simplesmente não conseguia desviar os olhos das árvores escuras no fim da rua principal, esperando pelo flash dos faróis da picape.

É claro que eu podia tirar aquele tempo para analisar as construções recentemente feitas ou listar ferramentas que precisavam ser construídas ou negociadas com áreas vizinhas, mas a única maldita coisa que ficava martelando na minha mente era quanto eu precisava que aquele imbecil aparecesse logo.

Pisquei repetidas vezes quando alguns flocos de neve se prenderam aos meus cílios. Não ligava se meu cabelo estava cheio de neve, ou se minha roupa começava a ficar fria por estar úmida. Meu coração batia tão pesadamente que quase chegava a doer.

E tudo o que me restava era esperar.



Já devia fazer horas que eu estava ali. Havia me agachado no chão, encostada ao poste, esperando qualquer sinal de Evan, mas estava ficando preocupada.

Se ele não aparecesse, eu não sabia o que seria da minha vida. Respirei fundo, tentando me acalmar. Já deveria ter aparecido. Era a noite do primeiro dia de neve, e já tinha anoitecido fazia tempo.

Olhei na direção da nossa casa, vendo todas as luzes se apagarem lá dentro. As últimas. Isso significava que devia ser por volta de meia-noite. Sam e Jazz nunca dormiam antes disso.

Eu me perguntava como Evan chegaria. De carro? A pé? Com uma música alta ligada, ou com todo o cuidado para não fazer barulho? Será que traria alguma coisa? Estaria vestindo exatamente as mesmas roupas com que partira? Eu não tinha ideia, e para mim nenhuma dessas coisas importava naquele momento. Tudo o que eu queria era que ele voltasse. Não importava como.

E então eu vi, quase como uma miragem, a luz de faróis passando por entre os troncos das árvores ao longe. Sorri, perdendo o fôlego, de repente não conseguindo mais me manter agachada. Corri até o meio da rua, esperando que ele aparecesse logo com sua grande picape.

Lágrimas encheram meus olhos quando vi o carro chegar à rua principal. Ele estava vivo e tinha voltado para mim. Depois de seis meses.

Evan parou o carro ainda ligado a alguns metros e saiu, vindo na minha direção com o sorriso mais lindo do mundo, enquanto eu me mantinha paralisada, completamente em choque.

Usava a mesma bandana vermelha na cabeça, a jaqueta e os coturnos surrados de sempre, mas me parecia tão diferente que quase não pude reconhecê-lo por alguns segundos. Não sabia o que era, mas havia algo ali.

Ele me puxou para um abraço forte, e eu retribuí, ignorando o fato de estar chorando como uma idiota. Fechei os olhos, me concentrando apenas na sensação de ter seus braços ao meu redor mais uma vez e no cheiro de âmbar que já havia se tornado tão familiar para mim. Pude senti-lo beijar o topo da minha cabeça.

— Você voltou — sussurrei. — Você voltou pra mim.

— Eu prometi, não foi? — disse, se afastando apenas para se inclinar na minha direção e observar meu rosto.

Colocou as mãos nas minhas bochechas, analisando cada detalhe, como se esperasse ver alguma mudança, assim como eu via nele.

Além de um piercing de metal preto na sobrancelha esquerda e de parecer um pouco mais velho, provavelmente pela falta de sangue, não havia nada de diferente em Evan. Continuava tão lindo quanto antes. Talvez até mais.

— Você também continua linda, minha garotinha — comentou, abrindo ainda mais o sorriso antes de me beijar.

Ah, isso era algo de que eu me lembrava. Como era possível esquecer quão bem aquele vampiro beijava? Passei os braços ao redor do seu pescoço, puxando-o ainda mais para perto enquanto me colocava na ponta dos pés. Engraçado, ele quase parecia quente no meio de toda aquela neve, mas eu gostava da sensação. Era... diferente.

Evan se afastou, me abraçando novamente com intensidade, e dessa vez durou muito mais tempo, como se nunca mais quisesse me soltar, o que quase conseguiu me fazer sorrir. Ele finalmente tinha voltado para mim e...

— Lolli? — ouvi alguém chamar e congelei na mesma hora, sentindo o coração descompassar.

Evan apertou mais os braços ao meu redor, agora não de um jeito carinhoso, mas protetor. Eu reconheceria aquela voz quase melhor que a minha própria. Quantas vezes a tinha ouvido gritar comigo? Incontáveis. Me afastei do vampiro, sentindo as pernas bambearem e o sangue sumir do meu rosto ao perceber quem estava atrás dele, como se tivesse visto um fantasma. E eu tinha.

Chris.

AGRADECIMENTOS

A cada novo livro, mais difícil fica escrever os agradecimentos. Não por me faltar gratidão. Muito pelo contrário! Ela só aumenta e transborda a cada novo projeto. Mas pelo medo de esquecer alguém ou de me tornar repetitiva.

São quase quatro anos imersa no mercado literário, e, a cada novo passo que dou, me sinto sustentada por mãos cheias de amor. Sem essas mãos ao meu redor, acho que já teria desistido. Então vou deixar de lado o medo de ser repetitiva e agradecer imensamente às minhas leitoras beta, Angélica Lima, Camila Deus Dará, Carolina Mariotti e Beatriz Andrade, por surtarem comigo, me darem bronca quando mato um personagem e sempre me apontarem o melhor caminho. Vocês são incríveis!

Gratidão também a todos que fazem parte da concretização de mais este projeto: a equipe da Verus Editora, por sonhar este sonho comigo; Rafaella Machado, que me motivou e incentivou quando eu disse que queria fazer algo especial para os meus anjinhos e não me deixou desistir quando duvidei da minha capacidade; meus pais, por sempre estarem presentes na loucura que é esta minha vida de escritora, me acompanharem e vibrarem a cada nova conquista; e cada anjinho leitor que todos os dias me presenteia com mensagens cheias de carinho, as quais recarregam as minhas energias para continuar colocando minhas histórias no papel.

Obrigada por serem a minha luz na escuridão!

Também de Ana Beatriz Brandão

O GAROTO DO CACHECOL VERMELHO

A GAROTA DAS SAPATILHAS BRANCAS

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.